UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

***A Ópera de Demofonte em Trácia: tradução e adaptação de Demofonte, de
Metastásio, atribuídas a Cláudio Manuel da Costa, Glauceste Satúrnio.***

SUELY MARIA PERUCCI ESTEVES

São Paulo
2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

***A Ópera de Demofonte em Trácia: tradução e adaptação de Demofonte, de
Metastásio, atribuídas a Cláudio Manuel da Costa,
Glauceste Satúrnio.***

Suely Maria Perucci Esteves

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau
de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. João Adolfo Hansen

São Paulo
2007

Folha de aprovação

ESTEVES, Suelly Maria Perucci

A Ópera de Demofonte em Trácia: tradução e adaptação de Demofonte, de Metastásio, atribuídas a Cláudio Manuel da Costa, Glauceste Satúrnio.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre em Literatura Brasileira.

Aprovado em: 05/10/2007

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Adolfo Hansen (orientador)

Instituição: USP   Assinatura: _____

Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães

Instituição: USP   Assinatura: _____

Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Instituição: UNESP   Assinatura: _____

DEDICATÓRIAS

À minha mãe, grande incentivadora, presença constante, amiga e carinhosa.

Às minhas filhas queridas, Isabela e Ivana, que deram novo sentido à minha vida.

À minha irmã do coração, Carmem Silvia Lemos, amiga de todas as horas, pelo carinho e pela companhia em todas as caminhadas.

À memória do Dr. Tarquínio José Barboza de Oliveira, pela contribuição aos estudos da História de Minas Gerais, pela atuação decisiva na implantação do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, na Casa dos Contos, em Ouro Preto, e pelo mérito de identificar e divulgar os libretos **Ópera de Demofonte em Trácia** e **Artaxerxe - Comédia do Mais Heróico Segredo** que, até então, permaneciam desconhecidos dos especialistas e pesquisadores da literatura e da música brasileiras do período colonial.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, prof. Dr. João Adolfo Hansen, pelo interesse demonstrado com relação ao tema do presente trabalho, como também pelos ensinamentos e pela atenção com que sempre me atendeu. É um privilégio tê-lo como orientador.

Ao professor e amigo, Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, Diretor do Arquivo de Música da Arquidiocese de Mariana, que me permitiu o acesso ao manuscrito do libreto *Ópera de Demofoonte em Trácia*, bem como autorizou a sua reprodução, colaborando de forma decisiva para a elaboração deste trabalho.

À pesquisadora Maria José Ferro de Souza, responsável pela reprodução do apógrafo em meio digital. A amizade demonstrada, a presteza e a dedicação com que realizou as fotos foram de extrema importância. Sem esta reprodução, a leitura do texto, na íntegra, não seria possível. Agradeço ainda, pela disponibilização de dados de suas pesquisas e publicações, como à Maria Tereza Gonçalves Pereira, também amiga e pesquisadora.

Ao Dr. Rui Mourão, diretor do Museu da Inconfidência, por quase trinta anos de saudável convivência no trabalho e, mais importante, pela sua amizade e consideração. Tenho a agradecer pelo que aprendi ao longo desse tempo e, ainda, pela autorização para reprodução de documentos do acervo.

Ao amigo e colega, Edson Fialho de Rezende, pelas fotos da Casa da Ópera e da casa de Cláudio Manuel da Costa.

À musicóloga Maria da Conceição Rezende, organizadora do Arquivo de Música da Arquidiocese de Mariana, pelo grande apoio e amizade desde o início da pesquisa.

Ao professor Donald Ramos, da Universidade de Cleveland, Ohio, pela amizade e desprendimento em colaborar, fornecendo dados ainda não publicados de suas pesquisas.

Sou também muito grata aos professores Alcir Pécora e Hélio de Seixas Guimarães, que compuseram a Banca de Qualificação, pelas orientações e sugestões valiosas.

Ao professor Carlos Eduardo Mendes de Moraes agradeço pela leitura atenta deste trabalho e pela orientação para a edição diplomática.

Um agradecimento especial à amiga Ecylla Castanheira Brandão, museóloga do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, pela boa vontade em realizar levantamentos em arquivos históricos e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, na busca de dados sobre Cláudio Manuel da Costa e sua produção literária.

Ao prof. Álvaro Antunes, agradeço imensamente as referências dos processos cíveis de Ouro Preto, nos quais houve atuação de Cláudio Manuel da Costa.

Ao prof. André Figueiredo, agradeço pela cópia da obra *A Conceição: o naufrágio do Marialva*, de Tomás Antônio Gonzaga, edição crítica preparada pelo prof. Ronald Polito de Oliveira.

Ao prof. Sergio Alcides, pela cessão de cópias de documentos relacionados a Cláudio Manuel da Costa, pesquisados em arquivos portugueses.

Ao estimado colega e amigo José Geraldo Basílio, agradeço a boa vontade e a presteza na realização das fotocópias e encadernações impecáveis. À amiga Rosa Basílio, pela indicação de fontes.

Às amigas bibliotecárias, Kelly Castro e Sônia Marcelino, do Museu da Inconfidência, e Neide Nativa, da Biblioteca do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, IFAC, da Universidade Federal de Ouro Preto, pelo atendimento, sempre ótimo.

Agradeço também a Mônica Velloso, da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, pelo levantamento realizado, fornecendo-me referências sobre Cláudio Manuel da Costa.

Aos queridos colegas e amigos da USP, Djalma Expedito de Lima e Ivair Castelanni, pelo apoio. Sempre me lembrarei de vocês com especial carinho.

Finalmente, estou consciente de que citar nomes é sempre um risco, pois podemos cometer omissões imperdoáveis, causadas por lapsos de memória e que, certamente, serão lembradas depois. Portanto, se deixei de mencionar alguns, gostaria de registrar o meu agradecimento a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que eu pudesse realizar este trabalho.

RESUMO

Esta dissertação apresenta a tradução do libreto da *Ópera de Demofoonte em Trácia*, de autoria do abade italiano Pietro Metastásio, feita supostamente por Cláudio Manuel da Costa. O trabalho faz as edições diplomática, modernizada e fac-similar do apógrafo existente no Arquivo de Música da Arquidiocese de Mariana. Na edição diplomática, apresentamos o texto com fidelidade, para que o leitor possa ter conhecimento de como foi escrito, e das interferências feitas a partir do original italiano. Na edição modernizada, fizemos algumas correções, na tentativa de estabelecimento do texto definitivo. Para contextualização, destacamos algumas referências sobre as peças apresentadas em Portugal que, por sua vez, tiveram como modelos obras espanholas, italianas e francesas. Como imitação do que ocorria na Metrópole, esses modelos foram adotados em Vila Rica, capital da Capitania das Minas Gerais, que viveu o apogeu do descobrimento e da exploração aurífera até a 1ª metade do século XVIII, tornando-se centro de poder político, econômico e intelectual. As representações teatrais eram apreciadas pelos letrados, nos seus espaços de convivência, e também pelos demais habitantes, nos espaços públicos, quando se promoviam festas das quais pudessem participar.

PALAVRAS-CHAVE

Manuscritos do período colonial. Ópera. Cláudio Manuel da Costa. Edição diplomática. Edição modernizada. Edição fac-similar.

ABSTRACT

The essay publishes the translation supposedly made by Cláudio Manuel da Costa, the Luso-Brazilian poet (1729 - 1789), of *Demofoonte*'s opera libretto composed by the Italian poet Pietro Metastasio (1698-1782). It makes the diplomatic, modern (transcribed using contemporary portuguese) and fac-similar editions of the existent apograph in Mariana Archdiocese's music archives. In the diplomatic transcription, the text is exactly reproduced, in order to show to the reader the way it was written and the translator's interferences in the Italian original text. In the modern transcription, some corrections were made, in an attempt of establishing a definitive version. The essay makes some references about theatre and plays in 18th century Portugal, which, by their turn, had Spanish, Italian and French works as models. As an emulation of what was being played in Portugal, the theatric models were adopted in Vila Rica, the Minas Gerais captaincy capital, that lived the apogee of the gold exploitation until the first half of the 18th Century, becoming the center of political, economic and intellectual colonial power. Theatric representations were enjoyed by the literate people, in their acquaintanceship spaces, and also by other inhabitants in public spaces, when public parties and events were promoted.

KEY WORDS

Colonial manuscripts. Opera. Cláudio Manuel da Costa. Diplomatic edition. Modern edition. Fac-similar edition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
ÓPERA DE DEMOFOONTE EM TRÁCIA	32
CONCLUSÃO	266
REFERÊNCIAS	270
ANEXOS	281

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

O apógrafo <i>Ópera de Demofonte em Trácia</i>	12
A ópera <i>Demofonte</i> , de Pietro Metastasio	20
As primeiras representações na Capitania das Minas e a Casa da Ópera de Vila Rica	22
Cláudio Manuel da Costa, tradutor de Metastásio.....	27

ÓPERA DE DEMOFOONTE EM TRÁCIA

O manuscrito apógrafo do Arquivo da Música de Mariana	32
Normas de transcrição adotadas e anotações ao texto	33
Edição diplomática	40
Ato primeiro	41
Ato segundo	68
Ato terceiro	102
Crerios adotados para o estabelecimento do texto	128
Edição modernizada	130
Ato primeiro	131
Ato segundo	157
Ato terceiro	191
Glossário	217
Edição fac-similar.....	221
CONCLUSÃO	266

REFERÊNCIAS

Bibliográficas	270
Em periódicos	275
Em meio eletrônico	277
Dicionários e enciclopédias	277
Fontes primárias manuscritas	278
Fontes primárias impressas - obras raras	278
Dissertações	280

ANEXOS

A - Transcrição da folha 153 do libreto	281
B - Texto digitalizado da ópera <i>Demofonte</i> , a partir da edição de Bruno Brunelli. Revisão de Vittorio Bertolini	282
C - Frontispício de <i>O Parnaso Obsequioso</i> , 1768	324
D - Folha de rosto <i>O Parnaso Obsequioso</i> , de Cláudio Manuel da Costa	325
E - Folha de rosto de <i>Obras Poéticas</i> , manuscrito autógrafo de Cláudio Manuel da Costa	326
F - Folha de rosto do poema <i>Vila Rica</i> , manuscrito autógrafo de Cláudio Manuel da Costa	327
G - Reprodução do <i>Apontamento para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos da Academia Brasílica dos Renascidos</i> , da Bahia, enviado por Cláudio Manuel da Costa, em 1759	328
H - Fotografias	
Casa da Ópera de Vila Rica (fachada principal)	333
Casa que pertenceu a Cláudio Manuel da Costa	334

INTRODUÇÃO

O apógrafo *Ópera de Demofoonte em Trácia*

Em 1979, Tarquínio José Barboza de Oliveira¹ selecionava obras musicais do Arquivo de Música da Arquidiocese de Mariana para uma exposição na cidade de Belo Horizonte. Dois manuscritos despertaram-lhe a atenção: *Ópera de Demofoonte em Trácia* e *Artaxerxe - Comédia do mais heróico segredo*. Imediatamente, lembrou-se do *Apontamento* que o poeta Cláudio Manuel da Costa enviara à Academia Brasileira dos Renascidos em 1759, por ocasião de seu ingresso como sócio supranumerário². No documento, Cláudio informa que traduziu textos de óperas do abade italiano Pietro Metastásio³, inclusive a *Dircea* e o *Artaxerxes*. No original, em italiano, a *Dircea* intitula-se *Demofoonte* e, *Artaxerxe - Comédia do mais heróico segredo*, *Artaserse*⁴.

As obras localizadas em Mariana não são autógrafas, o que fica evidente ao serem comparadas com vários manuscritos de Cláudio nos arquivos da região. Tarquínio atribuiu a autoria dos libretos ao poeta, com base no *Apontamento*, embora considerando que o copista cometeu erros que comprometem a qualidade da obra claudiana. Da sua

---

¹ Natural de São Paulo, mudou-se para Ouro Preto em 1970. Colecionador de publicações raras, chegou a formar uma biblioteca com mais de 12.000 volumes, atualmente acervo do Museu da Inconfidência. Atuou na implantação do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, instalado na Casa dos Contos, em Ouro Preto. Deixou inúmeras obras publicadas: **As Cartas Chilenas**: fontes textuais, São Paulo, Referência, 1972; **Erário Régio de Francisco A. Rebelo - 1768**: análise e organização, Brasília, ESAF, 1976; **Um banqueiro da Inconfidência**: ensaio biográfico sobre João Roiz de Macedo, Ouro Preto, Casa dos Contos, 1979; **Correspondência ativa de João Roiz de Macedo**, Ouro Preto, Casa dos Contos, 1981, 2 v, dentre outras, além de artigos publicados em periódicos. Colaborou na publicação dos **Autos de Devassa da Inconfidência Mineira**, edição conjunta do Governo do Estado de MG e da Câmara dos Deputados, Brasília, entre 1976 e 1983, 10 v. Foi co-autor da obra **O primeiro impresso em Minas Gerais**, Ouro Preto, Casa dos Contos, 1975. Deixou inédita a obra **Música Oficial de Vila Rica**. Viveu em Ouro Preto até o seu falecimento, em 1980.

² LAMEGO, Alberto. Apontamento para se unir ao Cathalogo dos Academicos da Academia Brasileira dos Renascidos. In: **Autobiographia e Ineditos de Claudio Manoel da Costa**. Bruxelles/Paris: L'Édition D'Art s.d.

³ Metastásio tornou-se autor consagrado ainda na juventude. Nascido em Roma em 1698, foi adotado, aos 12 anos, por Gravina, famoso jurisconsulto, que alterou o seu sobrenome original, Trapassi, para a forma helenista Metastásio. Sob a proteção de Gravina, que o desejava jurisconsulto, estudou Leis. Aos 11 anos traduziu a *Iliada* e, dois anos mais tarde, compôs a sua primeira tragédia, no estilo de Sêneca, com o título de *Giustino*. Aos 20 anos mudou-se para Nápoles e, na mesma época, escreveu a sua primeira serenata musical, *Endimione*. Ingressou na Arcádia Romana, adotando o nome pastoril de *Artino Corásio*. Em 1730 mudou-se para Viena como poeta da Corte. Nos 10 anos seguintes, escreveu as suas obras mais famosas, tendo algumas delas musicadas por Haendel e Mozart. Ao falecer, em 1782, deixou um legado de 28 óperas, 48 cantatas e grande número de canções. Fez a tradução comentada da **Arte Poética** de Horácio e um extrato da **Poética** de Aristóteles. Existe grande número de edições de sua obra, sendo a mais famosa a que ele mesmo dirigiu e foi publicada em 1780, em Paris. BRUNELLI, Bruno. **Tutte le Opere di Pietro Metastasio**. Milão: Arnaldo Mondadori Ed., 1943. 2 v.

⁴ No mesmo *Apontamento* Cláudio se refere a outras traduções de peças feitas por ele e também de autoria de Metastásio: *Demétrio*, *José Reconhecido*, *O Sacrifício de Abraão*, *O Régulo*, *O Parnaso Acusado*, “alguns destes dramas em rima solta, outros em prosa, proporcionados ao teatro português”. Depois de 1759, incluem-se *Alexandre na Índia* e *São Bernardo*.

produção para teatro, até então só era conhecida a peça *O Parnaso Obsequioso*, drama anexo às *Obras Poéticas*⁵, manuscritos autógrafos datados de 1768 e escritos em louvor ao Conde de Valadares, D. José Luiz de Menezes, governador da Capitania de Minas Gerais no período de 1768 a 1773. *O Parnaso Obsequioso* foi escrito para representação. Nas *Obras Poéticas*, os versos foram recitados pelo próprio autor na ocasião da homenagem, conforme consta no frontispício do manuscrito. São intercalados com música⁶.

Em 1980, foi publicada pelo Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, instalado na Casa dos Contos, em Ouro Preto, uma edição mimeografada da *Ópera de Demofonte em Trácia*, feita por Tarquínio. Mas o pesquisador realizou mudanças consideráveis no manuscrito, ao entender que o copista havia cometido erros que deveriam ser corrigidos. Ao fazê-lo, não só substituiu palavras como também alterou a ordem em que aparecem no texto, com a intenção de torná-lo mais erudito e de corrigir a métrica, adequando-o ao que entendia como obra digna da lavra de Cláudio Manuel da Costa.

Em 1990, o Museu da Inconfidência pretendia publicar o estudo de Tarquínio no *Anuário* da instituição, mas ao constatar as alterações feitas, o editor optou pela transcrição do apógrafo, mantendo fidelidade à matéria do texto, embora também com ortografia atualizada e mínimas correções gramaticais visando facilitar a leitura. Foi também elaborado um glossário⁷. Na época, a decisão quanto à ortografia foi tomada seguindo a opinião do próprio Tarquínio, que afirmara na sua publicação ser dispensável a transcrição diplomática de manuscrito apógrafo. Atualmente, entendemos que somente essa transcrição pode revelar ao leitor vários aspectos de grande importância: o texto é produto de uma prática de manuscritura de determinada época, entre meados do século XVIII e início do século XIX. O modo de escrever, o uso de letras, a marcação do espaço, a ordenação dos versos revelam tanto formas mais cultas, quanto as mais populares. Por essas razões, reconsideramos a idéia de retomar o seu estudo, por se tratar da tradução e adaptação de uma obra feita por Cláudio Manuel da Costa, fato que por si só já confere importância ao texto, mesmo considerando-se a possibilidade de que esta

---

⁵ Os manuscritos foram adquiridos em 1930, na França, por Caio Mário de Mello Franco, quando atuava na Embaixada do Brasil. Teriam pertencido ao poeta José Maria Heredia, que os recebera de um dos descendentes do Conde das Galveias. Em 1931 Caio Franco publicou **O Parnaso Obsequioso**: o inconfidente Cláudio Manuel da Costa e as Cartas Chilenas, pela editora Schmidt. Atualmente as obras integram o acervo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, MG.

⁶ Não foram localizadas as partituras musicais das peças.

⁷ **Anuário do Museu da Inconfidência**, n. VIII, p. 97-192, 1990. Transcrição, atualização ortográfica e glossário elaborados por Suely Maria Perucci Esteves.

versão não seja exatamente a original do poeta. O fato de a peça ter sido várias vezes representada em Minas e no Rio de Janeiro, no século XVIII, conforme afirmação constante no *Apontamento*, justifica o seu estudo.

Para que se tenha idéia das intervenções feitas na publicação de Tarquínio, citamos alguns exemplos:

1º ato:

Apógrafo:

Dirc. Pai. Snr', repara e adiverte,
que nesta ação, q' hoje intentas,
fazes q' hum mal duvidoso
10 chegue a ser ruína certa.

Versão de Tarquínio:

Pai, meu senhor: nota e adverte
que, na ação que hoje intentas,
fazes de um mal duvidoso
que chegue a ser ruína certa.

Apógrafo:

55 Mat.Experimenta o fero susto,
o medo, e o temor aprenda,
que os mais sentem, quando lança
o Ministro a mão direita,
quando tira o nome, e quando
60 a pronosticalo comessa.

Versão de Tarquínio:

Experimente o fero susto.
Aprenda o medo e o temor
que os mais sentem, quando lança
a mão direita o ministro;
quando o nome tira e quando
a pronosticá-lo começa...

Apógrafo:

Dirc. E se acazo
210 o Ceo quizer que Succeda
q'ei de fazer? Não measusta
a morte, porq' Dircea
Sabe morrer pella Pátria
mas Apollo quer que Seja
215 Sacrificada hua Virgem
Eu mulher, e Mai .....

Versão de Tarquínio:

E se por acaso
o céu quizer que suceda?
Que hei de fazer? Não me assusta
a morte, porque Dircéia
sabe morrer pela pátria.
Mas Apolo quer que seja
sacrificada uma virgem.
sou mulher... e mais...

Apógrafo:

Tim. Nosso Paÿ
nos tem em hum nexo unidos,
que a ti talvez dezagrada,
810 e eu nem pedi, nem comsinto
os teus meritos reaes
Sao de hum alto Numem dignos,
mas que eu seja teu Espozo,
não o consente o destino.

Versão de Tarquínio:

Nosso pai
nos tem em um nexo unidos
- que a ti talvez desagrada -
que nem pedi, nem consinto.
Sim, os teus méritos reais
são de um alto nume dignos;
mas eu vir a ser teu esposo
não me consente o destino.

2º ato:

Apógrafo:

Cor. Me melem

Versão de Tarquínio:

Me melem

65 se ele parar aqui veio.
 Pois Senhor Corisco espera
 com El Rei esta fallando,
 mas se a pratica for breve
 logo dou o meu recado.

se ele parar aqui veio...
 pois, senhor Corisco, espere!
 com El -Rei não está falando?...
 Se essa prática for breve
 logo darei meu recado.

Apógrafo:

Quer. Creuza taobem he filha
 Hereditaria, pertende
 Espozo; porem não reino;
 130 assim mais gloriozamente
 dilatavas o teu Sangue,
 pois davas dous descendentes:
 um que reinasse na frigia [sic],
 outro q' em Tracia Sucedesse.

Versão de Tarquínio:

A Creusa também é filha
 hereditária. Pretende
 esposo, porém não reina.
 Assim, mais gloriosamente
 dilatavas o teu sangue,
 pois davas dois descendentes:
 um que reinasse na Frígia,
 outro que em Trácia sucede.

Apógrafo:

Pant. Mui presto
 hum, e dois, e tres, e quatro,
 300 cinco, Seis e este São sette.

Cor. Ora esteja ahi callado,
 e olhe nem hum pé arede.

Versão de Tarquínio:

Mui prestes:
 um, e dois, e três, e quatro,
 cinco, seis, e este são sete.

Ora esteja aí calado
 e não dê nem um piadete.

3º ato:

Apógrafo:

Quer. Bem Sei, mas debes lembrarte,
 que Se o Principe viver
 lhe hao de render vassalagem,
 e se morrer, que eu Querinto
 25 Sou quem heÿ de dominarte,
 e he muito bem: emtende
 que neste mundo mais valle
 ter hum Monarcha obrigado,
 que oposta hua Magestade.

Versão de Tarquínio:

Bem sei, mas debes lembrar-te
 que, se o príncipe viver,
 lhe hás de render vassalagem.
 E se morrer, que eu, Querinto,
 sou quem hei de dominar-te.
 E tu muito bem entendes
 que, neste mundo, mais vale
 ter um monarca obrigado
 que oposta uma majestade...

Apógrafo:

Pant. Vosses q' fazem patollas?
 1020 por q' não cazão com o demo
 he precizo q' eu me meta
 taobem a casamenteiro.

Versão de Tarquínio:

Vocês que fazem patotas,
 porque não cozem com o demo?
 É preciso que eu me meta
 Também a casamenteiro...

Fais. Sim, paizinho, falle nisso.

Sim, paizinho: fale nisto.

Cor. Falle, q' he mais velho.

Fale você que é mais velho.

Observamos que fez alteração na ordem de palavras, a exemplo do verso “o medo, e o temor aprenda”, para “Aprenda o medo e o temor”. Alterou, muitas vezes, um verso inteiro, acrescentando termos ou substituindo-os. Mudou a pessoa do verbo - de “experimenta” para “experimente”, no verso 55 do primeiro ato. Nos versos 129-130 do segundo ato, alterou o substantivo “reino”, ao mudar “pertende Espozo; porem não reino”, para “Pretende esposo, porém não reina”. Ocorreram também equívocos na leitura, a exemplo do verso 217 do primeiro ato, “Eu, mulher e mãe...”, transcrito “Sou mulher e mais...”; “E nem um pé arrede”, verso 306 do segundo ato, foi lido como “E não dê nem um piadete”.

A leitura que Tarquínio faz da obra em algumas passagens idealiza o autor como inconfidente, interpretando as falas das personagens Demofoonte e Timante, em determinadas situações, como atitudes de resistência da Colônia em relação ao domínio da Metrópole:

Mais uma vez, as opiniões de Cláudio transparecem dos pontos em que realça a tradução parafrástica. Convém imaginar tais cousas ditas na “Casa da Ópera” de Vila Rica, ocupando a tribuna de honra o atrabiliário governador e capitão general Fanfarrão Minésio. (OLIVEIRA, T., 1980, p. 116).

No entanto, várias partes consideradas por ele como subversivas, aparecem no original italiano e, por outro lado, não se pode perder de vista que a tradução de Cláudio foi feita provavelmente por volta de 1759, três décadas antes da Inconfidência Mineira. A título de exemplo, citamos algumas passagens do primeiro ato:

Mat. Não mais, Dircéia.
Estou rezoluto.

Mat. Non più, Dircea; son risoluto.

Dir. Pai:
Com melhor acordo pensa
80 a resolução que tomas.
Olha que muito depressa
se acende nos reis a ira;
e tarde a se extinguir chega.
O rei é senhor das vidas
e é mui temerária empresa
provocar a indignação
de quem poderoso impera.
Já Demofoonte te atende
com desagrado. Não queiras
90 unir aos ódios antigos
as indignações modernas.

Dir. Ah! Meglio
Pensaci, o genitor. L'ira ne' grandi
35 Sollecita s'accende,
Tarda s'estingue. É temeraria impresa
L'irritare un sdegno
Che ha congiunto il poter. Già il re pur
Bieco ti guarda.

40 Ire novelle all'odio antico?

Dem. Filha, em vão me persuades, para que suas iras tema. Quem tem o céu de sua parte 95 iras de um rei não receia.	Mat. In vano L'odio di lui tu mi rammenti e l'ira: La ragion mi difende, il Ciel m'inspira.

E nesta parte do segundo ato, para citar outro exemplo:

Dem. Tu não sabes que o temor é para o trono o resguardo?	Dem. Tu non sai che del trono è custode il timor.
Tim. Pouco seguro...	Tim. Poco sicuro.
540 Dem. E o respeito é dele infalível parto?	Dem. Di lui figlio è il rispetto.
Tim. Sim, porque como em temor esse respeito é gerado, tem os súditos violentos, 545 não amigos, mas escravos.	Tim. E porta seco Tutti i dubbi del padre.
Dem. Pouco a pouco, essa violência gera amor...	Dem. A poco e poco 95 Diventa amor.
Tim. Mas simulado.	Tim. Ma simulato.

Outra alteração feita por Tarquínio foi a divisão em “cenas-situações”, expressão que ele mesmo utiliza. Na obra de Metastásio há divisão em cenas nos três atos. No apógrafo, a divisão é apenas em atos, sem qualquer referência a cenas ou situações.

Tarquínio corrobora a opinião de Sábato Magaldi “de que o teatro sempre teve participação na didática dos novos tempos e reivindicações” (OLIVEIRA, T., op. cit., p. 116). Os versos 1021 e 1022 do primeiro ato e 1077 do segundo, respectivamente, “Se um rei ordena uma inclemência, não é virtude, é crime a obediência” e “Tiranos, morrereis todos!”, que não existem no original de Metastásio, reforçam a sua interpretação:

Metastásio (e a adaptação de Cláudio) são francamente “subversivos” nos debiques ao absolutismo monárquico. Em Portugal, sobretudo no regime regalista pombalino, por muito menos, Cláudio seria efetivamente condenado por Inconfidente. Fanfarrão parece ter sido, sob este aspecto, bastante liberal ... (Id., *ibid.*, p. 7).

Na tradução e adaptação intitulada *Ópera de Demofonte em Trácia* foram acrescentados os personagens graciosos à moda do teatro português. As composições portuguesas, por sua vez, seguiram os modelos das óperas italianas, espanholas e francesas. Muitos poetas dramáticos no século XVII, em Portugal, imitaram o teatro espanhol, seguindo os preceitos da *Arte Nova de fazer Comedias*, de Lope de Vega (1608). A restauração de 1640, sob o reinado de D. João IV, músico e artista, favoreceu o desenvolvimento da música profana, propiciando o aparecimento e o desenvolvimento da ópera (BRAGA, 1870, p. 316).

Os dramas de Metastásio foram muito apreciados em Portugal, tendo sido traduzidos e representados com grande intensidade e por período prolongado (MIRANDA, 1973, p. 7) ⁸. Os tradutores adaptaram as obras ao gosto local, tornando-as ainda mais leves, quase cômicas e parodísticas. A interferência foi de tal ordem que chegaram até a enxertar no texto original uma nova ação, uma farsa dentro do drama: na maioria dos casos, as vicissitudes amorosas de três personagens, três criados – geralmente um rapaz, uma rapariga e um velho, rival de amor do rapaz, ou pai dela (SAVIOTTI, 1944, p. 7). Seguindo o modelo, já na primeira parte desta versão da *Ópera de Demofonte em Trácia*, a personagem Faísca conversa com Dircéia, a heroína da trama, e entra em cena Corisco, que tenta enganar sua namorada Faísca, passando-se pelo deus Apolo. Aparece também Pantufo, pai de Faísca, que cai na artimanha de Corisco. Esses três graciosos fazem o papel de criados e contracenam entre si e com os protagonistas. São, aliás, seus cúmplices e guardam os seus segredos, além de protegê-los dos perigos.

A *Ópera de Demofonte em Trácia* apresenta partes de canto que encerram algumas cenas, sem letra pré-determinada, exceto uma cantiga de ninar no terceiro ato:

Aÿ le le le le le le,
Aÿ le le le le Corisco,
Se faltares a palavra
o Demo te faça em cisco.

As partituras podem ter-se extraviado ou não terem existido. Pode ser que se tratasse de música incidental e de acordo com o repertório da época ⁹. Da tradução não consta o *Argumento*, como no original italiano. Não sabemos se não foi escrito ou se teria desaparecido.

⁸ O auge aconteceu nos anos 70 e 80 do século XVIII, ocorrendo uma ruptura na passagem da década de 50 para a de 60, que Miranda atribui ao terremoto de Lisboa, em 1755.

⁹ Esta observação foi feita pelo prof. Dr. Régis Duprat, especialista em música brasileira do período colonial.

Ao comparar outras traduções e adaptações publicadas em Portugal, verificamos em algumas a ausência do Argumento, a exemplo da *Comedia Nova intitulada Vencer-se he maior valor ou Alexandre na India, do Abbade Pedro Matestacio*¹⁰; da *Comedia Nova intitulada Os Bons Amigos*, em prosa, incompleta, sem referências; e a *Comedia Nova, segundo o gosto do Theatro Portuguez, intitulada O Cavalheiro e a Dama*¹¹. Nessas obras não há indicações de música. A linguagem e a grafia das palavras são muito parecidos aos do apógrafo *Demofoonte*. Em nenhuma delas consta qualquer referência ao tradutor, somente ao autor dos originais. Na primeira, *Alexandre na Índia*, os graciosos têm os nomes de Trapaça, Calote e Enredo. Em *Os Bons Amigos*, Columbina, Trapola e Trevilla e, em *O Cavalheiro e a Dama*, Columbina, Palestra, Pasquim e Tufolo¹².

A tradução/adaptação *Ópera de Demofoonte em Trácia*, atribuída a Cláudio Manuel da Costa, é bem mais extensa que o *Demofoonte* de Metastásio. Dividida em 3 atos, possui, respectivamente, 1069, 1390 e 1055 versos, praticamente o dobro dos de Metastásio. Podemos propor, nesse sentido que, pela comparação dos textos, a tradução é uma variação elocutiva feita como emulação. É possível que Cláudio tenha tentado ser mais engenhoso que o próprio Metastásio. A introdução dos personagens graciosos e o aumento do número de versos podem ser exemplos. Fora essas modificações, o sentido do texto é o da composição de Metastásio.

O encerramento escrito pelo copista foi riscado e alterado, apresentando duas opções. Ambas concluem com a frase “Mais vale amor que um Reino” que, aliás, dá título a outra versão da mesma ópera, feita em Portugal.

A inexistência de outro manuscrito tornou inviável a realização da edição crítica, por impossibilitar que se fizesse cotejo. Procuramos, com poucas interferências, na edição modernizada, preencher lacunas quando o contexto e as manchas ortográficas permitiram inferir o emprego de algumas palavras.

A edição do apógrafo tem relevância pela sua raridade: é a única versão do *Demofoonte* até o momento localizada no Brasil. E somente Cláudio mencionou haver traduzido e adaptado essa obra “ao gosto português”, como fez com diversas outras

¹⁰ Lisboa, na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1792. Não foi possível identificar o título, por perda da folha de rosto.

¹¹ Lisboa, na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1768. Idem observação da nota anterior.

¹² Comparamos também com as peças publicadas no **THEATRO Comico Portuguez ou Colecção das Operas Portuguezas, Que se representaraõ na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa**. Offerecidas A' Muito Nobre Senhora PECUNIA ARGENTINA Por *** Quarta Impressão. Lisboa, Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno. MDCCLIX - MDCCLX. 3 t. O autor do oferecimento é Antônio José da Silva, o Judeu.

citadas no *Apontamento* (1759) e mais algumas posteriores, mencionadas a fls. 12, nota 4. A divulgação do texto é importante para os estudos das belas letras e das representações teatrais na Colônia.

A ópera *Demofonte*, de Pietro Metastasio

A ópera *Demofonte* foi levada à cena pela primeira vez em Viena, a 4 de novembro de 1733, com música de Caldara, profissional de renome, para homenagear o imperador Carlos VI. Posteriormente foi musicada por muitos outros autores.

O argumento do drama consiste no seguinte: Demofonte, rei de Trácia, por determinação do oráculo de Apolo, deve sacrificar anualmente uma virgem nobre ao deus, enquanto perdurar no reino o “inocente usurpador” dos direitos hereditários. Como todos o ignoram, faz-se o sacrifício, sem que se possa compreender o seu significado. Demofonte espera que, com o tempo, a mensagem se torne clara. Matúsio, um grande do Reino, pretende que Dircéia, de quem se acredita pai, não entre no sorteio, da mesma forma que as filhas do rei, enviadas para viverem longe de Trácia. Demofonte, irritado com a temeridade de Matúsio, ordena barbaramente que, sem haver sorteio, seja sacrificada Dircéia. Dircéia já está casada com Timante, tido por filho de Demofonte, mas oculta o consórcio, porque uma antiga lei do Reino condena à morte qualquer súdita que despose o sucessor do rei. Demofonte, que ignora o segredo de Timante e Dircéia, destina a ele, por esposa, a princesa Creusa, empenhando solenemente sua palavra ao rei da Frígia, seu pai. Para cumprir a promessa, envia o jovem Querinto, outro filho seu, a conduzir à Trácia a esposa prometida, ao mesmo tempo em que manda chamar Timante que, sem saber do que se trata, atende com solicitude ao seu chamado. Assim que entende a decisão do pai e percebe o perigo que corre juntamente com Dircéia, sai em sua defesa. Demofonte fica enfurecido com a recusa de Timante em desposar Creusa e ordena que seja preso. Dircéia, que se torna ré por haver desobedecido à lei do Reino e desposado Timante, é condenada à morte. Antes de executar a cruel sentença, Demofonte, movido por piedade, resolve perdoá-los. Timante é avisado da feliz mudança, mas, ao mesmo tempo, fica sabendo que há prova indubitável de que Dircéia é filha de Demofonte. Cai em desespero, ao constatar que é marido da própria irmã. Está no mais completo desalento, quando é informado da verdadeira condição, pois fica sabendo não ser o sucessor da coroa, nem filho de Demofonte, mas de Matúsio. Tudo muda. Timante, livre do imaginado terror, abraça sua consorte. Querinto passa a ser reconhecido como

herdeiro do Reino e, cumprindo sua promessa, Demofonte destina-o a esposo de Creusa. Como foi descoberto que Timante era o inocente usurpador, de quem o oráculo obstinadamente falava, o Reino fica livre de cumprir o funesto sacrifício anual.

A ópera consta de três atos. O primeiro, com 501 versos, é dividido em 13 cenas. O segundo possui 507 versos e 11 cenas. O terceiro, com 467 versos distribuídos em 12 cenas, conclui com a *Licença*. Nos três atos, várias cenas são encerradas com canções.

Na consulta feita ao *site* das bibliotecas de Portugal ¹³, localizamos 119 registros de obras manuscritas e impressas de Metastásio, e as seguintes versões do *Demofonte*: *Demofonte: drama per musica: drama para musica*. Lisboa Ocidental, [1737]; *Il Demofonte. Damma per musica... / Musica de David Perez*, 1752; *Il Demofonte. Óperas*, 1755; *Demofonte [Libreto]: dramma per musica de rapresentarsi el Real Teatro dell'Ajuda*. Musica de Jommelli, 1755; *Demofonte [libreto]: dramma per musica*, 1775; *Mais vale amor que um Reino*. Lisboa, 1758; *Demofonte em Tracia*, Lisboa, 1793; *Demofonte. Óperas*, 1808; *Il Demofonte* [1808], Música de Marco Portogallo; *Il Demofonte [Libreto]: dramma serio*, 1808; *Demofonte. Óperas*, 1819; *Demofonte*. Aberturas pf Ré Maior [entre 1808 e 1815]; *Demofonte*. Aberturas pf Ré Maior, red [entre 1808 e 1830]; *Demofonte [Libreto]: drama serio*, 1819; *Demofonte em Thracia*, 1838 ¹⁴.

No **Catálogo da Coleção de Miscelâneas**; Teatro (CASTRO, 1974), da Universidade de Coimbra, constam 109 referências de volumes impressos de obras de Metastásio, musicadas por diversos autores, como Marcos Portugal, David Perez, Giovanni Battista Mele, Antonio Mazzoni, Baltazar Galuppi, chamado *Buranello*, Caetano Maria Schiassi, entre outros. No volume DLXXXII da Coleção, constam seis traduções de obras de Metastásio para a língua portuguesa feitas por Fernando Lucas Alvim, pseudônimo de Francisco Luis Ameno e publicadas na sua Oficina Patriarcal. Das traduções, quatro são em prosa, inclusive a *Demofonte em Thracia*, datada de 1768 (Id., *ibid.*, p. 164-166). Encontramos referência a mais dois tradutores de Metastásio em Portugal: Manoel Pereira da Costa e Alexandre Antonio de Lima (BRAGA, 1871, p. 389).

¹³ <[http://www.bn.pt / PORBASE](http://www.bn.pt/PORBASE) - Base Nacional de Dados Bibliográficos - Catálogo em Linha das Bibliotecas Portuguesas> Acesso em: 20 setembro 2006.

¹⁴ Ao que parece, em diferentes épocas a peça era musicada por vários autores, o que não significa que o texto utilizado fosse reescrito. Somente o acesso a essas versões poderia esclarecer em definitivo a questão.

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro não foi localizada referência a libretos de ópera de autoria de Metastásio e nem de traduções de obras suas ¹⁵. De Cláudio Manuel da Costa, foram encontrados manuscritos do poema *Vila Rica*, precedido de “Fundamentos Históricos”; carta ao governador da Capitania de São Paulo, Luiz Antônio de Souza, enviando um volume de suas obras e um exemplar da “Oração”, escrita por seu irmão José Antônio Alvarenga, datado de Vila Rica, 21/4/1771; “Notícias da Capitania de Minas Gerais”, manuscrito autógrafo e com anotações posteriores.

As primeiras representações na Capitania das Minas e a Casa da Ópera de Vila Rica

O gosto pelas manifestações relacionadas ao teatro, nas Minas Gerais, encontra-se presente desde as primeiras décadas do século XVIII. Antes, porém, da estruturação das vilas mineiras, incluindo-se a disponibilidade de recursos humanos, o teatro restringia-se normalmente a encenações muitas vezes de caráter ingênuo, e adequando-se a circunstâncias, como comemorações de bodas de reis, príncipes e nobres. As representações de circunstância, patrocinadas na maioria das vezes pela ordem dos advogados e oficiais de Intendência mediante ordenação dos Senados das Câmaras, vão ocorrer durante todo o período colonial, mesmo quando já se acham em funcionamento as chamadas Casas da Ópera, que passam a ser, em alguns casos, o palco natural das encenações comemorativas e gratulatórias:

Um dos mais antigos documentos conhecidos a registrar a ocorrência de festas públicas em Vila Rica, com a inclusão de cerimônias de igreja, luminárias, corridas de touro, serenatas e comédias, data de 1726, quando, sob o governo de Dom Lourenço de Almeida, se comemoraram, em tríduo gratulatório, os casamentos do “sereníssimo príncipe do Brasil com a infanta de Castela e da sereníssima infanta de Portugal com o príncipe das Astúrias” (ÁVILA, 1977, p. 89).

De acordo com o especialista em história da música brasileira no período colonial, Francisco Curt Lange ¹⁶:

¹⁵ O levantamento foi realizado pela historiadora Monica Velloso, funcionária da Biblioteca.

¹⁶ Natural da Prússia, estabeleceu-se no Uruguai durante a 1ª. Guerra Mundial. A partir da década de 40 iniciou suas pesquisas sobre a história da música brasileira do período colonial, especialmente a mineira, que passou a ser reconhecida no Brasil e no exterior. Viveu seus últimos anos na Venezuela, onde faleceu em 1992, aos 98 anos. Deixou inúmeras publicações. O escritor Rui Mourão publicou sua biografia, **O alemão que descobriu a América**, Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1990. Antes das pesquisas de Francisco Curt Lange, não se conhecia a produção musical do século XVIII. A

La Ópera de Villa Rica, puesta en funciones desde comienzos de la formación da la Capitanía, se encontró siempre en manos particulares de empresarios, arrendatarios de la Casa da Opera, desconociéndose la organización previa en los primeros decenios, cuando teatro y opera eran representados en espacios libres, sobre tarimas o palcos improvisados, o erectos especialmente para esse fin. (...) En las fiestas oficiales mayores de júbilo público eran incluidas en la sucesión de diversiones, aparte de toros, cabalgatas, danzas, iluminación de casas públicas y particulares, representaciones de comedias, dramas y óperas. En este caso se procedía a una contratación por obligación, al igual que en las fiestas extraordinarias más arriba citadas (...) Como se ha dicho anteriormente, la Casa da Ópera era institución particular, pero merecía, desde luego, la atención de los miembros del Senado que serían asiduos concurrentes a las representaciones habladas y musicadas. En 1770 se inauguró com los auspicios del Senado, la nueva Casa da Opera en Villa Rica - la terminología ópera encerraba en aquellos tiempos tanto comedias como dramas y verdaderas operas, siendo salpicados o abundantemente nutridos con música los dos primeros géneros (LANGE, 1967-1968, p. 30).

Em 1733, houve em Vila Rica solene festividade, o *Triunfo Eucarístico*¹⁷, realizada para a inauguração, com grande pompa, da nova Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Cerca de um mês antes da data marcada para a consagração do templo, arautos mascarados saíram às ruas para anunciar o acontecimento. A festa foi considerada de tão grande importância, que contou com o apoio e a presença do Governador, Conde das Galveias, e com as tropas militares aquarteladas na Vila.

O Santíssimo Sacramento, que durante as obras de reforma ficara depositado na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, foi trasladado para o templo recém ampliado. Precederam a essa solenidade vários tipos de comemorações, incluindo-se a apresentação de comédias em locais públicos:

O Tablado das comédias se fez junto da Igreja custoso na fabrica, no ornato, e apparencia de varios bastidores: viraõ-se nelle insignes representantes, e gravissimas figuras: foraõ as comédias; El Secreto a vozes: El Principe prodigioso: El Amo criado¹⁸.

As peças são espanholas. *El Secreto a Voces* é, com certeza, da autoria de Calderón de La Barca, cuja obra teve grande repercussão no Brasil Colônia. A peça *El Amo Criado* é, provavelmente, de autoria de D. Francisco de Rosas Zorrilla. *El Príncipe*

---

história da música brasileira era conhecida, até então, a partir da atuação do padre José Maurício Nunes Garcia, no Rio de Janeiro.

¹⁷ TRIUNFO EUCHARISTICO, SIMAM FERREIRA MACHADO, LISBOA OCCIDENTAL. *NA OFFICINA DA MUSICA, DEBAIXO DA PROTECÇÃO* dos Patriarchas São Domingos, e São Francisco. M.DCC. XXXIV.

¹⁸ Idem, p.117-118.

Prodigioso deve estar com título incorreto, pois há uma peça de Calderón intitulada *El Magico Prodigioso* (ÁVILA, 1977, p. 56).

Em 1748 aconteceu na cidade de Mariana uma festa de gênero semelhante, para festejar a chegada do primeiro bispo da Diocese, Dom Frei Manuel da Cruz. A antiga Vila do Carmo foi elevada à categoria de cidade em 1745, por causa da criação do bispado, tendo sido, portanto, a primeira de Minas Gerais ¹⁹. As grandes festas realizadas para comemorar a chegada do bispo, que viera do Maranhão, sujeito a penosa e demorada viagem, foram narradas na obra *Aureo Throno Episcopalis* ²⁰, publicada em 1749. Houve comemorações parecidas às do Triunfo Eucarístico, como luminárias, mascaradas por oito dias sucessivos para anunciar a festividade, missas, procissões, Te-Deum. Os figurantes dos desfiles alegóricos apresentaram-se ricamente trajados. No palácio do bispo, fizeram-se, dentre as representações teatrais:

... huma grande obra Poética, composta pelo Reverendo Padre Manoel da Cruz e Mello, e dirigida em obsequio de Sua Excellencia. (...) Explicavaõ a idéa do Author Apollo, as nove Musas, e Mercurio, competindo todos em varios metros, conforme as cadencias do particular influxo de cada hum, qual engrandecia mais dignamente os cultos, que se deviaõ à Excellencia do objeto. Na seguinte noite, e no mesmo Palacio se representou hum acto cômico, dedicado ao feliz nome de S. Excellencia na allegoria da exaltação da Cruz de Christo... ²¹

Em 1751, ocorreram em Vila Rica festividades à aclamação de D. José I, com corridas de touro, cavalhadas e comédias:

O gosto teatral da gente mineradora começaria, no entanto, a apurar-se em promoções de nível mais sofisticado, reservadas a uma elite social e intelectual e realizadas até mesmo em recintos de mais limitado acesso como o Palácio dos Governadores. É ali que Cláudio Manuel da Costa faz levar à cena, a 5 de dezembro de 1768, *O Parnaso obsequioso* (ÁVILA, 1977, p. 57).

Na ocasião do casamento do infante Dom João, futuro Dom João VI, com D. Carlota Joaquina, o governador Luís da Cunha Menezes festejou o evento com bastante pompa, como ocorreu nas décadas anteriores, ao tempo do *Triunfo* e do *Áureo Trono*. Mas a situação econômica em 1786 já não comportava gastos tão elevados. Mesmo assim, o governador resolveu reviver a época do grande fastígio, quando o ouro ainda era

¹⁹ Vila Rica, capital da Capitania das Minas, só seria elevada a cidade em 1824, com o título de Imperial Cidade de Ouro Preto.

²⁰ AUREO THRONO/EPISCOPAL, LISBOA, Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA, impressor do Santo Officio, Anno 1749.

²¹ Ibid., p. 51-52.

extraído com facilidade. Cunha Menezes gostava de festas e de popularidade, motivos que o impeliram a ignorar os clamores dos Camaristas, que recomendavam moderação nos gastos:

Determinou que se organizasse extenso programa comemorativo, iniciado a 13 de maio de 1786. Houve solenidades religiosas e militares, três dias de cavalcadas, três de touros, “ao gosto das Espanhas” e três de ópera pública, com a encenação de peças que o poeta chama de “os três mais belos dramas...” (ÁVILA, 1967, p. 73)²²

Ao solicitar a Martinho de Melo e Castro a aprovação das despesas dos festejos acima mencionados, Menezes justifica os gastos da maneira seguinte:

Que as ditas festas foram feitas com o maior gosto, luzimento e grandeza que foi possível pelas nove Câmaras desta mesma Cap^a. (...) com festas de Igreja, Cavalcadas, Touros, Óperas Públicas ao Povo e iluminações (...) três mais de touros e três de Óperas Públicas... (LAPA, 1958, p. 261, apud FURTADO, 1997, p. 69).

A construção e a manutenção de uma Casa da Ópera em Vila Rica é fato de extrema relevância, sobretudo por ser considerado o mais antigo teatro da América do Sul. A cobertura do prédio foi concluída em 1769. O construtor e proprietário foi o contratador dos reais quintos e entradas, coronel João de Sousa Lisboa²³. A inauguração aconteceu no dia 6 de junho de 1770, aniversário de D. José I. No dia 5 de dezembro desse ano, foi realizado um espetáculo em homenagem ao Conde de Valadares, com a estréia do ator operístico José Bonifácio, contratado por João de Sousa Lisboa em Diamantina, embora a presença maior fosse de amadores. Eram trazidas para encenação peças conhecidas, além das traduzidas por Cláudio Manuel da Costa. Sabe-se, através da correspondência de Sousa Lisboa, que de 1770 a 1775 houve de sua parte grande empenho em manter a qualidade das apresentações na Casa da Ópera (ÁVILA, 1977, p. 82)²⁴.

²² **Resíduos Seiscentistas em Minas**; textos do ciclo do ouro e as projeções do mundo barroco. A expressão “os três mais belos dramas” refere-se à atuação de mulatos nas representações de três peças encenadas em Vila Rica, conforme referência na obra *As Cartas Chilenas* (carta 5^a, versos 37-44), que satirizam a figura do governador Luis da Cunha Menezes, fazendo-se severas críticas ao seu comportamento, considerado inadequado a um homem da sua posição.

²³ LAPA, Manoel Rodrigues. Casa da Ópera de Vila Rica, **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 15, 20 jan., 1968; MATHIAS, Herculano Gomes. **A Coleção da Casa dos Contos de Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1966, apud ÁVILA, op. cit., 1977, p. 59.

²⁴ Em 1775 o empresário João de Sousa Lisboa conseguiu reaver várias peças roubadas, que se encontravam em São João Del Rei. Dentre elas, um ato da ópera *São Bernardo*, de Cláudio Manuel da Costa, que havia sido encenada em Vila Rica na quaresma daquele ano.

Segundo Francisco Curt Lange (op. cit., p. 43), existiu uma Ópera primitiva antes da Casa de 1770, o que antecipa ainda mais o cultivo dessa arte em Vila Rica:

Las representaciones en Villa Rica fueron muy frecuentes, justificadas sin duda por la erección **de una nueva Casa da Ópera, abierta en sustitución de la vieja, en 1770** (grifos meus). Sólo me fue posible ubicar referencias de las temporadas de representaciones correspondientes al último decenio del siglo, pero los títulos que figuran en una relación de abonos a un camarote de un famoso argentario de Villa Rica, son suficientemente evidentes como para ver que se dió preferencia a obras del repertorio universal de Metastasio, Voltaire y otros, incluyendo, naturalmente, autores portugueses...

Segundo o autor, a ópera foi intensamente cultivada no Brasil na segunda metade do século XVIII: a atividade musical atingiu um nível de qualidade comparável à dos grandes centros europeus. De acordo com ÁVILA (1977, p. 61), era natural que a ópera encontrasse terreno fértil para o seu desenvolvimento em Vila Rica:

Não se pode desvincular o surto do teatro na capitania de Minas, durante a segunda metade do século XVIII, da atividade poética então exercida, como notável destaque, por autores aqui nascidos ou fixados. Poetas como Tomás Antônio, Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, que aliavam o prestígio intelectual ao prestígio social de suas posições na magistratura ou na administração, haveriam por certo de fazer estender a sua influência também ao teatro, estimulando ou orientando as iniciativas verificadas entre nós nesse setor da arte.

Cláudio Manuel da Costa foi incentivador do teatro em Vila Rica, tendo chegado a contribuir com recursos particulares para o funcionamento da Casa²⁵.

Além de Vila Rica e Vila do Carmo, houve atividades teatrais de circunstância em outras vilas mineiras a partir do século XVIII. Quanto à criação de Casas de Ópera ou Teatros, os mais antigos foram, além de Vila Rica (1770), os de São João del Rei (1778-1779 e 1839), Paracatu (1780), Sabará (1819). Há suposição de haver existido uma Casa da Ópera primitiva em Sabará, em torno de 1737-1740. Existe também referência a um

---

²⁵Desde a sua inauguração, 6 de junho de 1770, aniversário de D. José I, a Casa da Ópera teve o apoio do Conde de Valadares e do poeta Cláudio Manuel da Costa. Segundo documentos coligidos por Rodrigues Lapa e Herculano Gomes Mathias, seus nomes constam de uma relação de contribuintes, datada de 17 de outubro de 1772. **A Coleção da Casa dos Contos de Ouro Preto**: Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1966, apud ÁVILA, 1977, p. 59.

teatrinho em Diamantina, construído pelo contratador João Fernandes de Oliveira, para Chica da Silva, em meados do XVIII. (ÁVILA, *ibid.*, p. 81-89).

Cláudio Manuel da Costa, tradutor de Metastásio

Cláudio Manuel da Costa nasceu no sítio denominado Vargem do Itacolomi, região de Mariana, Capitania das Minas Gerais, e foi batizado em junho de 1729, conforme sua certidão de batismo (VEIGA, 1896, p. 373). Era filho de João Gonçalves da Costa e Tereza Ribeiro de Alvarenga. Os avós paternos, portugueses, eram lavradores e os avós maternos, paulistas, residiam nas Minas Gerais. Conforme relata no *Apontamento*, passou a infância em Vila Rica. Estudou no Colégio dos Jesuítas, no Rio de Janeiro, para onde foi com a idade de 10 anos aproximadamente. Quando contava cerca de 20 anos, foi para Coimbra, em cuja Universidade obteve o título de Bacharel em Cânones, em 1753. Nessa época, teve a intenção de tornar-se clérigo, pois foi feito o processo de *genere* ou de *puritate sanguinis*, despachado de Mariana para Portugal a 12 de maio de 1751 e que foi publicado por Ramiz Galvão na *Gazeta de Notícias* de 1895, em abril. Na época em que fez o requerimento, o poeta já era órfão de pai e afirmou querer seguir a vida eclesiástica, tanto para servir a Deus como “para amparo de uma mãe viúva e de suas irmãs”²⁶. Em 1758, recebeu prêmio pela Carta Topográfica de Vila Rica e seu Termo (VEIGA, *op. cit.*, p. 377-378). Os originais referentes ao prêmio e sua concessão encontram-se no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, mas a Carta não foi localizada²⁷. Dedicou-se também às atividades de agricultura e de mineração. Ocupou cargos públicos na administração colonial. Foi nomeado Secretário de Governo pelo Capitão-General Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadela, por Provisão de 15 de junho de 1762. Nesse cargo, acompanhou o governador Luiz Diogo Lobo da Silva, que governou a Capitania até setembro de 1765, na excursão pelo sul de Minas, numa viagem penosa, como declara no poema *Vila Rica*: “Viagem dilatada e aspérrima por mais de 400 léguas sobre as costas de S. Paulo, que acompanhou o Autor, servindo de

²⁶ RIBEIRO, João. Carta ao Sr. José Veríssimo sobre a vida e as obras do poeta. In: **A Poesia dos Inconfidentes**: Poesia Completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto (org. Domício Proença Filho), p. 5-39 e Apêndice/Notas, nota 12, p. 1048.

²⁷ No Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, encontra-se uma cópia fiel da *Carta Geográfica de Vila Rica e seu Termo*, original atribuído a Cláudio Manuel da Costa. Pertenceu à coleção de Augusto de Lima Júnior e foi copiada em 1939, em Portugal. Consta no verso a informação AHU, nº. 256. No arquivo do Palácio do Itamaraty, RJ, há uma *Carta Topográfica de Vila Rica*, anônima, na Mapoteca do Exército. Alguns autores são de opinião que há possibilidade de que seja essa a feita por Cláudio.

Secretário de Governo das Minas”²⁸. Cláudio foi também secretário de governo do Conde de Valadares, de 1769 a 1773.

As operações financeiras registradas no seqüestro dos seus bens, por ocasião da Devassa da Inconfidência Mineira, indicam que se tornara uma espécie de banqueiro privado da época. Do seu patrimônio, 82% estavam concentrados em créditos, bens de raiz e escravaria. De acordo com a avaliação das posses dos envolvidos na Inconfidência, Cláudio aparece como a quarta maior fortuna, precedido por Alvarenga Peixoto, José Aires Gomes e Francisco Antônio de Oliveira Lopes²⁹.

Conhecedor de leis, Cláudio respondia como advogado da elite política e econômica da região das Minas, reunindo significativas informações sobre a sociedade local. Foi advogado e membro da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Vila Rica, da qual só podia fazer parte a elite formada por brancos de posses. Em 1757 ingressou na Irmandade de Santo Antônio e, em 1760, na do Arcanjo São Miguel e Almas, ambas da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, na qual residia nessa época, de acordo com os respectivos registros³⁰. Filiou-se mais tarde à Irmandade das Mercês e Perdões de Antônio Dias, em 1788, uma associação formada por crioulos e, em 1789, juntamente com Tomás Antônio Gonzaga, foi admitido na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz da Freguesia de Antônio Dias, de negros³¹.

Em 1758 foi 3º. Vereador da Câmara. Exerceu, por cinco períodos, o cargo de Juiz Ordinário: em 1762, 1771, 1781, como Juiz mais moço e nos anos de 1786 e 1789 foi o Juiz mais velho. Foi também juiz medidor³². Dedicou-se mais à mineração que à advocacia – esta, em particular, do Juízo Eclesiástico e da Junta da Real Fazenda.

No Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência, encontram-se processos cartorários que comprovam sua atuação como advogado e Juiz Ordinário.

Foi também Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo. Recebeu o Hábito “a peso de oito arrobas de ouro e dez anos de espera”³³.

²⁸RIBEIRO, João, op. cit., Apêndice/Notas, nota 25, p. 1049. Nota 67 de Cláudio Manuel da Costa ao poema *Vila Rica*, canto VIII.

²⁹FURTADO, João Pinto. **O Manto de Penélope**: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 106.

³⁰Estas informações foram localizadas por Rosa Basílio no Arquivo da Paróquia do Pilar de Ouro Preto.

³¹Devo estas informações ao brasilianista norte-americano, prof. Dr. Donald Ramos, da Universidade de Cleveland, Ohio, que coletou os dados no Arquivo da Paróquia de Antônio Dias.

³²FIGUEIREDO, Luciano. Painel Histórico. In: **A Poesia dos inconfidentes...**, op. cit., p. XXXIII. O termo parece referir-se ao controle da medição e concessão de Sesmarias.

³³PROENÇA FILHO, Domício. Apresentação. In: **A poesia dos inconfidentes...**, op. cit., p. XIII. De fato, no Traslado do seqüestro e da adição do seqüestro, nos **Autos de Devassa da Inconfidência Mineira**, 1982, v 6, consta à p. 99: “... uma casaca de belbute amarelo com um hábito de Cristo (...) que se acha

Ao ser denunciado como um dos conjurados, por participar e também promover reuniões consideradas sediciosas, em sua própria casa, foi preso e faleceu na prisão logo após o interrogatório a que foi submetido. Existe controvérsia com relação à *causa mortis*, indicada nos Autos como suicídio ³⁴. Alguns estudiosos levantam a hipótese de assassinio, por ter o poeta conhecimento de fatos que poderiam comprometer membros da elite que administrava a Capitania. Em entrevista recente, o brasilianista inglês radicado nos Estados Unidos, Kenneth Maxwell, afirmou que, na Devassa aberta em Minas pelo Visconde de Barbacena, o interrogatório de Cláudio ocorreu dois ou três dias antes da chegada dos juízes independentes nomeados pelo Vice-rei ³⁵. No seu depoimento, Cláudio fez uma grande confissão, onde incluía a participação do seu grande amigo Tomás Antônio Gonzaga, entre outros. Segundo Maxwell, depois do “suicídio”, os dados não poderiam ser utilizados em julgamento. Para ele, não resta dúvida de que o poeta foi mesmo assassinado ³⁶.

Cláudio Manuel da Costa era membro da elite letrada da região e fazia parte do restrito grupo de privilegiados que possuíam biblioteca. Na relação dos bens seqüestrados por ocasião da sua prisão, encontravam-se três livros de **traduções e tragédias** (grifos meus) e “mais outro dos mesmos relatados e poemas”, provavelmente de autoria do poeta. No traslado do seqüestro dos seus bens (25/05/1789) e da adição ao mesmo (21/03/1791) constam, dentre outros, “Dom Manuel, Thesouro canonisari aristoris, um tomo”, o **Cannocchiale Aristotelico**, de Emanuele Tesauro, grafado de forma incorreta pelo escrivão, e **Idéia da agudeza**, que nos remete a Baltasar Gracián, um tomo ³⁷. Inclui-se em seu acervo a **Poética** de Aristóteles.

Na sua biblioteca fica evidenciada a sua formação, pois as seções de cânones e direito possuíam o maior número de títulos. Essas seções compreendiam 28 livros, de um total de 99, o que corresponde a 27% do número de obras. A parte referente a literatura e gramática vinha depois, sendo dez os títulos que puderam ser classificados com certeza enquanto tal. Seguiam-se as seções de dicionários (de ciências profanas), com quatro obras e, com uma obra cada, as seções de

---

pregado no mesmo vestido...”. A demora teria sido causada por ser neto, pelo lado paterno, de comerciante de azeite, origem considerada pouco nobre para fazer jus à honraria pleiteada.

³⁴ Preso a 25 de junho e interrogado a 2 de julho de 1789, na Casa do Real Contrato, foi encontrado morto na manhã do dia 4 do mesmo mês. O interrogatório foi considerado sem valor jurídico pelo juiz da Devassa, por não ter havido juramento nem testemunhas. VEIGA, José Pedro Xavier da, op. cit., p. 382.

³⁵ Foram, de fato, abertas devassas no Rio e em Minas e, mais tarde, os processos foram unificados.

³⁶ Como observou Maxwell, o interrogatório de Cláudio não foi incluído na primeira edição dos Autos de Devassa da Biblioteca Nacional (1936-1938). Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n. 19, p. 30, abr., 2007.

³⁷ **Autos de Devassa da Inconfidência Mineira**, 1982, v. 6, p. 98.

geografia, história, filosofia, política, teologia, escritura sacra e história sagrada³⁸.

A biblioteca de Cláudio era a quarta maior da região, precedida apenas pelas do bispo de Mariana, Dom Frei Domingos da Encarnação Pontevel, do Cônego Luís Vieira da Silva e do advogado Doutor José Pereira Ribeiro, todos moradores de Mariana.

Apesar de sua forte religiosidade, mas não fugindo aos costumes da época, manteve duradouro relacionamento com uma escrava de outrem, Francisca Arcângela, alforriada logo que nasceu a primeira filha, Maria Clara, em 1759. Com a mesma escrava teve outros filhos: Feliciano, Francisca, Ana e Fabiana (CANDIDO, 1981, p. 91 e 318, apud FIGUEIREDO, op. cit., p. XXXVIII). Francisca Arcângela, musa do poeta, era invocada por ele com o nome árcade *Eulina*. Residia na Rua de São José, em Vila Rica, em casa próxima à de Tiradentes, na época da Inconfidência.

Cláudio publicou em vida 4 opúsculos poéticos e as *Obras*, em 1768, em Coimbra, na tipografia de Luís Secco Ferreira. Consta de 100 sonetos, 3 epicédios, um romance em decassílabos, a *Fábula do Ribeirão do Carmo*, 20 éclogas, 6 epístolas, 5 romances, 4 poemas, 3 cançonetas em italiano e 8 cantatas³⁹. De acordo com a edição crítica preparada por Melânia Aguiar, há oito sonetos inéditos, que constavam do manuscrito enviado para a primeira impressão das *Obras* e foram riscados do texto, sem que se saiba o motivo. Encontram-se arquivados na Torre do Tombo⁴⁰. Existem ainda obras que integram a Coletânea de Poesias Manuscritas de Cláudio Manuel da Costa oferecidas ao Clube Literário do mesmo nome, de Mariana, pelo Dr. Joaquim Vieira de Andrade (Ibid., p. 32). O fato de ter estudado em Coimbra possibilitou que aperfeiçoasse os seus conhecimentos do idioma italiano, que provavelmente teve início ainda quando estudava no Colégio dos Jesuítas, no Rio de Janeiro. Seu estro poético o inspirou a adotar o costume em voga, pois as traduções e adaptações feitas ao gosto português ocorriam com muita frequência na Corte. Compôs em italiano os sonetos de números LXXXIV a XCVII (Ibid., p. 88-95); as cançonetas *Il Pastore a Nice*, *Nice a il Pastore*, e *Nice* (Ibid. p. 284-291 e 302-304), além da Cantata *La SS. Vergine* (Ibid., p. 295). Segundo PICCOLO (1939, p. 30), “... il Settecento brasiliano si collega con le Academie, con la letteratura storica e scientifica, con l’imitazione arcadica e

³⁸ VILLALTA, Luiz Carlos. O diabo na livreria dos inconfidentes. **Tempo e história**, São Paulo, Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 373.

³⁹ AGUIAR, Melânia Silva de. A Trajetória Poética de Cláudio Manuel da Costa. In: **A Poesia dos Inconfidentes...**, op. cit., p. 27-530.

⁴⁰ Id., ibid., p. 1104, nota 1.

metastasiana” (grifo meu). O mesmo autor afirma também que os modelos metastasianos emulados por Cláudio Manuel da Costa estão presentes na sua obra lírica, particularmente nas canções, tanto na língua portuguesa quanto na italiana ⁴¹.

Era costume na época emular os versos célebres de todas as literaturas. Na obra de Cláudio, além de Virgílio, Ovídio, Teócrito, Petrarca, Quevedo e Metastásio, incluem-se Guarini e Camões. Cláudio já foi criticado por seus restos de gongorismo, com tendência à grandiloquência, obscuridade e arrevesamento e, ao mesmo tempo, por sua simplicidade, tal como se expressa no Prólogo ao Leitor, do poema *Vila Rica*:

Bem creio que te não faltarão que censurar nas minhas *Obras*, principalmente nas Pastorais onde, preocupado da comua opinião, te não há de agradar a elegância de que são ornadas. Sem te apartares deste mesmo volume, encontrarás alguns lugares que te darão a conhecer como talvez me não é estranho o estilo simples, e que sei avaliar as melhores passagens de Teócrito, Virgílio, Sanazaro e dos nossos Miranda, Bernardes, Lobo, Camões etc. ⁴²

Por isso, pôde apropriar-se da frase de Ovídio: *Video meliora, proboque; Deteriora sequor*: “Vejo e aprovo as melhores coisas; sigo as piores”. Ou seja, conhece o melhor - Candido Lusitano, Verney, a Arcádia Romana, mas segue o pior - Góngora, que então era considerado um poeta de poesia depravada, autor de obras inverossímeis, herméticas e confusas. Mas Góngora era também poeta extremamente culto, polido e refinado. Cláudio é um poeta antigo, ou seja, que imita ou emula poetas como Góngora, seguindo os modelos das metáforas agudas, das antíteses, dos hipérbatos do estilo culto do poeta imitado. Mas, levando-se em conta o que escreveu no prefácio das *Obras*, parecia viver um conflito entre o estilo da sua formação e as novas tendências, representadas pelo arcadismo, que se fazia também presente em várias composições suas, publicadas em 1768.

---

⁴¹ Id., *ibid.*, p. 76-77. Como se trata de outra abordagem, e que demandaria longo tempo de pesquisa, fazemos apenas uma breve referência. Uma fonte indispensável, nesse sentido, é o trabalho de Carla Inama, citado na p. 247, nota 150, deste trabalho.

⁴² COSTA, Cláudio Manuel da. Prólogo ao Leitor. In: *A Poesia dos Inconfidentes...*, op. cit., p. 48.

ÓPERA DE DEMOFOONTE EM TRÁCIA

O manuscrito apógrafo do Arquivo da Música da Arquidiocese de Mariana

É o único exemplar da tradução e adaptação da ópera *Demofoonte* conhecido no Brasil. O texto foi atribuído a Cláudio Manuel da Costa, pelo fato de ter deixado registrada a tradução dessa obra e de outras de Metastásio no seu *Apontamento* de 1759.

O apógrafo faz parte do acervo do Museu da Música da Arquidiocese de Mariana. Na contracapa do volume, há uma etiqueta como o carimbo “Museu do Livro/Biblioteca dos Bispos de Mariana”, registrado sob o nº. 8595, constando, ao lado do carimbo, o código E 75 P 2, escrito à mão. O número atual da obra no Arquivo é 1793. Possui 13 folhas numeradas posteriormente, à caneta, com tinta azul. As folhas estão divididas em duas colunas, tanto na frente quanto no verso, riscadas a lápis para distribuição da escrita no papel. Para a colocação das abreviaturas com os nomes dos personagens, foi riscada outra coluna bem mais estreita. O volume está encapado com veludo verde-escuro há cerca de 20 anos. Quando tive a oportunidade de manuseá-lo pela primeira vez, em 1981, o libreto não possuía capa e não tinha passado pelo processo de encadernação. A contracapa foi revestida com papel estampado. O volume tem as seguintes medidas: incluindo a capa, 22,0 cm de comprimento x 17,5 cm de largura. Sem a capa, 20,8 cm de comprimento x 17,0 cm de largura, considerando a margem adicionada ao texto do manuscrito. As medidas do papel que serve de suporte do texto propriamente dito são 20,8 cm de comprimento x 14,8 cm de largura.

O manuscrito, pelas características da letra e do papel, data possivelmente da segunda metade do século XVIII. O papel foi produzido industrialmente e, visto contra a luz, distinguem-se as marcas da trama utilizada na fabricação, além das marcas d'água. Do fabricante, conseguimos ler as identificações “La Briglia” e “Magnani.” Em três folhas lemos a data “1793”. Há desenhos nas folhas, como um medalhão (“La Briglia”); em outros há um círculo ladeado por duas mãos, uma à esquerda e outra à direita. A olho nu, não se nota que o tom do papel é esverdeado. O papel usado como complemento à margem é similar, mas em tom bege claro. A tinta encontra-se em tom sépia, mas deve ter sido escura na época da escrita. Não parece ser de natureza ferrogálica, pois não observei corrosão do papel pelo seu efeito. Os estragos devem-se ao ataque de térmitas ocorridos em época anterior.

A última folha do texto possui, no alto da margem esquerda, quase imperceptível, a rubrica “A. Rezende”, sendo a caligrafia a mesma do manuscrito. Trata-se, portanto, do copista. Essa folha tem o número 153 e nela consta um outro texto que não tem qualquer relação com a ópera. Pelas características, parece anterior ao *Demofonte*. É possível que o copista tenha aproveitado parte de outro livro para fazer o libreto. A folha referida possui uma ilustração, referente ao objeto descrito nesse texto, em espanhol, que consta de 23 linhas e traz uma instrução, ao que parece, de como confeccionar um freio para se colocar na cabeça de cavalos. Encontra-se transcrito no final, como anexo, já que está encadernado no manuscrito.

O copista era, segundo Sousa Bastos, o indivíduo encarregado de tirar as cópias e papéis das peças. Em Portugal e no Brasil, era costume trabalhar em sua própria casa e receber quantia certa para cada ato que se copiava ou de outras cópias que se faziam. Em vários outros países, que o autor denomina como “lá fora”, existia nos teatros a casa de trabalho dos copistas, que recebiam remuneração mensal e tinham horário estipulado para a realização do serviço (BASTOS, 1908, p. 44).

Normas de transcrição adotadas e anotações ao texto

A leitura do apógrafo apresenta dificuldades pelo fato de conter várias partes do papel danificado, com perda de letras e de palavras. Não sabemos, por outro lado, se a versão é definitiva, já que contém rasuras e duas opções para encerramento. Desconhecemos também se se trata de cópia fiel de manuscrito de Cláudio Manuel da Costa ou se o copista ou quem encomendou a cópia teria feito alterações na peça para adaptá-la para representação posterior. No *Apontamento*, Cláudio denomina a sua tradução como *Dircea*; o apógrafo é intitulado *Ópera de Demofonte em Trácia*, cuja personagem central é Dircéia. Os dois títulos seriam referentes à mesma versão, com denominação diversa feita posteriormente? Nas versões do *Demofonte* localizadas nos acervos portugueses, observamos que a obra aparece com títulos diferentes nas várias versões musicadas: *Demofonte*, *Demofonte em Trácia*, *Mais vale amor que um Reino*.

A decisão de se fazer a edição diplomática ocorreu por várias razões: a tentativa de recuperar o texto da forma mais próxima possível de como foi escrito e do interesse em se fazer uma edição modernizada, que julgamos importante para melhor compreensão do leitor, além de mais agradável. Se adotássemos outro critério em lugar

da diplomática, como a paleográfica ou semidiplomática, obrigatoriamente haveria coincidência do uso de alguns critérios, a exemplo de inferências ou conjeturas e dos desdobramentos das abreviaturas, que esses dois tipos de transcrição recomendam.

Quanto aos critérios, adotamos os propostos por Cambraia ⁴³:

As palavras que apresentam dúvidas quanto à leitura foram colocadas entre parênteses ( ). As inserções feitas pelo copista foram grafadas entre dígrafos < >. Os acréscimos ou intervenções com outra caligrafia foram colocados entre colchetes [ ]. As abreviaturas, os sinais diacríticos e a pontuação foram mantidos como aparecem no apógrafo. Há casos em que não se pode precisar se havia algum sinal de pontuação; nessas ocorrências não interferimos, mantendo o texto tal como se apresenta. Os caracteres que não oferecem possibilidade de leitura devido ao estrago do papel foram transcritos como pontos, entre colchetes, cada ponto correspondendo ao número aproximado dos caracteres ilegíveis, de acordo com a norma adotada: [.....]. As dúvidas quanto à leitura foram sinalizadas com sinal de interrogação entre colchetes [?]. As palavras grafadas erroneamente foram indicadas da seguinte forma: [sic].

Apontamos, a seguir, algumas características próprias da ortografia da época, que na atualidade constituem arcaísmos léxicos:

Não se utiliza o hífen para separar verbos e respectivos pronomes. Há casos em que se dobra a consoante, como em *louvallo*, por louvá-lo; *levallo*, por levá-lo; *descobrillo*, por descobri-lo; *conhecella*, por conhecê-la; *callate*, por cala-te; *inclinallo*, por incliná-lo; *sepultallo*, por sepultá-lo; *procurallo*, por procurá-lo. Em alguns casos, não ocorre a dobra da consoante: *comduzila*, por conduzi-la; *premiolos*, por premiá-los. Nas demais conjugações pronominais, o pronome é sempre ligado ao verbo: *lembravate*, por lembrava-te; *detemte*, por detém-te; *amote*, por amo-te; *pedirte*, por pedir-te; *aplacarte*, por aplacar-te; *suspendeivos*, por suspendei-vos; *leveme*, por leve-me; *quererte*, por querer-te; *sustentarte*, por sustentar-te; *contame*, por conta-me; *mandasteme*, por mandaste-me; *ouveme*, por ouve-me; *mostrate*, por mostra-te; *inventame*, por inventa-me; *repudiarme*, por repudiar-me; *dilatarme*, por dilatar-me; *impedirme*, por impedir-me; *rejeitame*, por rejeita-me; *desprezaa*, por despreza-a; *creme*, por crê-me; *crerme*, por crer-me; *oferecerme*, por oferecer-me.

Nas conjugações de alguns verbos, aparece a letra **c** em lugar do pronome **se**: *fazerce* por fazer-se; *acharce* por achar-se; *deverce* por dever-se; *exporce* por expor-se;

---

⁴³ CAMBRAIA, César Nardelli, **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

dividirce, por dividir-se; *verce*, por ver-se; *vaoce*, por vão-se; *ouvice*, por ouvisse. Em outros, dobra-se o *s*, como em: *sigasse*, por siga-se; *prendasse*, por prenda-se, *vasse*, por vá-se.

Grande número de palavras são grafadas de forma diversa, como o uso de *ç* em lugar do *s*, a exemplo de *pençamento*, *falço*, *defençora*, *conçollas*, *perverço*, *descanço*, *manço*, e *ofença*; de *ss* em lugar de *ç*, em *comessa* e *cabessa*; de *ç* em lugar de *ss*: *depreça*, *suceços*, *promença*, *escaça*; de *c* em lugar de *ss*: *ultrajace*, *emcontrace*, *excecivo*, *socego*; de *c* em lugar de *s*: *ancia*; de *ss* em lugar de *c*, em *estremesse*. As palavras *doce* e *você* aparecem uma vez grafadas com dois *ss*, *dosse* e *vosse* e, em outra, com *c*: *doce* e *voce*; *x* em lugar de *ch*, como em *xegar*, *xamaste*, *fexada*, *xama*, *xorando*, *despaxo*.

Ocorre também a troca do *v* pelo *b*, a exemplo de *cobardia* e *libre*; do *b* pelo *v*, a exemplo de *revelde*. O emprego da letra *b*, em lugar de *v*, é herança da língua latina ou da espanhola ⁴⁴.

Observa-se a opção pelo ditongo *ou* em vez de *oi*, nas palavras *cousa* e *dous*: no primeiro ato, a exemplo dos versos: *eu ca não sei dessas couzas*; *Apollo? tal couza crera*; e *veras couzas taõ bellas*. No segundo ato: *So de hua couza he precizo*; *Pois Sera couza indecente*; *de tal couza, ja me emtende*. No terceiro ato, a exemplo de: *julgo ser couza preciza*; *Aqui estou, q' ricas couzas!*; *q' trocassem os dous filhos*; *em dous papeis escrevendo*.

Nos versos 751 e 772 do primeiro ato, usam-se, respectivamente, as formas *coutadito* e *coitadinho*.

Há grande número de ocorrências de grafia diversa para a mesma palavra, com duas e até três variantes, a exemplo de *Rei* e *Reÿ*; *pai* e *paÿ*; *lei* e *leÿ*; *emquietta* e *inquieta*; *taobem* e *tambem*; *erdeiro* e *herdeiro*; *peça* e *pessa*; *caotela* e *cautella*; *cabeça* e *cabessa*; *cetno*, *ceptru*, *setro*, ocorrendo também o mesmo em algumas formas verbais, como *hei* e *ei*; *haver* e *aver*.

Tais ocorrências não são incomuns:

Do ponto de vista da história da língua portuguesa, é muito recente sua normatização ortográfica. Esta só abandonou seu período “pseudo-etimológico”, segundo Ismael de Lima Coutinho, em 1904, com a publicação da *Ortografia Nacional*, de Gonçalves Viana, que veio

⁴⁴ ARAÚJO, Emanuel. **Publicação de Documentos Históricos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985, p. 39.

salvar a ortografia “do caos em que se debatia” (COUTINHO, 1954, p. 66-67 et seq., apud OLIVEIRA, R., 1995, p. 47) ⁴⁵.

É recorrente a geminação de consoantes no interior das palavras, como em *pello; tollos; tollete; tollinha; ridiculla; fallai; falle; ella; lambedella; callado; sette; Apollo; bulla; elleve; bella; infallivel; vallor; aquella; belleza; aballo; estallo; vallor; cutello; donzella; callote; bollo; carollo*.

Com relação à fonética, as formas do indicativo presente terminadas em **m** são grafadas com a terminação *aõ*, a exemplo de *fallaõ*, por *falam*; *chegaraõ*, por *chegaram*; *cercaõ*, por *cercam* ⁴⁶. Quando se trata dos fonemas /**m**/ ou /**n**/ geminados, indicam nasalação da vogal anterior: *commigo; emmende; penna*.

A nasalação das vogais é indicada, sempre, pelo /**m**/ ou pelo /**n**/, mas, antes de qualquer consoante, o copista usa o /**m**/ e menos o /**n**/: *comceito; comdeno; comtemplo; comdenada; confessar; compadeça; conflictio; comsequencia; comsidero; comtrato; comfusas, congresso; comserva; comtenda; comtradigamos; comversas; emcomenda; emtendimento; emtende; emcaixei; emternecida; emquanto; emtrar; emfim; emloqueço; infeliz; inquietta; omde; prompto*. Já no caso em que ocorrem encontros vocálicos, usa-se o /**m**/ para indicar a nasalação da vogal, como no verso 179 do 1º ato: *meu Pai se opoem, e mais temo*; no verso 127 do 2º ato, quando Corisco refere-se ao príncipe Querinto: *Poem [...] (quer) as couzas...*; no verso 186, também do 2º ato, no diálogo entre Corisco e Querinto: *Supoem q' não percebeste...*; no verso 992 do 3º ato: *epoem finalmente, a Sorte...*

Os arcaísmos sintáticos ou de construção aparecem na falta de pontuação ou de pontuação irregular, segundo os padrões vigentes.

Ocorrem também os casos de incorreção na concordância verbal, a exemplo das marcações de cena *os guardas que acompanhe*, em vez de “os guardas que acompanhem”, e de concordância nominal, a exemplo dos versos *Oxala não fora certo* [sic]/ *esta noticia*, em vez de “não fora certa...”

⁴⁵ Ver também ARAÚJO, Emanuel, op. cit., p. 20.

⁴⁶ O primeiro a propor o uso moderno das grafias - *ão* e - *am* para distinguir as formas verbais da terceira pessoa do plural acentuadas e não acentuadas, bem como dos sinais de acentuação que indicam as vogais abertas e fechadas foi João Franco Barreto, em *Ortografia da língua portuguesa*, de 1671. Bento Pereira, na *Ars grammaticae*, de 1672, recomendou a diferenciação entre *i* e *j*, bem como entre *u* e *v*, além de condenar o uso das vogais geminadas e das consoantes duplas iniciais. ARAÚJO, Emanuel, op. cit., p. 20.

Há diferenças quanto ao emprego das maiúsculas e minúsculas de acordo com as normas atuais, como por exemplo, o emprego de minúsculas após sinais de pontuação, inclusive ponto final, e de maiúsculas no meio de um verso:

- Nos três primeiros versos do primeiro ato:

Mat. Não me suspendas os passos,
amada filha Dircea,
Deixame partir, pois quero...

- Nos versos que se seguem, do mesmo ato:

Dirc. Então
225 temo sorte mais adverça:
pois tu, Espozo, bem sabes
a terrível leÿ, que ordena,
que toda a mulher Vassala
Cazando com prolle regia
230 sera comdenada a morte.
assim [?] nenhua cautella
me pode Valler calando,
Ofendo o Ceo, e a mim mesma
mas Se fallo descobrindo
235 A lei, e a Rei fasso ofença.

Com relação à linguagem, aparecem algumas expressões e ditados populares que indicam sobre o falar da época:

“À mão - tente” - À queima-roupa.

“À mão tesa” - Com força.

“Amor de borra” - Não encontrei esta expressão em dicionários, mas pelo contexto parece significar “Amor sem valor”.

“Antes que o carolo ferva”: Não encontrei esta expressão em dicionários, mas entendo o sentido como: “Antes que as coisas fiquem complicadas”.

“Agora aqui faço molho”: Não encontrei esta expressão dicionarizada, mas interpretei, pelo contexto, como “Agora não saio daqui”.

“Aqui-del-rei!” - pedido de socorro.

“Armar arengas”: enganar, mentir.

“Boca bem fechada a maxabrão e tranqueta”: Não encontrei esta expressão em dicionários, mas interpretei, pelo contexto, como “Pessoa discreta, que sabe guardar segredo”.

“Boas Festas”: Pelo contexto, o sentido é: “Passe bem!”

“Dê na cabeça”: Prejudique.

“De peta”: De logro, brincadeira.

“Encaixar lograções”: Tapear, enganar, iludir.

“Ficar com a boca aberta”: Sem nada, no prejuízo.

“Fora daqui, que há pulgas” - A expressão não foi localizada nos dicionários consultados. Pelo contexto parece ter o sentido de “Aqui há problemas, complicações, perigo”.

“Modo esquisito”: O termo *esquisito* era empregado com o sentido de achado com dificuldade ou raramente, precioso, excelente, primoroso. Parece tratar-se de influência da língua espanhola, um espanholismo raro.

“Não nos dê à taramela”: Não falemos fora de hora. Não sejamos tagarelas.

“Nem tudo que luz é ouro”: As aparências enganam.

“Olhe que não sou da bulha”: Não sou de barulho, de confusão, de desordem.

“Pegar com um trapo quente”: Tentar corrigir o que não pode ser corrigido, remediar o que não tem remédio.

“Ter mão” - Ter cautela.

“Torcer linhas”: A expressão mais aproximada que localizei foi: “Torcer as voltas ou as meadas” (*Fig.*). Alterar os fatos; fazer o contrário do que prometera.

“Vá feito” - a expressão não foi localizada nos dicionários consultados. Pelo contexto parece ter o sentido de “Está decidido”.

“Valha-o hua figa” - Não encontrei esta expressão dicionarizada, mas interpretei, pelo contexto, como: “Deixe-o em paz”.

Quanto à métrica, os três atos são escritos, na maior parte, em versos heptassílabos.

No final do primeiro ato os versos têm medidas variadas e são rimados:

- Dirc. Por q' me leva com tirano intento
de me tirar o alento.
- 955 Tim. Dircea, não te oprima aflição tanta
teu desmaiado coração levanta,
não temas o rigor de hum pai irado
quanto [sic] Timante tens junto a teu lado.
- Mat. Dircea, vem depressa.
- 960 Tim. Matuzio, o rigor cessa,
Dircea não ha de hir.
Mat. Pois quem o impede?
- Tim. Eu.
- Mat. Desse empenho [corroído]
senaõ com esta espada.
- 965 Tim. Eu com ella taobem dezembainhada.
- Mat. Resestirei qual bronze.
- Tim. Eu como fera.
- Dirc. Ah Principe, detente espera ah pai.
- 970 Mat. Impio: pr. q' razão has de impedir-me
que eu rezoluto, e firme
Hua virgem Socorra,
p^a. q' em Sacrificio hoje não morra?
- (...)
- Tim. Vai impio, tirano,
q' inda te ha de pezar ser deshumano.
- 1065 Adr. Meu parecer talvez q' se não mude
[.....] ninguém tem pezar de hua virtude.
- Mat. Os deozes Sabem tua impiedade.
- Dirc. O Ceo conhece a minha adevercidade.
- Tim. Eu dos Deozes espero em tal perigo.
- Todos Vingança, indignação, raio castigo.

Os versos foram numerados segundo a norma convencional, de 5 em 5 linhas.

Edição diplomática

[fl. 1]⁴⁷

Opera⁴⁸ de
Demofoonte
em Tracia

Actores⁴⁹

Demofoonte Rei
Timante imaginado seu filho
Dircea imaginada filha de Matuzio
Matuzio Grande do Reino
Querinto, filho hereditario do Reino
Creuza destinada p^a. espoza de Timante
Adrasto Cap.m das Guardas Reaes confidente do Rei
Corisco, Graciozo, criado de Timante
Faisca Gracioza criada de Dircea
Pantufo Pai de Faisca sevandija de Palacio
Sacerdote de Apolo
Guardas Reais

---

⁴⁷ Os números das folhas encontram-se sublinhados, para evidenciar que não foram numeradas pelo copista. A numeração constante no apógrafo é posterior.

⁴⁸ [Opera] A palavra foi acrescentada, em período posterior, à esquerda da constante no manuscrito. Foi escrita com tinta azul, utilizando-se caneta - tinteiro.

⁴⁹ [Atores] A palavra foi acrescentada à direita da constante no manuscrito. A caligrafia é a mesma citada na nota anterior.

Acto Primeiro

[fl. 2, 1ª coluna]

Sahe, Matuzio, Dircea e Faisca

- Mat. Não me suspendas os passos,
amada filha Dircea,
Deixame partir, pois quero
hoje do Rei naprezença
5 desafigar apaixaõ,
que o meu socego emquietta.
- Dirc. Pai, Snr', repara eadiverte,
que nesta acaõ, q' hoje intentas,
fazes q' hum mal duvidozo
10 chegue aser ruina certa.
- Mat. Amote, ofilha, enaõ tenho
sofrimento, nem paciencia
de consentir que oteu nome,
junto das outras donzellas,
15 nafatal Urna das Sortes
misturado taobem seja.
- Dirc. He amor digno dehum Pai;
Mas se aleÿ de Apollo ordena,
que sempre no dia dehoje
20 seus altares humedeça
osangue de illustre virgem,
epor isso se decreta,
que os nomes entrem naUrna,
para se tirar aquella,
25 aquem oseu duro fado
ao Sacrificio comdena
como queres q'entre tantas
eu Somente fique izenta
dehua pena que talvez
30 amim nunca meaconteça?
- Mat. Eporq'. nas fataes sortes
taobem entra arole Regia?
- Dirc. Essa naõ mas entraõ todos,
Exceptuando as Princezas.
- 35 Mat. E julgo pouco esse exemplo:
eu devasallo na esfera
sou menos Pai do q' Rei:
A leÿ de Apollo so lembra,
que osangue devirgem nobre
40 se sacrifique mas seja
qualquer que for, naõ exclue;
nem areal descendencia.
Eja que o Rei Demofonte

[fl. 2, 2ª col.]

85 ehe mui temeraria empreza
 provocar a indignaçã
 dequem poderozo impera.
 Ja Demofoonte te atende
 com dezagrado, enã queiras
 90 unir aos odios antigos
 as indignaçõens modernas.

Mat. Filha, emvã mepersuades
 a que a [s] ⁵⁴ sua [s] ⁵⁵ ira [s] ⁵⁶ tema:
 quem tem o Ceo dasua parte
 95 iras dehum Rei ãõ receia. _____ **Vaise**

Faisc. Ai, Senhora, quanto temo
 que opaizinho com tal teima
 faça ainda alguma embrulhada,
 que atodos de na cabeça.

100 Dirc. Muito o receio. Oh Timante
 meu Espozo, quem medera
 fosses agora presente.

Faisc. Se isso somente dezejas,
 Socega que elle ãõ tarda,
 105 e entendo virá depreça.

Dirc. Que dizes?

Faisc. Que o Rei Seu Pai
 mandou viesse da guerra
 para aCorte. Olhe, ãõ minto,
 110 aqui otens ja na prezença.

Dirc. Que gosto!

Sahe Timante eCorisco

Tim. Querida Espoza.....

Dirc. Silencio, Senhor, ãõ Seja
 de alguem ouvido este nome.

115 Tim. Não, minha vida, ãõ temas,
 Que ainda que alguem nos ouvise
 ter susto algum ãõ deveras:
 porq' me tens ateu lado
 prompto natua defença.

[fl. 2 v., 2ª col.]

120 Cor. E aqui esta taobem Corisco,
 que para amantes emprezas,
 custume dessa Faisca
 Sou vivo raio de Guerra.

---

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

125 Faisc. Snr' Corisco, bem vindo.
com q' ainda demim selembra?

Cor. Lembrome, por meus pecados,
nem hejusto q' me esqueça,
pois trago essa carantonha,
estampada nas ventrexas.

130 Dirc. Principe, como he possivel!
que eu presente aqui teveja?

Tim. Do Rei meu Pai sou chamado
á corte.

Dirc. E a cauza ponderas?

135 Tim. Naõ, meu bem, seja qual for,
sempre o gosto lizongea,
pois foi motivo que eu visse
quem aalma tanto deseja.
Dizeme, querida Espoza:
140 passastes bem nesta auzencia?
lemVrivate oteu Timante?

Dirc. He forcozo q' meofenda
essa pergunta. Duvidas
daminha amante firmeza?

145 Tim. Naõ, vida, sei q' me estima:
mas doteu peito asfinezas
Saõ mais doces repetidas
pella tua bocca mesma.
Dize: ecomo esta Olinto
150 aquella querida prenda
de nossos castos amores
á qual de nos seassemelha

Dirc. Teu semblante Magestozo
desde as mantilhas ostenta
155 Vejo nelle atua Imagem.
e as vezes talvez suceda,
quequando junto a meu peito
obraço ofilhinho aperta
taobem q' aperto nos braços
160 opai seme representa.

Cor. So tu negra rameloza
nunca medizes daquellas.

Faisc. Quando falar Seu Senhor
naõ nos de ataramella.

165 Tim. Ah querida Espoza minha
quantas angustias, epenas
nos custa onosso segredo!

[fl. 3, 1^a col.]

- 170   Eu ja não tenho paciencia
de o guardar hoje talvez
que hum meio oportuno eleja
com que saia desta angustia
q' anos ambos atormenta.
- 175   Dirc. Hoje talvez q' algum dano
mais terrivel nos Suceda
bem sabes q' oSacrificio
de Apollo hoje se celebra
omeu nome vai nas Sortes
por q' o Rei asim o ordena
meu Pai se opoem, emais temo
180   nesta terrivel empreza
antes q' o Rigor daSorte
do Pai e rei acomtenda.
- 185   Tim. Teu Pai de q' esminha Espoza
tem por acazo suspeita
- 190   Dirc. Nada Sabe q' oSegredo
Somente emmim se comserva
eem Faisca, quem fiey
anossa querida prenda
para que adesse a criar
oculta naSua Aldea
- Faisc.   Demim não tenha cuidado
porque eu ca para essas tretas
sou porta muy bem fechada
a maxabraõ, etranqueta.
- 195   Tim. Eu taõbem so aCorisco
revelei, que não chega
Hum Segredo arecatarsse
de quem nenhum tempo deixa,
de acompanharme fiel.
- 200   Cor. Quem eu ca he boa essa
eu ca não sei dessas couzas
não emtendo, Sou pateta.
- 205   Tim. Pois, Dircea, não te assustes,
se oteu mal não tem certeza:
antes deverce operigo
não he justo que se tema,
São mais osnomes, elogio
emti aSorte funesta
Ha decahir?
- 210   Dirc. Ese acazo
o Ceo quizer que Succeda
q'eide fazer? Não measusta
amorte, porq' Dircea

[fl. 3, 2ª col.]

- 215 Sabe morrer pella Patria;
mas Apollo quer que Seja
Sacrificada hua Virgem
Eu mulher, e Mai.....
- Tim. Suspenda
teu receio esse discurço.
- 220 Quando asorte infausta queira
que Suceda essa desgraça.
Direi q' tu es Princeza
que es Espoza minha.
- Dirc. Entaõ
225 temo sorte mais adverça:
pois tu, Espozo, bem sabes
aterrivel leÿ, que ordena,
que toda amulher Vassala
Cazando com prolle regia
230 sera comdenada a morte.
assim nenhua cautella
mepode Valler calando,
Ofendo o Ceo, eamim mesma
mas sefallo descobrindo
235 A lei, ea Rei fasso ofença.
- Tim. Basta, Dircea, de susto,
tens emmim quem te defenda,
meu Pai me estima, eu prometo,
q'ei de inclinallo aclemencia
240 Enfim, meu bem, te aseguro
Que emquanto nas m^{as}. veias
jorrar avida, ampararte
heÿ de com tal fortaleza,
que perdereÿ coroa, ceptro,
245 Pai, e Reÿ, so por que veja
entre os meus braços segura
aminha amada Dircea.
- Dirc. Com que podereÿ pagarte,
querido bem tal fineza?
- 250 Tim. A paga dos meus excessos,
es, minha Espoza, tu mesma.
- Dirc. Pois, Principe, aminha vida
noteu amparo se entrega.
- Tim. Nada de novo me ofereces
255 que opeito ha muito acomserva.
- Dirc. Pois, meu Espozo, aõ combate.
- Tim. Pois minha Espoza adefença. – **Vaoce**
- Cor. Agora, vosse Faisca,

[fl. 3 v., 1^a col.]

- leveme não Se detenha.
- 260 Faisc. Eu levallo: forte historia
he vosse mui boa pessa.
para eu ocupar meus braços
nessa figura nojenta.
- 265 Cor. Devagar com tais melindres;
com q' apessoa não presta?
Pois Saiba q' muitas, muitas:
andaõ atras de mim: qual dellas
há de vir aSer Senhora
da minha (gentilomeza)
- 270 Faisc. Eq' taes ellas Seraõ?
- Cor. Saõ muito melhores q' [..]
olha Saõ damas de [...] (furos)
asima da [.]cozinheiras.
- 275 Faisc. Pois Setem essas fortunas
entaõ porq' me requesta?
- Cor. Filha, Saõ [...] açoens:
deome emquererte deveras,
sotu mepareces bem,
todas as mais julgo feias,
280 tu tens Mais intendimento
do q' trezentos [.....]
Mais ilustre me parecez
do q' quarenta Princezas.
- [fl. 3 v., 2ª col.]
- Faisc. Sim mas vosse.....
- 285 Cor. Ja te emtendo:
dizes que tenho pobreza,
que não posso sustentarte;
Ah Faisca, como esnescia?
Nem tudo q' luz he ouro
290 debaixo desta roupeta
esta oculto quem pode
levantarte agrande esfera.
- Faisc. Fora la com omentirozo,
q' vem armando dearengas
295 va emcaixar lograçoens
aoutra q' onaõ conheça.
- Cor. Esmulher mortal, pr. isso
os Arcanos não penetras.
- Fais. Nem Arcanos, (mem) (Arcanjos)
300 antes q' fosses aguerra
não eras meu conhecido?
- Cor. Era. mas não sou quem era:

- pois deixei oSer q' tinha,
sim he esta cara amesma:
305 porem outro mui diverço
dentro dapelle seemcerra.
- Fais. Explique essa adivinhação:
falle, se quer q' eu o entenda.
- Cor. Pois, filha Sabe quem eu sou
310 (Masta), (bocca), he muita preça
fiar deti hum segredo
de tamanha comsequencia.
- Fais. Porq', tem la para Si,
que taobem sou chocalheira:
315 pois semenaõ falla claro
fique ahi so. Boas festas.
- Cor. Anda ca. / Oh quanto pode
commigo atua villeza /
Pois Sabe q' eu Sou: (Moita)
320 olha taobem naõ esteja
quem nos escute.
- Fais. Ninguem nos ouve. [fl. 4, 1ª col.]
- Cor. Pois va de peta. _____ **a p.** ⁵⁷
Eu Sou Apollo, que venho
325 Sempre neste dia aterra
aver o meu Sacrificio,
que no Templo Secelebra.
Epara ver disfarçado,
e que ninguem meconheça,
330 Sempre de alguma pessoa
me [...] sto na aparencia.
Sabendo que Corisco
estava morto na Guerra,
emcaixeime no cadaver,
335 ecom afigura mesma,
que elle tinha emSua vida,
heÿ defazer aSistencia
ao Sacrificio.
- Faisc. Que diz?
340 Ah Senhor, com que deveras
morreu na guerra Corisco?
- Cor. Oxala naõ fora certo
esta noticia. Morreo
de hua cotilada teza,

⁵⁷ Abreviatura de *à parte*. Esta marcação se refere à observação ou às reflexões que um personagem faz a si mesmo, quando está em cena com outros, de maneira a não ser ouvido por eles. É indispensável no teatro, para que o público saiba os sentimentos secretos do personagem e que não devem ser descobertos pelos seus interlocutores. Sousa Bastos, op. cit., p. 14.

345   que lhe pregou hum Soldado
           logo aSima da cabessa.
           Pois coitado, hera bom homem,
           esta ja eu Sei q' pega.   ———— a p.

Faisc. Pode aver maior desgraça?

350   Cor.   Filha, por que te lamentas?
           Deixa memorias sedigas,
           toma inclinaçoens mais frescas.
           Se perdes Corisco, tens
           Apollo, que te venera,
 355   muito mudas deventura,
           Se este meu amor aceitas.
           pois Sobes, Sem mais, nem mais,
           deSer Rascoa, a Ser Deoza.

Faisc. Mas passado este dia
 360   foge para aSua esfera,
           eentaõ ca apobrezinha
           fica com aboca aberta.

Cor.   Não, que (se eu casar contigo)   [fl.4, 2ª col.]
           (e) o espero, muỹ depressa
 365   hei de commigo (levarte).

Sahe Pantufo

Pant.   Oh le! temos ca comversas?
           mui bom negocio, Faisca?
           comq' isto heq' te emcomenda
           teu Pai?

370   Faisc. Ora não se emfade,
           meu Paizinho; se soubera
           com quem eu agora fallo,
           havia fazerme festa.

Pant.   Ah, ah, ah, pois não conheço
 375   ha tanto essa boa pessa.

Cor.   Pois digame: quem sou eu?

Pant.   Es Corisco.

Cor.   Olhe opateta
           como esta fora do cazo!

380   Faisc. Paizinho tenha paciencia,
           taobem como eu Se emganou
           olhe: este não he quem era,
           no corpo Sim he Corisco,
           mas nelle outra alma se enxerta.

385   Cor.   Ah mortal! por que o Segredo,
           que descobre, tu revelas.

Pant. Sempre he Corisco o corpo;
pois malhar-lhe-heÿ amaõ teza.

Vai para lhe dar

390 Faisc. Tenha maõ: que faz, Snr'
que da num Deos.

Pant. Com q' desta
casta saõ os nossos Deozes?

395 Cor. Faisca, deixa [...] deixa
que metoque, (tu) (veras),
sem que apancada meofenda.
como hum raio ofaz em cinza
caindolhe sobre a crica.

Pant. Raios! ja estou tremendo.

400 Cor. Senhor Pantufo la creÿa
o que bem lhe parecer:
ca por mim naõ repreenda
a Faisca, pois lhe corta
(a ventura), q' aespera.

405 Pant. Pois contame, rapariga [fl. 4 v., 1ª col.]
que circumstancias saõ estas

Faisc. O Senhor he Deos Apollo.

Pant. Apollo? tal couza crera,
se elle fizesse hum milagre
aqui na minha prezença.

410 Cor. Milagre? farei hum cento.
Epara que logo os vejas
Poente aqui, emais Faisca **Poen**
nos pasmados cada hu a Seu
lado⁵⁸

415 Bom: has de estar hora e meia
Sem olhares para traz
everas couzas taõ bellas,
que fiques embasbacado
por hua Semana inteira.

Pant. Aqui estou.

Faisc. Mais eu taobem.

420 Cor. Pois nenhum volte a cabessa.
Voume Safando ligeiro,
antes que o carollo ferva. **ap.**
Sentido, deixemse estar.
ADEos combem lhe amanheça. **Vai**

⁵⁸ A marcação encontra-se desta forma no apógrafo por causa da falta de espaço na margem direita.

**Ficão os dous pasmados no lugar em
q' os puzeraõ, olhando para o (Povo), e
Sahe Matuzio e Adrasto**⁵⁹ *

425 Adr. Não pode tardar o Rei.

Mat. Eu aqui por elle espero.

Adr. (Mais quem) temos neste citio? ⁶⁰
[Cor.] ⁶¹Que fazeis voz aqui dentro?

Faisc. Paizinho, não volte a cara

430 Pant. Caluda: estamos nos vendo
em que paraõ taes milagres.

[Cor.] ⁶² Não me respondem?

Faisc. Segredo.

[Cor.] ⁶³ Quem saõ vosses: digaõ

435 Pant. Moita.

[Cor.] ⁶⁴ (Pois) desta sorte veremos
(se haõ) defallar. ————— **dalhe**

Pant. Ah Faisca
la vai hum millagre bello.

440 Faisc Não semova,

[Cor] ⁶⁵ (Inda) não ouvez? [fl. 4 v., 2ª col.]

Pant. Eu ca estou satisfeito:
mas aquella rapariga
façalhe hum milagre aomenos.

445 [Cor.]⁶⁶ Idevos embora, loucos **da em ambos**

Fais. Ai q' medeo nobarbelho.

Pant. Não te movas, q' he milagre.

Ambos Eudo milagre arenego.

⁵⁹ A frase parece ter sido riscada. Não compreendemos o sentido do asterisco, assim como do outro abaixo, entre o verso 448 e a marcação da próxima cena. Parecem indicações para sinalizar a apresentação.

⁶⁰ Este verso parece ter sido riscado pela delimitação feita no texto.

⁶¹ O nome Adrasto foi riscado e abaixo, à margem esquerda, foi escrito, equivocadamente, o do personagem Corisco. Esta fala é continuação da do verso anterior.

⁶² A fala correta, pelo contexto, é de Adrasto. A alteração, que parece da época do manuscrito, está incorreta. A caligrafia não é do copista.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

Vaõ se fugindo, eSahe oRei eguardas

Dem. Meus vassallos, bemquizera
 450 aleviar meu Imperio
 deste jugo taõ pezado,
 que oSuprime hatantos tempos:
 mas como do Deos Apollo
 tanto venero os preceitos,
 455 emquanto elle os naõ revoga.
 hei decom rigor austero
 Ser rigido executor
 deSeus devinos decretos.

Mat. Pois, Senhor, naõ he possivel
 460 descobrirmos algum meio,
 com que tanta ira se aplaque.

Dem. Ja omtem deApollo aoTemplo
 fuý outra vez consultar.

Mat. Eque respondeo?

465 Dem. [Com]⁶⁷ O ecco
 formidavel, eespantozo
 emprezença do Congresso,
 quemeacompanhava, disse
 deixarei deSer Severo,
 470 reprimindo as iras, quando
 for entre voz descoberto
 com evedencia oinnocente
 usurpador deste reino.

Adr. Estas vozes saõ comfuzas.

475 Dem. E emquanto eunaõ asemtendo,
 apezar daminha magoa,
 o antigo rito naõ deixo
 de Sacrificar avirgem.
 Adrasto, recado ao Templo,
 480 para que todos os nomes
 Sejam lançados denovo
 das Sortes na fatal Urna.

Adr. Principe, Snr', te obedeço.

[fl. 5, 1ª col.]

Mat. Pois (meu) Rei, ninguem se exclui
 485 desse tirano decreto?

Dem. Ninguem, Matuzio, q' os Reis,
 quando prezumem de rectos,

---

⁶⁷ A preposição *Com* foi acrescentada à esquerda, com caligrafia diferente, embora pareça ser da época do manuscrito.

- naõ daõ ahuns os castigos,
ea outros os privilegios.
- 490 Mat. Etuas filhas taobem
entraõ nas Sortes?
- Dem. Ao menos
naõ valerá as Princezas
aproteção domeu cetro?
495 asistem longe de Tracia:
ehabitando outro terreno,
tem izenção das pençoens
que Saõ proprias deste reino.
- Mat. Pois minha filha Dircea,
500 por naõ ter oSangue Regio,
hade exporce adura sorte?
- Dem. So minhas filhas izento:
pois como naõ tem iguaes,
taobem naõ Servem de exemplo.
- 505 Mat. Entre o Reÿ, e entre oVassallo,
o sangue todo he omesmo:
por que apurpura naõ faz
que oSangue seja mais vermelho.
- Dem. Que intentas ouzadamente
510 dizer nesseteu conceito.
- Mat. Quero dizer, q' se es Pai,
eu taobem oSou, etemo
ver minha filha querida
exposta a taõ manifesto
515 Precipicio. Assim concluo,
sem rebuço algum, dizendo:
que, ou haõ de entrar as princezas,
ouque, Seguindo este exemplo,
Dircea naõ ha de emtrar.
- 520 Dem. Que atrevidos pensamentos
Revolves, Matuzio? Assim
(pertendes) com furor nescio
ultrajar as leÿs dos meus
Irrevogaveis decretos?
525 Tu naõ vez q' es meu Vassallo?
- Mat. Hoje o Ser Pae he pr [.....] [fl. 5, 2ª col.]
(mas) para Ser (castigado)
- Dem. (Pello) teu atrevimento
hadeser sacrificada
530 tua filha, ehas de estar vendo
tu proprio a tua ruina.
As Sortes hoje naõ quero.

- 535 Oh lá, para oSacrificio
todas as mais dispenço,
so Dircea ha de morrer.
esta avitima, que elejo,
easim na vida da filha
do Pai ofuror comdeno.
- Mat. Não faras, barbaro Reÿ,
540 holocausto taõ horrendo
emquanto hum Pai comcervar
no coração vivo o alento.
- Dem. Oh la, prendasse Matuzio
que asim meperde orespeito.
- 545 Mat. Ninguem se chegue a prenderme,
porque atodos dezatendo,
serei emminha defença
Leaõ Bravo, eTigre fero.

Vaíce
defendendo com a espada

- 550 Dem. Sigasse Matuzio logo,
prendasse pois nelle intento
deixar afutura idade
da minha justiça exemplo.

Sahe Timante

- Tim. Meu Pai, meu Reÿ.
- Dem. Meu amado filho.
- 555 Tim. Quem faltava ao respeito,
datua soberania
pois logo ao entrar te observo
dando vozes indignadas
com semblante emira acezo?
- 560 Dem. Com tua amada presença
ja todo o furor modero
Vem, filho meu ameus braços.
- Tim. Eu como a Pai amaõ beijo
Mandasteme Senhor chamar,
565 acampanha, eprompto venho,
[.....] obdiente
[.....]ado em teus (preceitos)
[.....] assistencia [.....]
[.....] guerra
570 dezagrada, pois so quero
exercitar oteu [sic] genio
entre os estrondos de Marte.
- (Dem). Eu taobem gosto, ecomtemplo
ovalor dos teus triunfos:
575 Mas tu és demais apreço,

[fl. 5 v., 1ª col.]

- equero darte em descanso
 de tantas lidas opremio,
 tu, como Principe, efilho,
 tens largos merecimentos:
 580 Eu, Pai eRey em premialos
 devo por todo desvello.
- Tim. Oportuna ocaziaõ
 para lhe expor meus intentos ————— **ap**
 Meu Pai, deteu peito illustre
 585 tanto abundade conheço, que:::
- Dem. Naõ podes conhecella
 bastantemente, pois quero
 fazer mais do que imaginas:
 Tu naõ fallas, eeute emtendo,
 590 pois leyo noteu semblante
 dessa tuaalma os Segredos
 Tu dezejas finalmente
 que te veja todo o Reino
 com tua Espoza ateu lado.
 595 Naõ saõ estes teus desejos?
- Tim. Certamente elle ja Sabe. **ap**
 Que espoza em Dircea tenho.
- Dem. Sei q' afalar naõ te atreves
 eesse teu mesmo Silencio
 600 me persuade a execuçaõ
 de teus amantes empenhos.
 Eu naõ queria este laço,
 pois como o Paÿ aborreço,
 ja para afilha olhava
 605 com dezagrado edesprezo.
 Mas emfim preValeceo
 oquerer dar cumprimento
 Aoteu gosto. [fl. 5 v., 2ª col.]
- Tim. Elle ja sabe ————— **ap**
 610 quanto ocultava meo peito.
- Dem. Com q' meu ⁶⁸ filho, [riscado] a caotela ⁶⁹
 ja he resguardo indiscreto.
- Tim. Querido Pai, vida nova
 me daz; minha Espoza quero.
 615 Euvou para comduzila
 ateus pes.
- Dem. Isso he superfluo
 porque ateu Irmaõ Querinto
 tenho incumbido este emprego.

⁶⁸ O pronome *meu* foi riscado.

⁶⁹ A palavra riscada está ilegível e foi substituída pela expressão *a caotela*. A caligrafia não é a do copista.

620 Tim. Que não esperada dita. — **a p**

Dem. Nas praias espias tenho,
que logo me avizem.

Tim. Praias?

Dem. He favoravel ovento,
625 e tanto que anão chegue
logo aqui oSaberemos.

Tim. Qual náó?

Dem. Essa que conduz
a Creuza para efeitoito
630 deSer tua Espoza.

Tim Oh Deozes!

Dem. Julgas q'. foi arduo empenho.
certamente; porque os odios
antigos dehumeoutro reino
635 não nos davaõ esperança
detaõ ditozo comSerto.

Tim. Sr.: tu cres.: q'eu.: acazo.:
ha mais inSofrivel erro. — **a p**

Dem. Esposa Sem Ser vassalla
640 não acheÿ outra.

Tim. Emloqueçeo. — **a p**
Ser Vassalla, ouSenhora,
q' importava p^a. o affecto?

Dem. Isso não, porq' aleÿ manda,
645 que, quando seunir ao Ceptro
Mulher Vassalla, em castigo
dehum arrojo taõ Soberbo
Seja comdenada amorte,
e eu que prezumo directo,
650 Sempre heÿ deSer desta Leÿ
executor mui Severo.

[fl. 6, 1^a col.]

Tim. Essa Leÿ...

Sahe Adrasto

Adr. Senhor, chegaraõ
agora com feliz vento
655 as náos de Frigia aeste porto. — **V.**

Dem. Pois, Timante, vai ligeiro
a receber tua Espoza.

Tim. Eu?

Dem. Sim, teu companheiro
660 taobem eu quizera Ser

porem hum cazo funesto
deste anual Sacrificio
mechama com pressa ao Templo.

665 Tim. Ouveme, Senhor, espera,
não te auzentes. Mas q' peço. - a p

Dem. Falla, dizeme o que queres.

Tim. Eu, Senhor, confessar quero:::
q' farei:: a p Quero pedirte:::
oh Deos, q' rigor funesto. - a p
670 o Sacrificio::

Dem. A elle vou.

Tim. Mas a Leÿ::

Dem. Em nada aofendo.

Tim. A Espoza....

675 Dem. He chegada ao porto.
Vai recebea com cortejo;
mostrate afavel.

Tim. Senhor,
Espera:: Sabe:: ouve aomenos::
680 pois, não me entendes? digo::

Dem. Confesso q' não te emtendo.
Vai depreça noutro dia
mais devagar fallaremos. Vai

Tim. Digo q' este Sacrificio::
685 A Leÿ:: A Espoza:: o Decreto:: o Reÿ
Mas oh Decreto: oh Espoza!
oh Sacrificio! oh tormento! Vaice

Canta⁷⁰

**Vista de Marinha [....] Corisco
fugindo de Pantufo, que lhe quer dar**

[fl. 6, 2^a col.]

Cor. Tenha maõ, Senhor Pantufo.

690 Pant. Amaõ temte, Sou Corisco
quero fazer hum millagre
com que lhe quebre os focinhos.

Cor. Homem tem maõ, quete perdes,
pois quando me vens jurzindo,
695 (brama) o carrollo que levo,
mas [sic] abobadas do Olimpo;
etemo que Sobre ti
venha logo de improvizo

⁷⁰ No texto não há indicação da música que deveria ser cantada.

- meu Pai Jupiter com raios,
que te faça empuro cisco.
- 700 Pant. Seja oque der, entrementes
vou fazendo um milagrinho. **Dalhe**
- Cor. Ola Plutaõ venha logo,
e traga la desse abysmo
hum murraõ, que queime o rabo
- 705 deste velharraõ maldito. **Pant**
se asusta
- Pant. Bem chegando, viva viva.
- Cor. Pois que v [...] ouves os gritos?
Agora aqui Sentiras
teu justissimo castigo.
- 710 Dentro Viva aPrinceza de Frigia.
- Pant. Ai de mim que estou perdido.
vem o barulho do inferno
sobre mim; Senhor Corisco.
- 715 Cor. Insolente! inda mechama
com esse nome abatido?
onde estou, que te não abro
da cabeça até o umbigo.
- Pant. Senhor Apollo, ou Senhor
quem quer que he, q' eunaõ lhe tiro
- 720 nem lhe ponho couza alguma,
pessa a seu Paÿ, eaos seus tios,
que de mim Secompadeça
pois tenho mulher e filhos.
- 725 Cor. Ja agora não ha remedio
hei deSepultallo vivo.
Pancadas num Deos!
- Pant. Pequeÿ:
mas estou arependido.
- Dentro: Seja bem chegada, viva. [fl. 6 v., 1ª col.]
- 730 Pant. Pois que esta perto o alarido,
deixeme ir embora.
- Cor. Nada.
So ira daqui Sem risco
Se prometer aqui
- 735 emtodo olugar eSitio,
de não maltratar Faisca,
inda que aveja commigo.
- Pant. Eu prometo ereprometo.
- Cor. Ande dahÿ quehe indigno

740 de Ser meu Sogro: levante
ao ar o dedo meminho.

Pant. Aqui otenho levantado.

Cor. Ora vasse rebolindo
que eu comporei os Deozes
745 para operdaõ dodelicto.

Pant. Seja pello amor de Deos,
voulhe muito agradecido.

Vaice
fazendo cortezias

Cor. Otal velho he bem pateta
basta ouvir omurmurinho
750 do desembarque, que se fas
aPrinceza / Coutadito!/
para se emcasquetar logo,
que vinha de todo o abismo
fogo para o castigar:
755 a elle iremos nutrindo,

agora ja que meachey⁷¹
por acazo neste citio,
para ver esta funçaõ.
La vem (escaler) Sahindo
760 e atoda a força os remeiros,
pondo nas praias o fito,
as agoas cortaõ domar.
[.....] a terra.

Dentro Victor, Victor.

765 Cor. Victor Victor He bizarra
esta Princeza mas isto
em que ha devir aparar?
elle cazado com filho,
agora venlhe outra espoza:
770 (Porem) nunca se tem visto
ficar hua Princesa [...],
que oPrincipe coitadinho,
por mais que faça não pode
dividirce emdois maridos
775 Ahi vem desembarcando:
mas eu voume Sacudindo,
dar a Timante a noticia
de quanto ja tenho visto.

[fl. 6 v., 2^a col.]

Vaice

**Sahe Querinto e Creuza precedi
dos de acompanhant^o. ____**

Creuz. Basta, Principe, não mais
780 quero ouvir teus dezatinos:

⁷¹ Esta parte encontra-se demarcada no manuscrito. Não é possível saber com que finalidade.

esse affecto, que divulgas,
 he injuriozo ahum filho,
 a quem Seu Pai commeteo
 de condutor o exercicio.

785 Quer. Não accuzes, o Princeza,
 o meu amor de atrevido,
 por que deste atrevimento
 tu mesma foste o motivo,
 es entendida, e formosa,
 790 e foi impeto preciso,
 depois dever teu Semblante
 ficar de amores cativo.

Creuz. Não mais, Principe, Suponho
 que foi lizonja o delirio;
 795 venho acazar, meu Espozo
 he Timante enão Querinto.

Quer. Vens o Princeza de Frigia,
 com modo novo, e exquisito,
 para Ser a minha morte
 800 com teu semblante divino.
 Mas ahi chega Timante _____ a p
 o disfarçar he preciso.

Sahe Timante

Tim. Querinto, irmão, a Princeza
 he esta?

805 Quer. Hesta he. Que Sinto. _____ a p

Tim. Com ella quero fallar
 em Segredo.

Quer. Eu me retiro.
 Que pena _____ a p

810 Creuz. Espozo, Senhor. [fl. 7, 1ª col.]

Tim. Princeza, grande perigo
 anos ambos ameaça
 neste apertado conflicto
 815 soto podes defender
 a minha vida, e o teu brio.

Creuz. Que Succede?

Tim. Nosso Pay
 nos tem em hum nexo unidos,
 que ahi talvez dezagrada,
 820 e eu nem pedi, nem comsinto
 os teus meritos reaes
 São de hum alto Numem dignos,
 mas que eu seja teu Espozo,

825   não o consente o destino.
          De hum obstacullo invencivel
          me comsidero impedido,
          meu Paÿ totalmente oignora,
          nem eu posso descobrillo.
 830   Assim, o repudiarme
          esta bem ao teu capricho;
          rejeitame. Dize ao Reÿ.
          que emim [sic] não achas motivo
          para amor, que me aborreces,
          que omeu genio he dezabrido;
 835   acrescenta os meus defeitos,
          inventame alguns delictos,
          eu te perdoo as injurias,
          pois mefazes beneficio
          taõ Singular no repudio,
 840   que So desta Sorte evito
          aoteu decoro huma afronta,
          aminha vida hum martirio.

Creuz   Pois como assim?

845   Tim.   Eu não posso
          mais dilatar-me contigo.
          Irmaõ vais tu aPrinceza
          apalacio conduzindo

Creuz.   Dizeme aomenos acauza?
          dame Siquer leve indicio:::

850   Tim.   Quanto te posso dizer,
          Já, Princeza, tenho, dito,
          o mais Saõ Segredos dalma
          que na pronuncia tem risco,
          Somente os Sei descobrir
 855   [...] coração, onde os s[....] **Vaice**

[fl. 7, 2ª col.]

860   Creuz. Oh Deozes! tantos ul[.....]
          tratamento taõ indigno
          aCreuza, Real filha,
          e herdeira do Ceptro Frigio;
          assim Serecebe em Tracia
          Huma Princeza? Querinto
          tens coração para obrar
          hua ação deheroico brio?

865   Quer.   Este coração he teu,
          mandao, que elle faz capricho
          de te obdecer.

870   Creuz.   Pois vinga
          omeu decoro ofendido.
          Doute o coração, aalma,
          O Ceptro, a mão; não limito

ateu vallor premio algum.

Quer. Que queres que eu faça?

Creuz. Extinto
quero teu Irmaõ; a morte
875 lhe as de dar.

Quer. Cruel delicto!
morte ameu Irmaõ?

Creuz. Ah, ja
desmaia teu peito altivo?
880 não tens vallor, vaÿ que eu busco
quem me despique mais fino

Quer. Mas Princeza:::

Creuz. Não te emtendo,
vos ambos estais unidos
885 a perder o meu decoro.

Quer. E achas que taõ fementido
pode Ser omeu amor?

Creuz. Em nenhum preço o estimo:
por que o amor vesse nas obras.

890 Quer. Mas Creuza, hum Fraticidio:

Creuz. Basta: vamos a Palacio.

Quer. Eu para la te [.....]

Creuz. Pois eu levo a alma [ilegível]
quando com os passos te sigo

895 Quer. Eu com a alma te [.....]
que se irada te devizo,
ate nessa indignação
[.....] (forcozo) [.....]

Creuz. Quem der a Timante a morte
900 so do meu amor he digno.

[fl. 7 v., 1^a col.]

Quer. Não ha meio de aplacarte?

Creuz. Não ovejo nem o admitto.

Quer. Eu dissera q'::: Senhora.

Creuz. Tudo ofença he domeu brio.

905 Quer. Repara, bella Princeza.
olha que he comtrato indigno
vender oteu coração
pello preço de hum delicto.

Creuz. Hua vingança he nobreza.

910 Quer. Pois Creuza.....

Creuz. Pois Querinto.....

Quer. Que dizes?

Creuz. Que queres?

Ambos Vamos
915 buscar socorro ao martirio. _____ **Vaice**

Cantao
[Sena]⁷² **Sahe Matuzio apressado com Dirc.**

Dirc. Omde me levas Pai?

Mat. Aomais dezerto
logar, q veja oSol onde emcuberto
teu rosto esteja em horror profundo,
920 anoticia dagente, ealuz domundo.

Dirc. Aÿ de mim infeliz.

Mat. Ah Pai cancado [sic];
olha ofruto que lucra o teu cuidado.

Dirc. Elle sabe o Segredo,
925 Eu espiro de medo. _____ **ap**
Senhor tem mais piedade.

Mat. Piedade ja não ha, não ha lealdade,
toda aclemencia esta hoje frustrada.

Dirc. Pois a teus pes lançada.... **ajoelha**

930 Mat. Que fazes?

Dirc. Eu queria chorar tanto....

Mat. Teu cazo nececita de mais pranto.

Dirc. Sabe a dura Sorte...

Mat. Vou buscar, hua não q' te transporte **V**

935 Dirc. Onde me queres comduzir tiranno,
onde Pai deshumano? **levantase**
Assim taõ impiamente
sem meu filho [...] (cente)
e para fim dos imfortunios meus [fl. 7 v., 2ª col.]
940 sem dar ao Espozo o ultimo aDeos.

Sahe Timante

Tim. Emfim te emcontro ja prenda querida.

Dirc. ADs., Espozo, aDs. o mª. vida
a Deos, epª. Sempre, ve q' te emtrego
omeu fª. de amor taõ dosse emprego

⁷² Foi acrescentada esta marcação, com caligrafia diferente, mas que parece ser da época do manuscrito.

945 eja q' eu não ofaço,
dalhe por mim hum apertado abraço;
quando elle for capaz de ter piedade
contalhe toda am^a. advercidade.

Tim. Espoza, que me dizes?

950 Dirc. Que oSegredo Sabe meu Pai

Tim. Etu deq' tens medo.

Dirc. Por q' me leva com tirano intento
demetirar o alento.

955 Tim. Dircea, não te oprima aflição tanta
teu desmaiado coração levanta,
não temas origor de hum pai irado
quanto Timante tens junto ateu lado.

_____ **Sahe Matuzio**

Mat. Dircea, vem depressa.

960 Tim. Matuzio, origor cessa,
Dircea não ha de hir.

Mat. Pois quem o impede?

Tim. Eu.

Mat. Desse (empenho) [.....]
senaõ com esta espada.

965 Tim. Eu com ella taobem dezembainhada.

Mat. Resestirei qual bronze. [.....]
(para)

Tim. Eu como fera.

Dirc. Ah Principe, detente espera ah pai.

970 Mat. Impio: pr. q' razão has de impedir me
que eu rezoluto, e firme
Hua virgem Socorra,
p^a. q' emSacrificio hoje não morra?

Dirc. Oh Deozes!

Tim. Mas emtaõ:::

975 Dirc. Callate agora. _____ **p^a. Tim.**
(q' o) pai nossos Segredos ignora.

Mat. Querer q' a m^a. filha acabe (avida)

Dirc. Eu fui quem me emganei.

980 Tim. Pois quem duvida
a Dircea livrar [.....]
eu te vi com offerro
namaõ dezembainhado

[fl. 8, 1^a col.]

- della oSemblante em lagrimas banhado,
 cuidei que atua ira
 985 contra ella Se conspira,
 esem mais discorrer briozamente
 a vida defender quiz da innocente.
- Mat. Pois não impidas, não, nossa fugida
 por que Sefor Dircea comprehendida
 990 vitima hade Ser no Sacrificio.
- Dirc. Ah infeliz!
- Tim. E donde tens indicio
 detaõ cruel ruina?
 Seu nome afatal Urna hoje destina?
- 995 Mat. Não mas teu Pai com barbara inclemencia
 da vida quer privar esta innocencia,
 eSem aCondenar ainfausta Sorte,
 Quer q' em castigo meu padeça a morte.
 Eu tudo te dissera;
 1000 poreo tempo não ha. Vamos.
- Tim. Espera.

**Sahe Adrasto com guardas
 que cercaõ a Dircea**

- Adr. Ola, guardas, Dircea seja preza.
- Mat. Principe, não to disse?
- Tim. Que fereza
 1005 He esta, Adrasto?
- Dirc. Aÿ triste, edesgraçada!
- Tim. Por que hade ser Dircea assim tratada.
- Adr. He ordem domeu Rei. Vamos.
- Dirc. Aonde, Ah crueis, me levais? dizeÿ.
- 1010 Adr. Suponde, q' a padecer aultima desgraça.
- Mat. O peito de ira, e magoa se traspassa.
 Que Dircea se prenda eu não tolero.
 nem [...] to, nem quero.
- Adr. Eu sempre te respeito,
 1015 mas domeu Rei cumprir devo opreceito.
- Tim. Adrasto, não conheces
 que eu Teu Principe Sou?
- Adr. Mas não te esqueces,
 que por Principe efilho juntamte.,
 1020 Deves ao pai, e ao Rei Ser obdiente.
- Tim. Se um Rei ordena uma incele

- mencia
 não he virtude, he crime a obediencia.
- Adr. A mim tal destinação não me pertence
- 1025 Tim. Pois ja q' a m^a. instancia não convence
 Com duro ferro desta aguda espada
 Seja Dircea as tuas mãos tirada **tira
a espa
da**
- Mat. Eu taobem a teu lado
 quero morrer emcolera indignado.
- Adr. Principe, Suspendeÿ::
- 1030 Tim. Pois ha piedade?
 deixas esta innocente em liberdade
- Adr. Isso não: (eu) protesto,
 que estarei em perigo manifesto;
 por q' emqt^o.tiver no peito alento
 1035 heÿ de prompto cumprir o Regio intento
- Tim. Pois eu p^a. q' se defendida **investe**
 ou hei deficar morto oudarlhe avida.
- Adr. Ola guardas, prendeÿ sem ter respeito,
 em observancia do real preceito.
- 1040 Dirc. Ah principe querido,
 vede bem q' ficas hoje perdido.
 Suspendeivos e deixai que triste morra.
- Adr. Qualqr que aesta infeliz hoje socorra
 Seja aqui destroçado.
- 1045 Tim. Ingrato, contra mim.
- Adr. Pois Se indignado
 não me deixas prender [.....]
 Traspassarei Dircea pello peito.

**{ Tira hum punhal e o aponta
Sobre o peito de Dircea**

- 1050 Tim. Barbaro, impio, cruel, detemte, espera
 Senão veras que como brava fera
- Adr. Se deres hum So passo
 com este punhal o peito lhe traspazo.
- Mat. Excuza he, Timante, nosso empenho.
 eu para aver morrer valor não tenho.
- 1055 Tim. Emfim; não basto euSo a tal empreza
 Vai, Dircea, eu te Sigo com firmeza

eu vou ao Rei meu Pai pedirte a vida
ouadeixar a m^a alli perdida.

1060 Dirc. Mais do q a m^a a tua he importante
(acabe) [...] Espoza [.....]

Adr. Vamos depressa.

[fl. 8 v., 1^a col.]

Tim. Vai impio, etirano,
q' inda te ha depezar ser deshumano.

1065 Adr. Meu parecer talvez q' se não mude
[...] ninguem tem pezar de hua virtude.

Mat. Os deozes Sabem tua impiedade.

Dirc. O Ceo conhece am^a adeversidade.

Tim. Eu dos Deozes espero em tal perigo.

Todos Vingança, indignação, raio castigo.

Vaoce

Acto (2º.)⁷³ Sahe Demofoon e

Adrasto.

Adr. Ja Senhor os teus preceitos
 Executei promptamente
 prendi Dircea, eaprição
 foi de tal custo, einteresse,
 5 quantos eraõ os contrarios,
 que defendiaona valente.

Dem. Tambem prendestes a Mattuzio?

Adr. Essa incumbencia não deste
 aomeu cuidado.

10 Dem. Pois Sabe,
 Adrasto q' menaõ Serves
 enquanto esse mão vassallo
 com brio e valor não prendes.

Adr. Vou fazer quanto meordenas.

15 Dem. Vai, elogo promptamente,
 tanto que for prezoneiro,
 mandote q' ao Templo oleves,
 pois quando espirar a filha
 quero que esteja presente,
 20 com Seus olhos observando
 banhar no sangue ao corrente
 as aras do Deos Apollo,
 pois num golpe juntamente,
 quando a Dircea dou morte
 25 castigo Seu Pai reVelde.

Adr. Farei quanto me emSinuas.

Vaice

Dem. Que este mão vassallo intente
 com genio soberbo ealtivo
 taõ gravemente ofenderme:
 30 (hum) Trono não sofre Injurias,
 hum Rei não sedezatende
 he precizo a Magestade,
 castigar exemplarmente,
 para avizo dos futuros,
 35 para terror dosprezentes.

[fl. 8 v., 2ª col.]

Sahe Querinto

Quer. Meu Pai, depois q' cheguei
 inda me não concedeste
 hum breve espaço deouvirme:
 por que quizera dizerte

⁷³ O papel encontra-se deteriorado. Pelo espaço que deveria ser ocupado pela indicação, é provável que o ato estivesse indicado em algarismos.

40   como executei as ordens,
               que na condução medeste
               de Creuza.

Dem. Estou Seguro,
               que todas inteiramente
 45   cumpriria o teu cuidado;
               Mas he bem q' se reserve
               ao tempo mais oportuno
               esta narração: padece
               muita aflição hoje o peito,
 50   e ainda que quero atenderte,
               mil cuidados efadigas
               este recreio me impedem.

Quer. So dehua couza he preciso
               que eu logo parte te desse.

55   Dem. Pois q' he? dize.

Quer. Que Creuza
               incomsolavel se sente;
               etemo que a sua magoa
               o teu Socego inquiete.

60   Dem. Pois quem maltrata a Creuza?

Quer. Meu Irmão adezatende,
               não a acompanhou, desprezaa,
               e tenho por evidente,
               que não ha de consentir
 65   no despozorio.

Aparece Corisco ao bastidor

Cor. Me melem
               se ele para aqui veio.
               Pois Senhor Corisco espere
               com El Rei esta fallando,
 70   mas se apratica for breve
               logo dou o meu recado.

Dem. É possível q' despreze
               Timante quem eu destino
               para sua Esposa? pede
 75   hum castigo mui severo
               tal delicto.

[fl. 9, 1ª col.]

Quer. Pai Socegue
               por agora atua ira,
               talvez q' o erro se emmende.

80   Cor. O Querinto he hum paz dalma,
               Se [...] contras lhe mete,
               prega com Irmão naforca,
               elle Principe mefecit.

- Dem. Venha Timante aqui logo.
- 85 Quer. Meu Pai, setu me comcedes
licenca de acomcelharte,
talvez que hum meio oferecesse:: ⁷⁴
- Dem. Dize, Querinto.
- 90 Cor. Ora ouçamos,
que amim eapello repente
cheirame aSer parvoice.
- 95 Quer. Tu, Senhor, sim, prometeste,
unir Creuza aTimante,
mas se elle não quer parece
que he preceito mui violento
constranjer a quem rebelde
repugna prenderSe emlaço,
que nem pedio, nem comSente,
Eu, Senhor, taobem Sou filho,
100 o mesmo sangue, q' aelle
pulsa nas veias, taobem
corre nas minhas, se queres?
mude Creuza de Espozo,
dequerer Timante deixe,
105 eu morro de Seus amores;
e que [.....] mais decente,
do que (unir) duas vontades,
aquem o gosto eamor prende
- 110 Cor. O amigo chega a braza
aSardinha como gente.
- Dem. Querinto, esse teu comcelho
do teu juizo defere;
[.....] por isso acertos
as loucuras te parecem. [fls. 9, 2ªcol.]
- 115 Que Se diria no mundo
quem Demofoonte conhece,
vendo perdida apalavra
movel que os Imperios rege
Creuza tem em Timante
120 mais avultado interesse,
herdeiro he desta coroa,
eera emganala vilmente,
(hum) Principe hereditario
para Espozo prometerlhe,
125 e darlhe hum filho segundo,
Que (So) tom [.....] rece.
- Cor. Poem [...] (quer) as couzas **a p**
como ninguem bellamente.

⁷⁴ A síncope do *e* resolve a questão da métrica do verso, heptassílabo.

130 Quer. Creuza taobem he filha
hereditaria, pretende
Espozo; porem não reino;
assim mais gloriozamente
dilatavas oteu Sangue,
135 pois davas dous descendentes:
hum que reinasse nafrigia,
outro q' emTracia Sucedesse.

Dem. Basta: prometilhe Timante
este ha de ⁷⁵ Ser!

Quer. Porem se elle:::

140 Dem. Não merepliques, Querinto
pois não he bem SeSugeito
aminha regia palavra
acomselhos imprudentes
dequem despreza a m^a honra,
145 eso áoSeu gosto atende;
Timante, Sim; he meu filho
e ha de em tudo obedecerme,
etu taobem oSeras,
se quanto eu quizer, quizeres.

Vai

150 Cor. Esta mui bem despachado
peguelhe com hum trapo quente.

Quer. Eu, Sim, não acho refugio
ao que meu amor pretende:
pois heÿ de unirme a Timante
155 por ver semefavorece.
[.....] seus intentos
[.....] nos mutuamente
comtradigamos meu Pai
entaõ veremos quem vence.

[fl. 9 v., 1^a col.]

Sahe Corisco

160 Cor. Ja podemos hir Sahindo,
Senhor Querinto:::

Quer. Que queres?

Cor. Quem, eu So quero dizer Senhor.

Quer. Pois dize.

165 Cor. Quero dizerlhe:::
mas [.....] hum negocio
de muito grande interesse.

Quer. Acaba ja.

Cor. Que Timante

⁷⁵ Foi anulada uma palavra através de rasura no formato de um pequeno quadrado.

- Pant. Senhor Apollo, piedoso::
- Faisc. Senhor Apollo, clemente::
- 215 Cor. Irra, escuzamos alcunhas.
por q' vos mortaes não tendes
autoridade depor
ca Sobrenome aos deozes.
- Pant. Pois Senr', se isto te agasta::
- Faisc. Pois Senr', se isto te ofende::
- 220 Cor. Sim, muito me escandaliza
essa ouzadia indecente!
não ca por amor de mim:
mas hum homem tem parentes.
- Pant. Eu setal couza adivinhasse::
- 225 Faisc. Pois eu ca se tal Soubesse::
- Cor. Pois saibaõ, (não) sejaõ tollos.
fallem, digaõ o que pertendem
não me ponhao sobre nomes,
efallem quanto quizerem.
- 230 Pant. Pois meu Senhor, Sem mais nada.
- Faisc. Pois meu Senhor simplesm.te:
- Cor. CallaiVos, bocas [.....]
Que parvoice disseste
Simplesmente, sem mais nada,
235 Chamais a hum Deos reluzente?
andai q' sois mentecatos;
estou para arependerme
de querer aparentarme
de taõ ridiculla gente.
- 240 Faisc. Confesso q' Sou tollinha.
- Pant. Eu Sou taobem tollete.
- Cor. Esta feito, eu vos perdoo,
vamos ao cazo: que tendes
commigo? fallai sem medo.
- 245 Pant. Visto seres taõ potente::
dizelhe tu rapariga,
que o coração se estremesse
so de ver oSeu semblante.
- 250 Fais. Eunada posso dizerlhe,
falle meu Paizinho, não
tenha pejo.
- Pant. Como heÿ de
falarlhe seate deSusto

[fl. 10, 1ª col.]

- tenho avoz balbuciante.
- 255 Cor. Ora fallem com os diabos:
eu ja não posso comterme,
olhe Sou Pantufo Velho
se não fora esta innocente _____ **p^a Faisc.**
ja lhe tinha esborraxado
260 acabessa naparede.
- Pant. Se acazo disso tem gosto,
eu lhe ofereço reverente,
não So cabessa mas ventas
olhos, naris, boca edentes.
- 265 Faisc. Paizinho callesse agora _____ **p^a Pant.**
fallar com elle medeixе.
Meu querido bem desta alma,
meu amorzinho, meu dengue
tem animo de agastarte
270 estando eu aqui prezente
Vosse nunca me quis bem
porq' se amor metivesse
não havia de agravar
meu Pai. [fl. 10, 2^a col.]
- 275 Cor. Meu genio agreste
nunca se pode fingir
não he de agora, mas Sempre
para as filhas Sou aSucar
para os Pais sou viva fera
- 280 Pant. Oh quem dera fora agora filha,
e não pai, por que pudesse
hua lambedella ao menos
desse asucar merecerlhe.
- Faisc. Paizinho, calle essa boca.
- 285 Pant. Callado estou, q' mais queres?
Senhor ouça minha filha.
- Cor. Sim Faisca que pertendes?
- Faisc. Implorar tua piedade::
- Pant. Ahi assenta oSer clemente.
- 290 Cor. Etaobem nesse costado
asenta hum murro a maõ tente.
- Faisc. Não Secallara, Paizinho;
- Pant. Callado estou, que mais queres
Senhor, ouça minha filha.
- 295 Cor. Ande dahi inSolente
que não he capas deter

- contacto nas minhas vistas,
apartece para longe
nem quero que amim sechegue.
- 300 Pant. Eu meaparto. Basta aqui. **a p**
Cor. Mais Sette passos.
Pant. Mui presto
hum, edois, etres, equatro,
cinco, Seis eeste Saõ sette.
- 305 Cor. Ora esteja ahi callado,
e olhe nem hum pé arede.
Agora fallemos nos
que elle a couza ⁷⁷ [acuza] não percebe.
- 310 Faisc. Eu o q' pedirte quero
muito bem pode dizerce
diante de todo o mundo.
Pant. Senhor, Apollo, comSente
que me coce na cabessa?
Cor. Não se bulla, nem [.....]
- 315 Pant. Ah pobre depois de (veres)
ainda [.....] (paciente)
Faisc. [.....] q' Dircea
heminha ama ::: [fl. 10 v. , 1ª col.]
- 320 Cor. Ate queres,
por que daqui amanhã,
talves q' eu tanto te elleve,
[.....] Dircea a limparte
teus sapatos chegue!
- 325 Pant. Ah Senhor, dame licença
para poderme remexer?
Cor. Mandolhe que não se mova,
nem bulla nem pestaneje.
- 330 Faisc. Com que, [.....] dizendo
eu quizera agradecerlhe
o amor com q' me tratou.
Ella a pobrinha innocente
ha de Ser Sacrificada,
mas Se tu te compadeces
ja he muito que alivres
- 335 Pois Sera couza indecente
comSentir q' os teus altares
humedessaõ com aquelle
Sangue, q' crime não tem,

⁷⁷ A palavra foi riscada e substituída, com outra caligrafia, por *acuza*.

- [.....] não merece.
- 340 Pant. Ah, Senhor, tenho vontade
de tal couza, ja me emtende.
- Cor. Sustenhasse.
- Pant. De licença
ao menos para espremerme.
- 345 Cor. Não conSinto:
- Pant. Pois va feito.
- Cor. Faisca quanto pertendes
hei deobrar por ti: Dircea
ha de viver mas adeverte,
350 que a vida que lhe ei de dar,
[.....] ta deve.
- Faisc. Deixame beijar teus pes.
- Cor. Não he lugar mui decente,
vem antes ca ameus braços
- 355 Pant. Isso não, so mequetrefe
arrede dahy Snr.' Apollo (apartaos)
- Cor. Afastate, impertinente.
- Faisc. Não desconfie Paizinho [fl. 10 v., 2ª col.]
que isto são modos cortezes.
- 360 Pant. [.....] cortezias
samente para as mulheres,
e para o Pai da criança
não ha nem meio abracete.
- Cor. Por isso não desconfie
365 sequer um abraço, chegue. V[.....]
- Pant. Vamos a isso, mas irra (abraça)
basta, basta, não me aperte
- Cor. Isto mesmo he cortezia.
- Pant. Dispenço, basta, ai meu ventre
370 ai que meobriga alañar
as tripas pello gasnete
Ah que del Rey contra Apollo.
- Cor. largote eu por q' vem gente:
- Faisc. Eu taobem te vou seguindo.
- 375 Cor. Anda, meu querido dengue,
que inda te eidever Princeza
la nessa esfera celeste. Vaõ se

fica xorando Pantufo, e sahe Creuza

Pant.	Ah q'del Rei contra Apollo ⁷⁸ .
Creu. 380	Que terrivel reino he este, Onde tudo soaõ queixas? homem, q' tens q' te [.....]
Pant.	Ah q'del Rei contra Apollo.
Creu.	Tu clamando contra os deozes?
Pant. 385	De deozes q' daõ taponas arrenegarei eudeles.
Creu.	Naõ te emtendo; sera louco.
Pant. 390	Olhe, estava eu, emtende? foi minha filha, e dahi elle com modos cortezes apertou, efoi entaõ::: esta he averdade [.....]
Creu.	Vaite, louco minhas magoas com teu mal naõ acrescentes.

395 Pant. Eu me vou, mas desta dor,
 por que te naõ compadece
 pedirei a algum deos
 hum abraço [.....]
 que te esboraxe o bandulho
 mem q' te quebre os dentes.

[fl. 11, 1ª col.]

Vaice

Sahe Matuzio ⁷⁹ <Demofoonte>

400 Dem. Princeza, bella Senhora
 A ti vinha procurar.

Creu. E eu So para te fallar
 Sahi do meu quarto agora.

405 Dem. Pois de mim que quer teu gosto?
 manda que prompto obedeço.

Creu. Como oteu favor conheço,
 e taobem o meu desgosto
 querote, Senhor, pedir
 licença para auzentarme.

410 Dem. Pois assim queres deixarme?

⁷⁸ Deste verso até o 393, o texto encontra-se delimitado. Não encontramos indicação que pudesse esclarecer o motivo desta marca.

⁷⁹ A palavra **Matuzio** riscada pelo copista e substituída por **Demofonte**.

assim de Tracia partir?

415 Creu. Somente a tua licença
as naos estão esperando,
não podes negarlha, obrando
Semquerer fazerme ofença,
Quando o meu reino deixava,
e para esta corte vinha,
foi So para ser Rainha,
e não para ser escrava.

420 Dem. E emtaõ as nupcias? o Espozo?

425 Creu. Não passes mais adiante.
o merito relevante
quer hum laço mais gloriozo.
Creuza não he igual
a tanto merecimento
<o seu alto pençamento>⁸⁰
he pouco espoza mortal.
Elle espera :: mas por ora
não he este o meu cuidado,
430 so quero o detreminado
projeto de me ir embora.
Posso, Senhor?

435 Dem. Tu, Princeza,
es Senhora do teu gosto:
mas verme a esta injuria exposto
he cruel he dura empreza.

440 Creu. Não posso capacitar-me
qual de nos tem mais razaõ.
O Principe:: poreu não
eu So dezejo ausentarme.

[fl. 11, 2^a col.]

Dem. Tu viste o Principe?

Creu. Vi.

Dem. Falloute?

Creu. Antes não fallara.

445 Dem. Que dizes?

Creu. Senhor repara,
que eu das injurias que ouvi
ja não quero ter lembrança.
so cuido na minha auzencia.

450 Dem. Talvez com [.....] decencia,
ou com muita confiança
ultrajace o teu respeito,

⁸⁰ O acréscimo indicado foi inserido no texto em linha vertical, por falta de espaço.

- Porem essa grocaria
 não he menos cortezia
 455 nem de dezagrado efeito.
 Tu Creuza, es costumada
 da tua Patria a ternura
 onde qualquer formuzura
 he com melindres tratada,
 460 Os de Tracia tem firmeza
 mas para tratar amores
 mostraõ nos exterior rigores
 e naspalavras dureza.
 E teu Espozo Timante
 465 se na guerra exercitando
 não alcança o que he agrado
 nem o q' he carinho amante:
 para atua companhia
 ira, que eu aSim o espero
 470 etu oseu genio fero
 logo no primeiro dia
 saberas domesticar
 tenho hua cuazi certeza
 de que ameiguice eafineza
 475 tu logo lhe as de emSinar.
- Creu. Tudo isso fora vencivel;
 mas Ser em Tracia ultrajada
 Creuza, erepudiada;
 he hua afronta insofrivel.
- 480 Dem. Como? a ti repudiarte [fl. 11 v., 1ª col.]
- Creu. Assim otenho emtendido.
- Dem. Sefora taõ atrevido
 Timante, para afromtarme::
 mas disso temor não tenho.
 485 Se em ti não houver a escuza
 de o querer, hoje ó Creuza,
 minha palavra te empenho
 que te de a maõ de Espozo.
- Creu. Obrigallo podereis,
 490 enarepulçaachareis
 ocazo mais afrontozo. _____ a p
 Muito bem Senhor, aceito
 atua real promeça;
 agora não acontessa,
 495 que lhe falte todo o efeito.
- Dem. Basta odito; esta Segura.
- Creu. Senhor, meu decoro atende,
 veque teu filho meofende,
 e adeverte q' he couza dura.

- 545 Tim. Pouco Seguro.
- Dem. E o respeito
he delle infallivel parto.
- Tim. Sim: porq' como emtemor
esse respeito he gerado,
550 tem os Subditos violentos,
naõ amigos: mas escravos.
- Dem. Pouco a pouco essa violencia
gera amor.
- Tim. Mas Simulado.
- 555 Dem. Timante quanto hoje ignoras
te irá otempo emsinando.
Fallemos deoutra materia.
Dizeme: que dezagrado
mostraste aPrinceza Creuza,
560 que a dita com modo estranho
se queixa de ti, e pede
satisfação dos (agravos);
Tua Esposa ha de ser hoje
tu a dezatendes, quando
565 deverias correspondella
com mil carinhos eafagos.
- Tim. Sinto em mim tal repugnancia
aeste nupcial contrato,
que inda que queira vencella
570 naõ posso.
- Dem. Se he necessario:::
- Tim. Nos fallaremos;
so he todo omeu cuidado
pedir de Dircea auida.
- 575 Dem. Inda em Semelhante cauza
as Suplicas me repetes!
Se o meu affecto te he grato
Deixa meu filho, essa empreza.
- Tim. Ah meu Pai, meu Pai amado,
580 tu me mandas, eeunaõposso
obedecer ateu mando.
Se eu mereci algum dia
teu affecto, se aos teus braços
cheguei vencedor daguerra,
585 trazendo por nobre ornato
no corpo generozas feridas,
na cabessa illustres louros:
se imitey o teu exemplo
nos marciais aparatos

[fl. 12, 1ª col.]

590 dandote do teu vallor
 muito fruto em poucos anos;
 seagloria dos meus triunfos,
 dilatava emmil aplauzos,
 te obrigou as Regias faces
 595 banhar de gostozo pranto;
 da liberdade, Senhor,
 absolve do golpe infausto
 aquella innocente vida
 de Dircea, o dezaõparo
 600 desta infeliz te commova:
 todos adeixaõ, sofallo
 eu pella Sua defença.
 Mas se me estimas tanto,
 por sua vida ofereço
 605 quanto sou, equanto valho.
 Sera deshumanidade
 ver em taõ florentes anos
 agonizar abelleza
 sobre atrozes hollocaustos
 610 poderas ver com teus olhos
 correr de Seu peito claro
 oSangue, eouvir os gemidos
 de seus innocentes labios;
 que em mal formados Soluços
 615 seraõ da morte no emSaio
 suspiros da Sua vida,
 queixas contra os teus estragos.
 Ehas detu ter coração
 para ver no ultimo arranco
 620 moveremSe aquelles olhos
 entre abelleza, eodesmaio:
 Ah meu Pai mudas decor,
 Como que estas aSustado?
 pello Semblante conheço;
 625 que Sentes no peito aballo.
 Que intentas ja? perdoarlhe?
 venSeote da dor o aSalto?
 oh, não te arrependas, não:
 mostre, Pai, mais humano,
 630 comcede a innocente avida
 porque a teus pes prostrado
 protesto não levantarme,
 emquanto aqui não alcanço
 para esta infeliz a vida,
 635 para o meu rogo o despaxo.

Dem. Principe, q exceço he este?
 queeide emtender, observando
 aternura, com que fallas
 em Dircea? abrazado

[fl. 12, 2ª col.]

ajoe
lha

- 640   teu peito esta certamente
de amor.
- Tim. Sim de amores ardo,
querolhe bem ja não posso
por mais dias ocultallo.
- 645   Dem. Ah! desse amor he nascido
a Creuza o dezagrado.
Edizeme, que pertendes,
desse teu affecto inSano?
Esperas q' hua Vassalla
650   te de por Espoza? hum laço
hei de tecer prohibido
pellas leis.
- Tim. He escuzado
esse escrupullo, Senhor,
655   Se nelle vassillas tanto.
Eu juro a todos os Deozes
Que abitaõ no Olimpo Sacro,
que não heÿ de despozarme
com Dircea: eu so te clamo
660   por sua vida innocente:
porem se he do teu agrado
que ella morra, saber podes,
que deste golpe tiranno,
cortas duas vidas juntas:
665   pois como filho o idolatro.
se ella morre em Sacrificio,
eu de compaixão estallo.
- Dem. Quero ceder da vingança
Somente por aplacação. _____   **a p**
670   Principe, basta, tu queres
Livre Dircea? eu me aplaco,
a tua amada dou vida:
que mais pertendes ?
- Tim. Amado
675   Pai, deixame que esta mão::⁸¹
- Vai a beijarlhe a mão, e o Pai odetem.**
- Dem. Espera: este amor acazo
com que agora te tratei,
Merece oteugenio grato
hum favor?
- 680   Tim. Sim, todo oSangue,
aminha vida comSagro
ateus preceitos.

⁸¹ As palavras encontram-se sublinhadas no apógrafo.

- Dem. Não, filho,
 deti não pertendo tanto
 685 Menos quero: que a Creuza
 não te mostres taõ contrario.
- Tim. Oh Deozes!
- Dem. Eu bem conheço
 q' isto he doteu dezagrado
 690 mas faz atua obediencia
 o teu merito mais raro,
 Eu tive deti piedade,
 deves ter demim cuidado,
 acode pella minha honra,
 695 ja que eu doteu gosto trato.
 Que se diria Timante
 se por Ser comtigo brando
 faltar á Regia palavra
 fosse teu Pai obrigado.
 700 Vem, vem commigo á Espoza,
 e, junto aõ Templo Sacro
 o diadema da Frigia
 ao Ceptro deTracia unamos.
- Tim. Senhor, não posso.
- 705 Dem. Ate agora
 como pai tenho fallado,
 não meobrigues aq' falle
 como Reÿ.
- Tim. Respeito, eguardo
 710 Preceitos de Rei, ePai
 igualmente Soberanos.
 Mas, Senhor, tu mui bem Sabes,
 q' o affecto dominando,
 amor não Sofre violencia
 715 contra a inclinação do agrado.
- Dem. Oamor Somentegoverna
 nos hÿmeneos dos Vassallos,
 porem tu por teus iguaes
 tem outro nume mais alto,
 720 que o alcança: obem comum
 he quem aos Reÿs dá estado.
- Tim. Pois Setanto hade custar
 a hum Principe o bem estranho:
- Dem. Principe eude teimar
 725 comtigo ja estou cançado,
 por ultima razaõ Sabe
 q' aSim quero, eaSim o mando.

[fl. 12 v., 2ª col.]

- Tim. Eu não posso.
- Dem. Oh atrevido! Não Sabes::: [fl. 13, 1ª col.]
- 730 Tim. Já Sei q' irado
queres castigarme.
- Dem. Equero
que tenha principio o estrago
do teu castigo em Dircea.
- 735 Tim. Isso não, o Pai amado::
- Dem. Sou Pai, eheÿ deSoportar
taõ manifestos agravos?
vaite, perfido.
- Tim. Ve, atende::
- 740 Dem. Já estou capacitado;
quero que morra Dircea.
- Tim. Mas se ella morrer....
- Dem. Ah falço!
da minha presença ainda
745 não te apartas.
- Tim. Eu me aparto:
porem depois não te queixes:
por que eu....
- Dem. Que? oh temerario!
750 me inSultas, emee ameaças?
- Tim. Se acazo rogo, ou ameaço
não destingo por agora,
mas vaime dezamparando
pouco apouco aluz do acordo,
755 tu me tens precipitado,
quando mandas q' Dircea
morra por mim. Ah tirano,
Bar::: Pai, se hoje não tiveres
piedade de tanto estrago,
760 oh Deos! farei:: mas o que?
- Dem. Dize, que faras, ingrato?
- Tim. Farei quanto fazer pode
hum homem dezesperado.
- Dem. E eu emquanto hum Rei poderoso
765 todo cercado de agravos.

**Vaice
com vio
lencia**

V irado

Sahe Dircea em prizaõ

Dirc. Não sei Sagrados Deozes,

Ondem as nuvens vos emcobrem [fl. 13, 2ª col.]
 que nem ouvis meus suspiros,
 Nem percebeis minhas vozes.
 770 Que providencia [.....]
 hum castigo tão enorme,
 Sem mais delicto que oter,
 taobem como voz, amores?
 que importancia a minha innocencia
 775 se ella aqui <naõ> meSocorre,
 quando espero por instantes
 crueis Ministros damorte.

Sahe Matuzio

Mat. Filha Dircea!
 Dirc. Meu Pai!
 780 tu aqui? ecomo podes
 entrar, Sem que Sejas visto,
 neste carcere de horrores.
 vens acazo prizioneiro,
 para que (em dano) tão forte
 785 vindo de novo esta magoa,
 minhas affliçoens sedobrem?
 Mat. Naõ, filha. Porem Querinto,
 que neste mal nos Secorre
 fez com que eu emtrar podesse
 790 a fallarte.
 Dirc. Pois rezolve
 afortuna alguma industria
 com que aalma alentos cobre?
 Mat. Naõ ha por hora esperança,
 795 mas que numa empreza nobre
 que Timante, emais Querinto
 nos pencamentos rezolvem.
 Dirc. Queira Deos, ó Pai naõ seja
 essaempreza que elles movem,
 800 algum erro, que produza
 desgraças inda maiores.
 Mat Na ultima consternação
 qualquer idea, que ocorre,
 inda que Seja infeliz,
 805 naõ tem efeitos piores;
 do que estes, que nos esperaõ;
 porem talvez que Segoze
 a industria premeditada.
 Tu ao Sacrificio Sobes
 810 mas naõ temas: de Timante
 segue pontual as ordens,

[fl. 13 v, 1ª col.]

que eu la na praia te espero
 numa nao que nos transporte
 Adeos filha. **partindo**

- 815 Dirc. Pai, espera,
 eu julgo que não resolves
 esta ação com muito acerto,
 por que neste lance forte,
 ou Dircea fuja, ou fique,
 820 Sempre Sem remedio morre.
- Mat. Eu não percebo esse enigma.
- Dirc. Mas comjecturallo podes;
 que eu so digo, opai querido,
 que Sera delicto enorme
 825 fugir ou deixar Timante,
 quando elle com vallor nobre
 me defenda, e deste modo.
 Alem domais q' alma encobre,
 seheÿ de morrer de Saudades
 830 quero antes morrer do golpe.
- Mat. Tu não fallas, eute emtendo:
 pois finezas desta Sorte
 por teu respeito em Timante
 indicaõ prizoens maiores.
 835 Porem Sabe que elle mesmo
 commigo, ecomtigo foge.
- Dirc. Quem; omeu Principe?
- Mat. Sim.
 Por te defender a posse
 840 irado contra Seu Paÿ,
 e temendo os Seus forores
 intenta deixar o Reino.
- Dirc. He possivel q' tal obre!
 eque por amor demim
 845 tantos desgostos soporte?
 ha de pella minha vida,
 Timante perder aposse
 doSeu reino aCoroa o Ceptro,
 por causa dos meus amores!
 850 e taõ vil heide ser eu,
 de animo taõ pouco nobre,
 que com aminha desgraça
 os seus estragos não poupe?
 não, meu pai, daqui não Saio,
 855 venhaõ, venhaõ os algozes
 eesta garganta infeliz
 com duro cutello cortem;
 ou no Sangue demeu peito

[fl. 13 v., 2ª col.]

860   rigidos punhaes emSopem;
               porem reine omeu Timante
               que maior dita apeteço,
               ou que gloria mais conforme,
               que Segurarlhe agrandeza
               do Trono com minha morte.

Sahe Querinto apressado

865   Quer.   Matuzio, grande perigo
               aqui tua vida corre:
               Adrasto te vem buscando
               para prender, por ordem
               que para isso tem do Reÿ,
 870   todo este comtorno cobre,
               de Soldados, q' te buscão
               Matuzio, armada cohorte.

          Mat.   Ah pai infeliz! ha penna
               que a desgraça não renove.

875   Dirc.   Ah triste de mim! nopeito
               ja não cabem tantas dores.

(Dentro) Adr. Deixemme entrar aprizaõ.

          Vozes   Sem q' licença nos mostre
               por escrito ninguem entra.

880   Quer.   Estas, que ouves, são as vozes
               dos guardas, que lhe prohibem
               aemtrada. grande dezordem
               receia meu coração
               neste aperto duro, eforte.

885   Mat.   Pois que avemos defazer?

          Quer.   Finge, ecalla. Ola da Torre,
               deixai que Adrasto Somente
               possa entrar.

          Dirc.   AhDeos! e aonde
 890   seha demeu pai esconder?

          Quer.   Deixa, Dircea, os temores
               eu o defendo.

Sahe Adrasto

          Adr.   Aqui esta,
               Matuzio, offerro deponde,
 895   daÿ vos logo a prizaõ.

[fl. 14., 1^a col.]

          Quer.   Sim;
               mas essa prizaõ não toque
               hoje ávossa diligencia.
               dame a espada amim.

a Mat.

- 900 Mat. Comcorde.
Sou Principe aobedecervos.
- Adr. Vede que o Rei Demofonte
vosso paÿ, para oprender
medeo incumbencia, eordem.
- 905 Quer. Sim; mas eu antecipeime,
e quando hum, eoutro comcorre,
tenho para percedervos
meritos mais superiores.
- 910 Adr. Avosa Real grandeza
he acção muÿ descomforme.
Prender hum filho do Rei
hum delinqüente.
- Quer. Discorre
muito mal atua ideia;
915 por que he digno que Selouve,
que das afrontas dehum Pai
seu filho as vinganças tome.
- Adr. Mas, Senhor::
- Quer. Basta, eu contigo
920 não altero pundonores
dize ao Rei que elle esta prezo
que a mim esta acção me coube,
que eu lhe darei conta delle;
eque veja desta Sorte,
925 que Se hum filho ao Rei inSulta,
outro por Sua honra acode.
- Adr. Esse teu zelo he mui digno
delouvor; mas Demofonte
amim commeteo a empreza,
930 assim comSente que eu obre
oque devo.
- Quer. Cessa Adrasto,
senaõ farás com q' enSope
este ferro noSeu Sangue
935 e dandolhe aqui a morte,
obzequio faço ao meu Pai
semq' teu intento logre.
- Adr. Senhor, modere apaixaõ::
- 940 Quer. Depois, se Matuziomorre
esta espada, costumada
aexercer açoens atrozés,
contra quem mecontradiz
talvez q' irada Se volte.
- Dirc. Muito o coração receia

- 945 Quer. Pois, Adrasto, querezolves?
 Adr. Que hei derezolver, setu
 com violencia meremoves?
 desta açã que eu intentava,
 Darei parte a Demofoonte,
 950 e delle receberas,
 ou repreençoens, oulouvores.
- Quer. Isso ati não te pertence.
 Adr. He risco evidente exporme
 ateimar, quando não tenho
 955 quem para maior dezordem
 me Socorra **a p** ADeos Querinto **Vai**
- Quer. ADeos, Adrasto. OCeo (coroe)
 todos os nossos deznios.
- Mat. Ah Senhor quaõ devedores
 960 somos ataõ grande amparo.
- Quer. Não he muito q' assim obre,
 por quanto davossa vida
 pendente taobem aminha Sorte.
 Agora, Matuzio, vamos,
 965 quero Seguro reportes
 por Sahida mais oculta,
 dentro nonavio, onde
 Timante te buscara.
- Dirc. Senhor vede não sedobre
 970 em Timante hoje adesgraca,
 por que Sou:::
- Mat. Não nos renoves
 agora mais delaçoens.
- Quer. Animo teu peito cobre
 975 Vamos. _____ **V** **(Dueto)**
- Dirc. Ide, mas eu temo,
 Que do Principe os amores,
 Aÿ de mim! por excessivos [fls. 14 v, 1ª col.]
 com que pena aalma discorre!
 980 vaõ anos ambos tecendo
 cauza de infeliz morte. _____ **Vaice**
- Sahe Corisco**
- Cor. O lá! temos o Templo bem armado
 tudo esta perparado
 para minha ama vir sacrificarce.
 985 se commigo aemcontrace
 Faisca sechegar talves lhe meta
 hua terrivel peta;

mas ella vem buscarme,
pois eu torno outra vez apollonarme.

Sahe Faisca

- 990 Fais. Snr Apollo, como esta comtente!
eca a pobre gente
entre sustos metida, emtre cuidados.
- Cor. Pobrezinhos mortais sois hus' cuitados.
- Fais. Sim Snr' este Templo heSua caza.
- 995 Cor. Filha Sabe q' estou como hua braza.
- Fais. Epor que? diga ja.

Pantufo ao bastidor

- Pant. Vamos chegando,
Mas la estaõ fallando
Aquellas duas santas alminhas,
1000 paciencia cadelonge trocar linhas.
- Cor. Bem Sabes tu, Faisca,
q' dos Ceos avontade obserVo arisca,
elles mandaõ me agora hua embaixada
mas se te digo ficaras mamada.
- 1005 Fais. Ora diga depressa
- Pant. Alguma idea. _____ **a p**
- Cor. Não querem que Dircea
oferecida meSeja:
porem, talves q' pr. meter inveja,
1010 todo o Ceo grita, eclama,
q' se mate a criada em lugar daama.
- Pant. He um favor mui grande **a p**
- Fais. Qm pode aver q tal crueldade mande.
- Cor. De Donzella hadeSer o Sacrificio,
1015 tua ama decazada tem officio,
evisto escapar pr. não Soltr^a.
querem q' morra aSua alcoviteira. [fl. 14 v., 2^a col.]
Dize: fostes já algum dia cazada?
- Fais. Eu nunca.
- 1020 Cor. Pois entaõ Sacrificada.
- Fais. Ha isso he pouco....
- Cor. Taõbem querem q' morra aquelle louco
doteu Pai.
- Pant. Irra, voulhe, passa fora. **[Sa..]**
1025 Morra com mil diabos aSenhora

mas eu morrer depois de emviuvado?

Cor. Sim, pr. não ter sua f^a. já cazado.

Pant. Mas, Senhor, eu cazei.

Cor. Pois morrer pode,
1030 q' eu como carne decarnr^o., e bode.

Fais. Então não ha remedio?

Cor. Não lho Sinto.

Fais. Pois hum Ds. entre os Deozes taõ destinto
1035 não me faz com q' euaõ morra?
q' amor he esse Seu amor de borra?

Pant. Anda aelle Faisca anda (destampa)?
q' poder he oSeu, poder de trampa?

Cor. Atrevido, amin? mas meus pecados,
la vaõ os brios meus emxovalhados.

Sahe Timante

1040 Tim. O Reino todo, easPaternaes riquezas
thezouros egrandezas
tudo hoje perderei; mas m^a. Espoza
he prenda mais precioza
1045 percasse tudo que euSerei mais rico
seentre meus braços com Dircea fico.

Pant. e Fais. Senhor Timante por quem
Sois valeinos.

Tim. São po, e cinzas os Reinos,
1050 q' otempo estraga comfuror vehemte.
mas o amor nalma dura eternamente

Cor. Eutemo algum xuveiro decarollo.

Pant. e Fais. Senhor Valleinos contra o Deos
Apollo.

Tim. Deixaime loucos. Segue-me Corisco
1055 não me deixes ja m[.....] o risco,
pois he ora oportuna,
ouda consternação ou dafortuna.

Cor. Vamos, Dentro do Templo eu te [fl. 15, 1^a col.]
espero. **V ameacando a Pant.**

1060 Pant. Ha callote mais feio?

Fais. Ha emgano maior, maior tratada?

Pant. Ha maior velhacada?
Corisco feito Apollo logrativo!

Fais. He tratante excecivo

1065 masAÿ de mim! easim acoitadinha
daminha ama.

Pant. Ella ao Templo seavezinha;
Victima perparada
aSer Sacrificada.

1070 Fais. Eu não tollero ver estrago tanto,
Sem q' lance dos olhos triste pranto.

Pant. Eu inda q' não tenho confiança
Entrar taobem pertendo nesta dança.

**Tocaõsse os instromt^{os}. e ao Som delles
Vai passando entre Guardas Dircea
com vestido branco e coroada de flores,
e precedendo os Sacerdotes Com insigni
as de Sacrificio, e Fais. e Pant. Vão
seguindo a comitiva, e depois de recolhi
dos o acompanhant^o. [.....] ⁸² demoran
dosse algua couza ainda os instro
mentos, diz dentro Timante**

Tim. Ceos daÿme agora favores,
1075 Amigos daÿme Soccorro
da morte livrai Dircea.

Vozes Tiranos morrereis todos.

Outras Traição Salvemos as vidas.

**Vem Sahindo com espadas os guar
das e os Sacerdotes fogem descompostos,
deixando cahir os instrum^{ts} do Sacri
ficio. Dentro haverá estrondo e Cor.
vira com a espada nua atraz
de Pantufo para lhe dar**

Cor. Agora aqui faço molho.

1080 Pant. Olhe que não Sou da bulha.

Cor. Pois Sou, ou não Sou Apollo.

Pant. Seja embora o q quizer.

Cor. P [.....] q' te emcontro
quero ser malho, e fazerte
1085 essa cabessa emhum bollo.

<Vailhe dando e Pantufo fugindo> ⁸³

Pant. Ah q'del Rei q' memata.

[fl. 15, 2^a col.]

⁸² A palavra foi riscada e está ilegível.

⁸³ Como não havia espaço no papel, a parte da marcação “e Pantufo fugindo” foi inserida à margem direita, escrita de forma transversal. Um traço foi feito para separar a marcação do texto.

Cor. Vai levando esses carollos V [...]

**Sahe Timante com aespada nua
na mão apreçado trazendo pella mão
a Dircea. Timante vira Salpicado
de Sangue.**

Tim. Estas livre minha vida
vem, vem commigo.

1090 Dirc. Ah Espozo, que fizestes?

Tim. Oque devia.

Dirc. Aÿ de mim q' tu no corpo
algua ferida tens, eu vejo Sangue.

Tim. Receozo
1095 não Seja teu coração
recobra meu bem, conforto,
por que este Sangue que ves,
Sahio das veias dos outros.

Dirc. Inda assim:: **Querendo ver as feridas**

1100 Tim. Não, não duvides [corroído]
fujamos. **Torna a tomalla pella mão.**

Dirc. Mas sem onosso querido filho.

Tim. Por elle
1105 tornar outra vez disponho,
depois de estares Segura.

partindo p^a. apte. esquerda

Dirc. Espera q' eu vejo ao emcontro
Sahirem guardas Reaes.

Tim. He verdade, pois oSocorro
busquemos de outro caminho. **Par**

tindo p^a. a pte. direita

1110 Mas ai de mim que de este outro
lado mais guardas se avancao.

Dirc. Pode haver maior desgosto?

Tim. So me deixaraõ os meus
1115 amigos! Vereÿ se posso
abrir caminho na espada
Segueme.

**Larga Dircea da mão, e com a es
pada se emcaminha para a parte
esquerda, a tempo que do outro lado sa
he Demofoonte com a espada nua
e guardas de ambas as partes que
os cercao.**

Dem. Indigno, furiozo,

[fl. 15 v, 1^a col.]

- para, não mefujas.
- Tim. Pai, onde vens agora?
- 1120 Dem. [...] perfido filho.
- Tim. Ninguém
chegue aofender de algum modo
aDircea.
- 1125 Dirc. Ah, não Timante,
basta deaffecto amorozo,
deixa que eu morra defende
tua vida, teu decoro.
- 1130 Dem. Ola da guarda, parai,
não prendais este furiozo,
deixemos as suas iras
todo o poder livre, e Solto.
Vejamos qual Seja o fim
desta loucura. Aleivozo,
1135 he tempo de completar
todos teus feitos heroicos:
volta contra mim aespada,
anda, defurores monstro,
matame, fere este peito,
1140 não te pareça horrorozo
dar morte ateu Pai depois
de inSultar, emfuria absorto,
dentro doSeu mesmo Templo
aSakra Imagem de Apollo.
- Tim. Oh Deozes. _____ **suspendesse**
- 1145 Dem. Quem te dillata,
para não comprir teu gosto?
Verme namaõ esta espada?
eu alança aterra prompto. **lançaa**
- 1150 Que mais queres? aqui tens
oinnimigo mais oposto
Sem defença agora podes
Satisfazer o teu odio.
Matame, eSeja esta morte
meu castigo, pello arrojo
1155 de produzirte no mundo,
devil ingratidaõ monstro,
enSopa empaterno Sangue
essa maõ traidora, e logo
atua querida a oferece.
- 1160 da com este dezacordo
complemento as tuas iras,
final termo ao meu disgosto.
- Tim. Basta, meu pai, nada mais,

[fl. 15 v., 2ª col.]

1165 eu quero mudar de acordo,
 por que essas paternaes vozes
 traspçaõ me opeito todo.
 hum filho reo, ehua espada
 ateus pes humilde prostro;
 tira me a vida imfeliz,
 1170 mas com taõ aspero modo
 naõ me falles, transgredi
 as Leis, faltei ao decoro,
 fui inSolente eperdaõ
 apedirte naõ meexponho,
 1175 por q' Sei q' o meu delicto
 naõ merece algum Socorro.

Dirc. Emq' estado esta por mim?

Dem. Se eu janaõ Soubera como
 elle finge, ese desculpa,
 1180 me emganara aqui denovo
 naõ se deixe fallar, venhaõ
 as cadeias; emganozo,
 entrega as maõs as prizoens.

Tim. Guardas, aqui estou exposto
 1185 as cadeias, onde estaõ?
 como filho respeitozo
 para cumprir os preceitos
 demeu Paÿ me entrego prompto.

Toma as cadeias

Dirc. Bem temia esta desgraça
 1190 meu coração temerozo.

Dem. Offereçace oSacrificio
 ao nune q' descomposto
 foi agora, Sacerdotes,
 morta Dircea aqui logo
 1195 Seja na minha presença.

Dirc. Amparaime, Ceos piedozos!

Tim. Ah meu bem, Espoza amada
 ja defenderte naõ posso.

Dirc. Espire hua vez a vida
 1200 nas maos de tantos desgostos.

Tim. Meu Reÿ, meu paÿ....

[fl. 16., 1ª col.]

Dem. Basta ingrato.

Tim. Piedade.

Dem. Naõ ha Socorro.

1205 Tim. Pois hade morrer Dircea

aqui perante os meus olhos?

Dem. Sacerdotes, q' esperais?

Vaõ dois Sacerdotes a lançar mão De Dircea sahe Querinto

1210 Quer. Suspendeivos por hum pouco,
vos Sacerdotes; não pode
Dircea hoje ao Deos Apollo
oferecerse em Sacrificio.

Dem. Pois quem o impede? q' arrojo
he este Querinto.

1215 Quer. Dize:
qual foi, Reÿ o jugo imposto
por Apollo neste reino?

Dem. Que, ate Se aplacar de todo,
se lhe desse em Sacrificio
hua Domzella.

1220 Quer. Pois logo,
Sacrificarlhe a Dircea
sera culto indecorozo.

Dem. E por que?

Quer. Por que he cazada.

1225 Dem. Que dizes Querinto! q' ouço.

Tim. Valhame o Ceo!

Dem. Quem te disse
cazo taõ estranho enovo?

Quer. Matuzio, Seu mesmo Pai.

1230 Dem. Venha Matuzio.

1235 [Quer] Não posso
cumprir esse teu decreto;
por que eu, meu Pai, temerozo
dos parciaes que o defendiaõ
tomei por melhor acordo
tiralhe a vida, e assim
por tua defença he morto.

1240 Tim. Para q' mais testemunha,
do q' eu claramente exponho,
Sim, Dircea esta cazada
tem hum filho, e eu sou o espozo.

[fl. 16, 2ª col.]

Dem. Pois como assim?

Dirce. Imfeliz, q' Se perde.

a p

- 1245 Quer. Este Socorro
para aultima ruina,
talvez seja proveitozo. **a p**
- Dem. Suspendeÿ os Sacros Ritos,
ministros do Deos Apollo;
por q' he precizo eleger
1250 victima Sem tal desdouro.
Estes Saõ, perfido filho
deteu Paÿ os doces gostos?
As Leÿs divinas, ehumanas
tratas com tal dezacordo?
1255 assim da minha velhice
es amparo edezafogo?
onde estou q' naõ [...]
- Dir. Senhor
naõ te agastes, pois o Espozo
1260 naõ tem culpa do delicto.
Eu, eu fui quem com meus rogos
com finezas, elizonjas
violentei tanto o Seu gosto
que, por compaixaõ dever
1265 as lagrimas demeus olhos
comSentio neste hymeneo
a teu Setro injuriozo.
- Tim. Naõ, Senhor, naõ he verdade
quanto alega em meu abono.
1270 Eu fui Semente o culpado,
que ardendo deamor nofogo,
uzei detodas as industrias,
inventei traços, emodos
por vencer arepugnancia
1275 deSeu peito rigorozo,
mil vezes medesprezou
mil vezes eu, de amor louco,
atornei aprocurar
ja com afago amorozo,
1280 ja repetindo promessas,
ja renovandolhe os rogos,
Ate uzando ameacas
[fl. 16 v., 1ª col.]
por ultimo dezafogo.
Emfim, vendo que oSeu genio
1285 (nessas) pertençoens estorvo,
dezesperado intenteÿ,
com furor escandalozo,
meter cruelmente aespada
dentro nopeito amim proprio.
1290 Ella emtaõ compadecida,
querendo dar-me Socorro,
me entregou namaõ Suaalma,

por não xegarme a ver morto.

Dirc. Não, meu Reÿ.....

1295 Dem. Calaivos ambos.
/ Não sei q' affecto revolvo
dentro nomeu coração,
que com inSencivel moto
me (sinto) emxer de ternura.

1300 Mas o castigo he forçozo.
Piedade agora isso não. /

Quer. Senhor, Se do affecto vosso
Mereço.....

1305 Dem. Basta, Querinto,
não desperdices teus rogos,
muito te estimo, mas hoje
clemencia alguma não obro.

Quer. Irmaão, não posso valerte.

1310 Dem. Devo agora aomundo todo
dar dejustiça humexemplo.
O lá guardas, hum, eoutro
logo emcarceres destintos
Sejaõ prezos.

1315 Tim. Oamor nosso
pede que, juntos aomenos....

Dirc. Neste tirano destroco
senos prendeceis unidos
seria menos penozo.

1320 Dem. Sim, que estareis juntamte.
não duvido antes aprovo,
se unidos fostes navida,
juntos Sereis taobem mortos.

V

Cantaõ 4º⁸⁴

1325 Quer. Ocoração desfalleces [sic]
decompaixaõ, voume absorto
ver Se acazo algum remedio
para tanto mal emcontro,
que á razaõ dehum pai irado
lhe possa Servir deestorvo.

[fl. 16 v., 2ª col.]

V

Fica Tim. e Dirc. prezionrºs.

⁸⁴Parece tratar-se da abreviatura do termo “quarteto”. De acordo com Sousa Bastos, op. cit., p. 122, era comum nesse tipo de apresentação o canto a quatro vozes ou música executada com quatro instrumentos de corda.

- Dirc. Espozo!
- 1330 Tim. Minha amada!
- Dirc. Tu perdido por mim.
- Tim. Tu
ultrajada por meu amor?
- Dirc. Equem tera cuidado
1335 donosso Olinto?
- Tim. Oh que tirano fado!
- Dirc. Oh q' duro....
Mas, Principe, he vileza
mostrar no apartamt°. esta fraqueza
1340 seja a Separação com val [.....]
hum golpeSo, qt°. aprezença (unia)
divida, ecorte.: (seja) Valor tanto,
q' nem nos olhos sedivize opranto.
- Tim. Sim, amada Espoza,
1345 quero (q') solução tão generosa,
aternura Seatalhe.
nem hum Suspiro entre nos se (espalhe)
- Dirc. Eu estou rezoluta,
- Tim. E eu disposto.
- 1350 Dirc. Por vallor não triunfe hoje o desgosto
- Tim. Seja aSeparação forte, ebriosa
Dircea, a Deos.
- Dirc. Principe, a Deos.
- Separaõse com resolução e junto
da Sena paraõ, e tornaõ a olharce.**
- Tim. Espoza....
- 1355 Dirc. Amado....
- Ambos Oh Ceos!
- Dirc. E por q' não te auzentas?
- Tim. E por verme outra (ves) intemtas?
- Dirc. Quero ver se rezisto ao (pranto) ____ **chora**
- 1360 Tim. Mas tu choras meu bem de Sentimt°. [fl. 17, 1ª col.]
- Dir. E taobem Suspiras?
- Tim. Pois se tu te retiras.
Ah querida Dircea,
muito difere aexecução daideia.
- 1365 Dirc. Eu, Sim mepersuadia

que tivesse mais forte valentia;
 mas sempre quero, pr. mostrar fineza
 esconder ateus olhos a fraqueza. **partindo**

Tim. Ah, detemte, meu bem, ouve.

1370 Dirc. Que queres?

Tim. Que mais hum pouco esperes,
 Dame, Dircea, atua mão querida,
 Seja nesta dura despedida
 para anossa amizade
 preciozo penhor da lealdade.

1375 **dao**
as ma
os

Dirc. Esta acaõ foi em tempo mais gos
 tozo
 hum contrato amorozo;
 mas hoje desta Sorte
 He da Saudade emSaio p^a. amorte.

1380 Tim. Enfim ei de apartarme:

Dirc. He forca separarme:

Tim. Pois remedio não ha.

Dirc. Não ha clemencia.

Tim. Oh pena!

1385 Dirc. Oh dor!

Tim. Oh ancia!

Dirc. Oh violencia
 aDeos Espozo.

Tim. ADeos, ominha vida.

1390 Ambos barbaro aDeos tirana despedida.

Vaice cada hum pr. Sua pte. Sol
tantando [sic] as maos com valentia
na ultima palavra.

fidelidade tão grande,
mas <Sabeis> que eu com desVello
cuido em darlhes liberdade.

Cor. Sempre foraõ bons Irmaos.

45 Fais. Oh, bem haja, Deos lhe guarde. [fl. 17 v., 1ª col.]

Quer. Mas, Faisca o teu (Socorro)
talvez q' Seja importante.
[.....] Olinto, esse menino,
filho de Dircea, Sabes,
50 quero que logo emteu quarto
com muita cautella o guardes.

Fais. Ah Senhor veja o que faz,
q' elle he mui lindo, e galante,
etemo q' depois de Orfaõ
55 lhe Suceda algum deastre.

Quer. Tu saberas meus intentos;
por hora importa calarme. **Vaice**

Cor. Porem Soponhamos nós
que opiqueno de algum baque
60 quebrou a cabessa, isto,
nunca deve apoquentarte,
eu ficareÿ teu menino,
inda que essoutro te falte.

Fais. Menino desse tamanho!
65 arrenego eu do Salvagem.

Cor. Não vez q' o amor faz crianças
ate dos mesmos basbaques?

**Sahe Pantufo embuçado em hum
capote com a espada debaixo**

Pant. Otal Apollo de Droga
veio aqui pª. esta parte.
70 O'le, meu dito, meu feito,
la esta deixando lograrce
atolla de minha filha.
ah moças, como Sois faceis,
que com qualquer gatimanh
75 logo (vos) embasbacastes.

Cor. Faisca, la vem teu pai
com feitio mui galante.

Fais. Emtaõ voume embora fujo,
naõ queira ao corpo xegarme. **V.**

80 Pant. Vejamos agora aqui
quem he, senaõ este traste. **a p**
Ah Sou [.....] jo não ouve?

- Cor. Com licença vou deitarme. **fas q' Sevae**
- 85 Pant. Vosse faz q' não emtende
Pare ahi ja neste instante. [fl. 17 v., 2ª col.]
- Cor. Vosse falla ca commigo?
- Pant. Pois aqui há com quem falle?
- Cor. E que quer do Seu Serviço?
- Pant. Conhece esta personagem.
- 90 Cor. Bem poderei conhecer:
porem não xego a lembrarme.
- Pant. O' la, com que he Deos Apollo,
(em) Se mudando de trajes
ja não conhece as pessoas?
- 95 Cor. Pois Senhor, as Divindades
as vezes são como as luas,
que padecem seus minguentes.
- Pant. Pois conhece, ou não conhece?
- 100 Cor. Deixe bem certificarme:
Ah! Sim Senhor, bem conheço.
- Pant. Quem Sou eu? diga, so traste.
- Cor. He meu Sogro putativo,
Senhor Pantufo basbaque. **a p**
- Pant. Sabe o q' venho fazer.
- 105 Cor. Alguma nececidade.
- Pant. Venho raxarlhe a cabessa.
- Cor. Eu dispenço, não Se cance.
- Pant. Quero brigar com vosse.
- 110 Cor. Eu brigar? de mim se aparte,
nunca na vida tal fiz.
- Pant. Sim, porem la esta tarde
pespegoume na cabeça
muito bem os triques traques.
- 115 Cor. Isso foi pr. devertirme.
e a isso brigar xamastes?
- Pant. Pois q' era?
- Cor. Era coque nelle.
foi hua coruzidade
- 120 Pant. Pois taobem Sou curiozo
quero agora cocarlhe
vosse cuida que Sou tollo?

- aqui mesmo heÿ de pagarlhe
de quanto mal metem feito
aqui pode ja prepararce
para morrer.
- 125 **tira a espada**
- Cor. Porem voce [.....] [fl. 18, 1^a col.]
a xamar quem me acompanhe.
- Pant. Ande para alli.
- Cor. Deveras
130 quer brigar quero ir armarme;
brigar naõ tendo eu espada
he vileza, he impiedade.
- Pant. Assim me raxastes a bolla,
e eu faço como tu fazes.
- 135 Cor. Ja lhe naõ posso fugir,
e elle a cabeça me parte. ____ **a p**
Ora ande ca, estou prompto,
mas quero agora emSinarlhe
hua moda de brigar,
140 que vosse talvez naõ Sabe.
- Pant. Diga que, semetiver
conta, talvez q' eu o abrace.
- Cor. Primeiramente hua risca
por aqui a de lancarce ____ **faz
hua risca no tabla
do**
- 145 nos avemos de por
cada hum de Sua parte,
brigaremos com bem força,
mas qualquer q' a risca passe
fica perdendo hum carollo.
- 150 Pant. He moda muito agradavel,
vamos a ella.
- Cor. Pois de longe,
ponhasse la no desplante,
envista agora: ter maõ,
155 passou perdeo. **Ir seha reprezen
tando como dizem
os verços.**
- Pant. He verdade,
ora vamos outra vez.
- Cor. Meta essa estocada ande
160 atire daqui hum talho,
aperte, corte esses ares,
chegue a mim, aqui metem,
acutille, fira e mate,

- tenha maõ la, que passou,
deve dous.
- 165 Pant. Pois eu xegarlhe [.....]⁸⁵
como posso, se vosse
(esta) Sempre aretirarce.
- Cor. Pois nisso Senhor Pantufo
he q' esta a habelidade
- 170 Mas q' Seja contra mim [fl. 18, 2ª col.]
quero esta moda emsinarlhe
ora deme ca a espada
ja lha torno.
- 175 Pant. Estravagante por virtude
a tal moda: Tome la **dalhe a es
pada**
- Cor. Veja, e repare
agora esta bizarria
com q' lhe prego este sotaque.
dalhe na cabessa
- Pant. Perdeo.
- 180 Cor. Pois va descomtando.
Agora de estoutra parte
estendo o braço, epespego
outro coque nelle. _____ **dalhe**
- Pant. Arre, perdeo deve dois.
- 185 Cor. Desconte.
- Pant. Agora estamos em pazes.
venha a espada q' eu ja [.....]
- Cor. Para saber quanto baste
vejamaís, apanhe, tollo,
190 leve mais este basbaque.
- Pant. Ah q' del Rei q' memata
Corisco com triques traques.
- Cor. Anda tollo da [.....] eras.
- Pant. Tu me pagaras birbante.
- Demorar se hao o tempo q' quizerem
na risca, edepois se ira Pantufo
fugindo, eCorisco lhe
vai dando com aespada.**
- Sahe Demofonte e Creuza**
- 195 Dem. Princeza, quanto quiseses
pedeme Sem cobardia

⁸⁵ Foram riscadas duas palavras, não sendo possível a leitura.

200 por que tudo oque pedires
meu amor te facelita:
mas em Dircea não falles
nao rogues por essa impia,
cauza tao escandaloza
da minha (infeliz) desdita.

205 Creu. Eu nao rogo por Dircea,
por Timante So queria
abrandar os teus furores
Socegar as tuas iras
Mas como he Dircea Espoza
210 julgo ser couza precisa,
por q' nao morra Timante
conservar da Espoza avida.

[fl. 18 v., 1^a col.]

215 Dem. Creuza, essa compaixão
he doteu decoro indigna,
pois quanto Dircea impede
que a Timante tu comsigas,
como has deSer defençora
datua mesma innimiga.

220 Creu. Ella nao me fez ofença,
inda ati nao te ocorria
eleger para teu filho
Espoza, quando ja tinha
nos vincullos de hymeneo
suas vontades hunidas:
assim nao mefez injuria
emaceitar hua liga,
225 que a mim por nenhum principio
metocava, oupertencia;
eainda que fosse afronta,
com mais instancia eu pedira,
pois daminha qualidade
230 as pessoas tao destintas
tem por (vileza) a vingança,
eoperdao por bizarria.

235 Dem. Mas Princeza, eu como Reÿ
tenho obrigaçao precisa
de castigar os delictos,
e com diferente lida,
emti pedir he nobreza,
em mim negar he justiça.

240 Creu. Demofoonte aleÿ humana
tao fortemente nao liga,
quando possa despençarse
pellas minhas rogativas.

Dem. Heÿ de dar Satisfação

245 a todo o Reino de Frigia,
para que la seconheça
q' o Rei de Tracia castiga
quem he a cauza de Creuza
Ser com repudio ofendida.

250 Creu. Satisfaçoens não quero;
A teimar nessa fadiga
atropelando meus rogos,
mas q' obzequio he (grossaria).

[fl. 18 v., 2^a col.]

Sahe Querinto

255 Quer. Ameu Pai roga Creuza,
mas elle, abrazado em ira,
suas Suplicas despreza. _____ **a p**
Quero com instancias minhas
dar aos seus rogos mais (força)
Senhor he crueldade impia
punir delictos de amor
260 comgolpe, que tira avida.
Timante não he teu filho?
Dircea não participa
aelle unida, ja hoje
dos privilegios de filha!
265 e como has de castigar
com taõ fera tirania,
duas vidas que ja agora
omesmo teu Sangue anima.

270 Dem. Taobem contra oteu decoro
Querinto? te conspiras.

Quer. Eu so te quero piedozo.

Dem. Mas nesse intento me irritas.
he contrario do Seu Reÿ
quem delle espera injustiça.

275 Creuz. Deixas, Querinto, não peças.
a teu paÿ, louca porfia,
que para Ser desgraçada
basta Ser pertenção minha.

280 Quer. Não Creuza, eu inda espero
do combate não dezistas,
que eu para ovencer lhe ponho
todas as forças avista.
Chegai, lancaivos aos pez
dovosso Rei, porq' (inda)
285 (q') esteja agora indignado
tem propenção benigna,
[.....]ta de mudar
de [..]dignidade em compaixão.

**Chega Dircea, e Se lança aos pez do Rei e
Faisca tras Olinto pella mão**

[fl. 19, 1ª col.]

290 Dirc. Meu Reÿ, eu não vos Suplico
para esta infeliz avida,
Sou delinquente, econheço
que quem Vassalos domina
sefaz reo quando perdoa
quem castigos merecia
295 porem Timante innocente!
Timante a tal ruina
Exposto por mim! oh! baste,
em tragedia taõ Sentida,
a minha morte a pagar
300 taobem Suas rebeldias.

Dem. Cauza da minha deshonra
aparta da minha vista.

Creuz. Tens o curaçaõ mui duro.

305 Dirc. Não, Dircea não duvida
padecer, porem So peço,
que esta prenda q' alma estima,
fructo deamor infeliz,
aguardes; não por que he minha,
mas por que hetua, o teu Sangue
310 aquellas veÿas anima,
duas vezes es Seu pai,
e a natureza te inclina
aqurer bem ao filhinho,
ja que amaÿ não te lastima.

315 Fais. Menino, ande, peça a mão
ao avozinho, e lhe diga
que perdoe a Sua maÿ.

Dem. Não tens culpa, mas diviza
em ti minha compaixaõ,
320 que oSer producaõ [sic] indigna
daquella: Mas ai de mim!
a alma sinto emternecida
o pranto se asoma aos olhos,
[...] não mostrar cobardia
325 me retiro.// **faz q' Se vai**

pª.
[o] menino

a p

(Dirc.) Não respondes, Senhor [?]

330 Creu. Assim dezestimas
meus rogos minha presença,
(q') em Silencio te (retiras)
Sem atender ao respeito
da minha Soberania.

[fl. 19, 2ª col.]

- Dem. Creuza, não me crimines.
- Creu. Nenhuma razão te livra
 335 de ter uzado commigo
 tão frequentes groserias.
 Enfim, de Tracia me auzento,
 fujo donde em hum So dia
 vi tanta incivillidade,
 tanta crueldade unida.
 340 Ao Reÿ meu paÿ eu direÿ,
 que por ti foi Sua filha
 com descortes tratamento
 mil vezes dezatendida,
 a Deos, Demofoonte. ____ **partindo**
- 345 Dem. Espera,
 Princeza, oh Deozes! queria
 cumprir atua palavra;
 mas tu me pedes ainda
 por Dircea, eSobremodo
 350 contra mim te scandalizas,
 basta, eu perdoo a Dircea,
 Creuza, tu lhe das a vida.
- Dirc. Deixa Senhor, q' a teus pes:::
- Dem. A mim não, mas gratifica,
 355 pois o deves á Princeza.
- Creu. Nobre acaõ dehum Rei tão digno
 q' por ella aRegia maõ
 beijar quero.
- Dem. Mais estima
 360 meu amor o teu respeito,
 por q' vejas a porfia
 comque as finezas te faço
 a Dircea ja dou vida
 taobem perdoo aTimante;
 365 eagora por minha filha
 entre meus braços te aperto.
 e a tua prenda querida
 chegar quero a minha face. **para o Me**
 como neto, a quem estima **nino**
- 370 omeu gosto, porem Saiba,
 toda atracia, e toda a Frigia,
 Que Creuza foi a cauza
 de abrandar as m^as iras. **V.** [fl. 19 v., 1^a. col.]
- 375 Dirc. Oh quem me dera Princeza,
 ter agora expressoens dignas
 para tanto beneficio
 me render agradecida.

- Creu. Este exceço emmim, Dircea,
 foi genio de compassiva,
 380 mais recompença não quero
 do q' atua mesma dita.
- Quer. Nobre coração, Princeza,
 teu illustre peito anima;
 cada vez mais dos teus dotes
 385 sinto minha alma captiva.
- Creuz. Querinto, he bem q' conheças,
 que todas estas fadigas
 so obreÿ por teu respeito,
 pois julguei couza precisa
 390 deixar aquem não me quer,
 por amar aquem me estima. **V.**
- Dirc. Querinto, por complemento
 desta venturoza dita
 quero ver ao meu Timante,
 395 onde esta.
- Quer. Esta noticia
 primeiro lhe quero eu dar,
 por que Seja a gloria minha
 que a ti não te falta tempo
 400 de ter Sua companhia.
 Ah Dircea, Se aSim como
 tem fim as tuas desditas,
 pudessem ter Seu principio
 taõ bem as minhas delicias. **V.**
- 405 Fais. Eu feita Mai de crianças!
 he muito boa gracinha!
 andar agora talvez
 que me venha alguma dita;
 mas o menino coitado
 410 tem Sono q' se espreguiça
 pecurruxo, qué nanar?
 venha ca, q' eu Sou amiga,
 deitasse aqui nos meus braços,
 olhe não me faça mijo,
 415 ora durma, ó, ó, ó,
 cantemoslhe hua cantiga ____ **canta**
 O menino quer nanar,
 mas não o deixam dormir,
 calence todos, chitom,
 420 e nem tugir, nem mugir.
 Aÿ le le le le le le,
 Aÿ le le le le Corisco,
 Sefaltares apalavra
 o Demo te faça emcisco.

[fl. 19 v. 2ª col.]

No fim Sahe Corisco aremedando

425 Cor. Canta muito grandemente
vosse, Senhora Faisca,
para desmamar crianças
tem de graça muita pilha.

Fais. E vosse, canta melhor.

430 Cor. Canto como hua pipia.

Fais. Ora acalente o menino
com algua cantiguinha.

Canta Corisco o q' lhe parecer proprio

Cor. Pois q' tal?

Fais. Boa goella.

435 Cor. He feita aõ torno da pipia.

Fais. Eu vou deitar o menino,
ja venho.

**Vai p^a. dentro, etorna a Sahir
trazendo hum capote ou (coberta)**

Cor. Minha rica,
eu aqui estou, venha logo,
440 anda depreça, menina.

Fais. Sabe quemais ahi vem
meu Pai com tamanha ira
que seme acha com vosse
todo o corpo meesfanica.

445 Cor. Pois que remedio.

Fais. Eu to digo:
tu bem Sabes q' elle he jinja,
capas de comer mil petas,
[.....]te nesta mantilha,
450 deitate aqui no meu collo,
e (fazete) de [.....]

Cor. Dizes bem, venha esse trapo. [fl. 20, 1^a col.]

Fais. Tu calate, não te rias:
eu digolhe q' he Olinto,
455 verei se pega a mentira.

Cor. Aqui estou, q' ricas couzas!
acalentame Faisca.

**Acalenta Faisca a Corisco, o qual
fara os bixancros q' lhe parecer Sahe
Pantufo.**

- Pant. Ola que monstrozidade
tem no colo minha filha.
- 460 Fais. Paizinho, venha de manço,
Sem que o menino persinta.
- Pant. Que menino
- Fais. Este q' eu tenho.
- Pant. Que me dizes, rapariga,
465 isso q' tens he menino?
elle parece hua pipa.
- Fais. He o filho de minha ama.
- Pant. Se ella desses filhos cria,
pode ser mai dos Gigantes,
470 tomara Verlhe acarinha.
- Fais. Arredesse p^a. la,
que elle se o Ve desconfia.
- Pant. Por q' tão feio Sou eu.
- Fais. He hua peça mui linda
475 porem se ove o piqueno
cuida q' he papaõ, egrita.
- Pant. Como esta bem despostaço
- Fais. Tem muito boa papinha.
- Pant. Pecurruxo, daca Sete.
- 480 Fais. Deixeo, valhao hua figa.
- Cor. Cáca, pápa.
- Pat. Elle ja falla.
eu quero verlhe a carinha.

**Aqui
faraõ os bixancros, q' quizerem
ate acabar as pancadas, ecom ellas
Se vaõ.**

Vista de Carcere sahe Timante

- 485 Tim. Por q' he [.....]r mais tempo a vida,
q' ligeira corre, voa; e (passa) [fl. 20, 2^a col.]
se ella na duracaõ [sic] tem Sem [.....]
p^a. opeito infeliz triste desgraça?
basta ja, para ser aborrecida
mostrarse de favores tão escaça,
490 mas ella memagoa de tal Sorte,
q' p^a. alivio meu dezejo amorte.

Sahe Querinto

- Quer. Principe, dame os teus braços.

- Tim. Assim com tanta alegria
 vens adarme meu Irmaõ,
 495 aultima despedida.
 esta he atua Saudade
 este opranto, esta afadiga
 comque deteu Irmaõ Sentes
 ainevitavel ruina?
- 500 Quer. Que saudade, e que pranto,
 que tristezas imaginas?
 entre todos os mortaes
 logras hoje amaior dita,
 ja teu Pai te perdoou,
 505 com compaxaõ delle digna,
 te concede tua Espoza,
 filho, liberdade, evida.
- Tim. Pouco, a Pouco meu Querinto
 tantas venturas unidas?
 510 se credito dera a todas
 matavaome de alegria.
- Quer. Podes crerme, não duvides.
- Tim. Dize, se meu pai com ira
 me condena a dura morte
 515 quemudança repentina
 oinclinou a piedade.
- Quer. Creuza, q' emternecida
 datua magoa edesgraça,
 uzou detalhes rogativas,
 520 taes industrias inventou
 que aplacou as tiranias
 de nosso Pai.
- Tim. Que me dizes?
 Creuza, taõ ofendida
 525 demim pode ser agora
 acauza da gloria minha.
- Quer. Sim, q' tu, Irmaõ, não Sabes
 (quanto) aquella alma, digna
 de mil Imperios, emcerra
 530 de nobreza; e bizzarria:
 tu Saberas por estenço
 quanto foi commigo fina.
- Tim. Ah querido Irmaõ! pois vamos,
 deixa, deixa, que eu te Sigo,
 535 beijar amaõ demeui pai,
 vamos.
- Quer. Não, esta noticia
 foi emmim coidado oculto,

[fl. 20 v., 1ª col.]

540   elle logo detremina
               vir darte empessoa o avizo,
               enaõ quero que persinta
               que minha ventura teve
               neste gosto aprimazia.

Tim.   Mas naõ me posso esquecer
 545   a Creuza devo a vida ?
               aquella, a quem eutratava
               como se fosse innemiga:
               tenho pejo ate de aver
               commigo taõ compassiva,
 550   e ha de partir ultrajada
               Creuza aSim para aFrigia?
               ah Querinto, desta afronta
               so tu poderas remilla;
               dalhe tu a maõ de Espozo,
 555   por que desta Sorte evitas
               aella hua injuria grande,
               a meu Pai dor imfinita.

Quer.   Principe, q' mepropoens?
               pois ja que mo facilitas
 560   quero dizerte oSegredo,
               que oculto nopeito tinha.
               Sabes que eu amo a Creuza
               com ancia taõ exquezita,
               q' So recebendo a Espoza
 565   algum Socego teria,
               mas .....

Tim.   Mas o que.

Quer.   Naõ espero,
               que ella naoferta comsinta:
 570   bem Sabes q' para hum filho
               herdeiro foi pretendida
               mas eu Sou filho Segundo.

Tim.   Outra couza, naõ duvides.

Quer.   Este impedimento he pouco.

575 Tim.   Veras como Se dessipa.
               eu naõ Sou, tu es o erdeiro.

Quer.   Eu?

Tim.   Sim. por q' Se eu morria,
               por minha falta eras tu
 580   quem no Reino Sucedia.
               pois Setu me deste oThrono
               com tua industria exquezita,
               que faço eu emdarte agora
               o que tu mepartecipas?

[fl. 20 v., 2^a col.]

- 585 Quer. Mas nosso Paÿ::
- Tim. Nosso Pai
bem dezempenhado fica,
[.....]⁸⁶
pois dá espozo a Creuza,
590 que para herdeiro destina.
- Quer. Porem dar hum reino he muito.
- Tim. Ah Irmaõ So melastima
ver que hedadiva piquena
hum Reino a quem num so dia
595 deo contra as minhas desgraças
tantas venturas unidas?
mas q' hei de dar? mais não tenho
semil reinos possuira,
todos com prompta vontade
600 liberalmente daria.
- Quer. Invejo oteu coração.
- Tim. Tua amizade meobriga,
Querinto, Serás meu Rei.
- Quer. Ah Timante, mais não digas.
605 tu com animo bizarro
o Throno me facilitas,
Mas eu de [.....]
Antes q' o Reino, queria [fl. 21, 1ª col.]
de teu coração heroico
610 grandeza taõ exquezita. **Vaice**
- Sahe Corisco com Carta fexada q'
traz dentro de outra taobem fexada**
- Cor. Quando entro pellas prizoens
trago esta alma taõ escura,
que meparece q' venho
mais piqueno q' hua pulga.
- 615 Tim. Corisco, fiel criado,
ja Sabes minhas venturas?
vens dar-me os parabens?
- Cor. Deq'? da forca, eda tumba?
parabens? tomara eu verte
620 ca fora posto narua.
- Tim. Sou o homem mais ditozo
de todas as criaturas.
- Cor. Isto pella minha vida
la meparece loucura

---

⁸⁶ Todo o verso foi riscado.

- 625   mas va feito. **a p** Meu Senhor
               eu venho por via oculta,
               muito emSegredo, entregarlhe
               esta cartinha Matuzio.
- Tim. Matuzio de mim q' quer?
- 630   Cor. Isso dira' a Escritura
               elle axace retirado,
               pr. qto. o Rei morto ojulga;
               eagora com muita preça,
               por Ser pessoa Sigura,
 635   me mandou q' eu esta carta
               te emtregasse na mão tua,
               fiz a minha obrigaçãõ,
               e fora daqui, q' há pulgas. **Vaice.**
- Tim. Matuzio a mim escreverme
 640   naõ Seÿ q' meu peito aSusta.
               que o romper aobreia acarta
               toda aalma semeperturba
               mas emfim abro, e leio
               veremos o q' emSenua.
- Le.   Principe, quando hoje ajuntei
               algumas couzas preciozas para a fu
               gida, achei [.....] ⁸⁷ o
               qual me deo minha mulher na
               hora da Sua morte, e por ella mo
               rogar, lhe prometi com juramento
               de o naõ abrir, senaõ no cazo q' su
               cedesse algum infortunio a Dircea
               agora o abri e achey hua carta
               da Rainha tua Mai, ahi ta reme
               to, onde verás novidade estranha,
               a qual favorece na presente ocazi
               aõ a tua desgraça. Matuzio.
- 645 Representa Eu naõ Sei o que alma adevinha?
                     sea idéia tenho confuza
                     dever a primeira carta
                     preplexo esta na Segunda;
                     Sim, aletra he da Rainha,
 650   Ocuração se perturba,
               Vejo que aSim diz:: **abre a carta**
- Le.   Dircea naõ he filha de Matuzio.
               /oh Ceos!/ he minha filha, e de meu
               Espozo deMofoonte /q' les Timan
               te?/A cauza desta iquevocação
               dirá hum papel, q' esta debaixo
               do Idollo no Templo, onde so oRei

[fl. 21, 2^a col.]

---

⁸⁷ A frase foi cortada.

pode emtrar, emtanto eu o afirmo
 com juramento. Argia, Rainha.
 Representa Que angustia!
 cazo terrível que vejo!
 pode haver mais desventura.
 655 Oh Deozes Omnipotentes,
 emtendeis q' he ação justa
 perturbar num so instante
 aminha alegre fortuna?
 Dircea filha do Reý!
 660 minha Irmaã! Oh magoa Suma
 ou devo estar emganado? respiro
 torno a ler: quanto me (aparece)
 não tem duvida, assim diz.
 Hecrueldade mais injusta!
 665 talvez mentisse a Rainha:
 porem como se ella o jura?
 emfim tudo isto he verdade.
 Sou desgraçado pois vejo
 que quando aSorte me adulla,
 670 logo para confundirme
 toda adesgraça seajunta.
 Filho, egenro Soudo Reý,
 e Olinto /oh magoa importuna./
 hemeu filho, eSobrinho?
 675 Dircea /quanto me custa?/
 he minha mulher, e Irmaã?
 q' funesta, eque comfuza
 uniaõ deparentesco!
 Fuja deentre oshomens, fuja
 680 Timante, por q' não Seja
 dehua afronta taõ imunda
 apontado como réo
 damais vergonhoza injuria.
 Oh quem amada, Dircea,
 685 querida Espoza, quem nunca
 te conhecesse eu te amava,
 deSangue auniaõ comjunta
 era cauza deste afecto?
 porem as minhas loucuras
 690 julgara que eraõ nascidas
 de amor aquellas ternuras.
 Que tirano, e infausto dia,
 em que eu via as prendas tuas!
 e que terriveis memorias
 695 daquella amizade mutua,
 que dos nossos coraçoes
 hua So alma compunha!
 emtal estado me Sinto
 neste mal, que me perturba,

[fl. 21 v., 1^a. col.]

700 q' amim próprio me aborreço?
 não quizera emhora alguma
 de mim mesmo ter lembrança!
 emlouqueço: ador me emtuta [sic],
 demodo, q' aluz do dia
 705 não posso ver, avoz muda,
 quer Silencio, porque aSinto
 titubear na pronuncia,
 [.....] (torre) [.....]
 commigo pouco Segura, [fl. 21 v., 2ª col.]
 710 talvez que atremer aobrigue
 opezo da minha angustia!
 sinto ador dentro emmeu peito,
 do desgosto axama adusta,
 olho para estas paredes,
 715 enas Suas pedras duras
 pareceme que estou lendo
 como empublica escritura,
 na cauza dam^a. dor
 motivos da minha furia.

**Sahe Demofonte, Creuza Adras
 to, Querinto e Dircea**

720 Creu. Timante.
 Tim. Por que morrer
 não medeixaste, Creuza?
 Dem. Amado filho!
 Tim. Não mais
 725 esse nome, que aticullas.
 Creu. Tu não Sabes....
 Tim. Sim, ja Sey.
 Dem. Renovaste hoje aventura,
 toma os bracos empenhor
 730 doperdaõ detuas culpas,

Vai p^a. abraçar [sic] a Tim. eelle lhe foje

---

mas tu foges dos meus braços!

Tim. Tenho esta alma taõ comfuza,
 que ate o animo me falta
 de te ver.

735 Creu. Por que te aSusta?
 Dem. Dize, que Sucede?
 Dirc. Espozo!

- Tim. Vaite, Dircea.
- 740 Adr. Não fuja,
aqui tens o teu filhinho.
- Tim. Não quero vello.
- Dirc. Ora escuza
de fazer funesto o dia,
que tanta alegria inculca.
- 745 Tim. Aonde, aonde fugirei
a ter minha afronta (oculta).
- [.....] [.....] ⁸⁸
- Dem. Espera. [fl. 22, 1ª col.]
- 750 Creu. Detemte,
aonde vas [sic] com tanta furia?
- Tim. Ah! pertendes conSolarme,
eador fazeis mais aguda.
- Dem. Pois deque foges?
- 755 Tim. Dos homens,
dos deozes, devos eemSuma
demim mesmo.
- Dirc. Eaonde vas?
- 760 Tim. La para onde o Sol não luza,
onde não haja viventes,
onde entre Sombras nocturnas
tenha o Sentimento morte,
eamemoria Sepultura.
- Dirc. Mas teu pai.....
- Adr. Ofilho.....
- 765 Dirc. A Espoza....
- Tim. Para outros essa pronuncia
detais nomes he mui grata,
para mim he dor, eangustia.
- 770 Dirc. Por aquella hora ditoza,
em que eu gozei a fortuna
de agradar....
- Tim. Calla, Dircea.
- Dirc. Por aquella uniaõ pura....
- 775 Tim. Basta, não mais metraspaces
o coração, quando cuidas

---

⁸⁸ O verso está ilegível.

que meconçollas amagoa
nessas amantes industrias.

780 Dirc. Ja q' a Espoza não atendes,
aomenos aofilho escuta,
que te falla nos carinhos
da Sua innocencia muda?
atendeo bem q' he teu Sangue.

Tim. Antes não fosse.

785 Dirc. E q' injusta
pena heesse teu desprezo
aquem não pode ter culpa!
Repara, repara nelle,
ve a (pueril) (astúcia)
790 com que ati se quer xegar
para as paternaes ternuras.

[fl. 22, 2ª col.]

Tim. Ah desgraçado menino!
tua ignorancia te escuza,
se Soubesses o que eu Sei
795 datua infeliz fortuna,
seria tristeza ehorror
o rizo, que agora inculcas.

Dem. Pois, filho, q' cazo estranho,
que novidade te aSusta?

800 Tim. Não tenho acordo adizella,
falta avoz, por mais que estuda
emSe animar, mas seacazo
queres Saber quem meinSulta
toma esse papel, e nelle
verás com cautella Summa
805 acauza irremediável. ____

**Da a car
ta a Demofonte, e vaice arebatado,
e Adrasto pr. Sua Ordem atras delle.**

810 Dem. Vamos Seguindo depreça,
Adrasto, todos acudaõ,
elle vai louco, veremos
logo se opapel divulga
acauza da Sua pena.
Vem, Dircea, vem, Creuza,
oh não me dezampareis
nesta terrivel angustia.

Anbos [sic] 815 Todos te acompanharemos,
que aaflição não he Sotua.

V. todos

Sahe Querinto, e Adrasto

Quer. Dos deozes foi providencia
não conSentir eu que prezo

820 fosse Matuzio, eguardallo
deperigo mais funesto
para agora revellar
taõ importante Segredo.

Adr. Eteu pai não estranhou
que uzaces tal fingimento.

825 Quer. Como aSua vida he util
disculpou os meus excessos,
e agora junto com elle
foÿ p^a. ointerior do Templo
830 buscar o outro papel,
para Se ver omisterio,
que inclue.

[fl. 22 v., 1^a. col.]

835 Adr. Mas eu prezumo
pello que examino, e emtendo,
que pouco aqui tardara,
pois todo o Pallacio observo
Magnifico, e Sumptuozo
nagrandeza, e luzimento.

Quer. Saõ para os meus despozorios
estes perparos.

Sahe Timante perturbado

840 Tim. Que Vejo!
esta pompa, esta grandeza,
estes aparatos Regios
Saõ para hum dezesperado
intoleravel tormento.

845 Quer. Eu desconheço a Timante. _____ **a p**
Irmaõ, basta ja de excesso,
Sabemos atua pena,
erraste, porem nesse erro,
posto sejas desgraçado,
detoda aculpa és izento.

850 Tim. Querinto, emquanto eu não Soube
meu imfortunio funesto
não era réo, mas agora,
que claramente o conheço,
855 reo Sou de hua culpa enorme,
amar Dircea não devo,
eu Sim a adoro excessivo,
deixar este amor intento,
mas não posso, enaõ he crime
860 ter na Irmaã os pensamentos
com que amava aminha Espoza,
não outros, porem os mesmos?
Como eide romper hum laço

tecido com tanto aperto,
 por amor, por despozorio,
 865 (por hum filho e mil extremos)⁸⁹
 comome posso esquecer
 detanto amoroço affecto,
 detanta fe, elealdade,
 de hum trato ja taõ interno,
 870 que lançou raizes nalma
 pello costume dos tempos,
 pois Seeide Ser réo, Querinto,
 eu por compaixão te peço,
 q' emquanto estou innocente,
 875 emperigo manifesto
 me deixes despedaçar
 nas mãos domeu dezacerto.

[fl. 22 v., 2^a col]

Sahe Matuzio, Dirc. Fais. e Olinto

Mat. Filho meu, amado filho....
 Tim. A mim esse tratamento?
 880 amim teu filho, eporque?
 Mat. Porquehoje acertezatenho
 de q' es meu filho, eeuteu Paÿ.
 Tim. He sonho? eu não vos emtendo,
 Deixame, Dircea.
 885 Dirc. Não,
 fujas, não tenhas receio
 não Sou tua Irmaa, mas Sim
 tua Espoza.
 Tim. Ah q' eu bem vejo,
 890 que vos me estais emganando,
 por me dar algum Socego.

**Sahe Demofoonte com (acompanhamento)
e Corisco, e Pantufo.**

Dem. Timante, ninguem te emgana,
 todos te Saõ verdadeiros.
 Tim. Vede q' emganarme agora
 895 He impio, ecruel intento.
 Cor. Tomara ver emq' paraõ
 As tramoias deste emredo.
 Dem. Timante, não es meu filho,
 tu com Dircea no berço
 900 fostes trocado, ella Sim
 por minha filha a recebo,

⁸⁹ Este verso foi cortado possivelmente no processo de encadernação a que foi submetido o documento, após minha leitura em 1981.

(tu es filho de Matuzio) ⁹⁰

Pant. Me matem Se eu os emtendo.

[fl. 23, 1^a col.]

905 Tim. Senhor, vamos mais de espaço.
alma vai cobrando alento.

Dem. A Rainha minha Espoza
foi amiga com extremo
de tua Maÿ, e pedio,
depois doteu nascimento,
910 q' trocassem os dous filhos,
indiscretamente crendo,
que fazia na mudança
utilidade ao Seu Reino.
Despois, nascendo Querinto,
915 Cahio no arependimento,
por ver que o Ceptro roubava
a Seu filho verdadeiro
Como mevio teu amante,
temeo dizerme oSegredo;
920 poreo ja proxima amorte,
em dous papeis escrevendo,
humdeixou áSua amiga,
eera aquelle, que tu mesmo
medestes depois deoler,
925 outro escondeo; aqui otenho.

Cor. Arengas faraõ mulheres,
que nem as emtenda o demo.

Tim. Epor que não Se explicou
tudo nopapel primeiro?

930 Dem. Neste Somente escreveo
de Dircea oSangue Regio,
firmando este testemunho
com Seu Real juramento.
Mas o que tocava ati
935 era importante Segredo,
que So devia fiarce
de mim, para que oprojecto
tomasse ou de orevelar,
ou com cautella escondello,
940 conforme ocazo opedisse,
eas Sirconstancias dostempos.
Por isso ocultou na parte
mais oculta do Templo,
onde so eu (posso) entrar
945 (a render a Apollo obzequios) ⁹¹

⁹⁰ Idem nota anterior. Os dois versos são (eram) os últimos da folha, um no final da primeira coluna e, o outro, no final da segunda coluna.

Tim. [Inda me tem duvidozo]⁹² [fl. 23, 2ª col.]
taõ estupendos Suceços.

Dem. Não duvides, por que Saõ
as provas, e os Sinaes Sertos;
950 toma, ve este papel
q' explica todo oSegredo _____

**Da o papel
a Tim. q' o le para Si**

Tim. Não me emganes, fatal Sorte,
outra vez com mais tormento.

Sahe Creuza

Creu. Senhor, deste povo
955 orumor he verdadeiro,
que ja tem de pasmo, eaSombro
todo este palacio cheio.

Dem. Sim, Creuza, vem Princeza,
aqui teu Espozo tenho. _____ **pª. Quer**
960 Eu te prometi hum filho,
q' daTracia herdasse o Ceptro,
eem Querinto juntamente
filho, e herdeiro te ofereço.

Quer. Eu não Sey Se esta mudança
965 Será conforme ao teu genio.

Creu. Oq' he destino celleste
com prompta vontade aSeito.

Quer. Eu, Creuza do destino
fazer eleicaõ [sic] prometo. _____ **daõ as maos**

970 Creu. Eeu a quem emtrego amaõ
todo o coração emtrego.

Cor. Eu frijome por cazar.

Fais. Eu por cazar arebento.

Pant. Tomara para esta moça
975 emcontrar hum bom acerto.

Tim. Com que Sou eu oinnocente,
avista do q' estou lemdo,
de q' o Oraculo fallou,
uzorpador deste reino.

980 Dem. Sim bem como emgosto
Semodou oSentimento.
deste anual Sacrificio
fica libre todo o reino,

⁹¹ Este verso foi cortado posteriormente à minha leitura feita em 1981, antes da encadernação.

⁹² Este verso, primeiro da coluna seguinte, está praticamente ilegível. A transcrição foi feita a partir da leitura de 1981.

- 985 o Ceptro Se restitue
ao Principe verdadeiro:
do Rei da Frigia as promeças
(dou inteiro cumprimento) ⁹³
Querinto goza Creuza, [fl. 23 v., 1ª col.]
ella dequire [sic] hum novo Cetro:
- 990 Tu, Timante, com Dircea
gozas deamor o Sucego:
epoem finalmente, a Sorte
atantas desgraças termo.
- 995 Tim. Odia tão venturozo
que acabando meu tormento,
levantas do coração
hum inSoportavel pezo:
filho, Dircea, tornais
a meus braços, ameu peito,
1000 pois abraçarvos ja posso
Sem temor, Susto, oureceio.
- Dirc. Oq' afortunado dia
pª. omeu contentamto? [sic]
- Tim. Agora, rei meu,
prostrado. _____ **ajoelha**
1005 ateus pes dos meus excessos
com Suplicas repetidas
operdaõ mil vezes peço.
Foraõ delirios de amor,
por isso desculpa espero;
1010 juro q' eide proceder
dehoje em diante mais discreto:
serei Vassallo fiel
depois de filho perverço.
- Dem. Levantate, q' meu filho _____ **levantao**
1015 seja inda agora quero,
chamar-me embora teu Paÿ,
que esse nome nao rejeito,
e o que até agora foi Sorte
eleição ficara Sendo,
1020 se falta o vinculo aoSangue
naõ fatara [sic] auniação do affecto.
- Pant. Vosses q' fazem patollas?
por q' naõ cazaõ com o demo
he precizo q' eumemeta
1025 taobem acazamenteiro.
- Fais. Sim, paizinho, falle nisso.

⁹³ Este verso foi cortado posteriormente à minha leitura feita em 1981, antes da encadernação. Era o último da folha.

- Cor. Falle, q' he mais velho.
 (Pant.) (Senhor pellos meus serviços) ⁹⁴
 hum cazamento requeiro [fl. 23 v., 2ª col.]
 1030 para elle, e mais para aquella.
 Dem. Muito embora.
 Cor. Pois va feito.
 sejaõ todos testemunhas
 que faco omeu cazamento. _____ **dao as maos** [?]
 1035 Fais. Elle não meagrada muito,
 mas porem domal omenos.
 Tim. Aqui pois sefinaliza
 aquelle amoroço empenho,
 emque apezar da desgraça
 1040 venceo de amor o desvello,
 tudo deixei pella Espoza,
 vida, Throno, Coroa, e Ceptro.
 para que conheça o mundo ⁹⁵
que Se este ⁹⁶ vencer pode
 1045 quando por firme amante
entre perigos se ostenta
todos so o amor vence
 Todos Mais valle Amor q' hum reino
 _____
fim
 1050 Com excesso outros affectos,
Para corações illustres
Mais valle amor q' hu' reino
 _____
Mas pra q' conheça o mundo
Que esta cativo o peito
Pra corações' illustres
 1055 Mais valle amor q' hu' reino

⁹⁴ Este verso foi cortado posteriormente à minha leitura feita em 1981, antes da encadernação. É o último da primeira coluna da folha.

⁹⁵ O verso foi riscado.

⁹⁶ As palavras e as frases sublinhadas indicam rasuras feitas no texto com caligrafia diferente da do copista. A partir deste verso até o 1048, o autor das rasuras e dos acréscimos abaixo riscou mais esses cinco versos, ao que parece, com a intenção de anulá-los. Ao que parece, resolveu substituí-los pelos sete últimos, do 1049 ao 1055, que terá sublinhado por outro motivo.

Crítérios adotados para a edição modernizada

Na transcrição modernizada foi feita a atualização ortográfica do libreto, levando-se em conta as normas gramaticais vigentes, embora com o cuidado de interferir o mínimo possível no texto e no número de sílabas poéticas do apógrafo. Todas as abreviaturas foram desdobradas.

As correções gramaticais referem-se também aos usos de regência e concordância verbal e nominal considerados atualmente incorretos, além da pontuação. As intervenções foram feitas na tentativa de tornar a leitura mais compreensível, sem perder de vista o sentido. Para esclarecer dúvidas relacionadas à transcrição modernizada, pode-se recorrer à reprodução em meio digital e à transcrição diplomática, que indicam a escritura original.

Algumas lacunas foram preenchidas, a título de sugestão para o texto definitivo, sempre que foi possível inferir as palavras que teriam sido usadas, considerando-se o contexto, o número de sílabas do verso ou dos versos próximos e as letras restantes de uma palavra, que possibilitassem algumas conclusões.

As metáteses, como no caso de *pertende*, *pertendem*, *emterterme*, *perparos*, foram atualizadas, assim como as formas *hua*, *algua*, *nenhua*.

As palavras *defensa* e *cousa*, foram passadas para a ortografia atual na edição modernizada. Da mesma forma, as palavras *cobardia*, *libre* e *revelde*, foram grafadas, respectivamente, *covardia*, *livre*, *rebelde*.

Aparecem no texto sinais de pontuação hoje desconhecidos, como :: e ::: As reticências têm maior número de sinais: ..... Na edição modernizada, todos esses sinais foram interpretados como reticências, já que não destoam do contexto, embora nos ocorra que talvez constituíssem marcações para diferentes tipos de entonação e pausas dramáticas na fala dos personagens. Selecionamos alguns exemplos constantes em versos do primeiro ato:

585 Tim. tanto a bondade conheço que:::

637 Tim. Sr.: tu cres :: q' eu:: acaso::

667 Tim. Eu, senhor, confessar quero:::

E também nesta seqüência de diálogo entre Timante e Demofonte, dos versos 670 a 675 do mesmo ato:

Tim. O sacrificio::

Dem. A elle vou.

Tim. Mas a Ley::

Dem. Em nada a ofendo.

Tim. A Espoza....

Dem. He chegada ao porto.

Edição modernizada[fl. 1]

Ópera de Demofonte em Trácia

Atores

Demofonte, rei.

Timante, imaginado seu filho.

Dircéia, imaginada filha de Matúcio.

Matúcio, grande do reino.

Querinto, filho hereditário do reino.

Creusa, destinada para esposa de Timante.

Adrasto, Capitão das Guardas Reais, confidente do rei.

Corisco, Gracioso, criado de Timante.

Faísca, Graciosa, criada de Dircéia.

Pantufo, Pai de Faísca, sevandija de palácio.

Sacerdote de Apolo.

Guardas Reais.

Ato primeiro

[fl. 2, 1ª coluna]

Saem Matúcio, Dircéia e Faísca.

- Mat. Não me suspendas os passos,
amada filha Dircéia.
Deixa-me partir, pois quero,
hoje do rei, na presença,
5   desafogar a paixão,
      que o meu sossego inquieta.
- Dirc. Pai, senhor, repara e adverte,
que nesta ação, que hoje intentas,
fazes que um mal duvidoso
10   chegue a ser ruína certa.
- Mat. Amo-te, ó filha, e não tenho
sofrimento, nem paciência
de consentir que o teu nome,
junto das outras donzelas,
15   na fatal urna das sortes
      misturado também seja.
- Dirc. É amor digno de um pai;
mas se a lei de Apolo ordena,
que sempre, no dia de hoje,
20   seus altares umedeça
      o sangue de ilustre virgem,
e por isso se decreta,
que os nomes entrem na urna,
para se tirar aquela,
25   a quem o seu duro fado
      ao sacrificio condena,
como queres que entre tantas,
eu somente fique isenta,
de uma pena que talvez
30   a mim nunca me aconteça?
- Mat. E por quê? Nas fatais sortes
também entra a prole régia?
- Dirc. Essa não, mas entram todas,
excetuando as princesas.
- 35   Mat. E julgo pouco esse exemplo:
      eu, de vassalo, na esfera,
      sou menos pai do que o rei?
      A lei de Apolo só lembra
      que o sangue de virgem nobre
40   se sacrifique; mas seja
      qualquer que for, não exclui
      nem a real descendência.
      E já que o rei Demofonte

[fl. 2, 2ª col.]

- 45   desta dura lei se ostenta
             tão rígido executor,
             a ser obediente aprenda:
             ensine também aos outros
             com seu exemplo a obediência;
 50   de suas filhas os nomes
             exponha às sortes e veja
             como o coração de um pai
             palpita com dor inquieta,
             quando a mão revolve os nomes
             que essa fatal urna encerra.
 55   Experimenta o fero susto,
             o medo e o temor aprenda,
             que os mais sentem, quando lança
             o ministro a mão direita,
             quando tira o nome e quando
 60   a prognosticá-lo começa.
             Não seja só assistente
             das tribulações alheias;
             tenha sua parte no susto,
             o que eu padeço, padeça.
- 65   Dirc.   Mas não sabes que da lei
             o soberano se isenta?
- Mat.   Das humanas sim, mas não
                     das divinas.
- 70   Dirc.   Porém, esta
             interpretação, a eles
             é justo que só pertença ⁹⁷.
- Mat.   Não, Dircéia, a lei divina
                     nunca jamais se interpreta
                     quando os deuses falam claro.
- 75   Dirc.   Mas então?
- Mat.   Não mais, Dircéia,
                     estou resoluto. [fl. 2 v., 1^a col.]
- Dirc.   Pai,
                     com melhor acordo pensa
 80   a resolução que tomas:
             olha que muito depressa
             se acende nos reis a ira,
             e tarde a extinguir-se chega.
             O rei é senhor das vidas,
 85   e é mui temerária empresa,
             provocar a indignação
             de quem poderoso impera.

---

⁹⁷ Inferi, pelo contexto, que a palavra ilegível é só.

- 90 Já Demofoonte te atende
com desagrado, e não queiras
unir aos ódios antigos
as indignações modernas.
- Mat. Filha, em vão me persuades
a que as suas iras tema:
quem tem o céu da sua parte
95 iras de um rei não receia. **Vai-se.**
- Fais. Ai, senhora, quanto temo
que o paizinho, com tal teima,
faça ainda alguma embrulhada,
que a todos dê na cabeça.
- 100 Dirc. Muito o receio. Oh, Timante,
meu esposo, quem me dera
fosses agora presente.
- Fais. Se isso somente desejas,
sossega que ele não tarda,
105 e entendendo virá depressa.
- Dirc. Que dizes?
- Fais. Que o rei, seu pai,
mandou viesse da guerra
para a corte. Olhe, não minto,
110 aqui o tens já na presença.
- Dirc. Que gosto!

Saem Timante e Corisco.

- Tim. Querida esposa...
- Dirc. Silêncio, senhor, não seja
de alguém ouvido este nome.
- 115 Tim. Não, minha vida, não temas,
que ainda que alguém nos ouvisse,
ter susto algum não deveras:
porque me tens a teu lado
pronto na tua defesa. [fl. 2 v., 2^a col.]
- 120 Cor. E aqui está também Corisco,
que para amantes empresas,
costume dessa Faísca,
sou vivo raio de guerra.
- Fais. Senhor Corisco, bem vindo.
125 Com que ainda de mim se lembra?
- Cor. Lembro-me, por meus pecados,
nem é justo que me esqueça,
pois trago essa carantonha,
estampada nas ventrexas.

- 130 Dirc. Príncipe, como é possível
que eu presente aqui te veja?
- Tim. Do rei, meu pai, sou chamado
à corte.
- Dirc. E a causa, ponderas?
- 135 Tim. Não, meu bem, seja qual for,
sempre o gosto lisonjeia,
pois foi motivo que eu visse
quem a alma tanto deseja.
Dize-me, querida esposa:
- 140 passaste bem nesta ausência?
Lembrava-te o teu Timante?
- Dirc. É forçoso que me ofenda
essa pergunta. Duvidas
da minha amante firmeza?
- 145 Tim. Não, vida, sei que me estimas:
mas do teu peito as finezas
são mais doces repetidas
pela tua boca mesma.
Dize: e como está Olinto,
- 150 aquela querida prenda
de nossos castos amores?
A qual de nós se assemelha?
- Dirc. Teu semblante majestoso
desde as mantilhas ostenta;
- 155 vejo nele a tua imagem
e, às vezes, talvez suceda,
que quando junto a meu peito,
o braço o filhinho aperta,
também que aperto nos braços
- 160 o pai se me representa.
- Cor. Só tu, negra remelosa,
nunca me dizes daquelas.
- Fais. Quando falar seu senhor,
não nos dê à taramela.
- 165 Tim. Ah, querida esposa minha,
quantas angústias, e penas
nos custa o nosso segredo!
Eu já não tenho paciência
de o guardar; hoje talvez
- 170 que um meio oportuno eleja,
com que saia desta angústia
que a nós ambos atormenta.
- Dirc. Hoje talvez que algum dano
mais terrível nos suceda;

[fl. 3, 1ª col.]

- 175 bem sabes que o sacrificio
de Apolo hoje se celebra;
o meu nome vai nas sortes
porque o rei assim o ordena.
Meu pai se opõe e mais temo
- 180 nesta terrível empresa,
antes que o rigor da sorte,
do pai e rei a contenda.
- Tim. Teu pai, de que és minha esposa,
tem por acaso suspeita?
- 185 Dirc. Nada sabe, que o segredo
somente em mim se conserva
e em Faísca, a quem fiei
a nossa querida prenda,
para que a desse a criar,
- 190 oculta na sua aldeia.
- Fais. De mim não tenha cuidado,
porque eu cá para essas tretas
sou porta mui bem fechada
a machabrão, e tranqueta.
- 195 Tim. Eu também só a Corisco
revelei, que não chega
um segredo a recatar-se,
de quem nenhum tempo deixa
de acompanhar-me fiel.
- 200 Cor. Quem, eu cá? É boa essa!
Eu cá não sei dessas coisas,
não entendo, sou pateta.
- Tim. Pois, Dircéia, não te assustes,
se o teu mal não tem certeza:
- 205 antes de ver-se o perigo
não é justo que se tema;
são mais os nomes, e logo
em ti a sorte funesta
há de cair?
- 210 Dirc. E se acaso
o céu quiser que suceda,
que hei de fazer? Não me assusta
a morte, porque Dircéia
sabe morrer pela pátria;
- 215 mas Apolo quer que seja
sacrificada uma virgem.
Eu, mulher e mãe...
- Tim. Suspenda
teu receio esse discurso.
- 220 Quando a sorte infausta queira

[fl. 3, 2^a col.]

que suceda essa desgraça,
darei que tu és princesa,
que és esposa minha.

- 225 Dirc. Então
temo sorte mais adversa:
pois tu, esposo, bem sabes
a terrível lei que ordena,
que toda a mulher vassala,
casando com prole régia,
230 será condenada à morte.
Assim nenhuma cautela
me pode valer calando;
ofendo o céu e a mim mesma.
Mas se falo descobrindo,
235 a lei e a rei faço ofensa.
- Tim. Basta, Dircéia, de susto,
tens em mim quem te defenda,
meu pai me estima, eu prometo
que hei de incliná-lo à clemência.
240 Enfim, meu bem, te asseguro,
que enquanto nas minhas veias
jorrar a vida, amparar-te,
hei de com tal fortaleza,
que perderei coroa, cetro,
245 pai e rei, só por que veja,
entre os meus braços segura,
a minha amada Dircéia.
- Dirc. Com que poderei pagar-te,
querido bem, tal fineza?
- 250 Tim. A paga dos meus excessos,
és, minha esposa, tu mesma.
- Dirc. Pois, príncipe, a minha vida
no teu amparo se entrega.
- Tim. Nada de novo me ofereces,
255 que o peito há muito a conserva.
- Dirc. Pois, meu esposo, ao combate.
- Tim. Pois, minha esposa, à defesa. **Vão-se.**
- Cor. Agora, você, Faísca,
leve-me, não se detenha.
- 260 Fais. Eu levá-lo: forte história;
é você mui boa peça,
para eu ocupar meus braços
nessa figura nojenta.
- Cor. Devagar com tais melindres;
265 com que a pessoa não presta?

[fl. 3 v., 1ª col.]

- Pois saiba que muitas, muitas,
andam atrás de mim: qual delas
há de vir a ser senhora
da minha gentilomeza?
- 270 Fais. E que tais elas serão?
- Cor. São muito melhores que [.....]
Olha, são damas [.....]
acima das cozinheiras.
- 275 Fais. Pois se tem essas fortunas,
então por que me requesta?
- Cor. Filha, são [.....] ações:
deu-me em querer-te deveras;
só tu me pareces bem,
todas as mais julgo feias,
280 tu tens mais entendimento
do que trezentos [.....].
Mais ilustre me pareces,
do que quarenta princesas.
- [fl. 3 v., 2ª col.]
- Fais. Sim, mas você...
- 285 Cor. Já te entendo:
dizes que tenho pobreza,
que não posso sustentar-te.
Ah, Faísca, como és néscia!
Nem tudo que luz é ouro;
290 debaixo desta roupeta,
está oculto quem pode
levantar-te à grande esfera.
- Fais. Fora lá com o mentiroso,
que vem armando de arengas;
295 vá encaixar lograções
a outra que o não conheça.
- Cor. És mulher mortal, por isso
os arcanos não penetras.
- Fais. Nem arcanos, nem arcanjos.
300 Antes que fosses à guerra,
não eras meu conhecido?
- Cor. Era. Mas não sou quem era:
pois deixei o ser que tinha;
sim, é esta cara a mesma:
305 porém outro mui diverso,
dentro da pele se encerra.
- Fais. Explique essa adivinhação:
fale, se quer que eu o entenda.
- Cor. Pois, filha, sabe quem eu sou?

- 310 *Masta, boca, é muita pressa*
fiar de ti um segredo
de tamanha conseqüência.
- Fais. Porque tem lá para si,
que também sou chocalheira:
315 pois se me não fala claro,
fique aí só. Boas festas.
- Cor. Anda cá. - Oh, quanto pode
comigo a tua vileza. -
Pois sabe que eu sou: moita.
320 Olha, também não esteja
quem nos escute.
- Fais. Ninguém nos ouve. [fl. 4, 1ª col.]
- Cor. Pois vá de peta. **À parte.**
Eu sou Apolo, que venho
325 sempre neste dia à terra,
a ver o meu sacrificio,
que no templo se celebra.
E para ver disfarçado,
e que ninguém me conheça,
330 sempre de alguma pessoa
me visto na aparência.
Sabendo que Corisco
estava morto na guerra,
encaixei-me no cadáver,
335 e com a figura mesma,
que ele tinha em sua vida,
hei de fazer assistência
ao sacrificio.
- Fais. Que diz?
340 Ah, senhor, com que deveras
morreu na guerra Corisco?
- Cor. Oxalá não fora certa
esta notícia. Morreu
de uma cutilada tesa,
345 que lhe pregou hum soldado
logo acima da cabeça.
Pois coitado, era bom homem.
Esta já eu sei que pega. **À parte.**
- Fais. Pode haver maior desgraça?
- 350 Cor. Filha, por que te lamentas?
Deixa memórias sedições,
toma inclinações mais frescas.
Se perdes Corisco, tens
Apolo, que te venera,
355 muito mudas de ventura,

se este meu amor aceitas;
pois sobes, sem mais, nem mais,
de ser rascoa, a ser deusa.

360 Fais. Mas passado este dia
foge para a sua esfera,
e então cá a pobrezinha
fica com a boca aberta.

365 Cor. Não, que se eu casar contigo, [fl. 4, 2ª col.]
e o espero, mui depressa,
hei de comigo levar-te.

Sai Pantufo.

Pant. Olé: temos cá conversas;
mui bom negócio, Faísca?
Com que isto é que te encomenda
teu pai?

370 Fais. Ora, não se enfade,
meu paizinho; se soubera
com quem eu agora falo,
havia fazer-me festa.

375 Pant. Ah, ah, ah, pois não conheço
há tanto essa boa peça?

Cor. Pois diga-me: quem sou eu?

Pant. És Corisco.

Cor. Olhe o pateta,
como está fora do caso!

380 Fais . Paizinho, tenha paciência,
também como eu se enganou;
olhe: este não é quem era,
no corpo sim, é Corisco,
mas nele outra alma se enxerta.

385 Cor. Ah, mortal! Por quê o segredo
que descobres, tu revelas?

Pant. Sempre é Corisco o corpo;
pois malhar-lhe-ei à mão tesa.

Vai para lhe dar.

390 Fais. Tenha mão: que faz, senhor,
que dá num deus?

Pant. Com que desta
casta são os nossos deuses?

395 Cor. Faísca, deixa [.....] deixa
que me toque, tu verás,
sem que a pancada me ofenda,

como um raio o faz em cinza,
caindo-lhe sobre a crica.

Pant. Raios! Já estou tremendo.

400 Cor. Senhor Pantufo, lá creia
o que bem lhe parecer:
cá por mim não repreenda
a Faísca, pois lhe corta,
a grande ventura que a espera.

405 Pant. Pois conta-me, rapariga, [fl. 4 v., 1ª col.]
que circunstâncias são estas.

Fais. O senhor é deus Apolo.

Pant. Apolo? Tal coisa crera,
se ele fizesse um milagre
aqui na minha presença.

410 Cor. Milagre? Farei um cento.
E para que logo os vejas,
põe-te aqui, e mais Faísca.

**Põe-nos pasmados,
cada um a seu lado.**

415 Bom: hás de estar hora e meia
sem olhares para trás,
e verás coisas tão belas,
que fiques embasbacados
por uma semana inteira.

Pant. Aqui estou.

Fais. Mais eu também.

420 Cor. Pois nenhum volte a cabeça.
Vou-me safando ligeiro,
antes que o carolo ferva.
Sentido, deixem-se estar.
Adeus, com bem lhe amanheça.

À parte.

Vai-se.

**Ficam os dois pasmados no lugar em
que os puseram, olhando para o povo, e
saem Matúcio e Adrasto. ***

425 Adr. Não pode tardar o rei.

Mat. Eu aqui por ele espero.

Adr. Mais que temos neste sítio?
Que fazeis vós aqui dentro?

Fais. Paizinho, não volte a cara.

430 Pant. Caluda: estamos nós vendo
em que param tais milagres.

Adr. Não me respondem?

Fais. Segredo.

- Adr. Quem são vocês? Digam!
- 435 Pant. Moita.
- Adr. Pois desta sorte veremos
se hão de falar. **Dá-lhes.**
- Pant. Ah, Faísca,
lá vai um milagre belo.
- 440 Fais. Não se mova.
- Adr. Inda não ouves? [fl. 4 v., 2ª col.]
- Pant. Eu cá estou satisfeito:
mas àquela rapariga
faça-lhe um milagre ao menos.
- 445 Adr. Ide-vos embora, loucos. **Dá em ambos.**
- Fais. Ai, que me deu no barbelho.
- Pant. Não te movas, que é milagre.
- Ambos Eu, do milagre, arrenego.
- Vão fugindo e saem o rei e guardas.**
- Dem. Meus vassalos, bem quisera
450 aliviar meu império
deste jugo tão pesado,
que o oprime há tanto tempo ⁹⁸:
mas como do deus Apolo
tanto venero os preceitos,
455 enquanto ele os não revoga,
hei de, com rigor austero,
ser rígido executor
de seus divinos decretos.
- Mat. Pois, senhor, não é possível
460 descobrirmos algum meio,
com que tanta ira se aplaque?
- Dem. Já ontem de Apolo ao templo
fui outra vez consultar.
- Mat. E que respondeu?
- 465 Dem. Com o eco
formidável e espantoso,
em presença do congresso,
que me acompanhava, disse:
deixarei de ser severo,
470 reprimindo as iras, quando
for entre vós descoberto,

⁹⁸ A forma verbal *suprime* foi substituída por *oprime*, em função do contexto.

com evidência, o inocente
usurpador deste reino.

Adr. Estas vozes são confusas.

475 Dem. E enquanto eu não as entendo,
apesar da minha mágoa,
o antigo rito não deixo,
de sacrificar a virgem.

480 Adrasto, recado ao templo,
para que todos os nomes
sejam lançados de novo
das sortes na fatal urna.

[fl. 5, 1ª col.]

Adr. Príncipe, senhor, te obedeco.

485 Mat. Pois meu rei, ninguém se exclui
desse tirano decreto?

Dem. Ninguém, Matúsio, que os reis,
quando presumem de retos,
não dão a uns os castigos,
e a outros os privilégios.

490 Mat. E tuas filhas, também
entram nas sortes?

Dem. Ao menos
não valerá às princesas
a proteção do meu cetro?
495 Assistem longe de Trácia:
e habitando outro terreno,
têm isenção das pensões
que são próprias deste reino.

500 Mat. Pois minha filha Dircéia,
por não ter o sangue régio,
há de expor-se à dura sorte?

Dem. Só minhas filhas isento:
pois como não tem iguais,
também não servem de exemplo.

505 Mat. Entre o rei e entre o vassalo,
o sangue todo é o mesmo:
porque a púrpura não faz
que o sangue seja mais vermelho.

510 Dem. Que intentas, ousadamente,
dizer nesse teu conceito?

Mat. Quero dizer, que se és pai,
eu também o sou, e temo
ver minha filha querida,
515 exposta a tão manifesto
precipício. Assim conluo,

sem reboço algum, dizendo:
 que, ou hão de entrar as princesas,
 ou que, seguindo este exemplo,
 Dircéia não há de entrar.

520 Dem. Que atrevidos pensamentos
 revolves, Matúcio? Assim
 pretendes, com furor néscio,
 ultrajar as leis dos meus
 irrevogáveis decretos?
 525 Tu não vês que és meu vassalo?

Mat. Hoje o ser pai é pr [.....] [fl. 5, 2^a col.]
 mas para ser castigado.

Dem. Pelo teu atrevimento ⁹⁹,
 há de ser sacrificada
 530 tua filha, e hás de estar vendo
 tu, próprio, a tua ruína.
 As sortes hoje não quero.
 Olá, para o sacrifício,
 todas as mais dispenso,
 535 só Dircéia há de morrer.
 Esta a vítima que elejo,
 e assim, na vida da filha,
 do pai o furor condeno.

Mat. Não farás, bárbaro rei,
 540 holocausto tão horrendo,
 enquanto um pai conservar
 no coração vivo o alento.

Dem. Olá, prenda-se Matúcio,
 que assim me perde o respeito.

545 Mat. Ninguém se chegue a prender-me,
 porque a todos desatendo;
 serei em minha defesa,
 leão bravo, e tigre fero.

Vai-se defendendo com a espada.

Dem. Siga-se Matúcio, logo
 550 prenda-se, pois nele intento
 deixar à futura idade,
 da minha justiça exemplo.

Sai Timante.

Tim. Meu pai, meu rei!

Dem. Meu amado filho!

555 Tim. Quem faltava ao respeito,
 da tua soberania?

⁹⁹ Considerei como possível esta leitura, de acordo com algumas letras remanescentes.

- Pois logo ao entrar te observo,
dando vozes indignadas,
com semblante em ira aceso!
- 560 Dem. Com tua amada presença
já todo o furor modero.
Vem, filho meu, a meus braços.
- Tim. Eu como a pai a mão beijo.
Mandaste-me senhor, chamar,
565 a campanha, e pronto venho,
como filho obediente¹⁰⁰,
formado em teus preceitos. [fl. 5 v., 1ª col.]
[.....] assistência [.....]
[.....] guerra
- 570 desagrada, pois só quero
exercitar o meu gênio¹⁰¹
entre os estrondos de Marte.
- Dem. Eu também gosto e contemplo
o valor dos teus triunfos:
575 mas tu és de mais apreço,
e quero dar-te em descanso
de tantas lidas o prêmio;
tu, como príncipe e filho,
tens largos merecimentos:
580 eu, pai e rei, em premiá-los
devo pôr todo o desvelo.
- Tim. Oportuna ocasião
para lhe expor meus intentos. **À parte.**
Meu pai, de teu peito illustre
585 tanto a bondade conheço, que...
- Dem. Não podes conhecê-la
bastantemente, pois quero
fazer mais do que imaginas:
tu não falas e eu te entendo,
590 pois leio no teu semblante
dessa tua alma os segredos.
Tu desejas finalmente
que te veja todo o reino
com tua esposa a teu lado.
595 Não são estes teus desejos?
- Tim. Certamente ele já sabe
que esposa em Dircéia tenho. **À parte.**
- Dem. Sei que a falar não te atreves,
e esse teu mesmo silêncio,

¹⁰⁰ A leitura dos versos 566 e 567, foi feita com base em algumas letras ainda visíveis.

¹⁰¹ O pronome possessivo *teu* foi substituído por *meu*, de acordo com o sentido do texto.

- 600 me persuade à execução,
de teus amantes empenhos.
Eu não queria este laço,
pois como o pai aborreço,
já para a filha olhava
605 com desagrado e desprezo.
Mas, enfim, prevaleceu
o querer dar cumprimento
ao teu gosto. [fl. 5 v., 2^a col.]
- Tim. Ele já sabe **À parte.**
610 quanto ocultava meu peito.
- Dem. Com que meu filho, a cautela
já é resguardo indiscreto.
- Tim. Querido pai, vida nova
me dás; minha esposa quero.
615 Eu vou para conduzi-la
a teus pés.
- Dem. Isso é supérfluo,
porque a teu irmão Querinto,
tenho incumbido este emprego.
- 620 Tim. Que não esperada dita. **À parte.**
- Dem. Nas praias espias tenho,
que logo me avisem.
- Tim. Praias?
- Dem. É favorável o vento,
625 e, tanto que a nau chegue,
logo aqui o saberemos.
- Tim. Qual nau?
- Dem. Essa que conduz
a Creusa, para efeito
630 de ser tua esposa.
- Tim. Oh, deuses!
- Dem. Julgas que foi árduo empenho.
Certamente, porque os ódios
antigos de um e outro reino,
635 não nos davam esperança
de tão ditoso conserto.
- Tim. Senhor... tu crês... que eu... acaso...
Há mais insofrível erro? **À parte.**
- Dem. Esposa, sem ser vassala,
640 não achei outra.
- Tim. Enlouqueceu. **À parte.**

Ser vassala, ou senhora,
que importava para o afeto?

645 Dem. Isso não, porque a lei manda,
que, quando se unir ao cetro
mulher vassala, em castigo
de um arrojo tão soberbo,
seja condenada à morte;
650 e eu, que presumo de reto,
sempre hei de ser desta lei,
executor mui severo.

[fl. 6, 1ª col.]

Tim. Essa lei...

Sai Adrasto.

655 Adr. Senhor, chegaram
agora com feliz vento
as naus de Frígia a este porto. **Vai-se.**

Dem. Pois, Timante, vai ligeiro
a receber tua esposa.

Tim. Eu?

660 Dem. Sim, teu companheiro
também eu quisera ser;
porém um caso funesto,
deste anual sacrificio,
me chama com pressa ao templo.

665 Tim. Ouve-me, senhor, espera,
não te ausentes. Mas que peço? **À parte.**

Dem. Fala, diz-me o que queres.

Tim. Eu, senhor, confessar quero...
Que farei... **À parte.** Quero pedir-te...
Oh, Deus, que rigor funesto! **À parte.**
670 O sacrificio...

Dem. A ele vou.

Tim. Mas a lei...

Dem. Em nada a ofendo.

Tim. A esposa...

675 Dem. É chegada ao porto.
Vai, recebe-a com cortejo;
mostra-te afável.

Tim. Senhor,
espera... sabe... ouve ao menos...
680 Pois não me entendes? Digo...

Dem. Confesso que não te entendo.
Vai depressa; noutro dia

mais devagar falaremos. **Vai-se.**

685 Tim. Digo que este sacrifício...
A lei... A esposa... O decreto... O rei...
Mas, oh, decreto! Oh, esposa!
Oh, sacrifício! Oh, tormento! **Vai-se.**

Canta.

**Vista de Marinha. Sai Corisco
fugindo de Pantufo, que lhe quer dar.**

[fl. 6, 2ª col.]

Cor. Tenha mão, senhor Pantufo.

690 Pant. À-mão-tente, “seu” Corisco;
quero fazer um milagre,
com que lhe quebre os focinhos.

Cor. Homem, tem mão, que te perdes,
pois quando me vens zurzindo,
695 brama o carolo que levo,
nas abóbadas do Olimpo;
e temo que sobre ti,
venha logo de improviso,
meu pai Júpiter com raios,
que te faça em puro cisco.

700 Pant. Seja o que der, entrementes
vou fazendo um milagrinho. **Dá-lhe.**

Cor. Olá, Plutão, venha logo,
e traga lá desse abismo
um murrão, que queime o rabo
705 deste velharrão maldito. **Pantufo se assusta.**

Pant. Vem chegando, viva.

Cor. Pois que vós ouvis os gritos?
Agora aqui, sentirás,
teu justíssimo castigo.

710 Dentro Viva a princesa de Frígia!

Pant. Ai de mim, que estou perdido.
Vem o barulho do inferno
sobre mim. Senhor Corisco!

715 Cor. Insolente! Inda me chama
com esse nome abatido?
Onde estou, que te não abro
da cabeça até o umbigo?

720 Pant. Senhor Apolo, ou senhor
quem quer que é, que eu não lhe tiro
nem lhe ponho coisa alguma,
peça a seu pai, e aos seus tios,
que de mim se compadeça,

pois tenho mulher e filhos.

725 Cor. Já agora não ha remédio,
hei de sepultá-lo vivo.
Pancadas num deus!

Pant. Pequei:
mas estou arrependido.

Dentro: Seja bem chegada, viva!

[fl. 6 v., 1ª col.]

730 Pant. Pois que está perto o alarido,
deixe-me ir embora.

Cor. Nada.
Só irá daqui sem risco,
se prometer aqui,
735 em todo o lugar e sítio,
de não maltratar Faísca,
inda que a veja comigo.

Pant. Eu prometo e reprometo.

Cor. Ande daí que é indigno
740 de ser meu sogro: levante
ao ar o dedo meminho.

Pant. Aqui o tenho levantado.

Cor. Ora, vá-se rebolindo,
que eu comporei os deuses
745 para o perdão do delito.

Pant. Seja pelo amor de Deus,
vou-lhe muito agradecido.

Vai-se, fazendo cortesias.

Cor. O tal velho é bem pateta:
basta ouvir o murmurinho
750 do desembarque, que se faz
à princesa - coutadito!-
para se encasquetar logo,
que vem de todo o abismo,
fogo para o castigar;
755 a ele iremos nutrindo,
agora já que me achei
por acaso neste sítio,
para ver esta função.
Lá vem escaler saindo,
760 e a toda a força os remeiros,
pondo nas praias o fito,
as águas cortam do mar.
[.....] a terra.

Dentro: *Víctor! Víctor!*

765 Cor. *Víctor! Víctor!* É bizarra
esta princesa; mas isto

em que há de vir a parar?
 Ele casado, com filho,
 agora lhe vem outra esposa:
 770 porém nunca se tem visto [fl. 6 v., 2ª col.]
 ficar uma princesa [.....]a,
 que o príncipe, coitadinho,
 por mais que faça não pode
 dividir-se em dois maridos.
 775 Aí vem desembarcando:
 mas eu vou me sacudindo,
 dar a Timante a notícia
 de quanto já tenho visto. **Vai-se.**

**Saem Querinto e Creusa precedidos
 de acompanhamento.**

780 Creu. Basta, príncipe, não mais
 quero ouvir teus desatinos:
 esse afeto que divulgas,
 é injurioso a um filho,
 a quem seu pai cometeu
 de condutor o exercício.

785 Quer. Não acuses, ó princesa,
 o meu amor de atrevido,
 porque deste atrevimento
 tu mesma foste o motivo.
 És entendida, e formosa,
 790 e foi ímpeto preciso,
 depois de ver teu semblante,
 ficar de amores cativo.

795 Creu. Não mais, príncipe; suponho
 que foi lisonja o delírio;
 venho a casar; meu esposo
 é Timante, e não, Querinto.

800 Quer. Vens, ó princesa de Frígia,
 com modo novo e esquisito,
 para ser a minha morte,
 com teu semblante divino.
 Mas aí chega Timante, **À parte.**
 o disfarçar é preciso.

Sai Timante.

Tim. Querinto, irmão, a princesa
 é esta?

805 Quer. Esta é. Que sinto. **À parte.**

Tim. Com ela quero falar
 em segredo.

Quer. Eu me retiro.

Que pena!

À parte.

810 Creu . Esposo, senhor. [fl. 7, 1ª col.]

Tim. Princesa, grande perigo
a nós ambos ameaça,
neste apertado conflito;
só tu podes defender
815 a minha vida e o teu brio.

Creu. Que sucede?

Tim. Nosso pai
nos tem em um nexo unidos,
que a ti talvez desagrade,
820 e eu nem pedi, nem consinto.
Os teus méritos reais
são de um alto nume dignos,
mas que eu seja teu esposo,
não o consente o destino.
825 De um obstáculo invencível,
me considero impedido,
meu pai totalmente o ignora,
nem eu posso descobri-lo.
Assim, o repudiar-me
830 está bem ao teu capricho;
rejeita-me. Dize ao rei
que em mim não achas motivo
para amor, que me aborreces,
que o meu gênio é desabrido.
835 Acrescenta os meus defeitos,
inventa-me alguns delitos,
eu te perdôo as injúrias,
pois me fazes benefício
tão singular no repúdio,
840 que só desta sorte evito,
ao teu decoro uma afronta,
à minha vida um martírio.

Creu. Pois, como assim?

Tim. Eu não posso
845 mais dilatar-me contigo.
Irmão, vais tu a princesa
a palácio conduzindo.

Creu. Dize-me ao menos a causa!
Dá-me sequer leve indício...

850 Tim. Quanto te posso dizer,
já, princesa, tenho dito,
o mais são segredos d'alma,
que na pronúncia têm risco,
somente os sei descobrir

[fl. 7, 2ª col.]

- 855 no coração, onde os sinto ¹⁰². **Vai-se.**
- Creu. Oh, deuses! Tantos ultrajes ¹⁰³,
tratamento tão indigno
a Creusa, real filha
e herdeira do cetro frígio;
860 assim se recebe em Trácia
uma princesa? Querinto,
tens coração para obrar
uma ação de heróico brio?
- Quer. Este coração é teu,
865 manda-o, que ele faz capricho
de te obedecer.
- Creu. Pois vinga
o meu decoro ofendido.
Dou-te o coração, a alma,
870 o cetro, a mão; não limito
a teu valor prêmio algum.
- Quer. Que queres que eu faça?
- Creu. Extinto
quero teu irmão; a morte
875 lhe hás de dar.
- Quer. Cruel delito!
Morte a meu irmão?
- Creu. Ah, já
desmaia teu peito altivo?
880 Não tens valor, vai que eu busco
quem me despique mais fino.
- Quer. Mas princesa...
- Creu. Não te entendo;
vós ambos estais unidos
885 a perder o meu decoro.
- Quer. E achas que tão fementido
pode ser o meu amor?
- Creu. Em nenhum preço o estimo,
porque o amor vê-se nas obras.
- 890 Quer. Mas, Creusa, um fratricídio!
- Creu. Basta: vamos a palácio.
- Quer. Eu para lá te conduzo ¹⁰⁴.

¹⁰² Considerei como possível a leitura *sinto*.

¹⁰³ Pelas duas letras remanescentes, inferi que a palavra escrita seria *ultrajes*.

¹⁰⁴ Inferi que a última palavra é *conduzo*, de acordo com o contexto.

- Creu. Pois eu levo a alma [.....]
quando com os passos te sigo.
- 895 Quer. Eu com a alma te [.....]
que, se irada te diviso,
até nessa indignação,
é forçoso que me aflija ¹⁰⁵.
- Creu. Quem der a Timante a morte,
900 só do meu amor é digno. [fl. 7 v., 1ª col.]
- Quer. Não há meio de aplacar-te?
- Creu. Não o vejo nem o admito.
- Quer. Eu dissera que... Senhora...
- Creu. Tudo ofensa é do meu brio.
- 905 Quer. Repara, bela princesa.
Olha que é contrato indigno,
vender o teu coração,
pelo preço de um delito.
- Creu. Uma vingança é nobreza.
- 910 Quer. Pois Creusa...
- Creu. Pois Querinto...
- Quer. Que dizes?
- Creu. Que queres?
- Ambos Vamos
915 buscar socorro ao martírio. **Vão-se.**
- Cantam.**
- Cena Sai Matúcio apressado com Dircéia.**
- Dirc. Onde me levas, pai?
- Mat. Ao mais deserto
lugar, que veja o sol, onde encoberto,
920 teu rosto esteja em horror profundo,
à notícia da gente e à luz do mundo.
- Dirc. Ai de mim, infeliz.
- Mat. Ah, pai cansado,
olha o fruto que lucra o teu cuidado.
- Dirc. Ele sabe o segredo,
925 eu expiro de medo. **À parte.**
Senhor, tem mais piedade.
- Mat. Piedade já não há, não há lealdade,

¹⁰⁵ [...] *forçoso* [?] [...], considereei como possível a leitura *é forçoso que me aflija*.

toda a clemência está hoje frustrada.

Dirc. Pois a teus pés lançada... **Ajoelha.**

930 Mat. Que fazes?

Dirc. Eu queria chorar tanto...

Mat. Teu caso necessita de mais pranto.

Dirc. Sabe a dura sorte...

Mat. Vou buscar uma nau que te transporte. **Vai-se.**

935 Dirc. Onde me queres conduzir, tirano,
onde, pai desumano? **Levanta-se.**

Assim tão impiamente,
sem meu filho, inocente ¹⁰⁶,

940 e para fim dos infortúnios meus, [fl. 7 v., 2ª col.]
sem dar ao esposo o último adeus?

Sai Timante.

Tim. Enfim te encontro já, prenda querida.

Dirc. Adeus, esposo, adeus, ó minha vida,
adeus, e para sempre, vê que te entrego
945 o meu filho, de amor tão doce emprego;
e já que eu não o faço,
dá-lhe por mim um apertado abraço;
quando ele for capaz de ter piedade,
conta-lhe toda a minha adversidade.

Tim. Esposa, que me dizes?

950 Dirc. Que o segredo sabe meu pai.

Tim. E tu, de que tens medo?

Dirc. Porque me leva com tirano intento,
de me tirar o alento.

955 Tim. Dircéia, não te oprima aflição tanta,
teu desmaiado coração levanta;
não temas o rigor de um pai irado,
quando Timante tens junto a teu lado.

Sai Matúcio.

Mat. Dircéia, vem depressa.

960 Tim. Matúcio, o rigor cessa,
Dircéia não há de ir.

Mat. Pois quem o impede?

Tim. Eu.

Mat. Desse empenho [.....]

¹⁰⁶ Pelo contexto e considerando as rimas emparelhadas, inferi que a palavra rasurada é *inocente*.

- senão com esta espada.
- 965 Tim. Eu com ela também desembainhada.
- Mat. Resistirei qual bronze. [.....] (para)
- Tim. Eu, como fera.
- Dirc. Ah, príncipe, detém-te, espera! Ah, pai!
- Mat. Ímpio: por que razão hás de impedir-me,
970 que eu resoluto, e firme,
uma virgem socorra,
para que em sacrifício hoje não morra?
- Dirc. Oh, deuses!
- Tim. Mas então...
- 975 Dirc. Cala-te agora, **Para Timante.**
que o pai nossos segredos ignora.
- Mat. Querer que a minha filha acabe a vida?
- Dirc. Eu fui quem me enganei.
- Tim. Pois quem duvida [fl. 8, 1ª col.]
980 a Dircéia livrar [.....]
Eu te vi com o ferro
na mão desembainhado,
dela o semblante em lágrimas banhado;
cuidei que a tua ira
985 contra ela se conspira
e, sem mais discorrer, briosamente,
a vida defender quis da inocente.
- Mat. Pois não impeças, não, nossa fugida,
porque se for Dircéia compreendida,
990 vítima há de ser no sacrifício.
- Dirc. Ah, infeliz!
- Tim. E donde tens indício
de tão cruel ruína?
Seu nome à fatal urna hoje se destina ¹⁰⁷?
- 995 Mat. Não, mas teu pai com bárbara inclemência
da vida quer privar esta inocência,
e, sem a condenar à infausta sorte,
quer que em castigo meu padeça a morte.
Eu tudo te dissera;
1000 porém, tempo não há. Vamos.
- Tim. Espera.

Sai Adrasto com guardas que cercam a Dircéia.

¹⁰⁷ O verso foi corrigido com o acréscimo do pronome *se*.

- Adr. Olá, guardas, Dircéia seja presa.
- Mat. Príncipe, não to disse?
- 1005 Tim. Que fereza
é esta, Adrasto?
- Dirc. Ai, triste e desgraçada!
- Tim. Por que há de ser Dircéia assim tratada?
- Adr. É ordem do meu rei. Vamos.
- Dirc. Aonde, ah, cruéis, me levais? Dizei.
- 1010 Adr. Suponde que a padecer a última desgraça.
- Mat. O peito de ira e mágoa se traspassa.
Que Dircéia se prenda eu não tolero.
Nem consinto, nem quero ¹⁰⁸.
- 1015 Adr. Eu sempre te respeito,
mas do meu rei cumprir devo o preceito.
- Tim. Adrasto, não conheces
que eu teu príncipe sou?
- Adr. Mas não te esqueces,
que por príncipe e filho juntamente,
1020 deves ao pai e ao rei ser obediente?
- Tim. Se um rei ordena uma inclemência, [fl. 8, 2ª col.]
não é virtude, é crime a obediência.
- Adr. A mim tal distinção não me pertence.
- 1025 Tim. Pois já que a minha instância não convence,
com duro ferro desta aguda espada,
seja Dircéia às tuas mãos tirada. **Tira a espada.**
- Mat. Eu também a teu lado,
quero morrer em cólera indignado.
- Adr. Príncipe, suspendei...
- 1030 Tim. Pois há piedade?
Deixas esta inocente em liberdade?
- Adr. Isso não: mas eu protesto ¹⁰⁹,
que estarei em perigo manifesto;
porque enquanto tiver no peito alento,
1035 hei de pronto cumprir o régio intento.
- Tim. Pois eu para que, se defendida, **Investe.**
ou hei de ficar morto ou dar-lhe a vida.

¹⁰⁸ Considerei como leitura possível a palavra *consinto*, em função do sentido do texto e da sílaba *to*, legível.

¹⁰⁹ Considerei como leitura possível o acréscimo das palavras *mas* e *eu*, de acordo com o contexto.

- Adr. Olá, guardas, predei sem ter respeito,
em observância do real preceito.
- 1040 Dirc. Ah, príncipe querido,
vede bem que ficas hoje perdido.
Suspendei-vos e deixai que triste morra.
- Adr. Qualquer que a esta infeliz hoje socorra,
seja aqui destroçado.
- 1045 Tim. Ingrato, contra mim?
- Adr. Pois se indignado,
não me deixas prender [corroído]
traspassarei Dircéia pelo peito.
- Tira um punhal e o aponta sobre o peito de Dircéia.**
- 1050 Tim. Bárbaro, ímpio, cruel, detém-te, espera,
senão verás que como brava fera...
- Adr. Se deres um só passo,
com este punhal o peito lhe traspasso.
- Mat. Escusa é, Timante, nosso empenho.
Eu, para a ver morrer, valor não tenho.
- 1055 Tim. Enfim; não basto eu só a tal empresa.
Vai, Dircéia, eu te sigo com firmeza.
Eu vou ao rei, meu pai, pedir-te a vida,
ou a deixar a minha ali perdida.
- 1060 Dirc. Mais do que a minha, a tua é importante.
Acabe a da esposa e viva Timante ¹¹⁰.
- Adr. Vamos depressa. [fl. 8 v., 1ª col.]
- Tim. Vai ímpio, tirano,
que inda te há de pesar ser deshumano.
- 1065 Adr. Meu parecer talvez que se não mude,
pois ninguém tem pesar de uma virtude ¹¹¹.
- Mat. Os deuses sabem tua impiedade.
- Dirc. O céu conhece a minha adversidade.
- Tim. Eu, dos deuses, espero, em tal perigo.
- Todos Vingança, indignação, raio, castigo. **Vão-se.**

¹¹⁰ Considerei que as palavras faltantes em função do estrago do papel poderiam ser: *a da* e *viva*.

¹¹¹ Considerei como correto o acréscimo da preposição *pois* no início do verso, pelo contexto e pelo número de sílabas poéticas dos versos seguintes, decassílabos.

Ato segundo
Saem Demofonte e Adrasto.

- Adr. Já, senhor, os teus preceitos
executei prontamente;
prendi Dircéia, e a prisão
foi de tal custo, e interesse,
5 quantos eram os contrários,
que defendiam-na valente.
- Dem. Também prendeste Matúcio?
- Adr. Essa incumbência não deste
ao meu cuidado.
- 10 Dem. Pois sabe,
Adrasto, que me não serves,
enquanto esse mau vassalo,
com brio e valor não prendes.
- Adr. Vou fazer quanto me ordenas.
- 15 Dem. Vai, e logo prontamente,
tanto que for prisioneiro,
mando-te que ao templo o leves,
pois quando expirar a filha,
quero que esteja presente,
20 com seus olhos observando,
banhar no sangue ao corrente
as aras do deus Apolo,
pois num golpe juntamente,
quando a Dircéia dou morte
25 castigo seu pai rebelde.
- Adr. Farei quanto me insinuas. **Vai-se.**
- Dem. Que este mau vassalo intente,
com gênio soberbo e altivo,
tão gravemente ofender-me:
30 um trono não sofre injúrias ¹¹²,
um rei não se desatende;
é preciso à majestade,
castigar exemplarmente,
para aviso dos futuros,
35 para terror dos presentes.

[fl. 8 v., 2ª col.]

Sai Querinto.

- Quer. Meu pai, depois que cheguei
inda me não concedeste
um breve espaço de ouvir-me:
porque quisera dizer-te

¹¹² Foi acrescentado o artigo *um* no início do verso, onde o papel se encontra danificado, em função do contexto e do número de sílabas dos versos próximos, heptassílabos.

40   como executei as ordens,
               que na condução me deste
               de Creusa.

Dem. Estou seguro,
               que todas inteiramente
 45   cumpriria o teu cuidado;
               mas é bem que se reserve
               ao tempo mais oportuno
               esta narração: padece
               muita aflição hoje o peito,
 50   e ainda que quero atender-te,
               mil cuidados e fadigas
               este recreio me impedem.

Quer. Só de uma coisa é preciso,
               que eu logo parte te desse.

55   Dem. Pois que é? Dize.

Quer. Que Creusa
               inconsolável se sente;
               e temo que a sua mágoa
               o teu sossego inquiete.

60   Dem. Pois quem maltrata a Creusa?

Quer. Meu irmão a desatende,
               não a acompanhou, despreza-a,
               e tenho por evidente,
               que não há de consentir
 65   no desposório.

Aparece Corisco ao bastidor.

Cor. Me melem
               se ele para aqui veio.
               Pois senhor Corisco, espere,
               com El Rei está falando,
 70   mas se a prática for breve,
               logo dou o meu recado.

Dem. É possível que despreze
               Timante, quem eu destino
               para sua esposa? Pede
 75   um castigo mui severo
               tal delito.

[fl. 9, 1ª col.]

Quer. Pai, sossega
               por agora a tua ira,
               talvez que o erro se emende.

80   Cor. O Querinto é um paz d'alma,
               Se duas contras lhe mete,
               prega com o irmão na forca,
               ele príncipe *me-fecit*.

- Dem. Venha Timante aqui logo.
- 85 Quer. Meu pai, se tu me concedes,
licença de aconselhar-te,
talvez que um meio oferecesse...
- Dem. Dize, Querinto.
- Cor. Ora ouçamos,
90 que a mim e a pelo repente,
cheira-me a ser parvoíce.
- Quer. Tu, senhor, sim, prometeste,
unir Creusa a Timante,
mas se ele não quer, parece
95 que é preceito mui violento,
constranger a quem, rebelde,
repugna prender-se em laço,
que nem pediu, nem consente.
Eu, senhor, também sou filho,
100 o mesmo sangue que a ele
pulsa nas veias, também
corre nas minhas; se queres
mude Creusa de esposo,
de querer Timante deixe,
105 eu morro de seus amores;
e que ação mais decente¹¹³
do que unir duas vontades¹¹⁴,
a quem o gosto e o amor prendem?
- Cor. O amigo chega a brasa
110 à sardinha como gente.
- Dem. Querinto, esse teu conselho
do teu juízo difere;
então por isso acertos¹¹⁵
as loucuras te parecem. [fl. 9, 2ª col.]
115 Que se diria no mundo
quem Demofoonte conhece,
vendo perdida a palavra,
móvel que os impérios rege?
Creusa tem em Timante,
120 mais avultado interesse;
herdeiro é desta coroa,
e era enganá-la vilmente,
um príncipe hereditário¹¹⁶
para esposo prometer-lhe,

¹¹³ Considerei que a palavra ilegível seria *ação*.

¹¹⁴ Inferi que a palavra faltante deveria ser *unir*, pelo contexto e por manter o mesmo número de sílabas poéticas dos versos próximos.

¹¹⁵ Considerei que a palavra faltante por causa do estrago do papel deveria ser *então*, em função do contexto e por não alterar o número de sílabas do verso.

¹¹⁶ Inferi que a palavra faltante seria o artigo *um*.

- 125 e dar-lhe um filho segundo,
que so t [.....] rece.
- Cor. Põe como quer as coisas **À parte.**
como ninguém belamente.
- Quer. Creusa também é filha
130 hereditária, pretende
esposo, porém, não reino;
assim, mais gloriosamente,
dilatavas o teu sangue,
pois davas dois descendentes:
135 um que reinasse na Frígia,
outro que em Trácia sucedesse.
- Dem. Basta: prometi-lhe Timante,
este há de ser!
- Quer. Porém se ele...
- 140 Dem. Não me repliques, Querinto,
pois não é bem se sujeito
a minha régia palavra
a conselhos imprudentes,
de quem despreza a minha honra,
145 e só ao seu gosto atende;
Timante, sim, é meu filho
e há de em tudo obedecer-me,
e tu também o serás,
se quanto eu quiser, quiseres. **Vai-se.**
- 150 Cor. Está mui bem despachado,
pegue-lhe com um trapo quente.
- Quer. Eu, sim, não acho refúgio
ao que meu amor pretende:
pois hei de unir-me a Timante,
155 por ver se me favorece.
[.....] seus intentos, [fl. 9 v. , 1ª col.]
[.....] nos mutuamente,
contradigamos meu pai,
então veremos quem vence.

Sai Corisco.

- 160 Cor. Já podemos ir saindo.
Senhor Querinto...
- Quer. Que queres?
- Cor. Quem? Eu só quero dizer, senhor.
- Quer. Pois dize.
- 165 Cor. Quero dizer-lhe...

- Mas trata-se de um negócio ¹¹⁷
de muito grande interesse.
- Quer. Acaba já.
- 170 Cor. Que Timante
não casa, inda que arrebente,
com Creusa.
- Quer. E por que o dizes?
- Cor. Porque ocultamente ele
é casado com Dircéia.
- 175 Quer. É possível?
- Cor. Pois crê-me;
tanto assim que tem um filho
já não muito pequenete;
olhe, ele é tão galante,
180 que diz aqui toda a gente
que se parece comigo.
- Quer. Tu falas por entreter-me?
- Cor. Se este segredo a bem levas,
tudo é verdade; se queres
185 ajustar-te contra mim,
supõe que não percebeste
que eu se disse eram casados,
[.....] facilmente.
- Quer. Não me agasto, antes um gosto
190 nesta notícia me deste.
- Cor. Pois eu por isso lhe disse.
Meu amo talvez não leve
muito a bem este segredo
vir eu agora dizer-te.
- 195 Porém, se Dircéia morre,
e ele talvez enlouquece,
que importa que eu cá também,
dê com a língua nos dentes?
Ajude, senhor Querinto,
200 a seu irmão...
- Quer. Prontamente
lhe quero dar o socorro;
vai, dize-lhe... Não, detém-te,
que eu mesmo vou procurá-lo,
205 e em seu amparo oferecer-me.
Defenda o céu seus perigos
e os meus intentos prosperem. **Vai-se.**

¹¹⁷ Inferi que as palavras faltantes seriam *trata-se de*.

Cor. Ser um homem chocalheiro,
também é virtude às vezes;
210 que o vomitar é remédio
para enchimentos do ventre.

Saem Pantufo e Faísca.

Pant. Senhor Apolo piedoso...

Fais. Senhor Apolo clemente...

Cor. Irra, escusamos alcunhas;
215 porque vós mortais, não tendes
autoridade de pôr
cá sobrenome aos deuses.

Pant. Pois senhor, se isto te agasta...

Fais. Pois senhor, se isto te ofende...

220 Cor. Sim, muito me escandaliza
essa ousadia indecente!
Não cá por amor de mim:
mas um homem tem parentes.

Pant. Eu se tal coisa adivinhasse...

225 Fais. Pois eu cá se tal soubesse...

Cor. Pois saibam, não sejam tolos ¹¹⁸.
falem, digam o que pretendem;
não me ponham sobrenomes,
e falem quanto quiserem.

Pant. Pois meu senhor, sem mais nada.

230 Fais. Pois meu senhor, simplesmente.

Cor. Calai-vos, bocas [corroído]
Que parvoíce dissestes? [fl. 10, 1ª col.]
Simplesmente, sem mais nada,
235 chamais a um deus reluzente?
Andai, que sois mentecaptos;
estou para arrepender-me
de querer aparentar-me
de tão ridícula gente.

240 Fais. Confesso que sou tolinha.

Pant. Eu sou também tolete.

Cor. Está feito, eu vos perdôo;
vamos ao caso: que tendes
comigo? Falai sem medo.

¹¹⁸ A lacuna causada pelo estrago do papel foi preenchida com o advérbio *não*, em função do contexto e do número de sílabas do verso, heptassílabo.

- 245 Pant. Visto seres tão potente...
Diz-lhe tu, rapariga,
que o coração se estremece
só de ver o seu semblante.
- Fais. Eu nada posso dizer-lhe;
250 fale, meu paizinho, não
tenha pejo.
- Pant. Como hei de
falar-lhe, se até de susto
tenho a voz balbuciante?
- 255 Cor. Ora, falem, com os diabos:
eu já não posso conter-me;
olhe, “sô” Pantufo velho,
se não fora esta inocente, **Para Faísca.**
já lhe tinha esborrachado
260 a cabeça na parede.
- Pant. Se acaso disso tem gosto,
eu lhe ofereço, reverente,
não só cabeça, mas ventas,
olhos, nariz, boca e dentes.
- 265 Fais. Paizinho, cale-se agora, **Para Pantufo.**
falar com ele me deixe.
Meu querido bem desta alma,
meu amorzinho, meu dengue,
tens ânimo de agastar-te,
270 estando eu aqui presente?
Você nunca me quis bem
porque se amor me tivesse,
não havia de agravar
meu pai.
- 275 Cor. Meu gênio agreste
nunca se pôde fingir;
não é de agora, mas sempre
para as filhas sou açúcar
para os pais sou viva fera.
- 280 Pant. Oh, quem dera fora agora filha,
e não pai, por que pudesse
uma lambidela ao menos
desse açúcar merecer-lhe!
- Fais. Paizinho, cale essa boca!
- 285 Pant. Calado estou, que mais queres?
Senhor, ouça minha filha!
- Cor. Sim, Faísca, que pretendes?
- Fais. Implorar tua piedade...

[fl. 10, 2ª col.]

- Pant. Aí assenta o ser clemente.
- 290 Cor. E também nesse costado
assenta um murro à-mão-tente.
- Fais. Não se calará, paizinho?
- Pant. Calado estou, que mais queres?
Senhor, ouça minha filha!
- 295 Cor. Ande daí, insolente,
que não és capaz de ter
contato nas minhas vistas;
aparte-se para longe,
nem quero que a mim se chegue.
- 300 Pant. Eu me aparto. Basta aqui? **À parte.**
- Cor. Mais sete passos.
- Pant. Mui presto:
um, e dois, e três, e quatro,
cinco, seis e este são sete.
- 305 Cor. Ora, esteja aí calado,
e olhe, nem um pé arrede.
Agora falemos nós
que ele a coisa não percebe ¹¹⁹.
- 310 Fais. Eu, o que pedir-te quero,
muito bem pode dizer-se
diante de todo o mundo.
- Pant. Senhor, Apolo, consente
que me coce na cabeça?
- Cor. Não se bula, nem [.....]
- 315 Pant. Ah, pobre, depois de veres
ainda [.....] paciente [?]
- Fais. [.....] que Dircéia [fl. 10 v, 1^a col.]
é minha ama...
- 320 Cor. Até queres,
porque daqui amanhã,
talvez que eu tanto te eleve,
que Dircéia a limpar-te ¹²⁰
teus sapatos chegue!
- 325 Pant. Ah, senhor, dá-me licença
para poder-me remexer?

¹¹⁹ A rasura feita, de *a cousa* para *acusa*, não foi mantida na edição modernizada por não ser adequada ao contexto.

¹²⁰ Inferi que na lacuna causada pelo estrago do papel deve ser inserida a conjunção *que*, de acordo com o contexto.

- Cor. Mando-lhe que não se mova,
nem bula, nem pestaneje.
- Fais. Com que, [corroído] dizendo
eu quisera agradecer-lhe
330 o amor com que me tratou.
Ela, a pobrinha inocente,
há de ser sacrificada;
mas se tu te compadeces,
ja é muito que a livres,
335 pois será coisa indecente
consentir que os teus altares
umedecem, com aquele
sangue, que crime não tem,
[.....] não merece.
- 340 Pant. Ah, senhor, tenho vontade
de tal coisa, já me entende.
- Cor. Sustenha-se.
- Pant. Dê licença
ao menos para espremer-me.
- 345 Cor. Não consinto.
- Pant. Pois vá feito.
- Cor. Faísca, quanto pretendes,
hei de obrar por ti: Dircéia
há de viver, mas adverte,
350 que a vida que lhe hei de dar,
[.....] ta deve.
- Fais. Deixa-me beijar teus pés.
- Cor. Não é lugar mui decente,
vem antes cá a meus braços.
- 355 Pant. Isso não, “sô” mequetrefe,
arrede daí, senhor Apolo. **Aparta-os.**
- Cor. Afasta-te, impertinente.
- Fais. Não desconfie, paizinho, [fl. 10 v., 2ª col.]
que isto são modos corteses.
- 360 Pant. [.....] cortesias [.....]
somente para as mulheres,
e para o pai da criança,
não há nem meio abracete.
- Cor. Por isso não desconfie,
365 se quer um abraço, chegue. V[.....]/ [a]braça
- Pant. Vamos a isso, mas irra,
basta, basta, não me aperte.

Cor. Isto mesmo é cortesia.

370 Pant. Dispenso, basta, aí meu ventre,
ai, que me obriga a lançar,
as tripas pelo gasnete.
Aqui-del-rei contra Apolo!

Cor. Largo-te eu porque vem gente.

Fais. Eu também te vou seguindo.

375 Cor. Anda, meu querido dengue,
que inda te hei de ver princesa
lá nessa esfera celeste. **Vão-se.**

Fica chorando Pantufo, e sai Creusa.

Pant. Aqui-del-rei contra Apolo!

380 Creu. Que terrível reino é este,
onde tudo soa queixas?
Homem, que tens que te [.....] te?

Pant. Aqui-del-rei contra Apolo!

Creu. Tu, clamando contra os deuses?

385 Pant. De deuses que dão taponas
arrenegarei eu deles.

Creu. Não te entendo; serás louco?

390 Pant. Olhe, estava eu, entende?
Foi minha filha, e daí
ele, com modos corteses,
apertou, e foi então...
Esta é a verdade [.....]

Creu. Vai-te, louco, minhas mágoas
com teu mal não acrescentes.

395 Pant. Eu me vou, mas desta dor,
porque te não compadeces
pedirei a algum deus
um abraço [.....]
que te esborrache o bandulho,
nem que te quebre os dentes.

[fl. 11, 1^a. col.]
Vai-se.

Sai Demofonte.

400 Dem. Princesa, bela senhora,
a ti vinha procurar.

Creu. E eu só para te falar
saí do meu quarto agora.

405 Dem. Pois de mim que quer teu gosto?
Manda, que pronto obedeço.

- Creu. Como o teu favor conheço,
e também o meu desgosto
quero, senhor, pedir-te
licença para ausentar-me.
- 410 Dem. Pois assim queres deixar-me?
Assim de Trácia partir?
- Creu. Somente a tua licença
as naus estão esperando;
não podes negar-lha, obrando,
415 sem querer fazer-me ofensa.
Quando o meu reino deixava,
para esta corte vinha,
foi só para ser rainha,
e não para ser escrava.
- 420 Dem. E então as núpcias? O esposo?
- Creu. Não passes mais adiante;
o mérito relevante
quer um laço mais glorioso.
Creusa não é igual;
425 a tanto merecimento,
o seu alto pensamento,
é pouco esposa mortal.
Ele espera... mas por ora
não é este o meu cuidado;
430 só quero o determinado
projeto de me ir embora.
Posso, senhor?
- Dem. Tu, princesa,
és senhora do teu gosto:
435 mas ver-me a esta injúria exposto,
é cruel, é dura empresa.
- Creu. Não posso capacitar-me
qual de nós tem mais razão.
O príncipe... porém... não,
440 eu só desejo ausentar-me.
- [fl. 11, 2ª col.]
- Dem. Tu viste o príncipe?
- Creu. Vi.
- Dem. Falou-te?
- Creu. Antes não falara.
- 445 Dem. Que dizes?
- Creu. Senhor, repara,
que eu, das injúrias que ouvi,
já não quero ter lembrança.
Só cuido na minha ausência.

- 450 Dem. Talvez com pouca decência ¹²¹,
 ou com muita confiança
 ultrajasse o teu respeito;
 porém essa grosseria,
 não é menos cortesia,
 455 nem de desagrado efeito.
 Tu, Creuza, és acostumada
 da tua pátria à ternura,
 onde qualquer formosura,
 é com melindres tratada.
 460 Os de Trácia têm firmeza,
 mas para tratar amores,
 mostram nos exterior rigores
 e nas palavras dureza.
 E teu esposo Timante,
 465 se na guerra exercitando,
 não alcança o que é agrado,
 nem o que é carinho amante:
 para a tua companhia
 irá, que eu assim o espero.
 470 E tu, o seu gênio fero,
 logo no primeiro dia
 saberás domesticar.
 Tenho uma quase certeza,
 de que a meiguice e a fineza,
 475 tu logo lhe hás de ensinar.
- Creu. Tudo isso fora vencível;
 mas ser em Trácia ultrajada,
 Creusa, e repudiada,
 é uma afronta insofrível.
- 480 Dem. Como? A ti, repudiar-te? [fl. 11 v., 1ª col.]
- Creu. Assim o tenho entendido.
- Dem. Se fora tão atrevido
 Timante, para afrontar-me...
 Mas disso temor não tenho.
 485 Se em ti não houver a escusa
 de o querer, hoje, ó Creusa,
 minha palavra te empenho
 que te dê a mão de esposo.
- Creu. Obrigá-lo podereis,
 490 e na repulsa achareis
 o caso mais afrontoso. **À parte.**
 Muito bem, senhor, aceito
 a tua real promessa;

¹²¹ Inferi que a palavra riscada é *pouca*.

495   agora não aconteça,
               que lhe falte todo o efeito.

Dem. Basta o dito; está segura.

Creu. Senhor, meu decoro atende,
               vê que teu filho me ofende;
               e adverte que é coisa dura,

500   expor teu reino a um perigo,
               quando vendo que me ofende
               tens para lhe impor a emenda,
               o preceito, ou o castigo.   **Vai-se.**

Dem. Tem a princesa razão

505   bastante do seu queixume,
               mas a todo este ciúme
               eu cortarei a ocasião;
               ou com amor, ou crueldade
               o príncipe hei de obrigar.

510   Olhe, vem, quero mostrar
               no exterior benignidade.

Sai Timante.

Tim. Meu pai, meu rei, aqui venho,
               de susto e mágoa cercado,
               a suplicar-te piedade,

515   clemência, perdão, e amparo.

Dem. E para quem?

Tim. Para a filha
               de Matúcio, desgraçado,
               que por instantes espera
               da morte o cruel assalto.

520

Dem. O seu infeliz destino   [fl. 11 v., 2ª col.]
               já tenho determinado:
               mandei que morresse, e quero
               que se execute o que eu mando.

525   Decreto não se revoga
               depois de pronunciado:
               quando se arrepende um rei,
               declara que errou o caso,
               e é coisa indigna supor-se,

530   que errar pode um soberano.

Tim. Não, meu pai, eu sei que os deuses
               são entre nós adorados:
               porque têm gênio placável
               à instância do rogo humano.

535   Entre inumeráveis numes,
               é grande deidade o fado,
               e tanto que as leis, inflexível,
               nunca revoga; observamos

540   que ninguém entre os mortais,
               lhe erigiu por culto grato,
               ou templo para o respeito,
               ou altar para os aplausos.

Dem. Tu não sabes que o temor,
        é para o trono o resguardo?

545 Tim. Pouco seguro.

Dem. E o respeito,
        é dele infalível parto?

Tim. Sim: porque como em temor
        esse respeito é gerado,
 550   têm nos súditos violentos ¹²²,
        não amigos: mas escravos.

Dem. Pouco a pouco essa violência
        gera amor.

Tim. Mas simulado.

555 Dem. Timante, quanto hoje ignoras
        te irá o tempo ensinando.
        Falemos de outra matéria.
        Diz-me: que desagrado
        mostraste à princesa Creusa,
 560   que a dita, com modo estranho,
        se queixa de ti e pede
        satisfação dos agravos?
        Tua esposa há de ser hoje;
        tu a desatendes, quando
 565   deverias correspondê-la
        com mil carinhos e afagos.

[fl. 12, 1^a. col.]

Tim. Sinto em mim tal repugnância
        a este nupcial contrato,
        que inda que queira vencê-lo
 570   não posso.

Dem. Se é necessário...

Tim. Nos falaremos;
        só é todo o meu cuidado
        pedir de Dircéia a vida.

575 Dem. Inda em semelhante causa
        as súplicas me repetes!
        Se o meu afeto te é grato,
        deixa, meu filho, essa empresa.

Tim. Ah, meu pai, meu pai amado,

¹²² Proponho que este verso seja alterado para *têm nos súditos violentos*, para correção do sentido, pois são os reis que “têm nos súditos violentos, não amigos, mas escravos”.

580 tu me mandas, e eu não posso
 obedecer a teu mando.
 Se eu mereci algum dia
 teu afeto, se aos teus braços
 585 cheguei vencedor da guerra,
 trazendo por nobre ornato
 no corpo generosas feridas,
 na cabeça ilustres louros:
 se imitei o teu exemplo,
 nos marciais aparatos,
 590 dando-te do teu valor
 muito fruto em poucos anos;
 se a glória dos meus triunfos,
 dilatava em mil aplausos,
 obrigou-te as régias faces
 595 banhar de gostoso pranto;
 dá liberdade, senhor,
 absolve do golpe infausto
 aquela inocente vida
 de Dircéia; o desamparo
 600 desta infeliz te comova:
 todos a deixam, e só falo
 eu pela sua defesa.
 Mas se me estimas tanto,
 por sua vida ofereço
 605 quanto sou, e quanto valho.
 Será desumanidade
 [fl. 12, 2ª col.]
 ver em tão florentes anos
 agonizar a beleza
 sobre atrozes holocaustos;
 610 poderás ver com teus olhos
 correr de seu peito claro
 o sangue, e ouvir os gemidos
 de seus inocentes lábios,
 que em mal formados soluços
 615 serão, da morte, no ensaio,
 suspiros da sua vida,
 queixas contra os teus estragos.
 E hás de tu ter coração
 para ver no último arranco
 620 moverem-se aqueles olhos
 entre a beleza e o desmaio?
 Ah, meu pai, mudas de cor,
 como que estás assustado!
 Pelo semblante conheço,
 625 que sentes no peito abalo.
 Que intentas já? Perdoar-lhe?
 Venceu-te da dor o assalto?
 Oh, não te arrependas, não:
 mostra-te, pai, mais humano,

- 630 concede à inocente a vida,
 porque a teus pés prostrado,
 protesto não levantar-me,
 enquanto aqui não alcanço
 para esta infeliz a vida,
 635 para o meu rogo o despacho.
- Dem. Príncipe, que excesso é este?
 Que hei de entender, observando
 a ternura com que falas
 em Dircéia? Abrasado
 640 teu peito está certamente
 de amor.
- Tim. Sim, de amores ardo,
 quero-lhe bem, já não posso
 por mais dias ocultá-lo.
- 645 Dem. Ah! Desse amor é nascido
 a Creusa o desagrado.
 E dize-me, que pretendes,
 desse teu afeto insano?
 Esperas que uma vassala
 650 te dê por esposa? Um laço
 hei de tecer proibido
 pelas leis?
- Tim. É escusado
 655 esse escrúpulo, senhor,
 se nele vacilas tanto.
 Eu juro a todos os deuses
 que habitam no Olimpo sacro,
 que não hei de desposar-me
 com Dircéia: eu só te clamo
 660 por sua vida inocente:
 porém, se é do teu agrado
 que ela morra, saber podes,
 que deste golpe tirano,
 cortas duas vidas juntas:
 665 pois como filho o idolatro;
 se ela morre em sacrifício,
 eu de compaixão estalo.
- Dem. Quero ceder da vingança
 somente por aplacação. **À parte.**
 670 Príncipe, basta, tu queres
 livre Dircéia? Eu me aplaco,
 à tua amada dou vida:
 que mais pretendes?
- Tim. Amado
 675 pai, deixa-me que esta mão...

Vai para beijar-lhe a mão e o pai o detém.

- Dem. Espera: este amor acaso
com que agora te tratei,
merece do teu gênio grato
um favor?
- 680 Tim. Sim, todo o sangue,
a minha vida, consagro
a teus preceitos.
- Dem. Não, filho,
de ti não pretendo tanto;
685 menos quero: que a Creusa
não te mostres tão contrário.
- Tim. Oh, deuses!
- Dem. Eu bem conheço
que isto é do teu desagrado,
690 mas faz a tua obediência,
o teu mérito mais raro.
Eu tive de ti piedade,
deves ter de mim cuidado;
acode pela minha honra,
695 já que eu do teu gosto trato.
Que se diria, Timante,
se por ser contigo brando,
faltar à régia palavra,
fosse teu pai obrigado?
- 700 Vem, vem comigo à esposa,
e, junto ao templo sacro,
o diadema da Frígia
ao cetro de Trácia unamos.
- Tim. Senhor, não posso.
- 705 Dem. Até agora
como pai tenho falado;
não me obrigue a que fale
como rei.
- Tim. Respeito, e guardo
710 preceitos de rei e pai,
igualmente soberanos.
Mas, senhor, tu mui bem sabes,
que o afeto dominando,
o amor não sofre violência,
715 contra a inclinação do agrado.
- Dem. O amor somente governa
nos himeneus dos vassalos,
porém tu, por teus iguais,
tens outro nume mais alto,
720 que o alcança: o bem comum
é quem aos reis dá estado.
- [fl. 12 v., 2ª col.]

- Tim. Pois se tanto há de custar
a um príncipe o bem estranho...
- 725 Dem. Príncipe, eu de teimar
contigo já estou cansado,
por última razão sabes,
que assim quero, e assim o mando.
- Tim. Eu já não posso.
- Dem. Oh, atrevido! Não sabes... [fl. 13, 1ª col.]
- 730 Tim. Já sei que, irado,
queres castigar-me.
- Dem. E quero
que tenha princípio o estrago
do teu castigo em Dircéia.
- 735 Tim. Isso não, ó pai amado...
- Dem. Sou pai, e hei de suportar
tão manifestos agravos?
Vai-te, pérfido.
- Tim. Vê, atende...
- 740 Dem. Já estou capacitado;
quero que morra Dircéia.
- Tim. Mas se ela morrer...
- Dem. Ah, falso!
Da minha presença ainda
745 não te apartas?
- Tim. Eu me aparto:
porém depois não te queixes,
porque eu....
- Dem. Quê? Oh, temerário!
750 Me insultas, e me ameaças?
- Tim. Se acaso rogo ou ameaço
não distingo por agora,
mas vai me desamparando
pouco a pouco a luz do acordo;
755 tu me tens precipitado,
quando mandas que Dircéia
morra por mim. Ah, tirano,
“Bar”... Pai, se hoje não tiveres
piedade de tanto estrago,
760 oh, Deus! Farei...mas o quê?
- Dem. Dize: que farás, ingrato?
- Tim. Farei quanto fazer pode
um homem desesperado. **Vai-se com violência.**

Dem. E eu, enquanto um rei poderoso,
 765 todo cercado de agravos. **Vai-se irado.**

Sai Dircéia em prisão.

Dirc. Não sei, sagrados deuses,
 onde as nuvens vos encobrem, [fl. 13, 2ª col.]
 que nem ouvis meus suspiros,
 nem percebeis minhas vozes.
 770 Que providência [.....]
 um castigo tão enorme,
 sem mais delito que o ter,
 também como vós, amores?
 Que importância a minha inocência,
 775 se ela aqui não me socorre,
 quando espero por instantes
 cruéis ministros da morte?

Sai Matúcio.

Mat. Filha, Dircéia!
 Dirc. Meu pai!
 780 Tu, aqui? E como podes
 entrar, sem que sejas visto,
 neste cárcere de horrores?
 Vens acaso prisioneiro,
 para que em dano tão forte
 785 vindo de novo esta mágoa,
 minhas aflições se dobrem?

Mat. Não, filha. Porém Querinto,
 que neste mal nos socorre,
 fez com que eu entrar pudesse
 790 a falar-te.

Dirc. Pois resolve
 a fortuna alguma indústria
 com que a alma alentos cobre?

Mat. Não há por ora esperança,
 795 mas que numa empresa nobre
 que Timante, e mais Querinto,
 nos pensamentos resolvem.

Dirc. Queira Deus, ó Pai, não seja
 essa empresa que eles movem,
 800 algum erro, que produza
 desgraças inda maiores.

Mat. Na última consternação
 qualquer idéia, que ocorre,
 inda que seja infeliz,
 805 não tem efeitos piores,
 do que estes, que nos esperam;

- porém, talvez que se goze
a indústria premeditada.
Tu ao sacrifício sobes,
810 mas não temas: de Timante
segue pontual as ordens,
que eu lá na praia te espero
numa nau que nos transporte.
Adeus, filha. **Partindo.**
- 815 Dirc. Pai, espera,
eu julgo que não resolves
esta ação com muito acerto,
porque neste lance forte,
ou Dircéia fuja, ou fique,
820 sempre sem remédio morre.
- Mat. Eu não percebo esse enigma.
- Dirc. Mas conjeturá-lo podes,
que eu só digo, ó pai querido,
que será delito enorme
825 fugir ou deixar Timante,
quando ele, com valor nobre,
me defende e, deste modo,
além do mais que alma encobre,
se hei de morrer de saudades,
830 quero antes morrer do golpe.
- Mat. Tu não falas, eu te entendo:
pois finezas desta sorte,
por teu respeito, em Timante,
indicam prisões maiores.
835 Porém sabes que ele mesmo
comigo, e contigo foge?
- Dirc. Quem, o meu príncipe?
- Mat. Sim.
Por te defender a posse,
840 irado contra seu pai,
e temendo os seus furores,
intenta deixar o reino.
- Dirc. É possível que tal obre?
E que por amor de mim
845 tantos desgostos suporte?
Há de, pela minha vida,
Timante perder a posse
do seu reino, a coroa, o cetro,
por causa dos meus amores?
850 E tão vil hei de ser eu,
de ânimo tão pouco nobre,
que com a minha desgraça
os seus estragos não poupe?

[fl. 13 v., 1ª col.]

[fl. 13 v., 2ª col.]

855 Não, meu pai, daqui não saio;
venham, venham os algozes
e esta garganta infeliz,
com duro cutelo cortem;
ou no sangue de meu peito,
860 rígidos punhais ensopem;
porém, reine o meu Timante,
que maior dita apeteço,
ou que glória mais conforme,
que segurar-lhe a grandeza
do trono com minha morte?

Sai Querinto apressado.

865 Quer. Matúcio, grande perigo
aqui tua vida corre:
Adrasto te vem buscando
para prender, por ordem
que para isso tem do rei;
870 todo este contorno cobre,
de soldados, que te buscam,
Matúcio, armada coorte.

Mat. Ah, pai infeliz! Há pena
que a desgraça não renove?

875 Dirc. Ah, triste de mim! No peito
já não cabem tantas dores!

Dentro Adr. Deixem-me entrar à prisão.

Vozes Sem que licença nos mostre
por escrito, ninguém entra.

880 Quer. Estas, que ouves, são as vozes
dos guardas, que lhe proíbem
a entrada. Grande desordem
receia meu coração,
neste aperto duro, e forte.

885 Mat. Pois que havemos de fazer?

Quer. Finge, e cala. Olá da torre,
deixai que Adrasto somente
possa entrar.

890 Dirc. Ah, Deus! E aonde
se há de meu pai esconder?

Sai Adrasto.

Quer. Deixa, Dircéia, os temores,
eu o defendo.

Adr. Aqui está,
Matúcio, o ferro deponde,

[fl. 14, 1ª col.]

- 895   dai-vos logo a prisão.
- Quer. Sim;
           mas essa prisão não toque
           hoje à vossa diligência.
           Dá-me a espada a mim.
- 900 Mat. Concorde.
           Sou, príncipe, a obedecer-vos.
- Adr. Vede que o rei Demofoonte,
               vosso pai, para o prender,
               me deu incumbência, e ordem.
- 905 Quer. Sim, mas eu antecipei-me,
           e, quando um e outro concorrem,
           tenho para preceder-vos
           méritos mais superiores.
- Adr. À vossa real grandeza
 910   é ação mui desconforme.
           Prender um filho do rei
           um delinqüente!
- Quer. Discorre
 915   muito mal a tua idéia;
           porque é digno que se louve,
           que das afrontas de um pai
           seu filho as vinganças tome.
- Adr. Mas, senhor...
- Quer. Basta, eu, contigo,
 920   não altero pundonores;
           dize ao rei que ele está preso,
           que a mim esta ação me coube,
           que eu lhe darei conta dela,
           e que veja, desta sorte,
 925   que se um filho ao rei insulta,
           outro por sua honra acode.
- Adr. Esse teu zelo é mui digno
           de louvor, mas Demofoonte
           a mim cometeu a empresa;
 930   assim, consente que eu obre
           o que devo.
- Quer. Cessa Adrasto,
           senão farás com que ensope
           este ferro no seu sangue,
 935   e dando-lhe aqui a morte,
           obséquo faço ao meu pai,
           sem que teu intento logres.
- Adr. Senhor, modere a paixão...

A Matúcio.

[fl. 14, 2ª col.]

- 940 Quer. Depois, se Matúcio morre,
esta espada, costumada
a exercer ações atrozes,
contra quem me contradiz
talvez que irada se volte.
- Dirc. Muito o coração receia. **À parte.**
- 945 Quer. Pois, Adrasto, que resolves?
- Adr. Que hei de resolver, se tu
com violência me removes?
Desta ação que eu intentava,
darei parte a Demofoonte,
950 e dele receberás,
ou repreensões, ou louvores.
- Quer. Isso a ti não te pertence.
- Adr. É risco evidente expor-me
a teimar, quando não tenho
955 quem para maior desordem
me socorra. **À parte.** Adeus, Querinto. **Vai-se.**
- Quer. Adeus, Adrasto. O céu coroe
todos os nossos desígnios.
- 960 Mat. Ah, senhor, quão devedores
somos a tão grande amparo.
- Quer. Não é muito que assim obre,
por quanto da vossa vida,
pende também a minha sorte.
Agora, Matúcio, vamos,
965 quero seguro reportes
por saída mais oculta,
dentro no navio, onde
Timante te buscará.
- Dirc. Senhor, vede, não se dobre
970 em Timante hoje a desgraça,
porque sou...
- Mat. Não nos renoves
agora mais delações.
- Quer. Ânimo teu peito cobre.
975 Vamos. **Vai-se.** **Dueto [?]**
- Dirc. Ide, mas eu temo,
que do príncipe, os amores,
ai de mim! Por excessivos,
[fl. 14 v., 1ª col.]
- com que pena a alma discorre! -
980 Vão a nós ambos tecendo
causa de infeliz morte. **Vai-se.**

Sai Corisco.

Cor. Olá! Temos o templo bem armado,
tudo está preparado
para minha ama vir sacrificar-se.
985 Se comigo a encontrasse
Faísca, se chegar talvez lhe meta
uma terrível peta;
mas ela vem buscar-me,
pois eu torno outra vez a apolonar-me.

Sai Faísca.

990 Fais. Senhor Apolo, como está contente!
E cá a pobre gente,
entre sustos metida, entre cuidados.
Cor. Pobrezinhos mortais, sois uns coitados.
Fais. Sim, senhor, este templo é sua casa.
995 Cor. Filha, sabe que estou como uma brasa.
Fais. E por quê? Diga já.

Pantufo ao bastidor.

Pant. Vamos chegando,
mas lá estão falando
aquelas duas santas alminhas;
1000 paciência, cá de longe torcer linhas.
Cor. Bem sabes tu, Faísca,
que dos céus a vontade observo à risca,
eles mandam-me agora uma embaixada,
mas se te digo ficarás mamada.
1005 Fais. Ora, diga depressa.
Pant. Alguma idéia. **À parte.**
Cor. Não querem que Dircéia
oferecida me seja:
porém, talvez que por me ter inveja,
1010 todo o céu grita, e clama,
que se mate a criada em lugar da ama.
Pant. É um favor mui grande. **À parte.**
Fais. Quem pode haver que tal crueldade mande?
Cor. De donzela há de ser o sacrificio,
1015 tua ama de casada tem oficio,
e, visto escapar por não solteira,
querem que morra a sua alcoviteira.
Dize: foste já algum dia casada?
Fais. Eu, nunca.
1020 Cor. Pois então, sacrificada.

[fl. 14 v., 2ª col.]

Fais. Ah, isso é pouco....

Cor. Também querem que morra aquele louco do teu pai.

1025 Pant. Irra, vou-lhe, passa fora. **Sai.**
Morra, com mil diabos, a senhora,
mas eu morrer depois de enviuvado?

Cor. Sim, por não ter sua filha já casado.

Pant. Mas, senhor, eu casei.

1030 Cor. Pois morrer pode,
que eu como carne de carneiro, e bode.

Fais. Então não há remédio?

Cor. Não lho sinto.

1035 Fais. Pois um deus entre os deuses tão distinto,
não me faz com que eu não morra,
que amor é esse seu, amor de borra?

Pant. Anda a ele, Faísca, anda destampa,
que poder é o seu, poder de trampa?

Cor. Atrevido, a mim! Mas meus pecados,
lá vão os brios meus enxovalhados.

Sai Timante.

1040 Tim. O reino todo, e as paternais riquezas,
tesouros e grandezas
tudo hoje perderei, mas minha esposa
é prenda mais preciosa;
perca-se tudo, que eu serei mais rico
1045 se entre meus braços com Dircéia fico.

Pant. Senhor Timante, por quem
e Fais. sois, valei-nos!

1050 Tim. São pó e cinzas os reinos,
que o tempo estraga com furor veemente,
mas o amor n'alma dura eternamente.

Cor. Eu temo algum chuveiro de carolo.

Pant. e Fais. Senhor, valei-nos contra o deus
Apolo!

1055 Tim. Deixai-me loucos. Segue-me, Corisco,
não me deixes já [corroído] o risco,
pois é hora oportuna,
ou da consternação ou da fortuna.

Cor. Vamos, dentro do templo eu te
espero. **Vai, ameaçando a Pantufo.** [fl. 15, 1ª col.]

1060 Pant. Há calote mais feio?

Fais. Há engano maior, maior tratada?

Pant. Há maior velhacada?
Corisco feito Apolo logrativo!

1065 Fais. É tratante excessivo,
mas, ai de mim! E, assim, a coitadinha
da minha ama.

Pant. Ela ao templo se avizinha;
vítima preparada,
a ser sacrificada.

1070 Fais. Eu não tolero ver estrago tanto,
sem que lance dos olhos triste pranto.

Pant. Eu inda que não tenho confiança,
entrar também pretendo nesta dança.

Tocam-se os instrumentos e, ao som deles, vai passando, entre guardas, Dircéia, com vestido branco e coroada de flores e, precedendo, os sacerdotes com insígnias de sacrifício. Faísca e Pantufo vão seguindo a comitiva, e depois de recolhido o acompanhamento, demorando-se alguma coisa ainda os instrumentos, diz dentro Timante:

1075 Tim. Céus, dai-me agora favores,
amigos, dai-me socorro,
da morte livrai Dircéia.

Vozes Tiranos, morrereis todos!

Outras Traição, salvemos as vidas!

Vêm saindo com espadas os guardas e os sacerdotes fogem descompostos, deixando cair os instrumentos do sacrifício. Dentro haverá estrondo e Corisco virá com a espada nua atrás de Pantufo para lhe dar.

Cor. Agora aqui faço molho.

1080 Pant. Olhe, que não sou da bulha.

Cor. Pois sou ou não sou Apolo?

Pant. Seja embora o que quiser.

1085 Cor. Pois aqui, já que te encontro ¹²³,
quero ser malho e fazer-te
essa cabeça em um bolo.

Vai lhe dando e Pantufo fugindo.

Pant. Aqui-del-rei que me mata!

[fl. 15, 2ª col.]

¹²³ Considerei possível esta leitura em função do sentido e por manter o número de sílabas dos versos próximos, heptassílabos.

Cor. Vai levando esses carolos. **Vão-se.**

Sai Timante com a espada nua na mão, apressado, trazendo pela mão a Dircéia. Timante virá salpicado de sangue.

Tim. Estás livre, minha vida,
vem, vem comigo.

1090 Dirc. Ah, esposo, que fizeste?

Tim. O que devia.

Dirc. Ai
de mim, que tu, no corpo,
alguma ferida tens, eu vejo sangue.

1095 Tim. Receoso
não seja teu coração;
recobra, meu bem, conforto,
porque este sangue que vês,
saiu das veias dos outros.

Dirc. Inda assim... **Querendo ver as feridas.**

1100 Tim. Não, não duvides [.....]
Fujamos. **Torna a tomá-la pela mão.**

Dirc. Mas sem o nosso querido filho?

1105 Tim. Por ele
tornar outra vez disponho,
depois de estares segura.

Partindo para a parte esquerda.

Dirc. Espera, que eu vejo ao encontro
saírem guardas reais.

1110 Tim. É verdade; pois o socorro
busquemos de outro caminho. **Partindo para a parte direita.**
Mas, ai de mim, que de este outro
lado, mais guardas se avançam.

Dirc. Pode haver maior desgosto?

1115 Tim. Só me deixaram os meus
amigos! Verei se posso
abrir caminho na espada.
Segue-me.

Larga Dircéia da mão, e com a espada se encaminha para a parte esquerda, a tempo que do outro lado sai Demofoonte com a espada nua e guardas de ambas as partes que os cercam.

Dem. Indigno, furioso, [fl. 15 v., 1ª col.]
pára, não me fujas.

Tim. Pai, aonde vens agora?

1120 Dem. [.....] pérfido filho.

- Tim. Ninguém
chegue a ofender, de algum modo,
a Dircéia.
- 1125 Dirc. Ah, não, Timante,
basta de afeto amoroso,
deixa que eu morra; defende
tua vida, teu decoro.
- 1130 Dem. Olá da guarda, parai,
não prendais este furioso,
deixemos às suas iras
todo o poder livre, e solto.
Vejamos qual seja o fim
desta loucura. Aleivoso,
1135 é tempo de completar
todos os teus feitos heróicos:
volta contra mim a espada,
anda, de furores, monstro,
mata-me, fere este peito,
1140 não te pareça horroroso
dar morte a teu pai, depois
de insultar, em fúria absorto,
dentro do seu mesmo templo
a sacra imagem de Apolo.
- Tim. Oh, deuses! **Suspende-se.**
- 1145 Dem. Quem te dilata,
para não cumprir teu gosto?
Ver-me na mão esta espada?
Eu a lanço à terra pronto. **Lança-a.**
Que mais queres? Aqui tens
1150 o inimigo mais oposto
sem defesa; agora podes
satisfazer o teu ódio.
Mata-me, e seja esta morte
meu castigo, pelo arrojo
1155 de produzir-te no mundo;
de vil ingratidão monstro,
ensopa em paterno sangue
essa mão traidora, e logo
à tua querida a oferece.
- 1160 Dá, com este desacordo,
complemento às tuas iras,
final termo ao meu desgosto.
- Tim. Basta, meu pai, nada mais,
eu quero mudar de acordo,
1165 porque essas paternais vozes
traspassam-me o peito todo.
Um filho réu, e uma espada
a teus pés humilde prostro;

[fl. 15 v., 2ª col.]

- 1170 tira-me a vida infeliz,
mas com tão áspero modo
não me fales; transgredi
as leis, faltei ao decoro,
fui insolente e perdão
a pedir-te não me exponho,
1175 porque sei que o meu delito,
não merece algum socorro.
- Dirc. Em que estado está por mim!
- Dem. Se eu já não soubera como
ele finge, e se desculpa,
1180 me enganara aqui de novo;
não se deixe falar, venham
as cadeias. Enganoso,
entrega as mãos às prisões.
- Tim. Guardas, aqui estou exposto;
1185 as cadeias, onde estão?
Como filho respeitoso,
para cumprir os preceitos
de meu pai, me entrego pronto. **Toma as cadeias.**
- Dirc. Bem temia esta desgraça,
1190 meu coração temeroso.
- Dem. Ofereça-se o sacrifício
ao nume, que descomposto
foi agora; sacerdotes,
morta Dircéia aqui, logo,
1195 seja na minha presença.
- Dirc. Amparai-me, céus piedosos!
- Tim. Ah, meu bem, esposa amada,
já defender-te não posso!
- Dirc. Expire uma vez a vida,
1200 nas mãos de tantos desgostos.
- Tim. Meu rei, meu pai.... [fl. 16, 1ª col.]
- Dem. Basta, ingrato!
- Tim. Piedade!
- Dem. Não há socorro.
- 1205 Tim. Pois há de morrer Dircéia
aqui perante os meus olhos?
- Dem. Sacerdotes, que esperais?
- Vão dois sacerdotes a lançar mão de Dircéia.**
- Sai Querinto.**
- Quer. Suspendei-vos por um pouco,

vós, sacerdotes; não pode
1210 Dircéia hoje ao deus Apolo
oferecer-se em sacrifício.

Dem. Pois quem o impede? Que arrojo
é este, Querinto?

Quer. Dize:
1215 qual foi, rei, o jugo imposto
por Apolo neste reino?

Dem. Que, até se aplacar de todo,
se lhe desse em sacrifício
uma donzela.

1220 Quer. Pois, logo,
sacrificar-lhe a Dircéia
será culto indecoroso.

Dem. E por quê?

Quer. Porque é casada.

1225 Dem. Que dizes, Querinto? Que ouço?

Tim. Valha-me o céu!

Dem. Quem te disse
caso tão estranho e novo?

Quer. Matúcio, seu mesmo pai.

1230 Dem. Venha Matúcio.

Quer. Não posso
cumprir esse teu decreto;
porque eu, meu pai, temeroso
dos parciais que o defendiam,
1235 tomei por melhor acordo
tirar-lhe a vida, e assim,
por tua defesa é morto.

Tim. Para que mais testemunha,
do que eu claramente exponho?

1240 Sim, Dircéia está casada, [fl. 16, 2ª col.]
tem um filho, e eu sou o esposo.

Dem. Pois como assim?

Dirc. Infeliz, que se perde. **À parte.**

Quer. Este socorro,
1245 para a última ruína,
talvez seja proveitoso. **À parte.**

Dem. Suspendei os sacros ritos,
ministros do deus Apolo;
porque é preciso eleger
1250 vítima sem tal desdouro.

Estes são, pérfido filho,
de teu pai os doces gostos?
As leis divinas, e humanas
tratas com tal desacordo?
1255 Assim da minha velhice
és amparo e desafogo?
Onde estou que não [.....]?

Dir. Senhor,
não te agastes, pois o esposo
1260 não tem culpa do delito.
Eu, eu fui quem com meus rogos
com finezas, e lisonjas
violentei tanto o seu gosto
que, por compaixão de ver
1265 as lágrimas de meus olhos,
consentiu neste himeneu,
a teu cetro injurioso.

Tim. Não, senhor, não é verdade
quanto alega em meu abono.
1270 Eu fui somente o culpado,
que ardendo de amor no fogo,
usei de todas as indústrias,
inventei traços e modos
por vencer a repugnância
1275 de seu peito rigoroso;
mil vezes me desprezou
mil vezes eu, de amor louco,
a tornei a procurar,
já com afago amoroso,
1280 já repetindo promessas,
já renovando-lhe os rogos,
até usando ameaças
por último desafogo.
Enfim, vendo que o seu gênio
1285 nessas pretensões estorvo,
desesperado intentei,
com furor escandaloso,
meter cruelmente a espada
dentro no peito a mim próprio.
1290 Ela, então, compadecida,
querendo dar-me socorro,
me entregou na mão sua alma,
por não chegar-me a ver morto.

[fl. 16 v., 1ª col.]

Dirc. Não, meu rei.....
1295 Dem. Calai-vos ambos.
- Não sei que afeto revolvo
dentro no meu coração,
que com insensível moto

- 1300 me sinto encher de ternura¹²⁴. **À parte.**
 Mas o castigo é forçoso.
 Piedade agora? Isso não!
- Quer. Senhor, se do afeto vosso
 mereço...
- 1305 Dem. Basta, Querinto,
 não desperdices teus rogos;
 muito te estimo, mas hoje
 clemência alguma não obro.
- Quer. Irmão, não posso valer-te!
- 1310 Dem. Devo agora ao mundo todo
 dar de justiça um exemplo.
 Olá, guardas, um, e outro
 logo em cárceres distintos
 sejam presos.
- 1315 Tim. O amor nosso
 pede que, juntos ao menos...
- Dirc. Neste tirano destroço,
 se nos prendêsseis unidos
 seria menos penoso.
- 1320 Dem. Sim, que estareis juntamente,
 não duvido, antes aprovo;
 se unidos fostes na vida,
 juntos sereis também mortos. **Vai-se.**
- Cantam quarteto [?]**
- 1325 Quer. O coração desfalece
 de compaixão; vou-me absorto
 ver se acaso algum remédio
 para tanto mal encontro,
 que à razão de um pai irado,
 lhe possa servir de estorvo. **Vai-se.**
- Ficam Timante e Dircéia prisioneiros.**
- Dirc. Esposo!
- 1330 Tim. Minha amada!
- Dirc. Tu, perdido por mim!
- Tim. Tu,
 ultrajada por meu amor!
- Dirc. E quem terá cuidado

¹²⁴ Considerei como leitura possível o preenchimento da lacuna com o verbo *sentir*, em função do contexto e por se manter o mesmo número de sílabas dos versos próximos.

1335 do nosso Olinto?

Tim. Oh, que tirano fado!

Dirc. Oh, que duro...

Mas, príncipe, é vileza
mostrar no apartamento esta fraqueza;
1340 seja a separação com valentia
um golpe só, quanto a presença unia,
divida e corte: seja valor tanto,
que nem nos olhos se divise o pranto.

Tim. Sim, amada esposa,
1345 quero que solução tão generosa,
a ternura se atalhe.
Nem um suspiro entre nós se espalhe.

Dirc. Eu estou resoluta.

Tim. E eu disposto.

1350 Dirc. Por valor não triunfe hoje o desgosto ¹²⁵.

Tim. Seja a separação forte, e briosa.
Dircéia, adeus!

Dirc. Príncipe, adeus!

Separam-se com resolução e junto da cena param, e tornam a olhar-se.

Tim. Esposa....

1355 Dirc. Amado....

Ambos Oh, céus!

Dirc. E por que não te ausentas?

Tim. E por ver-me outra vez intentas?

Dirc. Quero ver se resisto ao pranto. **Chora.**

1360 Tim. Mas tu choras, meu bem, de sentimento! [fl. 17, 1^a col.]

Dir. E também suspiras!

Tim. Pois se tu te retiras!
Ah, querida Dircéia,
muito difere a execução da idéia!

1365 Dirc. Eu, sim, me persuadia
que tivesse mais forte valentia;
mas sempre quero, por mostrar fineza,
esconder a teus olhos a fraqueza. **Partindo.**

Tim. Ah, detém-te, meu bem, ouve!

1370 Dirc. Que queres?

¹²⁵ Inferi que a palavra rasurada seria *desgosto*.

Tim. Que mais um pouco esperes.
Dá-me, Dircéia, a tua mão querida,
seja nesta dura despedida,
para a nossa amizade,
1375 precioso penhor da lealdade. **Dão as mãos.**

Dirc. Esta ação foi em tempo mais gostoso,
um contrato amoroso;
mas hoje, desta sorte,
é da saudade ensaio para a morte.

1380 Tim. Enfim, hei de apartar-me.

Dirc. É força separar-me.

Tim. Pois remédio não há.

Dirc. Não há clemência.

Tim. Oh, pena!

1385 Dirc. Oh, dor!

Tim. Oh, ânsia!

Dirc. Oh, violência!
Adeus, esposo!

Tim. Adeus, oh, minha vida!

1390 Ambos Bárbaro adeus, tirana despedida!

**Vai-se cada um por sua parte, soltando as
mãos com valentia na última palavra.**

- Cor. De Timante.
- 40 Quer. Muito louvo nos criados,
fidelidade tão grande,
mas sabeis que eu, com desvelo,
cuido em dar-lhes liberdade.
- Cor. Sempre foram bons irmãos.
- 45 Fais. Oh, bem haja, Deus lhe guarde. [fl. 17 v., 1ª col.]
- Quer. Mas Faísca, o teu socorro,
talvez que seja importante.
Olinto, esse menino,
filho de Dircéia, sabes,
50 quero que logo em teu quarto
com muita cautela o guardes.
- Fais. Ah, senhor, veja o que faz,
que ele é mui lindo e galante,
e temo que depois de órfão
55 lhe suceda algum desastre.
- Quer. Tu saberás meus intentos;
por ora importa calar-me. **Vai-se.**
- Cor. Porém, suponhamos nós,
que o pequeno, de algum baque,
60 quebrou a cabeça; isto
nunca deve apoquentar-te,
eu ficarei teu menino,
inda que esse outro te falte.
- Fais. Menino desse tamanho!
65 Arrenego eu do selvagem!
- Cor. Não vês que o amor faz crianças
até dos mesmos basbaques?
- Sai Pantufo embuçado em um capote com a espada debaixo.**
- Pant. O tal Apolo de droga
veio aqui para esta parte.
70 Olé, meu dito, meu feito,
lá está deixando lograr-se
a tola de minha filha.
Ah, moças, como sois fáceis,
que com qualquer gatimanco,
75 logo vos embasbacastes.
- Cor. Faísca, lá vem teu pai,
com feitio mui galante.
- Fais. Então vou-me embora, fujo,
não queira ao corpo chegar-me. **Vai-se.**
- 80 Pant. Vejamos agora aqui.

Quem é, senão este traste?
Ah, sou [.....] jo não ouves?

À parte.

Cor. Com licença, vou deitar-me.

Faz que se vai.

85 Pant. Você faz que não entende,
pare aí já, neste instante.

[fl. 17 v., 2^a col.]

Cor. Você fala cá comigo?

Pant. Pois aqui há com quem fale?

Cor. E que quer do meu serviço ¹²⁶?

Pant. Conhece esta personagem?

90 Cor. Bem poderei conhecer:
porém não chego a lembrar-me.

Pant. Olá, com que é deus Apolo,
em se mudando de trajes
já não conhece as pessoas?

95 Cor. Pois, senhor, as divindades
às vezes são como as luas,
que padecem seus minguantes.

Pant. Pois conhece ou não conhece?

Cor. Deixe bem certificar-me.
100 Ah! Sim, senhor, bem conheço.

Pant. Quem sou eu? Diga, “sô” traste.

Cor. É meu sogro putativo,
senhor Pantufo basbaque.

À parte.

Pant. Sabe o que venho fazer?

105 Cor. Alguma necessidade.

Pant. Venho rachar-lhe a cabeça.

Cor. Eu dispenso, não se canse.

Pant. Quero brigar com você.

Cor. Eu, brigar? De mim se aparte,
110 nunca na vida tal fiz.

Pant. Sim, porém, lá, esta tarde,
pespegou-me na cabeça
muito bem os triques-traques.

Cor. Isso foi por divertir-me.
115 a isso briga chamastes?

¹²⁶ O pronome *seu* foi substituído por *meu*, em função do contexto.

- Pant. Pois que era?
- Cor. Era *coque nele*,
foi uma curiosidade.
- 120 Pant. Pois também sou curioso;
quero agora cocar-lhe.
Você cuida que sou tolo?
Aqui mesmo hei de pagar-lhe
de quanto mal me tem feito;
aqui pode já preparar-se
125 para morrer. **Tira a espada.**
- Cor. Porém você [.....]
a chamar quem me acompanhe. [fl. 18, 1ª col.]
- Pant. Ande para ali.
- 130 Cor. Deveras
quer brigar? Quero ir armar-me;
brigar não tendo eu espada,
é vileza, é impiedade.
- Pant. Assim me rachaste a bola,
e eu faço como tu fazes.
- 135 Cor. Já lhe não posso fugir,
e ele a cabeça me parte. **À parte.**
Ora ande cá, estou pronto,
mas quero agora ensinar-lhe
uma moda de brigar,
140 e você talvez não saiba.
- Pant. Diga, que, se me tiver
conta, talvez que eu a abrace.
- Cor. Primeiramente uma risca
por aqui há de lançar-se;
145 nos havemos nós de pôr
cada um de sua parte;
brigaremos com bem força,
mas qualquer que a risca passe,
fica perdendo um carolo.
- 150 Pant. É moda muito agradável,
vamos a ela.
- Cor. Pois de longe.
Ponha-se lá no desplante,
invista agora: ter mão,
155 passou, perdeu. **Ir-se-á representando como dizem.**
- Pant. É verdade,
ora, vamos outra vez.
- Cor. Meta essa estocada, ande,
atire daqui um talho,

meu amor te facilita:
 mas em Dircéia não fales,
 200 não rogues por essa ímpia,
 causa tão escandalosa
 da minha infeliz desdita ¹²⁷.

Creu. Eu não rogo por Dircéia;
 por Timante só queria
 205 abrandar os teus furores,
 sossegar as tuas iras.
 Mas como é Dircéia esposa,
 julgo ser coisa precisa,
 por que não morra Timante,
 210 conservar da esposa a vida.

[fl. 18 v., 1ª col.]

Dem. Creusa, essa compaixão
 é do teu decoro indigna,
 pois quanto Dircéia impede
 que a Timante tu consigas,
 215 como hás de ser defensora,
 da tua mesma inimiga?

Creu. Ela não me fez ofensa;
 inda a ti não te ocorria
 eleger para teu filho
 220 esposa, quando já tinha
 nos vínculos de himeneu
 suas vontades unidas:
 assim não me fez injúria
 em aceitar uma liga,
 225 que a mim, por nenhum princípio,
 me tocava ou pertencia;
 e, ainda que fosse afronta,
 com mais instância eu pedira,
 pois da minha qualidade,
 230 as pessoas tão distintas,
 têm por vileza a vingança,
 e o perdão por bizarria.

Dem. Mas princesa, eu, como rei,
 tenho obrigação precisa,
 235 de castigar os delitos,
 e, com diferente lida,
 em ti, pedir é nobreza,
 em mim, negar é justiça.

Creu. Demofoonte, a lei humana,
 240 tão fortemente não liga,
 quando possa dispensar-se

¹²⁷ Inferi que a palavra ilegível seria *infeliz*.

pelas minhas rogativas.

Dem. Hei de dar satisfação
a todo o reino de Frígia,
245 para que lá se conheça,
que o rei de Trácia castiga,
quem é a causa de Creusa
ser com repúdio ofendida.

Creu. Satisfações não quero;
250 a teimar nessa fadiga,
atropelando meus rogos,
mais que obséquio é grosseria.

[fl. 18 v., 2ª col.]

Sai Querinto

Quer. A meu pai roga Creusa,
mas ele, abrasado em ira,
255 suas súplicas despreza. **À parte.**
Quero, com instâncias minhas,
dar aos seus rogos mais força.
Senhor, é crueldade ímpia
punir delitos de amor,
260 com golpe que tira a vida.
Timante não é teu filho?
Dircéia não participa
a ele unida, já hoje,
dos privilégios de filha?
265 E como hás de castigar
com tão fera tirania,
duas vidas que já agora,
o mesmo teu sangue anima?

Dem. Também contra o teu decoro
270 tu, Querinto, te conspiras?

Quer. Eu só te quero piedoso.

Dem. Mas nesse intento me irritas.
É contrário do seu pai,
quem dele espera injustiça.

275 Creu. Deixa, Querinto, não peças,
a teu pai, louca porfia,
que, para ser desgraçada,
basta ser pretensão minha.

Quer. Não, Creusa, eu inda espero
280 do combate não desistas,
que eu para o vencer lhe ponho
todas as forças à vista.
Chegai, lançai-vos aos pés
do vosso rei, porque, ainda
285 que esteja agora indignado,
tem propensão benigna,

[.....]ta de mudar
de indignidade em compaixão.

**Chega Dircéia e se lança aos pés do rei e
Faísca traz Olinto pela mão.**

[fl. 19, 1ª col.]

- 290 Dirc. Meu rei, eu não vos suplico
para esta infeliz a vida,
sou delinqüente e conheço,
que quem vassalos domina,
se faz réu quando perdoa,
quem castigos merecia;
295 porém, Timante, inocente!
Timante a tal ruína
exposto por mim! Oh! Baste,
em tragédia tão sentida,
a minha morte a pagar
300 também suas rebeldias.
- Dem. Causa da minha desonra,
aparta da minha vista.
- Creu. Tens o coração mui duro.
- 305 Dirc. Não, Dircéia não duvida
padecer, porém só peço,
que esta prenda que a alma estima,
fruto de amor infeliz,
a guardes; não porque é minha,
mas por que é tua, o teu sangue
310 aquelas veias anima;
duas vezes és seu pai,
e a natureza te inclina
a querer bem ao filhinho,
já que a mãe não te lastima.
- 315 Fais. Menino, ande, peça a mão
ao avozinho e lhe diga
que perdoe a sua mãe.
- Dem. Não tens culpa, mas divisa **Para o menino.**
em ti minha compaixão,
320 que o ser produção indigna
daquela: mas, ai de mim!
A alma sinto enternecida,
o pranto se assoma aos olhos,
por não mostrar covardia ¹²⁸ **À parte.**
325 me retiro. **Faz que se vai.**
- Dirc. Não respondes, senhor?

¹²⁸ Considerei como leitura possível o preenchimento da lacuna com a preposição *por*.

- 330 Creu. Assim desestimas
meus rogos, minha presença,
que em silêncio te retiras,
sem atender ao respeito
da minha soberania? [fl. 19, 2ª col.]
- Dem. Creusa, não me crimines.
- 335 Creu. Nenhuma razão te livra
de ter usado comigo
tão freqüentes grosserias.
Enfim, de Trácia me ausento,
fujo, donde em um só dia
vi tanta incivilidade,
340 tanta crueldade unida.
Ao rei, meu pai, eu direi,
que por ti foi sua filha
com descortês tratamento,
mil vezes desatendida.
Adeus, Demofoonte. **Partindo.**
- 345 Dem. Espera,
princesa, oh, deuses! Queria
cumprir a minha palavra;
mas tu me pedes ainda
por Dircéia e, sobremodo,
350 contra mim te escandalizas;
basta, eu perdôo a Dircéia;
Creusa, tu lhe dás a vida.
- Dirc. Deixa, senhor, que a teus pés...
- 355 Dem. A mim não, mas gratifica,
pois o deves à princesa.
- Creu. Nobre ação de um rei tão digno,
que por ela a régia mão
beijar quero.
- 360 Dem. Mais estima
meu amor o teu respeito,
por que vejas a porfia
com que as finezas te faço;
a Dircéia já dou vida
também perdôo a Timante;
365 e agora, por minha filha,
entre meus braços te aperto;
e a tua prenda querida,
chegar quero a minha face,
como neto, a quem estima
370 o meu gosto, porém saiba,
toda a Trácia e toda a Frígia,
que Creusa foi a causa [fl. 19 v., 1ª col.]
- Para o menino.**

de abrandar as minhas iras. **Vai-se.**

375 Dirc. Oh, quem me dera princesa,
ter agora expressões dignas,
para tanto benefício
me render agradecida.

380 Creu. Este excesso em mim, Dircéia,
foi gênio de compassiva,
mais recompensa não quero,
do que a tua mesma dita.

385 Quer. Nobre coração, princesa,
teu ilustre peito anima,
cada vez mais dos teus dotes
sinto minha alma cativa.

390 Creu. Querinto, é bem que conheças,
que todas estas fadigas
só obrei por teu respeito,
pois julguei coisa precisa
deixar a quem não me quer,
por amar a quem me estima. **Vai-se.**

395 Dirc. Querinto, por complemento
desta venturosa dita,
quero ver ao meu Timante;
onde está?

400 Quer. Esta notícia
primeiro lhe quero eu dar,
por que seja a glória minha,
que a ti não te falta tempo
de ter sua companhia.
Ah, Dircéia, se assim como
tem fim as tuas desditas,
pudessem ter seu princípio
também as minhas delícias. **Vai-se.**

405 Fais. Eu, feita mãe de crianças!
É muito boa gracinha!
Andar, agora talvez,
que me venha alguma dita;
mas o menino, coitado,
410 tem sono que se espreguiça.
Pequerrucho, quer nanar?
Venha cá, que eu sou amiga,
Deite-se aqui nos meus braços,
olhe, não me faça mijo,
415 ora durma, ó, ó, ó,
cantemos-lhe uma cantiga. **Canta.**

O menino quer nanar,
mas não o deixam dormir,
calem-se todos, *chitom*,

[fl. 19 v., 2ª. col.]

420 e nem tugir, nem mugir.
 Ai le le le le le,
 Ai le le le le Corisco,
 se faltares à palavra
 o demo te faça em cisco.

No fim sai Corisco arremedando.

425 Cor. Canta muito grandemente
 você, senhora Faísca,
 para desmamar crianças
 tem de graça muita pilha.

Fais. E você, canta melhor?

430 Cor. Canto como uma pipia.

Faisc. Ora, acalente o menino
 com alguma cantiguinha.

Canta Corisco o que lhe parecer próprio.

Cor. Pois que tal?

Faisc. Boa goela.

435 Cor. É feita ao torno da pipia.

Faisc. Eu vou deitar o menino,
 já venho.

Vai para dentro, e torna a sair, trazendo um capote ou coberta.

Cor. Minha rica,
 eu aqui estou, venha logo,
 440 anda depressa, menina.

Fais. Sabe que mais? Aí vem
 meu pai, com tamanha ira,
 que se me acha com você,
 todo o corpo me esfanica.

445 Cor. Pois que remédio?

Fais. Eu to digo:
 tu bem sabes que ele é ginja,
 capaz de comer mil petas,
 [...] te nesta mantilha,
 450 deita-te aqui no meu colo,
 e faze-te de menino ¹²⁹.

Cor. Dizes bem, venha esse trapo.

[fl. 20, 1^a col.]

Fais. Tu cala-te, não te rias:
 eu digo-lhe que é Olinto,
 455 verei se pega a mentira.

¹²⁹ Pelo sentido, inferi que a palavra ilegível poderia ser *menino*.

Cor. Aqui estou, que ricas coisas!
Acalenta-me, Faísca.

Acalenta Faísca a Corisco, o qual fará os bixancros que lhe parecer.

Sai Pantufo.

Pant. Olá, que monstruosidade
tem no colo, minha filha?

460 Fais. Paizinho, venha de manso,
sem que o menino pressinta.

Pant. Que menino?

Fais. Este que eu tenho.

Pant. Que me dizes, rapariga,
465 isso que tens é menino?
Ele parece uma pipa.

Fais. É o filho de minha ama.

Pant. Se ela desses filhos cria,
pode ser mãe dos gigantes;
470 tomara ver-lhe a carinha.

Faisc. Arrede-se para lá,
que ele, se o vê, desconfia.

Pant. Por que, tão feio sou eu?

Fais. É uma peça mui linda:
475 porém, se o vê o pequeno,
cuida que é papão e grita.

Pant. Como está bem despostaço!

Fais. Tem muito boa papinha.

Pant. Pequerrucho, dá cá sete.

480 Fais. Deixe-o, valha-o uma figa.

Cor. Cáca, pápa.

Pant. Ele já fala.
Eu quero ver-lhe a carinha.

**Aqui farão os bixancros, que quiserem, até
acabarem em pancadas, e com elas se vão.**

Vista de cárcere. Sai Timante.

485 Tim. Por que é [.....]r mais tempo a vida,
que ligeira corre, voa e passa,
se ela na duração tem sem [.....]
para o peito infeliz, triste desgraça?
Basta já, para ser aborrecida,
mostrar-se de favores tão escassa,

[fl.20, 2^a col.]

490   mas ela me magoa de tal sorte,
               que para alívio meu desejo a morte.

Sai Querinto.

Quer. Príncipe, dá-me os teus braços.

Tim. Assim com tanta alegria,
       vens a dar-me, meu irmão,
 495   a última despedida?
       Esta é a tua saudade,
       este o pranto, esta a fadiga,
       com que de teu irmão sentes
       a inevitável ruína?

500   Quer. Que saudades e que pranto,
           que tristezas imaginas?
           Entre todos os mortais
           logras hoje a maior dita;
           já teu pai te perdoou;
 505   com compaixão dele digna,
           te concede tua esposa,
           filho, liberdade e vida.

Tim. Pouco, a pouco, meu Querinto;
       tantas venturas unidas?
 510   Se crédito dera a todas
       matavam-me de alegria.

Quer. Podes crer-me, não duvides.

Tim. Dize, se meu pai com ira
       me condena a dura morte,
 515   que mudança repentina
       o inclinou à piedade?

Quer. Creusa, que enternecida,
       da tua mágoa e desgraça,
       usou de tais rogativas,
 520   tais indústrias inventou,
       que aplacou as tiranias
       de nosso pai.

Tim. Que me dizes?
       Creusa, tão ofendida
 525   de mim, pode ser agora
       a causa da glória minha?

Quer. Sim, que tu, irmão, não sabes
       quanto aquela alma, digna
       de mil impérios, encerra
 530   de nobreza e bizarria:
       tu saberás por extenso
       quanto foi comigo fina.

Tim. Ah, querido irmão! Pois vamos,

[fl. 20 v., 1ª col.]

535   deixa, deixa, que eu te sigo,
beijar a mão de meu pai,
vamos.

Quer. Não, esta notícia
foi em mim cuidado oculto;
ele logo determina,
540   vir dar-te em pessoa o aviso
e não quero que pressinta,
que minha ventura teve,
neste gosto a primazia.

Tim. Mas não me posso esquecer,
545   a Creusa devo a vida,
aquela, a quem eu tratava
como se fosse inimiga:
tenho pejo até de ver
comigo tão compassiva:
550   e há de partir, ultrajada,
Creusa, assim para a Frígia?
Ah, Querinto, desta afronta
só tu poderás remi-la;
dá-lhe tu a mão de esposo,
555   porque desta sorte evitas,
a ela uma injúria grande,
a meu pai dor infinita.

Quer. Príncipe, que me propões?
Pois já que mo facilitas
560   quero dizer-te o segredo,
que oculto no peito tinha.
Sabes que eu amo a Creusa
com ânsia tão esquisita,
que só recebendo a esposa,
565   algun sossego teria,
mas...

Tim. Mas o quê?

Quer. Não espero,
que ela na oferta consinta:
570   bem sabes que para um filho
herdeiro foi pretendida,
mas eu sou filho segundo.

Tim. Outra coisa não duvides.

Quer. Este impedimento é pouco?

575   Tim. Verás como se dissipa.
Eu não sou, tu és o herdeiro.

Quer. Eu?

Tim. Sim, porque se eu morria,

[fl. 20 v., 2^a col.]

580   por minha falta eras tu
              quem no reino sucedia;
              pois se tu me deste o trono
              com tua indústria esquisita,
              que faço eu em dar-te agora
              o que tu me participas?

585 Quer. Mas nosso pai...

Tim. Nosso pai
bem desempenhado fica,
590 pois dá esposo a Creusa,
que para herdeiro destina.

Quer. Porém, dar um reino é muito.

Tim. Ah, irmão, só me lastima
ver que é dádiva pequena
um reino a quem, num só dia,
595 deu contra as minhas desgraças,
tantas venturas unidas.
Mas que hei de dar? Mais não tenho.
Se mil reinos possuía,
todos com pronta vontade
600 liberalmente daria.

Quer. Invejo o teu coração.

Tim. Tua amizade me obriga,
Querinto, serás meu rei.

Quer. Ah, Timante, mais não digas.
605 Tu, com ânimo bizarro,
o trono me facilitas,
mas eu de [.....]
antes que o reino quera,
de teu coração heróico,
610 grandeza tão esquisita.

[fl. 21, 1^a. col.]

Vai-se.

**Sai Corisco com carta fechada que
traz dentro de outra também fechada.**

Cor. Quando entro pelas prisões
trago esta alma tão escura,
que me parece que venho
mais pequeno que uma pulga.

615 Tim. Corisco, fiel criado,
já sabes minhas venturas?
Vens dar-me os parabéns?

Cor. De quê? Da força e da tumba?
Parabéns? Tomara eu ver-te
620 fora posto na rua.

- Tim. Sou o homem mais ditoso
de todas as criaturas.
- Cor. Isto pela minha vida,
lá me parece loucura;
625 mas vá feito. **À parte.** Meu senhor,
eu venho por via oculta,
muito em segredo, entregar-lhe
esta cartinha de Matúsio.
- Tim. Matúsio, de mim, que quer?
- 630 Cor. Isso dirá a escritura.
Ele acha-se retirado,
por quanto o rei morto o julga;
e agora, com muita pressa,
por ser pessoa segura,
635 me mandou que eu esta carta
te entregasse na mão tua;
fiz a minha obrigação,
e fora daqui, que há pulgas. **Vai-se.**
- 640 Tim. Matúsio, a mim escrever-me,
não sei que meu peito assusta,
que o romper a obreia a carta,
toda a alma se me perturba;
mas enfim, abro e leio,
veremos o que insinua.
- Lê: Príncipe, quando hoje ajuntei algumas coisas
preciosas para a fugida, achei [.....], o qual [fl. 21, 2ª col.]
me deu minha mulher na hora da sua morte, e por
ela mo rogar, lhe prometi, com juramento, de o não
abrir, senão no caso que sucedesse algum infortúnio
a Dircéia. Agora o abri e achei uma carta da rainha,
tua mãe; aí ta remeto, onde verás novidade estranha,
a qual favorece na presente ocasião a tua desgraça.
Matúsio.
- 645 Representa Eu não sei o que alma adivinha;
se a idéia tenho confusa,
de ver a primeira carta,
perplexa está na segunda.
Sim, a letra é da rainha,
650 o coração se perturba.
Vejo que assim diz: **Abre a carta.**
- Lê: Dircéia não é filha de Matúsio. - Oh, céus!- É minha filha
e de meu esposo Demofoonte. - Que lê, Timante? - A causa
desta equivocação dirá um papel, que está debaixo do ídolo
no templo, onde só o rei pode entrar. Entanto, eu o afirmo
com juramento. Argia, rainha.

Representa: Que angústia!
 Caso terrível que vejo!
 Pode haver mais desventura?
 655 Oh, deuses onipotentes,
 entendei que é ação justa,
 perturbar num só instante,
 a minha alegre fortuna?
 Dircéia, filha do rei!
 660 Minha irmã! Oh, mágoa suma
 ou devo estar enganado? Respiro,
 torno a ler: quanto me aparece
 não tem dúvida, assim diz.
 É crueldade mais injusta!
 665 Talvez mentisse a rainha:
 porém, como, se ela o jura?
 Enfim, tudo isto é verdade.
 Sou desgraçado, pois vejo,
 [fl. 21 v., 1ª col.]
 que quando a sorte me adula,
 670 logo para confundir-me
 toda a desgraça se ajunta.
 Filho e genro sou do rei,
 e Olinto – oh, mágoa importuna -
 é meu filho e sobrinho?
 675 Dircéia - quanto me custa? -
 É minha mulher e irmã?
 Que funesta e que confusa
 união de parentesco!
 Fuja de entre os homens, fuja,
 680 Timante, por que não seja
 de uma afronta tão imunda
 apontado como réu
 da mais vergonhosa injúria.
 Oh, quem, amada Dircéia,
 685 querida esposa, quem nunca
 te conhecesse, eu te amava;
 de sangue, a união conjunta,
 era causa deste afeto?
 Porém, as minhas loucuras,
 690 julgara que eram nascidas
 de amor, aquelas ternuras.
 Que tirano e infausto dia,
 em que eu via as prendas tuas!
 E que terríveis memórias
 695 daquela amizade mútua,
 que dos nossos corações,
 uma só alma compunha!
 Em tal estado me sinto
 neste mal, que me perturba,
 700 que a mim próprio me aborreço.
 Não quisera em hora alguma

de mim mesmo ter lembrança!
 Enlouqueço: a dor me entuta,
 de modo que a luz do dia
 705 não posso ver, a voz muda,
 quer silêncio, porque a sinto
 titubear na pronúncia,
 [.....] torre [.....]
 comigo pouco segura; [fl. 21 v., 2ª col.]
 710 talvez que a tremer a obrigue
 o peso da minha angústia!
 Sinto a dor dentro em meu peito,
 do desgosto a chama adusta,
 olho para estas paredes,
 715 e nas suas pedras duras,
 parece-me que estou lendo
 como em pública escritura,
 na causa da minha dor
 motivos da minha fúria.

**Saem Demofoonte, Creusa, Adrasto,
Querinto e Dircéia.**

720 Creu. Timante!
 Tim. Por que morrer
 não me deixaste, Creusa?
 Dem. Amado filho!
 Tim. Não mais
 725 esse nome, que articulas.
 Creu. Tu não sabes...
 Tim. Sim, já sei.
 Dem. Renovaste hoje a ventura,
 toma os braços em penhor
 730 do perdão de tuas culpas, **Vai p^a. abraçar Tim. e ele lhe foge.**
 mas tu foges dos meus braços!
 Tim. Tenho esta alma tão confusa,
 que até o ânimo me falta
 de te ver.
 735 Creu. Por que te assustas?
 Dem. Dize, que sucede?
 Dirc. Esposo!
 Tim. Vai-te, Dircéia.
 Adr. Não fujas,
 740 aqui tens o teu filhinho.
 Tim. Não quero vê-lo.

- Dirc. Ora, escusa
de fazer funesto o dia,
que tanta alegria inculca.
- 745 Tim. Aonde, aonde fugirei
a ter minha fronte oculta?
- [Dir.] [1 verso ilegível] ¹³⁰
- Dem. Espera. [fl. 22, 1ª col.]
- Creu. Detém-te,
750 aonde vais com tanta fúria?
- Tim. Ah! Pretendes consolar-me,
e a dor fazeis mais aguda.
- Dem. Pois de que foges?
- Tim. Dos homens,
755 dos deuses, de vós e, em suma,
de mim mesmo.
- Dirc. E aonde vais?
- Tim. Lá para onde o sol não luza,
onde não haja viventes,
760 onde entre sombras noturnas,
tenha o sentimento, morte,
e a memória, sepultura.
- Dirc. Mas teu pai...
- Adr. O filho...
- 765 Dirc. A esposa...
- Tim. Para outros essa pronúncia
de tais nomes é mui grata,
para mim é dor e angústia.
- Dirc. Por aquela hora ditosa,
770 em que eu gozei a fortuna
de agradar...
- Tim. Cala, Dircéia.
- Dirc. Por aquela união pura...
- Tim. Basta, não mais me traspases
775 o coração, quando cuidas
que me consolas a mágoa,
nessas amantes indústrias.
- Dirc. Já que a esposa não atendes,
ao menos ao filho escuta,
780 que te fala nos carinhos

¹³⁰ O verso está ilegível. Tarquínio Oliveira o transcreveu como: *Obrigam-te os teus cuidados...*

da sua inocência muda.
Atende-o bem, que é teu sangue.

Tim. Antes não fosse.

Dirc. E que injusta
785 pena é esse teu desprezo,
a quem não pode ter culpa!
Repara, repara nele,
vê a pueril [?] astúcia [?]
com que a ti se quer chegar, [fl. 22, 2ª col.]
790 para as paternais ternuras.

Tim. Ah, desgraçado menino!
Tua ignorância te escusa;
se soubesses o que eu sei
da tua infeliz fortuna,
795 seria tristeza e horror
o riso, que agora inculcas.

Dem. Pois, filho, que caso estranho,
que novidade te assusta?

Tim. Não tenho acordo a dizê-la,
800 falta a voz, por mais que estuda
em se animar, mas se acaso
queres saber quem me insulta,
toma esse papel e nele
verás com cautela suma,
805 a causa irremediável.

**Dá a carta a Demofonte e vai-se
arrebatado e Adrasto, por sua
ordem, atrás dele.**

Dem. Vamos seguindo depressa,
Adrasto, todos acudam,
ele vai louco; veremos
logo se o papel divulga
810 a causa da sua pena.
Vem, Dircéia, vem, Creusa,
oh, não me desampareis
nesta terrível angústia.

Ambas
815 Todos te acompanharemos,
que a aflição não é só tua.

Vão-se todos.

Saem Querinto e Adrasto.

Quer. Dos deuses foi providência
não consentir eu, que prezo
fosse Matúcio e guardá-lo
de perigo mais funesto,
820 para agora revelar
tão importante segredo.

Adr. E teu pai não estranhou,

que usasses tal fingimento?

825 Quer. Como a sua vida é útil,
desculpou os meus excessos,
e agora, junto com ele,
foi para o interior do templo, [fl. 22 v., 1ª col.]
buscar o outro papel,
para se ver o mistério
830 que inclui.

Adr. Mas eu presumo,
pelo que examino e entendo,
que pouco aqui tardará,
pois todo o palácio observo,
835 magnífico e suntuoso
na grandeza e luzimento.

Quer. São para os meus desposórios
estes preparos.

Sai Timante perturbado.

Tim. Que vejo!
840 Esta pompa, esta grandeza,
estes aparatos régios
são para um desesperado
intolerável tormento.

845 Quer. Eu desconheço a Timante. **À parte.**
Irmão, basta já de excesso,
sabemos a tua pena;
erraste, porém nesse erro,
posto sejas desgraçado,
de toda a culpa és isento.

850 Tim. Querinto, enquanto eu não soube
meu infortúnio funesto,
não era réu, mas agora
que claramente o conheço,
réu sou de uma culpa enorme;
855 amar Dircéia não devo,
eu, sim, a adoro excessivo,
deixar este amor intento,
mas não posso e não é crime,
ter na irmã os pensamentos,
860 com que amava a minha esposa,
não outros, porém os mesmos?
Como hei de romper um laço
tecido com tanto aperto,
por amor, por desposório,
865 por um filho e mil extremos?
Como me posso esquecer
de tanto amoroso afeto,

[fl. 22 v., 2ª col.]

870 de tanta fé e lealdade,
de um trato já tão interno,
que lançou raízes n'alma
pelo costume dos tempos?
Pois se hei de ser réu, Querinto,
eu por compaixão te peço,
875 que enquanto estou inocente,
em perigo manifesto,
me deixes despedaçar
nas mãos do meu desacerto.

Saem Matúcio, Dircéia, Faísca e Olinto.

Mat. Filho meu, amado filho...
Tim. A mim esse tratamento?
880 A mim, teu filho, e por quê?
Mat. Porque hoje a certeza tenho,
de que és meu filho e eu teu pai.
Tim. É sonho? Eu não vos entendo.
Deixa-me, Dircéia.
885 Dirc. Não
fugas, não tenhas receio,
não sou tua irmã, mas sim
tua esposa.
Tim. Ah, que eu bem vejo,
890 que vós me estais enganando,
por me dar algum sossego.

**Sai Demofonte com acompanhamento
e Corisco e Pantufo.**

Dem. Timante, ninguém te engana,
todos te são verdadeiros.
Tim. Vêde que, enganar-me agora,
895 é ímpio e cruel intento.
Cor. Tomara ver em que param
as tramóias deste enredo.
Dem. Timante, não és meu filho,
tu, com Dircéia, no berço,
900 fostes trocado; ela, sim,
por minha filha a recebo,
tu és filho de Matúcio.
Pant. Me matem se eu os entendo.
Tim. Senhor, vamos mais de espaço,
905 a alma vai cobrando alento.
Dem. A rainha, minha esposa,
foi amiga com extremo

[fl. 23, 1ª col.]

- de tua mãe, e pediu,
depois do teu nascimento,
910 que trocassem os dois filhos,
indiscretamente crendo,
que fazia na mudança
utilidade ao seu reino.
Depois, nascendo Querinto,
915 caiu no arrependimento,
por ver que o cetro roubava
a seu filho verdadeiro;
como me viu teu amante,
temeu dizer-me o segredo;
920 porém, já próxima à morte,
em dois papéis escrevendo,
um deixou à sua amiga,
e era aquele, que tu mesmo
me deste depois de o ler;
925 outro escondeu; aqui o tenho.
- Cor. Arengas farão as mulheres,
que nem as entenda o demo.
- Tim. E por que não se explicou
tudo no papel primeiro?
- 930 Dem. Neste somente escreveu
de Dircéia o sangue régio,
firmando este testemunho
com seu real juramento.
Mas o que tocava a ti
935 era importante segredo,
que só devia fiar-se
de mim, para que o projeto
tomasse ou de o revelar
ou com cautela escondê-lo,
940 conforme o caso o pedisse,
e as circunstâncias dos tempos.
Por isso ocultou na parte
mais oculta do templo,
onde só eu posso entrar
945 a render a Apolo obséquios.
- Tim. Inda me têm duvidoso
tão estupendos sucessos.
- Dem. Não duvides, por que são
as provas e os sinais certos;
950 toma, vê este papel
que explica todo o segredo.
- Tim. Não me enganes, fatal sorte,
outra vez com mais tormento.

[fl. 23, 2ª col.]

**Dá o papel a Timante,
que o lê para si.**

Sai Creusa.

955 Creu. Senhor, deste povo
o rumor é verdadeiro,
que já tem de pasmo e assombro,
todo este palácio cheio.

Dem. Sim, Creusa, vem princesa,
aqui teu esposo tenho.
960 Eu te prometi um filho,
que da Trácia herdasse o cetro,
e em Querinto, juntamente,
filho e herdeiro te ofereço.

Para Querinto.

965 Quer. Eu não sei se esta mudança
será conforme ao teu gênio.

Creu. O que é destino celeste,
com pronta vontade aceito.

Quer. Eu, Creusa, do destino,
fazer eleição prometo.

Dão as mãos.

970 Creu. E eu, a quem entrego a mão,
todo o coração entrego.

Cor. Eu frijo-me por casar.

Fais. Eu, por casar, arrebento.

975 Pant. Tomara para esta moça,
encontrar um bom acerto.

Tim. Com que sou eu o inocente,
à vista do que estou lendo,
de que o oráculo falou,
usurpador deste reino.

980 Dem. Sim, bem como em gosto
se mudou o sentimento,
deste anual sacrifício
fica livre todo o reino;
o cetro se restitui
985 ao príncipe verdadeiro:
do rei da Frígia, às promessas,
dou inteiro cumprimento.

990 Querinto goza Creusa,
ela adquire um novo cetro:
tu, Timante, com Dircéia
gozas de amor o sossego:
e põe finalmente, a sorte,
a tantas desgraças termo.

[fl. 23 v., 1ª col.]

995 Tim. Ó dia tão venturoso
que, acabando meu tormento,
levantas do coração

- um insuportável peso:
filho, Dircéia, tornai
a meus braços, a meu peito,
1000 pois abraçar-vos já posso
sem temor, susto ou receio.
- Dirc. Ó que afortunado dia
para o meu contentamento!
- Tim. Agora, rei meu,
prostrado **Ajoelha.**
1005 a teus pés, dos meus excessos,
com súplicas repetidas,
o perdão mil vezes peço.
Foram delírios de amor,
por isso desculpa espero;
1010 juro que hei de proceder
de hoje em diante mais discreto:
serei vassalo fiel,
depois de filho perverso.
- Dem. Levanta-te, que, meu filho, **Levanta-o.**
1015 seja inda agora quero,
chamar-me embora teu pai,
que esse nome não rejeito,
e o que até agora foi sorte,
eleição ficará sendo;
1020 se falta o vínculo ao sangue,
não falta a união do afeto.
- Pant. Vocês, que fazem, patolas,
por que não casam com o demo?
É preciso que eu me meta
1025 também a casamenteiro?
- Fais. Sim, paizinho, fale nisso.
- Cor. Fale, que é mais velho.
- Pant. Senhor, pelos meus serviços,
um casamento requeiro
1030 para ele e mais para aquela. [fl. 23 v., 2ª col.]
- Dem. Muito embora.
- Cor. Pois vá feito:
sejam todos testemunhas
que faço o meu casamento. **Dão as mãos.**
- 1035 Fais. Ele não me agrada muito,
mas, porém, do mal o menos.
- Tim. Aqui, pois, se finaliza,
aquele amoroso empenho,
em que, apesar da desgraça,
1040 venceu de amor o desvelo.

Tudo deixei pela esposa,
vida, trono, coroa e cetro.
Para que conheça o mundo,
que, se este vencer pôde,
1045 quando por firme amante,
entre perigos se ostenta,
todos só o amor vence.

Todos Mais vale amor que um reino.

fim

1050 Com excesso outros afetos,
para corações ilustres,
mais vale amor que um reino.

Mas pra que conheça o mundo,
que está cativo o peito,
para corações ilustres,
1055 mais vale amor que um reino

GLOSSÁRIO

Arcano - Secreto, oculto, recôndito. Segredo, mistério.

Arenga - Conversa longa. Palavrório. O mesmo que arengada.

“Bar” - Esta expressão não se encontra dicionarizada. Localizei *Bah*, que exprime surpresa, admiração, espanto. A etimologia da palavra é duvidosa e poderia ser a interj. plat. *bah* ou redução de *barbaridade!* (HOUAISS, 2001:378). Pelo contexto, poderia ser esse o caso da expressão no texto em questão. É possível que se tratasse de gíria da época.

Barbelho - Esta palavra não se encontra dicionarizada. Parece tratar-se também de gíria da época.

Basbaque - Tolo, pateta.

Bandulho - Pança, barriga.

Bribante - Vadio, manganão.

Bixancro ou **bichancro** - Gesto ridículo.

Bizarra - Gentil, bem apessoada. Generosa, nobre. Bela, interessante, atraente.

Bizarria - Galhardice. Guapice. Asseio. Adorno. Aparato. Louçania.

Brama - O mesmo que berra.

Caluda! - *interj.* (de calar). Para impor silêncio.

Carantonha - Cara feia, carranca, caraça.

Carolo - *Vulg.* Pancada na cabeça com vara, cana ou com os dedos fechados. *Bras. Pop.*

Embuste, logro, mistificação.

Chitom! - Silêncio! Esta expressão tem origem na língua francesa, *Chut, donc!*

Chocalheira - Mulher indiscreta, faladora, linguareira.

Compreendida - Incluída.

Coque - Pancada na cabeça, de ordinário com os nós dos dedos.

Coorte - Parte de uma legião entre os antigos romanos; porção de gente armada; magote; fileira; legião.

Crica - O órgão sexual feminino. No século XVII, é termo obscuro, cf. Gregório de Matos. Ainda hoje é termo vulgar, utilizado com o mesmo sentido.

Cutelo - Instrumento cortante, semicircular, com gume na parte convexa, que servia antigamente nas decapitações e é hoje utensílio especial de cortadores e correeiros.

Cutilada - Golpe de cutelo, sabre, espada, etc.

Defensa - O mesmo que defesa.

Deidade - divindade.

Desabrido - Rude, áspero, grosseiro, insolente.

Despique - Desforra.

Encasquetar - Capacitar-se, obstinar-se no conceito que se formou de alguma coisa.

Empresa - Cometimento ousado.

Entender (entendida) – Saber o que faz. Opinião, juízo. Inteligência.

Entuta - Esta palavra não se encontra dicionarizada. Localizei o verbo *entuchar*, que significa engolir, agüentar calado (uma afronta, um desaforo) sem se manifestar. Manter-se em silêncio; calar, emudecer. (HOUAISS, 2001: 1170).

Esfanicar - Partir em fanicos; reduzir em fanicos. Despedaçar.

Esfera - Meio no qual a influência de alguém, a ação de uma coisa, produz a plenitude do seu efeito: *sair da sua esfera*. Esfera (*celeste*), orbe ilimitado, que rodeia o nosso globo por todos os lados, onde parecem estar cravadas as estrelas.

Fementido - Pírfido. Perjuro, infiel.

Fito - Designativo de vegetal.

Gatimanco - Momice, trejeito.

Gasnete - Pescoço; goela.

Gentilomeza - Esta palavra não se encontra dicionarizada. Pode tratar-se de gíria da época. Pelo contexto, parece sinônima de galanteio, relacionada à expressão *gentil-homem*, conforme observou o prof. Hélio de Seixas Guimarães. Gentilhomem ou gentil-

homem, s.m. (de gentil e homem). Homem de raça nobre. Fidalgo; cavalheiro. *Adj.* Elegante, airoso.

Ginja - Velho bobo.

Indústria - Destreza em alguma arte; engenho.

Jurzindo (zurzindo) – Zurzir. Açoitar, bater, fustigar. Castigar. Criticar severamente. *Fig.* Afligir, magoar.

Logração - Ato ou efeito de lograr. Logro. *Fig.* Engano gracioso.

Mamada - Desapontada.

Masta, boca - Esta expressão não se encontra dicionarizada. Procurei também em dicionários de línguas espanhola e italiana.

Machabrão - Esta palavra não se encontra dicionarizada. Localizei *maxa* e *macha*, com o significado de fechadura, que está relacionada ao sentido da frase “sou porta mui bem fechada a maxabraõ e tranqueta”.

Me-fecit - Lugar para onde alguém se escapa com pressa e prazer.

Meminho (dedo) - O mesmo que meiminho. Mindinho. O dedo mínimo.

Mequetrefe - Intrometido.

Moita!- *interj.* Exprime silêncio e teima em não responder.

Nume - Divindade, poder celeste.

Parcial - Aquele que se arrima a uma das partes. Partidista, seguidor, sequaz, conjurado.

Patola - Pateta, tolo, estúpido.

Pensão - Encargo, obrigação: *pensões do ofício*. Trabalho, incômodo.

Peça - (boa ou má peça) – pessoa maliciosa, de mau caráter.

Pespegar - Impingir, pregar, assentar.

Peta - Mentira, patranha.

Pilha - Graça, galantaria.

Pipia - Nome de uma ave brasileira.

Prática - Conversa, fala.

Presto - Ligeiro, rápido.

Pronto - Rápido, diligente.

Rascoa - Aia. Cozinheira.

Rebolir - Rebolar-se. Andar muito depressa.

Remeloso - Que tem ou cria remela.

Sediço - Estagnado, corrupto.

Sevandija - O que sofre todas as humilhações sem mostrar ressentimento. O que vive à custa alheia; parasita. Barata. Qualquer verme, réptil ou inseto imundo. No apógrafo tem o sentido de criado, serviçal.

Tesa - Com vigor, com energia.

Traça - Arte. Artifício. Manha. Estratagemas.

Tramóia - Ardil, enredo, artifício.

Trampa - Coisa de nenhum valor. Armadilha.

Tratada - Velhacaria, trapaça, ardil, armadilha.

Tranqueta - Tranca pequena. Peça de ferro que, colocada no interior das portas ou janelas, serve para fechá-las.

Treta - Estratagemas, ardil, manha.

Triques-traques – Onomatopéia dos ruídos. Significa também coisas pequenas, “trens”.

Ventrexas - Posta de peixe, imediata à cabeça. Compartimento; divisão interior.

Victor – No dicionário encontramos a forma Vito! - interj. *Proc.* Viva!

EDIÇÃO FAC-SIMILAR - *Ópera de Demofonte em Trácia.*

Observações:

- A folha de rosto não foi reproduzida por estar quase ilegível, pelo descoramento da tinta.
- As imagens foram reproduzidas a partir das fotos feitas no Arquivo Público Mineiro, em 1980.

1. *Chrysomela*
 2. *Chrysomela*
 3. *Chrysomela*
 4. *Chrysomela*
 5. *Chrysomela*
 6. *Chrysomela*
 7. *Chrysomela*
 8. *Chrysomela*
 9. *Chrysomela*
 10. *Chrysomela*
 11. *Chrysomela*
 12. *Chrysomela*
 13. *Chrysomela*
 14. *Chrysomela*
 15. *Chrysomela*
 16. *Chrysomela*
 17. *Chrysomela*
 18. *Chrysomela*
 19. *Chrysomela*
 20. *Chrysomela*
 21. *Chrysomela*
 22. *Chrysomela*
 23. *Chrysomela*
 24. *Chrysomela*
 25. *Chrysomela*
 26. *Chrysomela*
 27. *Chrysomela*
 28. *Chrysomela*
 29. *Chrysomela*
 30. *Chrysomela*
 31. *Chrysomela*
 32. *Chrysomela*
 33. *Chrysomela*
 34. *Chrysomela*
 35. *Chrysomela*
 36. *Chrysomela*
 37. *Chrysomela*
 38. *Chrysomela*
 39. *Chrysomela*
 40. *Chrysomela*
 41. *Chrysomela*
 42. *Chrysomela*
 43. *Chrysomela*
 44. *Chrysomela*
 45. *Chrysomela*
 46. *Chrysomela*
 47. *Chrysomela*
 48. *Chrysomela*
 49. *Chrysomela*
 50. *Chrysomela*
 51. *Chrysomela*
 52. *Chrysomela*
 53. *Chrysomela*
 54. *Chrysomela*
 55. *Chrysomela*
 56. *Chrysomela*
 57. *Chrysomela*
 58. *Chrysomela*
 59. *Chrysomela*
 60. *Chrysomela*
 61. *Chrysomela*
 62. *Chrysomela*
 63. *Chrysomela*
 64. *Chrysomela*
 65. *Chrysomela*
 66. *Chrysomela*
 67. *Chrysomela*
 68. *Chrysomela*
 69. *Chrysomela*
 70. *Chrysomela*
 71. *Chrysomela*
 72. *Chrysomela*
 73. *Chrysomela*
 74. *Chrysomela*
 75. *Chrysomela*
 76. *Chrysomela*
 77. *Chrysomela*
 78. *Chrysomela*
 79. *Chrysomela*
 80. *Chrysomela*
 81. *Chrysomela*
 82. *Chrysomela*
 83. *Chrysomela*
 84. *Chrysomela*
 85. *Chrysomela*
 86. *Chrysomela*
 87. *Chrysomela*
 88. *Chrysomela*
 89. *Chrysomela*
 90. *Chrysomela*
 91. *Chrysomela*
 92. *Chrysomela*
 93. *Chrysomela*
 94. *Chrysomela*
 95. *Chrysomela*
 96. *Chrysomela*
 97. *Chrysomela*
 98. *Chrysomela*
 99. *Chrysomela*
 100. *Chrysomela*

1. *Grass*
 2. *Grass*
 3. *Grass*
 4. *Grass*
 5. *Grass*
 6. *Grass*
 7. *Grass*
 8. *Grass*
 9. *Grass*
 10. *Grass*
 11. *Grass*
 12. *Grass*
 13. *Grass*
 14. *Grass*
 15. *Grass*
 16. *Grass*
 17. *Grass*
 18. *Grass*
 19. *Grass*
 20. *Grass*
 21. *Grass*
 22. *Grass*
 23. *Grass*
 24. *Grass*
 25. *Grass*
 26. *Grass*
 27. *Grass*
 28. *Grass*
 29. *Grass*
 30. *Grass*
 31. *Grass*
 32. *Grass*
 33. *Grass*
 34. *Grass*
 35. *Grass*
 36. *Grass*
 37. *Grass*
 38. *Grass*
 39. *Grass*
 40. *Grass*
 41. *Grass*
 42. *Grass*
 43. *Grass*
 44. *Grass*
 45. *Grass*
 46. *Grass*
 47. *Grass*
 48. *Grass*
 49. *Grass*
 50. *Grass*
 51. *Grass*
 52. *Grass*
 53. *Grass*
 54. *Grass*
 55. *Grass*
 56. *Grass*
 57. *Grass*
 58. *Grass*
 59. *Grass*
 60. *Grass*
 61. *Grass*
 62. *Grass*
 63. *Grass*
 64. *Grass*
 65. *Grass*
 66. *Grass*
 67. *Grass*
 68. *Grass*
 69. *Grass*
 70. *Grass*
 71. *Grass*
 72. *Grass*
 73. *Grass*
 74. *Grass*
 75. *Grass*
 76. *Grass*
 77. *Grass*
 78. *Grass*
 79. *Grass*
 80. *Grass*
 81. *Grass*
 82. *Grass*
 83. *Grass*
 84. *Grass*
 85. *Grass*
 86. *Grass*
 87. *Grass*
 88. *Grass*
 89. *Grass*
 90. *Grass*
 91. *Grass*
 92. *Grass*
 93. *Grass*
 94. *Grass*
 95. *Grass*
 96. *Grass*
 97. *Grass*
 98. *Grass*
 99. *Grass*
 100. *Grass*

1. Le premier de ces points
 est de dire que le monde est un
 tout, et que les choses qui
 le composent ne sont que des
 parties d'un tout.

And these 26 hours
are as good as lost
and the whole of the day.

1. *Leaves of the plant are used to treat*
various ailments.
 2. *The plant is also used to treat*
various ailments.

100. *Phal. with 10-12 pairs of
 teeth per jaw, some small
 in the lower jaw & the
 others, sometimes
 more or more equal in size
 but all of the same
 size, some are sharp.*

[Faint handwritten text, likely bleed-through from the reverse side.]

1. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 2. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 3. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 4. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 5. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 6. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 7. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 8. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 9. *Phlox* *Phlox* *Phlox*
 10. *Phlox* *Phlox* *Phlox*

I have been thinking of you
 for some time now & am
 glad to hear you are well
 and hope you are happy
 as usual. I am well
 and hope you are the same.

He was a second son
was a young lieutenant
and I think when
he was 20 he was
killed in a battle.

Complaisance, l'indulgence, mais aussi
quelques réserves dans le silence;
pas d'orgueil, pas d'avarice, pas
d'ambition, pas de haine, de jalousie,
de rancune, de la vanité
de vouloir briser ses ennemis.

Your kind letter of the 11th inst.
 was duly received, and the
 enclosed letter forwarded
 to the proper authorities.
 I am, Sir, very respectfully,
 Your obedient servant,

Crossed the main highway, passed
one for bridge road, and
went across river bridge

1. *Admiral: come General.*
 2. *Vous, l'Amiral de France*
 3. *avec toute son armée, seigneur*
 4. *pour le service de son*
 5. *monseigneur le duc de Bourgogne.*
 6. *Allez, s'il vous plaît.*

1. anterior 2. posterior.
 3. lateral
 4. medial
 5. superior
 6. inferior
 7. proximal
 8. distal
 9. superficial
 10. deep
 11. internal
 12. external
 13. anterior
 14. posterior
 15. lateral
 16. medial
 17. superior
 18. inferior
 19. proximal
 20. distal
 21. superficial
 22. deep
 23. internal
 24. external
 25. anterior
 26. posterior
 27. lateral
 28. medial
 29. superior
 30. inferior
 31. proximal
 32. distal
 33. superficial
 34. deep
 35. internal
 36. external
 37. anterior
 38. posterior
 39. lateral
 40. medial
 41. superior
 42. inferior
 43. proximal
 44. distal
 45. superficial
 46. deep
 47. internal
 48. external
 49. anterior
 50. posterior
 51. lateral
 52. medial
 53. superior
 54. inferior
 55. proximal
 56. distal
 57. superficial
 58. deep
 59. internal
 60. external
 61. anterior
 62. posterior
 63. lateral
 64. medial
 65. superior
 66. inferior
 67. proximal
 68. distal
 69. superficial
 70. deep
 71. internal
 72. external
 73. anterior
 74. posterior
 75. lateral
 76. medial
 77. superior
 78. inferior
 79. proximal
 80. distal
 81. superficial
 82. deep
 83. internal
 84. external
 85. anterior
 86. posterior
 87. lateral
 88. medial
 89. superior
 90. inferior
 91. proximal
 92. distal
 93. superficial
 94. deep
 95. internal
 96. external
 97. anterior
 98. posterior
 99. lateral
 100. medial
 101. superior
 102. inferior
 103. proximal
 104. distal
 105. superficial
 106. deep
 107. internal
 108. external
 109. anterior
 110. posterior
 111. lateral
 112. medial
 113. superior
 114. inferior
 115. proximal
 116. distal
 117. superficial
 118. deep
 119. internal
 120. external
 121. anterior
 122. posterior
 123. lateral
 124. medial
 125. superior
 126. inferior
 127. proximal
 128. distal
 129. superficial
 130. deep
 131. internal
 132. external
 133. anterior
 134. posterior
 135. lateral
 136. medial
 137. superior
 138. inferior
 139. proximal
 140. distal
 141. superficial
 142. deep
 143. internal
 144. external
 145. anterior
 146. posterior
 147. lateral
 148. medial
 149. superior
 150. inferior
 151. proximal
 152. distal
 153. superficial
 154. deep
 155. internal
 156. external
 157. anterior
 158. posterior
 159. lateral
 160. medial
 161. superior
 162. inferior
 163. proximal
 164. distal
 165. superficial
 166. deep
 167. internal
 168. external
 169. anterior
 170. posterior
 171. lateral
 172. medial
 173. superior
 174. inferior
 175. proximal
 176. distal
 177. superficial
 178. deep
 179. internal
 180. external
 181. anterior
 182. posterior
 183. lateral
 184. medial
 185. superior
 186. inferior
 187. proximal
 188. distal
 189. superficial
 190. deep
 191. internal
 192. external
 193. anterior
 194. posterior
 195. lateral
 196. medial
 197. superior
 198. inferior
 199. proximal
 200. distal
 201. superficial
 202. deep
 203. internal
 204. external
 205. anterior
 206. posterior
 207. lateral
 208. medial
 209. superior
 210. inferior
 211. proximal
 212. distal
 213. superficial
 214. deep
 215. internal
 216. external
 217. anterior
 218. posterior
 219. lateral
 220. medial
 221. superior
 222. inferior
 223. proximal
 224. distal
 225. superficial
 226. deep
 227. internal
 228. external
 229. anterior
 230. posterior
 231. lateral
 232. medial
 233. superior
 234. inferior
 235. proximal
 236. distal
 237. superficial
 238. deep
 239. internal
 240. external
 241. anterior
 242. posterior
 243. lateral
 244. medial
 245. superior
 246. inferior
 247. proximal
 248. distal
 249. superficial
 250. deep
 251. internal
 252. external
 253. anterior
 254. posterior
 255. lateral
 256. medial
 257. superior
 258. inferior
 259. proximal
 260. distal
 261. superficial
 262. deep
 263. internal
 264. external
 265. anterior
 266. posterior
 267. lateral
 268. medial
 269. superior
 270. inferior
 271. proximal
 272. distal
 273. superficial
 274. deep
 275. internal
 276. external
 277. anterior
 278. posterior
 279. lateral
 280. medial
 281. superior
 282. inferior
 283. proximal
 284. distal
 285. superficial
 286. deep
 287. internal
 288. external
 289. anterior
 290. posterior
 291. lateral
 292. medial
 293. superior
 294. inferior
 295. proximal
 296. distal
 297. superficial
 298. deep
 299. internal
 300. external
 301. anterior
 302. posterior
 303. lateral
 304. medial
 305. superior
 306. inferior
 307. proximal
 308. distal
 309. superficial
 310. deep
 311. internal
 312. external
 313. anterior
 314. posterior
 315. lateral
 316. medial
 317. superior
 318. inferior
 319. proximal
 320. distal
 321. superficial
 322. deep
 323. internal
 324. external
 325. anterior
 326. posterior
 327. lateral
 328. medial
 329. superior
 330. inferior
 331. proximal
 332. distal
 333. superficial
 334. deep
 335. internal
 336. external
 337. anterior
 338. posterior
 339. lateral
 340. medial
 341. superior
 342. inferior
 343. proximal
 344. distal
 345. superficial
 346. deep
 347. internal
 348. external
 349. anterior
 350. posterior
 351. lateral
 352. medial
 353. superior
 354. inferior
 355. proximal
 356. distal
 357. superficial
 358. deep
 359. internal
 360. external
 361. anterior
 362. posterior
 363. lateral
 364. medial
 365. superior
 366. inferior
 367. proximal
 368. distal
 369. superficial
 370. deep
 371. internal
 372. external
 373. anterior
 374. posterior
 375. lateral
 376. medial
 377. superior
 378. inferior
 379. proximal
 380. distal
 381. superficial
 382. deep
 383. internal
 384. external
 385. anterior
 386. posterior
 387. lateral
 388. medial
 389. superior
 390. inferior
 391. proximal
 392. distal
 393. superficial
 394. deep
 395. internal
 396. external
 397. anterior
 398. posterior
 399. lateral
 400. medial
 401. superior
 402. inferior
 403. proximal
 404. distal
 405. superficial
 406. deep
 407. internal
 408. external
 409. anterior
 410. posterior
 411. lateral
 412. medial
 413. superior
 414.

Handwritten text on a piece of paper, possibly a letter or document, with some ink bleed-through from the reverse side. The text is partially obscured by a dark horizontal band across the middle.

[illegible]

[illegible]

 
 2054
 2055
 2056
 2057
 2058
 2059
 2060
 2061
 2062
 2063
 2064
 2065
 2066
 2067
 2068
 2069
 2070
 2071
 2072
 2073
 2074
 2075
 2076
 2077
 2078
 2079
 2080
 2081
 2082
 2083
 2084
 2085
 2086
 2087
 2088
 2089
 2090
 2091
 2092
 2093
 2094
 2095
 2096
 2097
 2098
 2099
 2100
 2101
 2102
 2103
 2104
 2105
 2106
 2107
 2108
 2109
 2110
 2111
 2112
 2113
 2114
 2115
 2116
 2117
 2118
 2119
 2120
 2121
 2122
 2123
 2124
 2125
 2126
 2127
 2128
 2129
 2130
 2131
 2132
 2133
 2134
 2135
 2136
 2137
 2138
 2139
 2140
 2141
 2142
 2143
 2144
 2145
 2146
 2147
 2148
 2149
 2150
 2151
 2152
 2153
 2154
 2155
 2156
 2157
 2158
 2159
 2160
 2161
 2162
 2163
 2164
 2165
 2166
 2167
 2168
 2169
 2170
 2171
 2172
 2173
 2174
 2175
 2176
 2177
 2178
 2179
 2180
 2181
 2182
 2183
 2184
 2185
 2186
 2187
 2188
 2189
 2190
 2191
 2192
 2193
 2194
 2195
 2196
 2197
 2198
 2199
 2200
 2201
 2202
 2203
 2204
 2205
 2206
 2207
 2208
 2209
 2210
 2211
 2212
 2213
 2214
 2215
 2216
 2217
 2218
 2219
 2220
 2221
 2222
 2223
 2224
 2225
 2226
 2227
 2228
 2229
 2230
 2231
 2232
 2233
 2234
 2235
 2236
 2237
 2238
 2239
 2240
 2241
 2242
 2243
 2244
 2245
 2246
 2247
 2248
 2249
 2250
 2251
 2252
 2253
 2254
 2255
 2256
 2257
 2258
 2259
 2260
 2261
 2262
 2263
 2264
 2265
 2266
 2267
 2268
 2269
 2270
 2271
 2272
 2273
 2274
 2275
 2276
 2277
 2278
 2279
 2280
 2281
 2282
 2283
 2284
 2285
 2286
 2287
 2288
 2289
 2290
 2291
 2292
 2293
 2294
 2295

Don Juan de Alcala,
pues es un muy buen hombre.

1. *Artemisia tridentata* (Gray)
 2. *Artemisia tridentata* (Gray)
 3. *Artemisia tridentata* (Gray)

1. *Adiantum* *argenteum* *perle*
Adiantum *argenteum* *perle*
 2. *Adiantum* *argenteum* *perle*

... ..
... ..
... ..

1. The first part of the paper is devoted to a general discussion of the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β . It is shown that the system has solutions for arbitrary values of the parameters α and β if and only if the condition $\alpha + \beta = 1$ is satisfied.

... your wife's presence.

de com. de. de. de. de.
com. de. de. de. de.
de. de. de. de. de.

"Shrubs, many from which are
 gathered seeds" at foot of
 ... ..

non più come padre ma come
fratello mio grande. Soltanto
non farlo mai, o quasi mai.

these are some of the poor too;
how are you getting on?
and are you all well?

and in the same way, the
the following day, the

the mother's speech
which was necessary
for the child's health

L'abbé de la Rivière

...
 ...
 ...

and a large fall, and
a small, impure.

Quando a um outro impõe

1. *Arctostaphylos* *uva-ursi* L.
 2. *Arctostaphylos* *uva-ursi* L.
 3. *Arctostaphylos* *uva-ursi* L.

Stomoxys calcitrans L.
Stomoxys calcitrans L.
Stomoxys calcitrans L.

1. *Chrysomelidae*
 2. *Curculionidae*
 3. *Chrysomelidae*

The name is *Stenobothrus*
 for a pair, *Stenobothrus*
Stenobothrus *Stenobothrus*

1. *Agrostis alba* L.
 2. *Agrostis alba* L.
 3. *Agrostis alba* L.

...the new theory...
...is abundant...
...the same...

 

[illegible][illegible]

[illegible]

for p. montana de blanda
 fuyr; entre papul,
 dary dary amictu;
 qua inclua.

Aut. Aut imperium
 puto que maxime, remota,
 que putoque tendora;
 per tute. Seducio obvia
 dignifica, ademptuosa
 magnifica, obvia.

Quar. Per puto et cum de puto
 into puto.

miranda blanda, portuata miranda. Notia, Per. Tute. Aut.

Per. Per. Tute.
 into puto, into puto,
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.

Quar. Per. Tute. Per. Tute.
 into puto, into puto,
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.
 into puto, into puto,
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.

into puto, into puto,
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.
 into puto. Per. Tute.

Aut. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

Per. Per. Tute. Per. Tute.

[illegible]

Obs.: No alto da folha, à margem esquerda, está a assinatura “A. Rezende”, copista do libreto.

CONCLUSÃO

Ao iniciar esta pesquisa, era minha expectativa comprovar que o texto *Demofoonte em Trácia* fosse, sem qualquer sombra de dúvida, o mesmo traduzido e adaptado por Cláudio Manuel da Costa. Antes da análise minuciosa da caligrafia das rasuras, incluindo-se as opções para terminar a representação, pensamos que pudessem ser manuscritos de Cláudio. Fizemos comparações de seus manuscritos autógrafos *O Parnaso Obsequioso*, *Obras Poéticas*, folhas avulsas do *Vila Rica*. Chegamos à conclusão de que, nessas obras, o poeta fez caligrafias especiais, principalmente nas duas primeiras, que doou ao homenageado, o Conde de Valadares. Procedemos, então, à análise da caligrafia do poeta nas suas funções de juiz ordinário, nos processos cartorários das décadas de 1760 e 1770, por apresentar a sua letra usual, do dia-a-dia, nos seus despachos, sem os caprichos e ornatos das obras especiais. Chegamos à conclusão de que no apógrafo *Demofoonte* não há caligrafia sua. Posteriormente, ao analisarmos as marcas d'água do suporte da escrita do apógrafo, constatamos duas folhas com a data de 1793, o que veio a comprovar que, definitivamente, não haveria possibilidade de haver, naquele manuscrito, intervenção do poeta, por ser data posterior à sua morte, ocorrida em 1789. Ao compararmos a caligrafia do manuscrito e a assinatura à margem da última folha, que tem o número 153, concluímos que o copista foi “A. Rezende”, do qual ainda nada sabemos. Mas pela sua caligrafia, constatamos tratar-se de pessoa de boa instrução. Quanto às alterações, não foi possível localizar qualquer indicação sobre quem as teria feito. Algumas delas são equivocadas, a exemplo do verso 304, do 1º ato, *que ele a couza não percebe*, e que foi alterado para *que ele acuza não percebe*. Também do verso *não seja só assistente*, alterado para *não seja só assistentido*, a rasura ficou incorreta. As alterações feitas nos versos 428, 432, 434, 436, 441 e 445 do primeiro ato, nas quais foram substituídas as indicações corretas *Adrasto* por *Corisco*, não fazem sentido. Em compensação, foram apresentadas duas opções para o término da peça e a caligrafia de quem as escreveu é diferente das outras duas (a do copista e a das alterações e acréscimos assinalados nas notas de rodapé). Esta ocorrência demonstra intervenção de uma terceira pessoa no texto.

Realizamos também comparações formais e de estilo entre o texto *Ópera de Demofoonte em Trácia* e as obras *O Parnaso Obsequioso* e *Obras poéticas*. *O Parnaso*, escrito para representação e a segunda, para recitativo e também com algumas indicações de música. Embora seguindo modelos metastasianos, não encontramos elementos para

comparação entre elas e o *Demofonte*. Elas, aliás, seguem mais de perto o modelo de Metastásio, sendo mais curtas, enquanto o *Demofonte*, embora mantendo o conteúdo original, tenha intervenções de acordo com os modelos dramáticos adotados em Portugal, com o acréscimo dos graciosos.

Retomamos a consideração feita no início deste trabalho: ainda que tenha havido intervenções, o texto que serviu de base para o apógrafo é da lavra de Cláudio. O fato de nenhum outro letrado, a não ser ele, ter mencionado o seu trabalho de tradução e adaptação da peça e de várias outras de Metastásio, somado ao domínio da língua italiana e à existência de livros de traduções e tragédias na sua biblioteca, de acordo com os Autos de seqüestro dos seus bens, são fortes indícios de que deve ter sido o único a fazê-las na Colônia naquele período ¹³¹. Não localizamos e nem temos notícia, até o momento, de outro texto ou versão em língua portuguesa da obra, existente no Brasil. Quanto à tradução feita em Portugal por Francisco Luis Ameno, deve ter sido a versão usada pelos músicos nas diversas apresentações ao longo dos séculos XVIII e XIX na Corte. De acordo com a bibliografia citada, há referência de ter sido traduzida em prosa, o que era, aliás, comum na época ¹³².

A especialista na obra claudiana, Melânia Silva de Aguiar, parece não ter colocado em dúvida a atribuição da tradução e adaptação ao poeta:

Tarquínio de Oliveira trouxe uma importante contribuição para o desvendamento do mistério que cerca o desaparecimento de tantos textos do Poeta, ao localizar no Arquivo da Música da Cúria Metropolitana de Mariana a tradução e adaptação feitas por Cláudio, de duas peças de Metastásio: a *Comédia do mais heróico segredo-Artaxerxe* e *Ópera de Demofonte em Trácia*. Estas peças estão

¹³¹ Ao buscar o sentido do vocábulo *pipia*, que aparece nos versos 430 e 435 do 3º ato, verificamos que o termo designa uma ave típica do Brasil. Esta ocorrência pode ser indício de que o texto foi escrito por um natural da Colônia.

¹³² Em Portugal fizeram-se inúmeras versões de obras de Metastásio para a língua portuguesa, reproduções na língua italiana e edições bilíngües, de grande apuro literário, muito utilizadas no século XVIII como guia aos espectadores da nobreza. Havia também versões bilíngües feitas numa linguagem mais popular, tanto em verso quanto em prosa. MIRANDA, José da Costa, op. cit., p. 8. A obra de Metastásio foi tema do Doutorado de Carla Inama de Queiroz (1957) e publicada no Boletim nº. 231 da Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1961, com o título **Metastasio e i poeti arcadi brasiliani**, cit. por Miranda, na mesma obra, p. 5. No Brasil, no século XIX, há referências a autores que traduziram Metastásio, a exemplo de José Basílio da Gama que, juntamente com um anônimo, fez a versão de *A Liberdade: cançoneta*, publicada em Lisboa, em 1810. < www. bn. pt / PORBASE - Base Nacional de Dados Bibliográficos > Acesso em: setembro 2006. A poetisa Beatriz Francisca de Assis Brandão, natural de Vila Rica, traduziu o drama *Catão*, publicado em 1860, no Rio de Janeiro. Miranda, op. cit., p. 159. V. também PEREIRA, Cláudia Gomes Dias Costa. **Beatriz Brandão: mulher e escritora no Brasil do século XIX**. São Paulo: Scortecci, 2005.

publicadas respectivamente no VII e no VIII Anuário (s) do Museu da Inconfidência. (1996, p. 29) ¹³³.

Embora permaneça ainda alguma dúvida, na falta de manuscrito autógrafo, chegamos à conclusão de que, mais importante que identificar o nome do tradutor, é procurar interpretar o significado desse texto na época em que foi escrito e representado. Importa compreender que ele é o resultado de uma produção que seguia códigos preestabelecidos, que especificam normas e prescrições. Assim se evidencia o *auctor* que, situado e subordinado na hierarquia imposta pelos regimes discursivos do Estado português, era uma autoridade simbólica. O público luso-brasileiro da poesia dos séculos XVI, XVII e XVIII não era, como nas sociedades de classes constituídas na Europa a partir da segunda metade do século XVIII, a “opinião pública” dotada de representatividade, livre-iniciativa e autonomia crítica.

A tradução e, concomitantemente, a adaptação, são atos de recepção que lêem Metastásio segundo preceitos do gênero do texto, tópicos, lugares-comuns da invenção e palavras da elocução. As tópicos, as ações, as paixões e os caracteres de personagens; a disposição dos argumentos e as palavras da elocução são encontrados pelo poeta nos elencos da memória do costume. A variação elocutiva deles constitui o destinatário como receptor do estilo particular assim qualificado pelo poeta, situando os enunciados como variantes hierarquizadas do gênero doutrinado pela instituição retórico-poética. Como a autoridade da instituição é total, o ponto de vista do estilo não é autônomo, mas efeito da aplicação dos preceitos pela iniciativa do poeta. Desta maneira, “público” é, no caso, a totalidade do “corpo místico” ou corpo político do Estado doutrinado escolasticamente como espaço público de “bem comum”. O destinatário produzido no estilo é tipo também subordinado. Como tal, deve reconhecer sua posição de membro subordinado quando recebe e reconhece os preceitos, matérias, tópicos e efeitos representados. Quando a peça teatral era apropriada, ouvida, representada e recebida por públicos empíricos de diversas competências também subordinadas às normas hierárquicas do “bem comum” do “corpo místico” do Estado, no séc. XVIII, como as que são representadas nas posições do destinatário, a recepção modelava-se prescritivamente.

---

¹³³A autora justifica à p. 37 da mesma obra, a não inclusão das traduções das peças de Metastásio na edição, por sua natureza diferenciada. Quanto ao **Manual de obras**, inédito, a autora afirma que oferece dificuldades para a atribuição de autoria por não ser autógrafo e, embora tenha restrições a algumas composições, considera de grande relevância que se faça futuramente a sua divulgação.

A tradução atribuída a Cláudio é uma recepção particular do texto de Metastásio que produz, em português, uma variante do italiano, em que se podem ler as decisões do poeta como receptor que produz um uso determinado de Metastásio que, por sua vez, teria imitado possivelmente a versão francesa da *Inês de Castro* camoniana, de Houdar de la Motte (BRUNELLI, 1943, p. 1497) ¹³⁴, na composição do *Demofoonte*.

---

¹³⁴A obra de Camões popularizou-se na Europa. Antoine Houdar de la Motte compôs a sua versão da *Inês de Castro* em 1723.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

ARAÚJO, Emanuel. **Publicação de Documentos Históricos**. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, 1985. 46 p.

AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais/Brasília: Câmara dos Deputados, v. 6, 1982.

ÁVILA, Affonso. **Resíduos Seiscentistas em Minas**: textos do ciclo do ouro e as projeções do mundo barroco. Belo Horizonte: UFMG/Centro de Estudos Mineiros, 1967. 2 v.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O Rumor da Língua**. Lisboa: Edições 70, s.d., p. 49-53.

BERWANGER, Ana Regina e LEAL, João Franklin. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1995. 94 p.

BRUNELLI, Bruno (curatore). **Tutte le Opere di Pietro Metastasio**. Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 1943. 2 v.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Noções de Análise Histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. 112 p.

_____. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. Formação da Literatura Brasileira: **momentos decisivos (1750-1836)**. São Paulo: Martins, 1959, v.1. 356 p.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998-1999. 2 v.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

ECO, Umberto. O leitor modelo. In: **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Trad. Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 312 p.

FÁVERO, Leonor. Portugal no século XVIII. In: **As concepções lingüísticas no século XVIII**. Campinas: Unicamp, 1996, p. 53-85.

FLECHOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1979.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **Foucault – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema** (org. Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-288.

FRANCO, Caio de Mello. **O Parnaso Obsequioso e as Cartas Chilenas**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931. 248 p.

FRIEIRO, Eduardo. **O diabo na livreria do Cônego: Como era Gonzaga? E outros temas mineiros**. São Paulo: Itatiaia: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 184 p.

FURTADO, Joaci. **Uma república de leitores: história e memória na recepção das Cartas Chilenas (1845-1989)**. São Paulo: Hucitec, 1997. 230 p.

FURTADO, João Pinto. **O Manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 327 p.

HANSEN, João Adolfo. Autor. In: **Palavras da crítica-tendências e conceitos no estudo da Literatura** (org. José Luiz Jobim). Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 11-43.

_____. A Civilização pela Palavra. In TEIXEIRA, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.19-41.

_____. **Imitação na representação seiscentista.** [Fotocópia]. O texto não foi publicado.

_____. Práticas de representação luso-brasileiras do século XVII (1580-1750). In: BERG, Walter Bruno; BRIEGER, Cláudia Nogueira; MICHAEL, Joachim; SCHÄFFAUER, Markus Klaus (org.). **As Américas do Sul: o Brasil no Contexto Latino-Americano.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001, p.286-304.

_____. A Categoria 'Representação' nas Festas Coloniais dos Séculos XVII e XVIII. In: **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa.** São Paulo: Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001. 2 v.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Capítulos de Literatura Colonial.** (organização e introdução de Antonio Candido). São Paulo: Brasiliense, 1991. 465 p.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, v. 1.

_____. O Jogo do Texto. In: **A Literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária.** Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1995. 78 p.

_____. A estética da recepção: colocações gerais. In: **A Literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 67-84.

KOTHE, Flávio R. **O Cânone Colonial:** ensaio. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997. 416 p.

LAMEGO, Alberto. **Autobiographia e Ineditos de Claudio Manoel da Costa.** Bruxelles/Paris: L'Édition D'Art, s.d. 23 p.

_____. **A Academia Brasílica dos Renascidos:** sua fundação e trabalhos inéditos. Paris: D'Art Gaudio, 1923. 120 p.

LAPA, M. Rodrigues. **As Cartas Chilenas:** um problema histórico e filológico. Rio de

Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1958. 382 p.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 435 p.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. S.l.: MEC/DAC/FUNARTE/Serviço Nacional do Teatro, s.d. 274 p.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil**. Particularmente aos Distritos do Ouro e do Diamante, em 1809-1810. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1922, v. 1. 125 p.

MOURÃO, Rui. **O alemão que descobriu a América**. Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1990. 179 p.

MELLO E SOUZA, J. B. **Rei Édipo, Antígone, Prometeu Acorrentado (Tragédias Gregas)**. S.l., Tecnoprint, s.d. 137 p.

OLIVEIRA, Ronald Polito de. **A Conceição: o naufrágio do Marialva**. São Paulo: EDUSP, 1995. 220 p.

OLIVEIRA, Tarquínio José Barboza de. **Demofonte em Trácia: ópera de Metastásio adaptada ao teatro português por Cláudio Manuel da Costa (Glaucete Satúrnio)**. Ouro Preto: Casa dos Contos, 1980, 118 p. [edição mimeografada].

PEREIRA, Cláudia Gomes Dias Costa. **Beatriz Brandão: mulher e escritora no Brasil do século XIX**. São Paulo: Scortecci, 2005. 178 p.

PEREIRA, Maria Tereza Gonçalves; SOUZA, Maria José Ferro de; BEGNAME, José Geraldo. **Curso de leitura e transcrição de documentos manuscritos dos séculos XVIII e XIX: Manual**. [O texto não foi publicado].

PICCOLO, Francesco. **C. M. da Costa: Saggio sulla Letteratura Brasiliana del Settecento**. Roma: Associazione “Amici del Brasile”, 1939. 92 p.

PROENÇA FILHO, Domício (org.). **A poesia dos inconfidentes**: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. 1200 p.

PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. Introdução à edição brasileira. CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 9-17.

REZENDE, Maria da Conceição. **A Música na História de Minas Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1989.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Trad. Clado Ribeiro Lessa. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938. T. I, p. 138-139.

SAVIOTTI, Grazia Maria (org). **Obras primas do teatro italiano (século XVIII)**: Metastasio – Goldoni – Alfieri. Lisboa: Cosmos, 1944. 198 p.

SERGIO ALCIDES. **Estes Penhascos**: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas (1753-1773). São Paulo: Hucitec, 2003. 301 p.

SOUSA, J. Galante de. **O Teatro no Brasil**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968. 398 p.

STAROBINSKY, Jean. **A invenção da liberdade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. 245 p.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. 743 p.

TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica**. S. Paulo: Edusp, 1999. 620 p.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

Periódicos:

ANUÁRIO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, Ouro Preto, n. VIII, p. 97-192, 1990.

ÁVILA, Affonso. O Teatro em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, UFMG, n. 9, 1977. (Esta obra foi também publicada separadamente, com o mesmo título, em Ouro Preto, pela Prefeitura Municipal e Museu da Prata, 1978. 80 p.).

BELLEMIN-NÖEL, Jean. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. In: **Manuscritica - Revista de Crítica Literária**, São Paulo: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1993, p. 127-161.

CANDIDO, Antonio. Os poetas da Inconfidência Mineira. **Anuário do Museu da Inconfidência**, Ouro Preto, n. IX, 130-137, 1993.

CATÁLOGO DA COLECÇÃO DE MISCELÂNEAS DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Teatro. Coimbra, Universidade de Coimbra, Separata do v. VII, 1974. 273 p.

CAVALCANTE, Berenice. Os letrados da sociedade colonial: as academias e a cultura do Iluminismo no final do século XVIII. **Acervo**, Rio de Janeiro, n. 8, 53-66, 1995.

CROWL Jr., Harry. A influência da ópera italiana na produção musical religiosa portuguesa e brasileira no século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. **Revista Barroco**, Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura de MG, n. 17, p. 137, 1993-96.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. **Manuscritica - Revista de Crítica Literária**, São Paulo, Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, p. 78-93, 1993.

HANSEN, João Adolfo. Ilustração católica, pastoral árcade e civilização. **Oficina do Inconfidência: Revista de Trabalho**, Ouro Preto, n. 3, p. 11-48, 2004.

LANGE, Francisco Curt. La Musica en Villa Rica (Minas Gerais, siglo XVIII). **Separata de la Revista Musical Chilena**, Universidade de Chile, n.ºs. 102-103, Facultad de Ciencias y Artes Musicales, p. 30, 1967-1968.

LAPA, M. Rodrigues. Subsídios para a Biografia de Cláudio Manuel da Costa. **Separata Revista do Livro**, n. 9, 1958. S. l., s.n., s.d. 25 p.

LEITE, Paulo Gomes. Revolução e heresia na biblioteca de um advogado de Mariana. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, n. 3, 1995, p. 153-166.

MAXWELL, Kenneth. Conjuração revisitada: Dossiê. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional. Ano 2, n. 19, abril 2207, p. 30-31.

MIRANDA, José da Costa. Edições portuguesas do teatro de Pietro Metastásio (século XVIII): Distribuição cronológica e significado. **Separata do Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 5-14; 161-165, 1973.

MOREIRA, Alice Campos (Org.). Crítica textual. Aspectos teóricos e procedimentos básicos aplicados ao estabelecimento de textos literários. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 6-25, out.1997.

VEIGA, José Pedro Xavier da. Notícias biográficas. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ouro Preto, Imprensa Official de Minas-Geraes, n. 1, p. 373-390, 1896.

ROUANET, Sérgio Paulo. A Inconfidência e o Iluminismo. **Anuário do Museu da Inconfidência**, Ouro Preto: MinC/Patrimônio Cultural – IBPC, n. IX, p. 69-81, 1993.

VILLALTA, Luiz Carlos. O diabo na livraria dos inconfidentes. **Tempo e história**, São Paulo, Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, p. 367-395, 1992.

_____. Os clérigos e os livros nas Minas Gerais da segunda metade do século XVIII. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, n. 8, p. 19-52, 1995.

Referências em meio eletrônico:

BRUNELLI, Bruno (curatore). **Tutte le opere di Pietro Metastasio**. Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 1943. v. 1. <http://www.liberliber.it/biblioteca/licenze/>>

Revisão: BERTOLINI, Vittorio. Disponível em: 19 dezembro 2002. Acesso em: 12 julho 2007.

_____. Bibliotecas Privadas e Práticas de Leitura no Brasil Colonial. **Projeto de Memória da Leitura**, Seção Ensaios, 2002. <<http://www.unicamp.br/iel/memoria>> Acesso em: 2005.

Dicionários e enciclopédias:

ALMOYNA, Julio Martinez. **Dicionário de Espanhol-Português**. Porto: Porto Editora, s.d. 1506 p.

BRUNSWICK (coord.). **Diccionario da Antiga Linguagem Portuguesa**. Lisboa: Luzitana, 1910. 336 p.

COELHO, Jacinto do Prado (dir.). **Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega**. Porto: Figueirinhas, 1960. 1020 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Ltda., s.d. 40 v.

GRAVE, João e COELHO NETTO. **Lello Universal: Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro**. Porto: Lello & irmão, s.d. 2 v.

HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2923 p.

LAPA, Albino. **Dicionário de Calão**. Lisboa: s. ed., 1959. 217 p.

MESQUITA, R. de. **Pequeno Dicionario Español-Portugués**. Paris: Garnier Frères, s. d. 257 p.

SILVA, António de Moraes. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v.

SOUSA BASTOS. **Diccionario do Theatro Portuguez**. Lisboa: Libanio da Silva, 1908. 380 p.

SPINELLI, Vincenzo e CASASANTA, Mario. **Dizionario Completo Italiano - Portoghese (Brasiliano) e Portoghese (Brasiliano) – Italiano**. Milano: Ulrico Hoepli, 1974. 2 v.

Fontes primárias manuscritas:

Ópera de Demofonte em Tracia. Arquivo de Música da Arquidiocese de Mariana.

O Parnaso Obsequioso e Obras Poeticas, 1768. Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, MG. MinC/IPHAN. (Encadernadas em um só volume).

Traslado do Auto de perguntas feitas ao Bacharel Claudio Manoel da Costa, com hum Auto de Corpo de delicto, ou Exame de Cadaver do Sobredito. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1791. Escrivão: Francisco Luis Alvares da Rocha. Conferido com José Caetano Cezar Manitti. Acervo do Museu da Inconfidência.

Vila Rica - poema. Cláudio Manuel da Costa. Manuscrito autógrafo. Folha de rosto. Acervo do Museu da Inconfidência.

Fontes primárias impressas - obras raras:

AUREO THRONO/EPISCOPAL, /COLLOCADO NAS MINAS DO OURO, /OU/Noticia breve da Creação do novo Bispado Marianense, da sua felici/cissima posse, e pomposa entrada do seu meritissimo, primeiro/Bispo, e da jornada, que fez do Maranhão, /O EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO/SENHOR/D. Fr. MANOEL/DA CRUZ, /Com a Colleção de algumas obras Academicas, e ou/tras, que se fizerão na dita função, /AUTHOR ANONYMO, /Dedicado ao/ILLUSTRISSIMO PATRIARCA/S. BERNARDO, / E dado à luz por/FRANCISCO RIBEIRO/DA SILVA, /Clerigo Presbytero, e Conego da nova Sé Marianense. /LISBOA, /Na Officina de MIGUEL

MANESCAL DA COSTA, /im)pressor do Santo Officio, Anno 1749./Com todas as licenças necessarias.

Acervo do Museu da Inconfidência.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v.

BRAGA, Theophilo. **História do Teatro Português; a comédia clássica e as tragicomédias. Séculos XVI e XVII**. Porto: Imprensa Portuguesa, 1870. 364 p.

CANDIDO LUSITANO. **Diccionario Poetico, para o uso dos que principião a exercitar-se na poesia portugueza**: obra igualmente util ao orador principiante. 3 ed. Lisboa: Impressão Régia, 1820. Tomos I e II.

Estatutos da Academia Brazilica dos Renascidos. REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Universal, n. 45, p. 49-67, 1882.

ROQUETE, J. I. e FONSECA, José de. **Diccionario dos Synonyms Poetico e de Epithetos da Lingua Portugueza**. Paris: Guillard, Aillaud & Cia., [1848]. 290 p.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883 – 1902. 7 v.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Lisboa: Imprensa Nacional, v. 9. , 1870. 452 p.

THEATRO Comico Portuguez ou Colecção das Operas Portuguezas, Que se representaraõ na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa. Offerecidas A' Muito Nobre Senhora PECUNIA ARGENTINA Por *** Quarta Impressaõ. Lisboa, Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno. MDCCLIX - MDCCLX. 3 t.

TRIUNFO/EUCHARISTICO,/EXEMPLAR DA CHRISTANDADE LUSITANA/ em publica exaltação da Fé na solemne Trasladação/DO DIVINISSIMO/SACRAMENTO/da Igreja da Senhora do Rosario, para hum novo Templo/DA SENHORA DO PILAR/ EM/VILLA RICA. /CORTE DA CAPITANIA das

Minas. /Aos 24 de Mayo de 1733. /DEDICADO Á SOBERANA SENHORA/DO ROSARIO/PELOS IRMAÕS PRETOS DA SUA IRMANDADE, /e a instancia dos mesmos expostos á publica noticia/Por SIMAM FERREIRA MACHADO/natural de Lisboa, e morador nas Minas. // LISBOA OCCIDENTAL. /NA OFFICINA DA MUSICA, DEBAIXO DA PROTECÇÃO/ dos Patriarchas Saõ Domingos, e Saõ Francisco. // M.DCC. XXXIV. /Com todas as licenças necessarias.

Acervo do Museu de Arte Sacra da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto.

VIEIRA, Domingos (Dr. Fr.). **Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza**. Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu H. Moraes, v. 4. 1878.

Dissertações:

ALVARENGA, Thábata Araújo de. *Homens e livros em Vila Rica: 1750-1800*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História Social. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2003.

ANTUNES, Álvaro de Araújo. *Espelho de Cem Faces: O Universo Relacional do Advogado Setecentista José Pereira Ribeiro*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais/Departamento de História, 1999.

Anexos

A- Transcrição da folha 153 (última) do libreto

[Rubrica à margem esquerda]: A. Rezende ¹³⁵

El tiro [?] presente es el q'. llam[a]/mos baxo de ojo, Com buelta [?] y abierto/de Codo, p^a. los cavallos, q' des[?] parando [?] [cortado]/y Sacan [?] el rostro y ha de tener la/como la buelta mais [sic] quebrada de/abaxo, tanto q' llegue al agujero/del tornillo q' de muestra el numero/3. y ha de Subir em línea recta/ a la punta del ojo, adonde está la/punta de la Sécta [?] q' está el num[e]ro 4. Si tuviere mucha fuersa [sic] [en]/la boca y pescozo la embocadu[ra]/de esCacha [?] q'. Se demuestra [a] pág. 163. [?] delgada de aSientos [?],/Com la juncta clavada, barbada [?]/Segun Su lugar pidiere, y ha de [?]/traersele la mano baxa y ajusta/da, y Se disparare [?] por blandura/de asientos, Se le pondrá uma embo[cadura]/ de dos melones pequeños/em Cada aSiento, a modo de azei/tunas, és [?] poca montada [?]; y Si[n] [corroído] liberdade [sic] de lingua [sic]

Tornillo - parafuso.

---

¹³⁵ A caligrafia da assinatura é do copista do libreto. Encontra-se na mesma folha por causa de aproveitamento de papel e está na emenda que constitui a margem. Não tem qualquer relação com o texto dessa folha.

B - DEMOFOONTE

Rappresentato, con musica del CALDARA, la prima volta in Vienna nell'interno gran cesarea corte, alla presenza de' regnanti, il dì 4 novembre 1733, per festeggiare il nome dell'imperator Carlo sesto, d'ordine dell'Imperatrice Elisabetta.

ARGOMENTO

Regnando Demofoonte nella Chersoneso di Tracia, consultò l'oracolo d'Apollo per intendere quando dovesse aver fine il crudel rito, già dall'oracolo istesso prescritto, di sacrificare ogni anno una vergine innanzi al di lui simulacro; e n'ebbe in risposta: Con voi del Ciel si placherà lo sdegno, Quando noto a se stesso Fia l'innocente usurpator d'un regno. Non potè il re comprenderne l'oscuro senso, ed aspettando che il tempo lo rendesse più chiaro, si dispose a compire intanto l'annuo sacrificio, facendo estrarre a sorte dall'urna il nome della sventurata vergine che doveva essere la vittima. Matusio, uno de' grandi del regno, pretese che Dircea, di cui credevasi padre, non corresse la sorte delle altre, producendo per ragione l'esempio del re medesimo, che, per non esporre le proprie figlie, le teneva lontane di Tracia. Irritato Demofoonte dalla temerarietà di Matusio, ordina barbaramente che, senz'attendere il voto della fortuna, sia tratta al sacrificio l'innocente Dircea. Era questa già moglie di Timante, creduto figlio ed erede di Demofoonte; ma occultavano con gran cura i consorti il loro pericoloso imeneo, per un'antica legge di quel regno, che condannava a morire qualunque suddita divenisse sposa del real successore. Demofoonte, a cui erano affatto ignote le segrete nozze di Timante con Dircea, avea destinato a lui per isposa la principessa Creusa, impegnando solennemente la propria fede col re di Frigia, padre di lei. Ed in esecuzione di sue promesse inviò il giovane Cherinto, altro suo figliuolo, a prendere e condurre in Tracia la sposa, richiamando intanto dal campo Timante, che, di nulla informato volò sollecitamente alla reggia. Giuntovi, e compreso il pericoloso stato di sé e della sua Dircea, volle scusarsi e difenderla: ma le scuse appunto, le preghiere, le smanie e le violenze alle quali trascorse, scopersero al sagace re il loro nascosto imeneo. Timante, come colpevole di aver disubbidito il comando paterno nel ricusar le nozze di Creusa e d'essersi opposto con l'armi a' decreti reali; Dircea, come rea di aver contravvenuto alla legge del regno nello sposarsi a Timante, son condannati a morire. Sul punto d'eseguirsi l'inumana sentenza, risentì il feroce Demofoonte i moti della paterna pietà, che, secondata dalle preghiere di molti, gli svelsero dalle labbra il perdono. Fu avvertito Timante di così felice cambiamento; ma, in mezzo a' trasporti della sua improvvisa allegrezza, è sorpreso da chi gli scopre con indubitate prove che Dircea è figlia di Demofoonte. Ed ecco che l'infelice, sollevato appena dall'oppressione delle passate avversità, precipita più miseramente che mai in un abisso di confusione e d'orrore, considerandosi marito della propria germana. Pareva ormai inevitabile la sua disperazione, quando, per inaspettata via, meglio informato della sua condizione, ritrova non esser egli il successore della corona, né il figlio di Demofoonte, ma bensì di Matusio. Tutto cambia d'aspetto. Libero Timante dal concepito orrore, abbraccia la sua consorte: trovando Demofoonte in Cherinto il vero suo erede, adempie le sue promesse destinandolo, sposo alla principessa Creusa; e, scoperto in Timante quell'innocente usurpatore, di cui l'oracolo oscuramente parlava, resta disciolto anche il regno dall'obbligo funesto dell'annuo crudel sacrificio. (HYGIN., ex Philarch., lib. II.)

INTERLOCUTORI

DEMOFOONTE re di Tracia.

DIRCEA segreta moglie di Timante.

CREUSA principessa di Frigia, destinata sposa di Timante.

TIMANTE creduto principe ereditario e figlio di Demofoonte.

CHERINTO figlio di Demofoonte, amante di Creusa.

MATUSIO creduto padre di Dircea.

ADRASTO capitano delle guardie reali.

OLINTO fanciullo, figlio di Timante.

Il luogo della scena è la reggia di Demofoonte nella Cheroneso di Tracia.

ATTO PRIMO

SCENA PRIMA

Orti pensili, corrispondenti a vari appartamenti della reggia di Demofoonte.

DIRCEA e MATUSIO

DIR. Credimi, o padre: il tuo soverchio affetto

Un mal dubbioso ancora

Rende sicuro. A domandar che solo

Il mio nome non vegga

L'urna fatale, altra ragion non hai

Che il regio esempio.

MAT. E ti par poco? Io forse,

Perché suddito nacqui,

Son men padre del re? D'Apollo il cenno

D'una vergine illustre

Vuol che su l'are sue si sparga il sangue

Ogni anno in questo dì; ma non esclude

Le vergini reali. Ei, che si mostra

Delle leggi divine

Sì rigido custode, agli altri insegna

Con l'esempio costanza. A sé richiami

Le allontanate ad arte

Sue regie figlie. I nomi loro esponga

Anch'egli al caso. All'agitar dell'urna,

Provi egli ancor d'un infelice padre

Come palpita il cor; come si trema

Quando al temuto vaso

La mano accosta il sacerdote, e quando

In sembianza funesta

L'estratto nome a pronunciar s'appresta;

E arrossisca una volta

Ch'abbia a toccar sempre la parte a lui

Di spettator nelle miserie altrui.

DIR. Ma sai pur che a' sovrani

È suddita la legge.

MAT. Le umane sì, non le divine.

DIR. E queste
 A lor s'aspetta interpretar.
 MAT. Non quando
 Parlan chiaro gli dèi.
 DIR. Mai chiari a segno...
 MAT. Non più, Dircea; son risoluto.
 DIR. Ah! meglio
 Pensaci, o genitor. L'ira ne' grandi
 Sollecita s'accende,
 Tarda s'estingue. È temeraria impresa
 L'irritare uno sdegno
 Che ha congiunto il poter. Già il re pur troppo
 Bieco ti guarda. Ah! che sarà, se aggiunge
 Ire novelle all'odio antico?
 MAT. In vano
 L'odio di lui tu mi rammenti e l'ira:
 La ragion mi difende, il Ciel m'inspira.
 O più tremar non voglio
 Fra tanti affanni e tanti;
 O ancor chi preme il soglio
 Ha da tremar con me.
 Ambo siam padri amanti,
 Ed il paterno affetto
 Parla egualmente in petto
 Del suddito e del re. (parte)

SCENA SECONDA

DIRCEA e poi TIMANTE

DIR. Se il mio principe almeno
 Quindi lungi non fosse... Oh Ciel, che miro!
 Ei viene a me!
 TIM. Dolce consorte...
 DIR. Ah! taci:
 Potrebbe udirti alcun. Rammenta, o caro,
 Che qui non resta in vita
 Suddita sposa a regio figlio unita.
 TIM. Non temer, mia speranza. Alcun non ode.
 Io ti difendo.
 DIR. E quale amico nume
 Ti rende a me?
 TIM. Del genitore un cenno
 Mi richiama dal campo,
 Né la cagion ne so. Ma tu, mia vita,
 M'ami ancor? ti ritrovo
 Qual ti lasciasti? Pensasti a me?
 DIR. Ma come
 Chieder lo puoi? Puoi dubitarne?
 TIM. Oh Dio!
 Non dubito, ben mio: lo so che m'ami,

Ma da quel dolce labbro
 Troppo (soffrilo in pace)
 Sentirlo replicar, troppo mi piace.
 Ed il picciolo Olinto, il caro pegno
 De' nostri casti amori,
 Che fa? cresce in bellezza?
 A qual di noi somiglia?
 DIR. Egli incomincia
 Già col tenero piede
 Orme incerte a segnar. Tutta ha nel volto
 Quella dolce fierezza,
 Che tanto in te mi piacque. Allor che ride,
 Par l'immagine tua. Lui rimirando,
 Te rimirar mi sembra. Oh, quante volte,
 Credula troppo al dolce error del ciglio,
 Mi strinsi al petto il genitor nel figlio!
 TIM. Ah! dov'è? Sposa amata,
 Guidami a lui; fa ch'io lo vegga.
 DIR. Affrena,
 Signor, per ora il violento affetto.
 In custodita parte
 Egli vive celato; e andarne a lui
 Non è sempre sicuro. Oh quanta pena
 Costa il nostro segreto!
 TIM. Ormai son stanco
 Di finger più, di tremar sempre: io voglio
 Cercare oggi una via
 D'uscir di tante angustie.
 DIR. Oggi sovrasta
 Altra angustia maggiore. Il giorno è questo
 Dell'annuo sacrificio. Il nome mio
 Sarà esposto alla sorte. Il re lo vuole;
 Si oppone il padre; e della lor contesa
 Temo più che del resto.
 TIM. È noto forse
 Al padre tuo che sei mia sposa?
 DIR. Il Cielo
 Nol voglia mai. Più non vivrei.
 TIM. M'ascolta.
 Proporrò che di nuovo
 Si consulti l'oracolo. Acquistiamo
 Tempo a pensar.
 DIR. Questo è già fatto.
 TIM. E come
 Rispose?
 DIR. Oscuro e breve.
 'Con voi del Ciel si placherà lo sdegno,
 Quando noto a se stesso
 Fia l'innocente usurpator d'un regno.'
 TIM. Che tenebre son queste!

DIR. E se dall'urna
 Esce il mio nome, io che farò? La morte
 Mio spavento non è: Dircea saprebbe
 Per la patria morir. Ma Febo chiede
 D'una vergine il sangue. Io, moglie e madre,
 Come accostarmi all'ara? O parli o taccia,
 Colpevole mi rendo:
 Il Ciel, se taccio, il re, se parlo, offendo.
 TIM. Sposa, ne' gran perigli
 Gran coraggio bisogna. Al re conviene
 Scoprir l'arcano.
 DIR. E la funesta legge
 Che a morir mi condanna?
 TIM. Un re la scrisse:
 Può rivocarla un re. Benché severo,
 Demofoonte è padre, ed io son figlio.
 Qual forza han questi nomi,
 Io lo so, tu lo sai. Non torno al fine
 Senza merito a lui. La Scizia oppressa,
 Il soggiogato Fasi
 Son mie conquiste; e qualche cosa il padre
 Può fare anche per me. Se ciò non basta,
 Saprò dinanzi a lui
 Piangere, supplicar, piegarmi al suolo,
 Abbracciargli le piante,
 Domandargli pietà.
 DIR. Dubito... Oh Dio!
 TIM. Non dubitar, Dircea: lascia la cura
 A me del tuo destin. Va! Per tua pace
 Ti stia nell'alma impresso
 Che a te penso, cor mio, più che a me stesso.
 DIR. In te spero, o sposo amato;
 Fido a te la sorte mia:
 E per te, qualunque sia,
 Sempre cara a me sarà.
 Pur che a me nel morir mio
 Il piacer non sia negato
 Di vantare che tua son io,
 Il morir mi piacerà. (parte)

SCENA TERZA

TIMANTE e DEMOFOONTE con séguito; indi ADRASTO

TIM. Sei pur cieca, o Fortuna! Alla mia sposa
 Generosa concedi
 Beltà, virtù quasi divina, e poi
 La fai nascer vassalla. Error sì grande
 Correggerò ben io. Meco sul trono
 La Tracia un dì l'adorerà. Ma viene
 Il real genitor. Più non s'asconda

Il mio segreto a lui.

DEM. Principe, figlio.

TIM. Padre, signor. (s'inginocchia e gli bacia la mano)

DEM. Sorgi.

TIM. I reali imperi

Eccomi ad eseguir.

DEM. So che non piace

Al tuo genio guerriero

La pacifica reggia; e il cenno mio,

Che ti svelle dall'armi,

Forse t'incresce. I tuoi trionfi, o prence,

E perché mie conquiste e perché tuoi,

Sempre cari mi son; ma tu di loro

Mi sei più caro. I tuoi sudori ormai

Di riposo han bisogno. È del riposo

Figlio il valor. Sempre vibrato, al fine

Inabile a ferir l'arco si rende.

Il meritar son le tue parti, e sono

Il premiarti le mie. Se il prence, il figlio

Degnamente le sue compì fin ora,

Il padre, il re le sue compisca ancora.

TIM. (Opportuno è il momento: ardir!) Conosco

Tanto il bel cor del mio

Tenero genitor, che...

DEM. No, non puoi

Conoscerlo abbastanza. Io penso, o figlio,

A te più che non credi;

Io ti leggo nell'alma, e quel che taci,

Intendo ancor. Con la tua sposa al fianco

Vorresti ormai che ti vedesse il regno.

Di': non è ver?

TIM. (Certo ei scoperse il nodo

Che mi stringe a Dircea).

DEM. Parlar non osi;

E a compiacerti appunto

Il tuo mi persuade

Rispettoso silenzio. Io, lo confesso,

Dubitai su la scelta; anzi mi spiacquè.

L'acconsentire al nodo

Mi pareva viltà. Gli odi del padre

Abborria nella figlia. Al fin prevalse

Il desio di vederti

Felice, o prence.

TIM. (Il dubitarne è vano).

DEM. A paragon di questo,

È lieve ogni riguardo.

TIM. Amato padre,

Nuova vita or mi dà. Volo alla sposa,

Per condurla al tuo piè.

DEM. Ferma! Cherinto,

Il tuo minor germano,
 La condurrà.
 TIM. Che inaspettata è questa
 Felicità!
 DEM. V'è per mio cenno al porto
 Chi ne attende l'arrivo.
 TIM. Al porto!
 DEM. E, quando
 Vegga apparir la sospirata nave,
 Avvertiti sarei.
 TIM. Qual nave?
 DEM. Quella
 Che la real Creusa
 Conduce alle tue nozze.
 TIM. (Oh dèi!)
 DEM. Ti sembra
 Strano, lo so. Gli ereditari sdegni
 De' suoi, degli avi nostri, un simil nodo
 Non facevan sperar; ma in dote al fine
 Ella ti porta un regno. Unica prole
 È del cadente re.
 TIM. Signor... Credei...
 (Oh error funesto!)
 DEM. Una consorte altrove,
 Che suddita non sia, per te non trovo.
 TIM. O suddita o sovrana,
 Che importa, o padre?
 DEM. Ah! no: troppo degli avi
 Ne arrossirebbon l'ombra. È lor la legge
 Che condanna a morir sposa vassalla
 Unita al real germe; e, fin ch'io viva,
 Saronne il più severo
 Rigido esecutor.
 TIM. Ma questa legge...
 ADR. Signor, giungono in porto
 Le frigie navi.
 DEM. Ad incontrar la sposa
 Vola, o Timante. (Adrasto si ritira)
 TIM. Io?
 DEM. Sì. Con te verrei,
 Ma un funesto dover mi chiama al tempio.
 TIM. Ferma! Senti, signor.
 DEM. Parla: che brami?
 TIM. Confessarti... (Che fo?) Chiederti... (Oh Dio,
 Che angustia è questa!) Il sacrificio, o padre...
 La legge... La consorte...
 (Oh legge! oh sposa! Oh sacrificio! oh sorte!)
 DEM. Prence, ormai non ci resta
 Più luogo a pentimento. È stretto il nodo:
 Io l'ho promesso. Il conservar la fede

Obbligo necessario è di chi regna;
 E la necessità gran cose insegna.
 Per lei fra l'armi dorme il guerriero;
 Per lei fra l'onde canta il nocchiero;
 Per lei la morte terror non ha.
 Fin le più timide belve fugaci
 Valor dimostrano, si fanno audaci,
 Quand'è il combattere necessità. (parte)

SCENA QUARTA

TIMANTE solo.

TIM. Ma che vi fece, o stelle,
 La povera Dircea, che tante unite
 Sventure contro lei? Voi, che inspiraste
 I casti affetti alle nostr'alme; voi,
 Che al pudico imeneo foste presenti,
 Difendetelo, o numi: io mi confondo.
 M'opresse il colpo a segno,
 Che il cor mancommi, e si smarri l'ingegno.
 Sperai vicino il lido,
 Credei calmato il vento;
 Ma trasportar mi sento
 Fra le tempeste ancor;
 E da uno scoglio infido
 Mentre salvar mi voglio,
 Urto in un altro scoglio
 Del primo assai peggior. (parte)

SCENA QUINTA

Porto di mare, festivamente adornato per l'arrivo della principessa di Frigia. Vista
 di molte navi, dalla
 più magnifica delle quali, al suono di vari stromenti barbari, preceduti da numeroso
 corteggio,
 sbarcano a terra.

CREUSA e CHERINTO

CRE. Ma che t'affanna, o prence?
 Perché mesto così? Pensi, sospiri,
 Taci, mi guardi, e, se a parlar t'astringo,
 Con rimproveri amici,
 Molto a dir ti prepari, e nulla dici.
 Dove andò quel sereno
 Allegro tuo sembiante? ove i festivi
 Detti ingegnosi? In Tracia tu non sei
 Qual eri in Frigia. Al talamo le spose
 In sì lugubre aspetto
 S'accompagnan fra voi? Per le mie nozze
 Qual augurio è mai questo?
 CHER. Se nulla di funesto

Presagisce il mio duol, tutto si sfoghi,
 O bella principessa,
 Tutto sopra di me. Poco i miei mali
 Accresceran le stelle. Io de' viventi
 Già sono il più infelice.
 CRE. E questo arcano
 Non può svelarsi a me? Vaglion sì poco
 Il mio soccorso, i miei consigli?
 CHER. E vuoi
 Ch'io parli? Ubbidirò. Dal primo istante...
 Quel giorno... Oh Dio! No, non ho cor! Perdonà;
 Meglio è tacer: meriterei, parlando,
 Forse lo sdegno tuo.
 CRE. Lo merta assai
 Già la tua diffidenza. È ver che al fine
 Io son donna; e sarebbe
 Mal sicuro il segreto. Andiamo, andiamo.
 Taci pur: n'hai ragion.
 CHER. Fermati! Oh numi!
 Parlerò: non sdegnarti. Io non ho pace;
 Tu me la togli: il tuo bel volto adoro;
 So che l'adoro in vano,
 E mi sento morir. Questo è l'arcano.
 CRE. Come? Che ardir!
 CHER. Nol dissi
 Che sdegnar ti farei?
 CRE. Sperai, Cherinto,
 Più rispetto da te.
 CHER. Colpa d'amore.
 CRE. Taci, taci: non più. (volendo partire)
 CHER. Ma, già che a forza
 Tu volesti, o Creusa,
 Il delitto ascoltar, senti la scusa.
 CRE. Che dir potrai?
 CHER. Che di pietà son degno,
 Se ardo per te; che se l'amarti è colpa,
 Demofoonte è il reo. Doveva il padre,
 Per condurti a Timante,
 Altri sceglier che me. Se l'esca avvampa,
 Stupir non dee chi l'avvicina al fuoco.
 Tu bella sei; cieco io non son. Ti vidi,
 T'ammirai, mi piacesti. A te vicino
 Ogni dì mi trovai. Comodo e scusa
 Il nome di congiunto
 Mi diè per vagheggiarti; e me quel nome,
 Non che gli altri, ingannò. L'amor, che sempre
 Sospirar mi facea d'esserti accanto,
 Mi pareva dovere; e mille volte
 A te spiegar credei
 Gli affetti del german, spiegando i miei.

CRE. (Ah! me n'avvidi). Un tale ardir mi giunge
Nuovo così, che istupidisco.

CHER. E pure

Talor mi lusingai che l'alme nostre
S'intendesser fra loro
Senza parlar. Certi sospiri intesi;
Un non so che di languido osservai
Spesso negli occhi tuoi, che mi pareva
Molto più che amicizia.

CRE. Orsù! Cherinto,
Della mia tolleranza
Cominci ad abusar. Mai più d'amore
Guarda di non parlarmi.

CHER. Io non comprendo...

CRE. Mi spiegherò. Se in avvenir più saggio
Non sei di quel che fosti infino ad ora,
Non comparirmi innanzi. Intendi ancora?

CHER. T'intendo, ingrata!

Vuoi ch'io mi uccida:

Sarai contenta,

M'ucciderò.

Ma ti rammenta

Che a un'alma fida

L'averti amata

Troppo costò. (vuol partire)

CRE. Dove? Ferma!

CHER. No, no! troppo t'offende

La mia presenza. (in atto di partire)

CRE. Odi, Cherinto.

CHER. Eh! troppo

Abuserei, restando,

Della tua tolleranza. (come sopra)

CRE. E chi fin ora

T'impose di partir?

CHER. Comprendo assai

Anche quel che non dici.

CRE. Ah, prence! Ah, quanto

Mal mi conosci! Io da quel punto... (Oh numi!)

CHER. Termina i detti tuoi.

CRE. Da quel punto... (Ah, che fo!) Parti, se vuoi.

CHER. Barbara! partirò; ma forse... Oh stelle!

Ecco il german.

SCENA SESTA

TIMANTE frettoloso, e detti.

TIM. Dimmi, Cherinto: è questa

La frigia principessa?

CHER. Appunto.

TIM. Io deggio

Seco parlar. Per un momento solo
 Da noi ti scosta.
 CHER. Ubbidirò. (Che pena!)
 CRE. Sposo, signor.
 TIM. Donna real, noi siamo
 In gran periglio entrambi. Il tuo decoro,
 La vita mia tu sola
 Puoi difender, se vuoi.
 CRE. Che avvenne?
 TIM. I nostri
 Genitori fra noi strinsero un nodo,
 Che forse a te dispiace,
 Ch'io non richiesi. I pregi tuoi reali
 Sarian degni d'un nume,
 Non che di me; ma il mio destin non vuole
 Ch'io possa esserti sposo. Un vi si oppone
 Invincibil riparo. Il padre mio
 Nol sa, né posso dirlo. A te conviene
 Prevenire un rifiuto. In vece mia,
 Va, rifiutami tu. Di' ch'io ti spiaccio;
 Aggrava, io tel perdono,
 I demeriti miei; sprezzami, e salva
 Per questa via, che il mio dover t'addita,
 L'onor tuo, la mia pace e la mia vita.
 CRE. Come!
 TIM. Teco io non posso
 Trattenermi di più. Prence, alla reggia
 Sia tua cura il condurla. (a Cherinto partendo)
 CRE. Ah! dimmi almeno...
 TIM. Dissi tutto il cor mio,
 Né più dirti saprei: pensaci. Addio! (parte)

SCENA SETTIMA

CREUSA e CHERINTO

CRE. Numi! a Creusa, alla reale erede
 Dello scettro di Frigia un tale oltraggio!
 Cherinto, hai cor?
 CHER. L'avrei
 Se tu non mel toglievi.
 CRE. Ah! l'onor mio
 Vendica tu, se m'ami. Il cor, la mano,
 Il talamo, lo scettro,
 Quanto possiedo, è tuo: limite alcuno
 Non pongo al premio.
 CHER. E che vorresti?
 CRE. Il sangue
 Dell'audace Timante.
 CHER. Del mio german?
 CRE. Che! impallidisci? Ah vile!

Va! troverò chi voglia
 Meritar l'amor mio.
 CHER. Ma, principessa...
 CRE. Non più! Lo so, siete d'accordo entrambi,
 Scellerati, a tradirmi.
 CHER. Io! Come! E credi
 Così, dunque, il mio amor poco sincero?
 CRE. Del tuo amor mi vergogno, o falso o vero.
 Non curo l'affetto
 D'un timido amante,
 Che serba nel petto
 Sì poco valor.
 Che trema, se deve
 Far uso del brando,
 Ch'è audace sol quando
 Si parla d'amor. (parte)

SCENA OTTAVA

CHERINTO solo.

CHER. Oh dèi! perché tanto furor? che mai
 Le avrà detto il german? Voler ch'io stesso
 Nelle fraterne vene... Ah! che in pensarlo
 Gelo d'orror. Ma con qual fasto il disse!
 Con qual fierezza! E pur, quel fasto e quella
 Sua fierezza m'alletta: in essa io trovo
 Un non so che di grande,
 Che, in mezzo al suo furore,
 Stupir mi fa, mi fa languir d'amore.
 Il suo leggiadro viso
 Non perde mai beltà:
 Bello nella pietà,
 Bello è nell'ira.
 Quand'apre i labbri al riso,
 Parmi la dea del mar;
 E Pallade mi par,
 Quando s'adira. (parte)

SCENA NONA

MATUSIO esce furioso con DIRCEA per mano.

DIR. Dove, dove, o signor?
 MAT. Nel più deserto
 Sen della Libia, alle foreste ircane,
 Fra le scitiche rupi, o in qualche ignota,
 Se alcuna il mar ne serra,
 Separata dal mondo ultima terra.
 DIR. (Aimè!)
 MAT. Sudate, o padri,
 Nella cura de' figli. Ecco il rispetto,

Che il dritto di natura,
 Che prometter si può la vostra cura.
 DIR. (Ah! scopri l'imeneo. Son morta). Oh Dio!
 Signor, pietà!
 MAT. Non v'è pietà, né fede:
 Tutto è perduto!
 DIR. Ecco al tuo piè...
 MAT. Che fai?
 DIR. Io voglio pianger tanto...
 MAT. Il tuo caso domanda altro che pianto.
 DIR. Sappi...
 MAT. Attendimi. Un legno
 Volo a cercar, che ne trasporti altrove. (parte)

SCENA DECIMA

DIRCEA, poi TIMANTE

DIR. Dove, misera! Ah! dove
 Vuol condurmi a morir? Figlio innocente,
 Adorato consorte, oh dèi, che pena
 Partir senza vedervi!
 TIM. Al fin ti trovo,
 Dircea, mia vita.
 DIR. Ah! caro sposo, addio,
 E addio per sempre. Al tuo paterno amore
 Raccomando il mio figlio:
 Abbraccialo per me, bacialo, e tutta
 Narragli, quando sia
 Capace di pietà, la sorte mia.
 TIM. Sposa, che dici? Ah! nelle vene il sangue
 Gelar mi fai.
 DIR. Certo scoperse il padre
 Il nostro arcano. Ebbro è di sdegno, e vuole
 Quindi lungi condurmi. Io lo conosco:
 Per me non v'è più speme.
 TIM. Eh! rassicura
 Lo smarrito tuo cor, sposa diletta;
 Al mio fianco tu sei.

SCENA UNDICESIMA

MATUSIO torna frettoloso, e detti.

MAT. Dircea, t'affretta!
 TIM. Dircea non partirà.
 MAT. Chi l'impedisce?
 TIM. Io.
 MAT. Come!
 DIR. Aimè!
 MAT. Difenderò col ferro
 La paterna ragion. (snuda la spada)

TIM. (fa lo stesso)
 Col ferro anch'io
 La mia difenderò.
 DIR. (si frappone)
 Prence, che fai?
 Fermati, o genitore!
 MAT. Empio! impedirmi
 Che al crudel sacrificio una innocente
 Vergine io tolga?
 DIR. (Oh dèi!)
 TIM. Ma dunque...
 DIR. (piano a Timante, fingendo trattenerlo)
 (Ah taci. Nulla sa: m'ingannai).
 MAT. Volerla oppressa!
 DIR. (Io quasi per timor tradii me stessa).
 TIM. Signor, perdona: ecco l'error. Ti vidi
 Verso lei, che piangea, correr sdegnato;
 Tempo a pensar non ebbi; opra pietosa
 Il salvarla credei dal tuo furore.
 MAT. Dunque la nostra fuga
 Non impedir. La vittima, se resta,
 Oggi sarà Dircea.
 DIR. Stelle!
 TIM. Dall'urna
 Forse il suo nome uscì?
 MAT. No; ma l'ingiusto
 Tuo padre vuol quell'innocente uccisa
 Senza il voto del caso.
 TIM. E perché tanto
 Sdegno con lei?
 MAT. Per punir me, che volli
 Impedir che alla sorte
 Fosse esposta Dircea; perché produssi
 L'esempio suo; perché l'amor paterno
 Mi fe' scordar d'esser vassallo.
 DIR. (Oh Dio! Ogni cosa congiura a danno mio).
 TIM. Matusio, non temer: barbaro tanto
 Il re non è. Negl'impeti improvvisi
 Tutti abbaglia il furor; ma la ragione
 Poi ne emenda i trascorsi.

SCENA DODICESIMA

ADRASTO con guardie, e detti.

ADR. Olà! ministri,
 Custodite Dircea. (le guardie la circondano)
 MAT. Nol dissi, o prence?
 TIM. Come?
 DIR. Misera me!
 TIM. Per qual cagione

È Dircea prigioniera?
 ADR. Il re l'impone.
 (a Dircea) Vieni!
 DIR. Ah! dove?
 ADR. Fra poco,
 Sventurata! il saprai.
 DIR. Principe, padre,
 Soccorretemi voi;
 Movetevi a pietà.
 TIM. No, non fia vero... (in atto d'assalire)
 MAT. Non soffrirò...
 ADR. Se v'appressate, in seno
 Questo ferro le immergo. (impugnando uno stile)
 TIM. } Empio! (si fermano)
 MAT. Inumano!
 ADR. Il comando sovrano
 Mi giustifica assai.
 DIR. Dunque...
 ADR. T'affretta:
 Sono vane, o Dircea, le tue querele.
 DIR. Vengo. (incamminandosi)
 TIM. e MAT. Ah! barbaro! (in atto di assalire)
 ADR. Olà! (in atto di ferire)
 TIM. e MAT. (arrestandosi) Ferma, crudele!
 DIR. Padre, perdona... Oh pene!
 Prence, rammenta... Oh Dio!
 (Già che morir degg'io,
 Potessi almen parlar!)
 Misera! in che peccai?
 Come son giunta mai
 De' numi a questo segno
 Lo sdegno a meritar? (parte con Adrasto)

SCENA TREDICESIMA

TIMANTE e MATUSIO

TIM. Consigliatemi, o dèi.
 MAT. Né s'apre il suolo!
 Né un fulmine punisce
 Tanta empietà, tanta ingiustizia! E poi
 Mi si dirà che Giove
 Abbia cura di noi!
 TIM. Facciamo, amico,
 Miglior uso del tempo. Appresso a lei
 Tu vanne, e vedi ov'è condotta. Il padre
 Io volo intanto a raddolcir.
 MAT. Non spero...
 TIM. Oh Dio! Va: troverassi
 Altra via di salvarla, ove non ceda

Del genitor lo sdegno.
 MAT. Oh di padre miglior figlio ben degno! (l'abbraccia e parte)
 TIM. Se ardire e speranza
 Dal Ciel non mi viene,
 Mi manca costanza
 Per tanto dolor.
 La dolce compagna
 Vedersi rapire,
 Udir che si lagna,
 Condotta a morire,
 Son smanie, son pene
 Che opprimono un cor. (parte)

ATTO SECONDO

SCENA PRIMA

Gabinetti.

DEMOFOONTE e CREUSA

DEM. Chiedi pure, o Creusa. In questo giorno
 Tutto farò per te; ma non parlarmi
 A favor di Dircea. Voglio che il padre
 Morir la vegga. Il temerario offese
 Troppo il real decoro. In faccia mia
 Sediziose voci
 Sparger nel volgo! A' miei decreti opporsi!
 Paragonarsi a me! Regnar non voglio,
 Se tal vergogna ho da soffrir nel soglio.
 CRE. Io non vengo per altri
 A pregarti, signor. Conosco assai
 Quel che potrei sperar. Le mie preghiere
 Son per me stessa.
 DEM. E che vorresti?
 CRE. In Frigia
 Subito ritornar. Manca il tuo cenno
 Perché possan dal porto
 Le navi uscir. Questo io domando; e credo
 Che negarlo non puoi, se pur qui, dove
 Venni a parte del trono,
 (Non è strano il timor) schiava io non sono.
 DEM. Che dici, o principessa! Ah, quai sospetti!
 Che pungente parlar! Partir da noi!
 E lo sposo? E le nozze?
 CRE. Eh! per Timante
 Creusa è poco. Una beltà mortale
 Non lo speri ottener. Per lui... Ma questa
 La mia cura non è. Partir vogl'io:
 Posso, o signor?
 DEM. Tu sei

L'arbitra di te stessa. In Tracia a forza
 Ritenerti io non vuo'. Ma non sperai
 Tale ingiuria da te.
 CRE. Non so di noi
 Chi ha ragion di lagnarsi: e il prence... Al fine
 Bramo partir.
 DEM. Ma lo vedesti?
 CRE. Il vidi.
 DEM. Ti parlò?
 CRE. Così meco
 Parlato non avesse!
 DEM. E che ti disse?
 CRE. Signor, basta così.
 DEM. Creusa, intendo.
 Ruvido troppo, alle parole, agli atti,
 Ti parve il prence. Ei freddamente forse
 T'accolse, ti parlò. Scuso il tuo sdegno:
 A te, che sei di Frigia
 A' molli avvezza e teneri costumi,
 Aspra rassembra e dura
 L'aria d'un Trace. E, se Timante è tale,
 Meraviglia non è: nacque fra l'armi,
 Fra l'armi s'educò. Teneri affetti
 Per lui son nomi ignoti. A te si serba
 La gloria d'erudirlo
 Ne' misteri d'Amor. Poco, o Creusa,
 Ti costerà. Che non insegna un volto
 Sì pien di grazie, e due vivaci lumi,
 Che parlan come i tuoi? S'apprende in breve
 Sotto la disciplina
 Di sì dotti maestri ogni dottrina.
 CRE. Al rossor d'un rifiuto una mia pari
 Non s'espone però.
 DEM. Rifiuto! E come
 Lo potresti temer?
 CRE. Chi sa?
 DEM. La mano,
 Pur che tu non la sdegni, in questo giorno
 Il figlio a te darà: la mia ne impegno
 Fede reale. E se l'audace ardisse
 Di repugnar, da mille furie invaso,
 Saprei... Ma no! troppo è lontano il caso.
 CRE. (Sì, sì! Timante all'imeneo s'astringa,
 Per poter rifiutarlo). E bene, accetto,
 Signor, la tua promessa. Or fia tua cura
 Che poi...
 DEM. Basta così. Vivi sicura.
 CRE. Tu sai chi son; tu sai
 Quel che al mio onor conviene:
 Pensaci; e, s'altro avviene,

Non ti lagnar di me.
 Tu re, tu padre sei,
 Ed obbliar non déi
 Come comanda un padre,
 Come punisce un re. (parte)

SCENA SECONDA

DEMOFOONTE e poi TIMANTE

DEM. Che alterezza ha costei! Quasi... Ma tutto
 Al grado, al sesso ed all'età si doni.
 Pur convien che Timante
 Troppo mal l'abbia accolta. È forza ch'io
 Lo avverta, lo riprenda, acciò, più saggio
 Le ripugnanze sue vinca in appresso.
 Timante a me... (alle guardie)

Ma vien Timante istesso.

TIM. Mio re, mio genitor, grazia, perdono,
 Pietà!

DEM. Per chi?

TIM. Per l'infelice figlia
 Dell'afflitto Matusio.

DEM. Ho già deciso
 Del suo destin. Non si rivoca un cenno
 Che uscì da regio labbro. È d'un errore
 Conseguenza il pentirsi; e il re non erra.

TIM. Se si adorano in terra, è perché sono
 Placabili gli dèi. D'ogni altro è il Fato
 Nume il più grande; e, sol perché non muta
 Un decreto giammai, non trovi esempio
 Di chi voglia innalzargli un'ara, un tempio.

DEM. Tu non sai che del trono
 È custode il timor.

TIM. Poco sicuro.

DEM. Di lui figlio è il rispetto.

TIM. E porta seco
 Tutti i dubbi del padre.

DEM. A poco a poco
 Diventa amor.

TIM. Ma simulato.

DEM. Il tempo
 T'insegnerà quel ch'or non sai. Per ora
 D'altro abbiamo a parlar. Dimmi: a Creusa
 Che mai facesti? In questo dì tua sposa
 Esser deve, e l'irriti?

TIM. Ho tal per lei
 Repugnanza nel cor, che non mi sento
 Valor di superarla.

DEM. E pur conviene...

TIM. Ne parleremo. Or per Dircea, signore,

Sono al tuo piè. Quell'innocente vita
 Dona a' prieghi d'un figlio.
 DEM. E pur di lei
 Torni a parlar. Se l'amor mio t'è caro,
 Questa impresa abbandona.
 TIM. Ah! padre amato,
 Non ti posso ubbidir. Deh! se giammai
 Il tuo paterno affetto
 Son giunto a meritar; se, adorno il seno
 D'onorate ferite, alle tue braccia
 Ritornai vincitor; se i miei trionfi,
 Del tuo sublime esempio
 Non tardi frutti, han mai saputo alcuna
 Esprimerti dal ciglio
 Lagrima di piacer; libera, assolvi
 La povera Dircea. Misera! Io solo
 Parlo per lei; l'abbandonò ciascuno;
 Non ha speme che in me. Sarebbe, oh Dio!
 Troppa inumanità, senza delitto,
 Nel fior degli anni suoi, su l'are atroci
 Vederla agonizzar; vederle a rivi
 Sgorgar tiepido il sangue
 Dal molle sen; del moribondo labbro
 Udir gli ultimi accenti; i moti estremi
 Degli occhi suoi... Ma tu mi guardi, o padre!
 Tu impallidisci! Ah! lo conosco: è questo
 Un moto di pietà. (s'inginocchia) Deh! non pentirti:
 Secondalo, o signor. No, finché il cenno
 Onde viva Dircea, padre, non dà,
 Io dal tuo piè non partirò giammai.
 DEM. Principe (oh sommi dèi), sorgi. E che deggio
 Creder di te? Quel nominar con tanta
 Tenerezza Dircea, queste eccessive
 Violenti premure
 Che voglion dir? L'ami tu forse?
 TIM. In vano
 Farei studio a celarlo.
 DEM. Ah! questa è dunque
 Delle freddezze tue verso Creusa
 La nascosta sorgente. E che pretendi
 Da questo amor? che per tua sposa forse
 Una vassalla io ti conceda? o pensi
 Che un imeneo nascosto... Ah! se potessi
 Immaginar mi sol...
 TIM. Qual dubbio mai
 Ti cade in mente! A tutti i numi il giuro,
 Non sposerò Dircea; nol bramo: io chiedo
 Che viva solo. E se pur vuoi che mora,
 Morrà, non lusingarti, il figlio ancora.
 DEM. (Per vincerlo, si ceda). E ben, tu 'l vuoi:

Vivrà la tua diletta;
 La dono a te.
 TIM. Mio caro padre...
 (vuol baciargli la mano)
 DEM. Aspetta.
 Merita la paterna
 Condiscendenza una mercé.
 TIM. La vita,
 Il sangue mio...
 DEM. No, caro figlio: io bramo
 Meno da te. Nella real Creusa
 Rispetta la mia scelta. A queste nozze
 Non ti mostrar sì avverso.
 TIM. Oh Dio!
 DEM. Lo veggo,
 Ti costan pena: or questa pena accresca
 Merito all'ubbidienza. Ebb'io pietade
 Della tua debolezza: abbi tu cura
 Dell'onor mio. Che si diria, Timante,
 Del padre tuo, se per tua colpa astretto
 Le promesse a tradir... Ma tanto ingrato
 So che non sei. Vieni alla sposa. Al tempio
 Conduciamola adesso; adesso in faccia
 Agl'invocati dèi
 Adempi, o figlio, i tuoi doveri e i miei.
 TIM. Signor... non posso.
 DEM. Io fin ad ora, o prence,
 Da padre ti parlai: non obbligarmi
 A parlarti da re.
 TIM. Del re, del padre
 Venerabili i cenni
 Egualmente mi son; ma, tu lo sai,
 Amor forza non soffre.
 DEM. Amor governa
 Le nozze de' privati. Hanno i tuoi pari
 Nume maggior che li congiunge: e questo
 Sempre è il pubblico ben.
 TIM. Se il bene altrui
 Tal prezzo ha da costar...
 DEM. Prence, son stanco
 Di garrir teco. Altra ragion non rendo.
 Io così voglio.
 TIM. Ed io non posso.
 DEM. Audace!
 Non sai...
 TIM. Lo so: vorrai punirmi.
 DEM. E voglio
 Che in Dircea s'incominci il tuo castigo.
 TIM. Ah, no!
 DEM. Parti.

TIM. Ma senti.
 DEM. Intesi assai.
 Dircea voglio che mora.
 TIM. E morendo Dircea...
 DEM. Né parti ancora?
 TIM. Sì, partirò; ma poi (turbato)
 Non ti lagnar...
 DEM. Che? temerario! (oh dèi!)
 Minacci!
 TIM. Io non distinguo
 Se priego o se minaccio. A poco a poco
 La ragion m'abbandona. A un passo estremo
 Non costringermi, o padre. Io mi protesto:
 Farei... chi sa...
 DEM. Di'; che faresti, ingrato?
 TIM. Tutto quel che farebbe un disperato.
 Prudente mi chiedi?
 Mi brami innocente?
 Lo senti, lo vedi,
 Dipende da te.
 Di lei, per cui peno,
 Se penso al periglio,
 Tal smania ho nel seno,
 Tal benda ho sul ciglio,
 Che l'alma di freno
 Capace non è. (parte)

SCENA TERZA

DEMOFOONTE solo.

DEM. Dunque m'insulta ognun? L'ardita nuora,
 Il suddito superbo, il figlio audace,
 Tutti scuotono il freno? Ah! non è tempo
 Di soffrir più. Custodi, olà! Dircea
 Si tragga al sacrificio
 Senz'altro indugio. Ella è cagion de' falli
 Del padre suo, del figlio mio. Né, quando
 Fosse innocente ancora,
 Viver dovrebbe. È necessario al regno
 L'imeneo con Creusa; e mai Timante
 Nol compirà, fin che Dircea non muore.
 Quando al pubblico giova,
 È consiglio prudente
 La perdita d'un solo, anche innocente.
 Se tronca un ramo, un fiore
 L'agricoltor così,
 Vuol che la pianta un dì
 Cresca più bella.
 Tutta sarebbe errore
 Lasciarla inaridir,

Per troppo custodir
Parte di quella. (parte)

SCENA QUARTA

Portici.

MATUSIO e TIMANTE

MAT. È l'unica speranza...

TIM. Sì, caro amico, è nella fuga. In vece
Di placarsi a' miei prieghi,
Il re più s'irritò. Fuggir conviene,
E fuggire a momenti. Un agil legno
Sollecito provvedi; in quello aduna
Quanto potrai di prezioso e caro;
E dove fra gli scogli
Alla destra del porto il mar s'interna,
M'attendi ascoso: io con Dircea fra poco
A te verrò.

MAT. Ma de' custodi suoi...

TIM. Deluderò la cura. Ignota via
V'è chi m'apre all'albergo, ov'ella è chiusa.
Va, ché il tempo è infedele a chi ne abusa.

MAT. È soccorso d'incognita mano

Quella brama, che l'alma t'accende:

Qualche nume pietoso ti fa.

Dall'esempio d'un padre inumano

Non s'apprende sì bella pietà. (parte)

SCENA QUINTA

TIMANTE e poi DIRCEA, in bianca veste e coronata di
fiori tra le guardie ed i ministri del tempio.

TIM. Gran passo è la mia fuga. Ella mi rende
E povero e privato. Il regno e tutte
Le paterne ricchezze
Io perderò. Ma la consorte e il figlio
Voglion di più. Proprio valor non hanno
Gli altri beni in se stessi, e li fa grandi
La nostra opinion. Ma i dolci affetti
E di padre e di sposo hanno i lor fonti
Nell'ordine del tutto. Essi non sono
Originati in noi
Dalla forza dell'uso o dalle prime
Idee, di cui bambini altri ci pasce:
Già ne ha i semi nell'alma ognun che nasce.
Fuggasi pur!... Ma chi s'appressa? È forse
Il re: veggo i custodi. Ah! no; vi sono
Ancor sacri ministri, e in bianche spoglie
Fra lor... misero me! la sposa. Oh Dio!
Fermatevi! Dircea, che avvenne?

DIR. Al fine
 Ecco l'ora fatale, ecco l'estremo
 Istante ch'io ti veggo. Ah, prence! ah, questo
 È pur l'amaro passo!
 TIM. E come! il padre...
 DIR. Mi vuol morta a momenti.
 TIM. (volendo snudar la spada)
 Infìn ch'io vivo...
 DIR. Signor, che fai? Sol, contro tanti, in vano
 Difendi me: perdi te stesso.
 TIM. È vero.
 Miglior via prenderò. (volendo partire)
 DIR. Dove?
 TIM. A raccorre
 Quanti amici potrò. Va pure. al tempio
 Sarò prima di te. (come sopra)
 DIR. No. Pensa... Oh Dio!
 TIM. Non v'è più che pensar. La mia pietade
 Già diventa furor. Tremi qualunque
 Oppormisi vorrà: se fosse il padre,
 Non risparmiò delitti. Il ferro, il fuoco
 Vuo' che abbatta, consumi
 La reggia, il tempio, i sacerdoti, i numi. (parte)

SCENA SESTA

DIRCEA, poi CREUSA

DIR. Fermati! Ah! non m'ascolta. Eterni dèi,
 Custoditelo voi. S'ei pur si perde,
 Chi avrà cura del figlio? In questo stato
 Mi mancava il tormento
 Di tremar per lo sposo. Avessi almeno
 A chi chieder soccorso... Ah, principessa!
 Ah, Creusa, pietà! Non puoi negarla;
 La chiede al tuo bel core
 Nell'ultime miserie una che muore.
 CRE. Chi sei? che brami?
 DIR. Il caso mio già noto
 Pur troppo ti sarà. Dircea son io;
 Vado a morir; non ho delitto. Imploro
 Pietà, ma non per me. Salva, proteggi
 Il povero Timante. Egli si perde
 Per desio di salvarmi. In te ritrovi,
 Se i prieghi di chi muor vani non sono,
 Disperato, assistenza, e, reo, perdono.
 CRE. E tu, a morir vicina,
 Come puoi pensar tanto al suo riposo?
 DIR. Oh Dio! più non cercar. Sarà tuo sposo.
 Se tutti i mali miei
 Io ti potessi dir,

Divider ti farei
 Per tenerezza il cor.
 In questo amaro pasto
 Sì giusto è il mio martir,
 Che, se tu fossi un sasso,
 Ne piangeresti ancor.
 (parte fra le guardie ed i ministri, che la guidano al tempio)

SCENA SETTIMA

CREUSA e poi CHERINTO

CRE. Che incanto è la beltà! Se tale effetto
 Fa costei nel mio cor, degno di scusa
 È Timante, che l'ama. Appena il pianto
 Io potei trattener. Questi infelici
 S'aman da vero. E la cagion son io
 Di sì fiera tragedia? Ah no: si trovi
 Qualche via d'evitarla. Appunto ho d'uopo
 Di te, Cherinto.

CHER. Il mio germano esangue
 Domandar mi vorrai.

CRE. No: quella brama
 Con l'ira nacque e s'ammorzò con l'ira.
 Or desio di salvarlo. Al sacrificio
 Già Dircea s'incammina;
 Timante è disperato: i suoi furori
 Tu corri a regolar; grazia per lei
 Ad implorare io vado.

CHER. Oh degna cura
 D'un'anima reale! E chi potrebbe
 Non amarti, o Creusa? Ah! se non fossi
 Sì tiranna con me...

CRE. Ma donde il sai
 Ch'io son tiranna? E questo cor diverso
 Da quel che tu credesti.
 Anch'io... Ma va. Troppo saper vorresti.

CHER. No, non chiedo, amate stelle,
 Se nemiche ancor mi siete:
 Non è poco, o luci belle,
 Ch'io ne possa dubitar.
 Chi non ebbe ore mai liete,
 Chi agli affanni ha l'alma avvezza,
 Crede acquisto una dubbiezza,
 Ch'è principio allo sperar. (parte)

SCENA OTTAVA

CREUSA sola.

CRE. Se immaginar potessi,
 Cherinto, idolo mio, quanto mi costa

Questo finto rigor, che s'è t'affanna,
 Ah! forse allor non ti parrei tiranna.
 È ver che di Timante
 Ancor sposa non son: facile è il cambio;
 Può dipender da me. Ma, destinata
 Al regio erede, ho da servir vassalla
 Dove venni a regnar? No, non consente
 Che s'è debole io sia
 Il fasto, la virtù, la gloria mia.
 Felice età dell'oro,
 Bella innocenza antica,
 Quando al piacer nemica
 Non era la virtù!
 Dal fasto e dal decoro
 Noi ci troviamo oppressi,
 E ci formiam noi stessi
 La nostra servitù. (parte)

SCENA NONA

Atrio del tempio d'Apollo. Magnifica, ma breve scala, per cui si ascende al tempio medesimo, la parte interna del quale è tutta scoperta agli spettatori, se non quanto ne interrompono la vista le colonne che sostengono la gran tribuna. Veggonsi l'are cadute, il fuoco estinto, i sacri vasi rovesciati, i fiori, le bende, le scuri e gli altri stromenti del sacrificio sparsi per le scale e sul piano; i sacerdoti in fuga, i custodi reali inseguiti dagli amici di Timante; e per tutto confusione e tumulto. TIMANTE, che, incalzando disperatamente per la scala alcune guardie, si perde fra le scene. DIRCEA, che, dalla cima della scala medesima, spaventata lo richiama. Siegue breve mischia, col vantaggio degli amici di TIMANTE; e, dileguati i combattenti, DIRCEA, che rivede TIMANTE, corre a trattenerlo, scendendo dal tempio.

DIR. Santi numi del cielo,
 Difendetelo voi! Timante, ascolta;
 Timante! ah! per pietà...
 TIM. (tornando affannato con ispada alla mano)
 Vieni, mia vita,
 Vieni: sei salva!
 DIR. Ah, che facesti!
 TIM. Io feci
 Quel che dovea.
 DIR. Misera me! Consorte,
 Oh Dio! tu sei ferito. Oh Dio! tu sei
 Tutto asperso di sangue.
 TIM. Eh! no, Dircea,
 Non ti smarrir. Dalle mie vene uscito
 Questo sangue non è: dal seno altrui
 Lo trasse il mio furor.
 DIR. Ma guarda...
 TIM. Ah! sposa,
 Non più dubbi: fuggiamo. (la prende per mano)
 DIR. E Olinto? e il figlio?

Dove resta? senz'esso

Vogliam partir?

TIM. Ritornerò per lui

Quando in salvo sarai. (partendo alla sinistra)

DIR. Fermati! Io veggo

Tornar per questa parte

I custodi reali.

TIM. È ver; fuggiamo (verso la destra)

Dunque per l'altra via. Ma quindi ancora

Stuol d'armati s'avanza.

DIR. Aimè!

TIM. (guardando intorno) Gli amici

Tutti m'abbandonar.

DIR. Miseri noi!

Or che farem?

TIM. Col ferro

Una via t'aprirò. Sieguimi! (lascia Dircea, e, colla spada alla mano, s'incammina alla sinistra)

SCENA DECIMA

DEMOFOONTE, dal destro lato, con ispada alla mano; guardie per tutte le parti; e detti.

DEM. Indegno!

Non fuggirmi! t'arresta!

TIM. Ah! padre, ah! dove

Vieni ancor tu?

DEM. Perfido figlio!

TIM. (vede crescere il numero della guardie, e si pone innanzi alla sposa)

Alcuno

Non s'appressi a Dircea!

DIR. Principe, ah! cedi:

Pensa a te.

DEM. No, custodi,

Non si stringa il ribelle: al suo furore

Si lasci il fren. Vediamo

Fin dove giungerà. Via! su! compisci

L'opera illustre. In questo petto immergi

Quel ferro, o traditor! Tremar non debbe

Nel trafiggere un padre

Chi fin dentro a' lor tempîi insulta i numi.

TIM. Oh Dio!

DEM. Chi ti trattien? Forse il vedermi

La destra armata? Ecco l'acciaro a terra.

Brami di più? Senza difesa io t'offro

Il tuo maggior nemico. Or l'odio ascoso

Puoi soddisfar: puniscimi d'averti

Prodotto al mondo. A meritar fra gli empi

Il primo onor poco ti manca: ormai

Il più facesti. Altro a compir non resta

Che, del paterno sangue
 Fumante ancor, la scellerata mano
 Porgere alla tua bella.
 TIM. Ah! basta; ah! padre,
 Taci, non più! Con quei crudeli accenti
 L'anima mi trafiggi. Il figlio reo,
 Il colpevole acciario (s'inginocchia)
 Ecco al tuo piè. Quest'infelice vita
 Riprenditi, se vuoi; ma non parlarmi
 Mai più così. So ch'io trascorsi, e sento
 Che ardir non ho per domandar mercede;
 Ma un tal castigo ogni delitto eccede.
 DIR. (In che stato è per me!)
 DEM. (S'io non avessi
 Della perfidia sua prove sì grandi,
 Mi sedurrebbe. Eh! non s'ascolti). A' lacci
 Quella destra ribelle
 Porgi, o fellow.
 TIM. Custodi,
 (s'alza e va egli stesso a farsi incatenare)
 Dove son le catene?
 Ecco la man: non le ricusa il figlio,
 Del giusto padre al venerato impero.
 DIR. (Pur troppo il mio timor predisse il vero!)
 DEM. All'oltraggiato nume
 La vittima si renda, e, me presente,
 Si sveni, o sacerdoti.
 TIM. Ah! ch'io non posso
 Difenderti, ben mio!
 DIR. Quante volte in un dì morir degg'io!
 TIM. Mio re, mio genitor...
 DEM. Lasciami in pace.
 TIM. Pietà!
 DEM. La chiedi in van.
 TIM. Ma ch'io mi vegga
 Svenar Dircea su gli occhi,
 Non sarà ver. Si differisca almeno
 Il suo morir. Sacri ministri, udite:
 Sentimi, o padre. Esser non può Dircea
 La vittima richiesta. Il sacrificio
 Sacrilego saria.
 DEM. Per qual ragione?
 TIM. Di': che domanda il nume?
 DEM. D'una vergine il sangue.
 TIM. E ben Dircea
 Non può condursi a morte:
 Ella è moglie, ella è madre, è mia consorte.
 DEM. Come!
 DIR. (Io tremo per lui!)
 DEM. Numi possenti,

Che ascolto mai! L'incominciato rito
 Suspendete, o ministri. Ostia novella
 Sceglier convien. Perfido figlio! e queste
 Son le belle speranze
 Ch'io nutrive di te? Così rispetti
 Le umane leggi e le divine? In questa
 Guisa tu sei della vecchiezza mia
 Il felice sostegno? Ah!...

DIR. Non sdegnarti,
 Signor, con lui: son io la rea; son queste
 Infelici sembianze. Io fui, che troppo
 Mi studiai di piacergli; io lo sedussi
 Con lusinghe ad amarmi; io lo sforzai
 Al vietato imeneo con le frequenti
 Lagrime insidiose.

TIM. Ah! non è vero:
 Non crederle, signor. Diversa affatto
 È l'istoria dolente. È colpa mia
 La sua condescendenza. Ogni opra, ogni arte
 Ho posta in uso. Ella da sé lontano
 Mi scacciò mille volte; e mille volte
 Feci ritorno a lei. Pregai, promisi,
 Costrinsi, minacciai. Ridotto al fine
 Mi vide al caso estremo: in faccia a lei
 Questa man disperata il ferro strinse,
 Volli ferirmi; e la pietà la vinse.

DIR. E pur...

DEM. Tacete! (Un non so che mi serpe
 Di tenero nel cor, che in mezzo all'ira,
 Vorrebbe indebolirmi. Ah! troppo grandi
 Sono i lor falli; e debitor son io
 D'un grand'esempio al mondo
 Di virtù, di giustizia). Olà! costoro
 In carcere distinto
 Si serbino al castigo.

TIM. Almen congiunti...

DIR. Congiunti almen nelle sventure estreme...

DEM. Sarete, anime ree, sarete insieme.

Perfidi! già che in vita
 V'accompagnò la sorte,
 Perfidi! no, la morte
 Non vi scompagnerà.
 Unito fu l'errore;
 Sarà la pena unita:
 Il giusto mio rigore
 Non vi distinguerà. (parte)

SCENA UNDICESIMA

DIRCEA e TIMANTE

DIR. Sposo!
 TIM. Consorte!
 DIR. E tu per me ti perdi?
 TIM. E tu mori per me?
 DIR. Chi avrà più cura
 Del nostro Olinto?
 TIM. Ah, qual momento!
 DIR. Ah quale...
 Ma che! Vogliamo, o prence,
 Così vilmente indebolirci? Eh! sia
 Di noi degno il dolor. Un colpo solo
 Questo nodo crudel divida e franga.
 Separiamci da forti, e non si pianga.
 TIM. Sì, generosa! approvo
 L'intrepido pensier. Più non si sparga
 Un sospiro fra noi.
 DIR. Disposta io sono.
 TIM. Risoluto son io.
 DIR. Coraggio!
 TIM. Addio, Dircea!
 DIR. Principe, addio! (si dividono con intrepidezza; ma, giunti alla scena, tornano
 a riguardarsi)
 TIM. Sposa!
 DIR. Timante!
 A DUE Oh dèi!
 DIR. Perché non parti?
 TIM. Perché torni a mirarmi?
 DIR. Io volli solo
 Veder come resisti a' tuoi martiri.
 TIM. Ma tu piangi frattanto!
 DIR. E tu sospiri!
 TIM. Oh Dio! quanto è diverso
 L'immaginar dall'eseguire!
 DIR. Oh, quanto
 Più forte mi credei! S'asconda almeno
 Questa mia debolezza agli occhi tuoi.
 TIM. Ah! fermati, ben mio. Senti!
 DIR. Che vuoi?
 TIM. La destra ti chiedo,
 Mio dolce sostegno,
 Per ultimo pegno
 D'amore e di fé.
 DIR. Ah! questo fu il segno
 Del nostro contento;
 Ma sento che adesso
 L'istesso non è.
 TIM. Mia vita, ben mio!
 DIR. Addio, sposo amato.
 A DUE Che barbaro addio!
 Che fato crudel!

Che attendono i rei
 Dagli astri funesti,
 Se i premi son questi
 D'un'alma fedel?
 (partono, condotti separatamente dalle guardie in carceri distinte)

ATTO III

SCENA PRIMA

Cortile interno del carcere, in cui è custodito Timante.
 TIMANTE e ADRASTO

TIM. Taci! E speri ch'io voglia,
 Quando muore Dircea, serbarmi in vita,
 Stringendo un'altra sposa? E con qual fronte
 Sì vil consiglio osi propor?

ADR. L'istessa

Tua Dircea lo propone. Ella ti parla
 Così per bocca mia. Dice che è questo
 L'ultimo don che ti domanda.

TIM. Appunto

Perch'ella il vuol, non deggio farlo.

ADR. E pure...

TIM. Basta così!

ADR. Pensa, signor...

TIM. Non voglio,
 Adrasto, altri consigli.

ADR. Io per salvarti
 Pietoso m'affatico...

TIM. Chi di viver mi parla, è mio nemico.

ADR. Non odi consiglio?

Soccorso non vuoi?

È giusto se poi

Non trovi pietà.

Chi vede il periglio,

Né cerca salvarsi,

Ragion di lagnarsi

Del fato non ha. (parte)

SCENA SECONDA

TIMANTE e poi CHERINTO

TIM. Perché bramar la vita? e quale in lei
 Piacer si trova? Ogni fortuna è pena;
 È miseria ogni età. Tremiam, fanciulli,
 D'un guardo al minacciar; siam giuoco, adulti,
 Di Fortuna e d'Amor; gemiam, canuti,
 Sotto il peso degli anni. Or ne tormenta

La brama d'ottenere; or ne trafigge
 Di perdere il timor. Eterna guerra
 Hanno i rei con se stessi; i giusti l'hanno
 Con l'invidia e la frode. Ombre, deliri,
 Sogni, follie son nostre cure; e quando
 Il vergognoso errore
 A scoprir s'incomincia, allor si muore.

Ah! si mora una volta...

CHER. Amato prence,
 Vieni al mio sen. (l'abbraccia)

TIM. Così sereno in volto
 Mi dà i gli estremi amplessi? E queste sono
 Le lagrime fraterne
 Dovute al mio morir?

CHER. Che amplessi estremi?
 Che lagrime? che morte? Il più felice
 Tu sei d'ogni mortal. Placato il padre
 È già con te; tutto obbliò. Ti rende
 La tenerezza sua, la sposa, il figlio,
 La libertà, la vita.

TIM. A poco a poco,
 Cherinto, per pietà! Troppe son queste,
 Troppe gioie in un punto. Io verrei meno
 Già di piacer, se ti credessi appieno.

CHER. Non dubitar, Timante.

TIM. E come il padre
 Cambiò pensier? Quando partì dal tempio,
 Me con Dircea voleva estinto.

CHER. Il disse
 E l'esegua; che inutilmente ognuno
 S'affannò per placarlo. Io cominciai,
 Principe, a disperar, quando comparve
 Creusa in tuo soccorso.

TIM. In mio soccorso
 Creusa, che oltraggiai?

CHER. Creusa. Ah! tutti
 Di quell'anima bella
 Tu non conosci i pregi. E che non disse,
 Che non fe' per salvarti? I meriti tuoi
 Come ingrandì! Come scemò l'orrore
 Del fallo tuo! Per quante strade e quante
 Il cor gli ricercò! Parlar per voi
 Fece l'utile, il giusto,
 La gloria, la pietà. Se stessa offesa
 Gli propose in esempio,
 E lo fece arrossir. Quand'io m'avvidi
 Che il genitor già vacillava, allora
 Volo (il Ciel m'inspirò), cerco Dircea:
 Con Olinto la trovo. Entrambi appresso
 Frettoloso mi traggo; e al regio ciglio

Presento in quello stato e madre e figlio.
 Questo tenero assalto
 Terminò la vittoria. O sia che l'ira
 Per soverchio avvampar fosse già stanca,
 O che allor tutte in lui
 Le sue ragioni esercitasse il sangue,
 Il re cedé, si raddolcì, dal suolo
 La nuora sollevò, si strinse al petto
 L'innocente bambin, gli sdegni suoi
 Calmò, s'intenerì, pianse con noi.
 TIM. Oh mio dolce germano!
 Oh caro padre mio! Cherinto, andiamo,
 Andiamo a lui!
 CHER. No: il fortunato avviso
 Recarti ei vuol. Si sdegherà, se vede
 Ch'io lo prevenni.
 TIM. E tanto amore, e tanta
 Tenerezza ha per me, che fino ad ora
 La meritali s' poco? Oh, come chiari
 La sua bontà rende i miei falli! Adesso
 Li veggo, e n'ho rossor. Potessi almeno
 Di lui col re di Frigia
 Disimpegnar la fé. Cherinto, ah! salva
 L'onor suo, tu che puoi. La man di sposo
 Offri a Creusa in vece mia. Difendi
 Da una pena infinita
 Gli ultimi dì della paterna vita.
 CHER. Che mi proponi, o prence! Ah! per Creusa,
 Sappilo al fin, non ho riposo; io l'amo
 Quanto amar si può mai. Ma...
 TIM. Che?
 CHER. Non spero
 Ch'ella m'accetti. Al successor reale
 Sai che fu destinata: io non son tale.
 TIM. Altro inciampo non v'è?
 CHER. Grande abbastanza
 Questo mi par.
 TIM. Va; la paterna fede
 Disimpegna, o german: tu sei l'erede.
 CHER. Io?
 TIM. Sì. Già lo saresti,
 S'io non vivea per te. Ti rendo, o prence,
 Parte sol del tuo dono,
 Quando ti cedo ogni ragione al trono.
 CHER. E il genitore...
 TIM. E il genitore almeno
 Non vedremo arrossir. Povero padre!
 Posso far men per lui? Che cosa è un regno
 A paragon di tanti
 Beni ch'egli mi rende?

CHER. Ah! perde assai
 Chi lascia una corona.
 TIM. Sempre è più quel che resta a chi la dona.
 CHER. Nel tuo dono io veggo assai
 Che del don maggior tu sei:
 Nessun trono invidierei
 Come invidia il tuo gran cor.
 Mille moti in un momento
 Tu mi fai svegliar nel petto,
 Di vergogna, di rispetto,
 Di contento e di stupor. (parte)

SCENA TERZA

TIMANTE e poi MATUSIO con un foglio in mano.

TIM. Oh figlio! oh sposa! oh care
 Parti dell'alma mia! dunque fra poco
 V'abbracerò sicuro? È dunque vero
 Che fino all'ore estreme,
 Senza più palpitare, vivremo insieme?
 Numi, che gioia è questa! A prova io sento
 Che ha più forza un piacer d'ogni tormento.
 MAT. Prence! signor!
 TIM. Sei tu, Matusio? Ah! scusa
 Se in vano al mar tu m'attendesti.
 MAT. Assai
 Ti scusa il luogo in cui ti trovo.
 TIM. E come
 Potesti mai qui penetrar?
 MAT. Cherinto
 M'agevolò l'ingresso.
 TIM. Ei t'avrà dette
 Le mie felicità.
 MAT. No: frettoloso
 Non so dove correa.
 TIM. Gran cose, amico,
 Gran cose ti dirò.
 MAT. Forse più grandi
 Da me ne ascolterai.
 TIM. Sappi che in terra
 Il più lieto or son io.
 MAT. Sappi che or ora
 Scopersi un gran segreto.
 TIM. E quale?
 MAT. Ascolta
 Se la novella è strana.
 Dircea non è mia figlia: è tua germana.
 TIM. Mia germana Dircea! (turbato)
 Eh! tu scherzi con me.
 MAT. Non scherzo, o prence.

La cuna, il sangue, il genitor, la madre
 Hai comuni con lei.
 TIM. Taci! Che dici?
 (Ah, nol permetta il Ciel!)
 MAT. Fede sicura
 Questo foglio ne fa.
 TIM. (con impazienza)
 Che foglio è quello?
 Porgilo a me.
 MAT. Sentimi pria. Morendo,
 Chiuso mel diè la mia consorte; e volle
 Giuramento da me che, tolto il caso
 Che a Dircea sovrastasse alcun periglio,
 Aperto non l'avrei.
 TIM. Quand'ella adunque
 Oggi dal re fu destinata a morte,
 Perché non lo facesti?
 MAT. Eran tant'anni
 Scorsi di già, ch'io l'obbliai.
 TIM. Ma come
 Or ti sovvien?
 MAT. Quando a fuggir m'accinsi,
 Fra le cose più care
 Il ritrovai, che trassi meco al mare.
 TIM. Lascia al fin ch'io lo vegga. (con impazienza)
 MAT. Aspetta.
 TIM. Oh stelle!
 MAT. Rammenti già che alla real tua madre
 Fu amica sì fedel la mia consorte,
 Che in vita l'adorò, seguilla in morte?
 TIM. Lo so.
 MAT. Questo ravvisi
 Reale impronto?
 TIM. Sì.
 MAT. Vedi ch'è il foglio
 Di propria man della regina impresso?
 TIM. Sì; non straziarmi più. (con impazienza)
 MAT. (gli porge il foglio) Leggilo adesso.
 TIM. (Mi trema il cor). (legge) 'Non di Matusio è figlia,
 Ma del tronco reale
 Germe è Dircea. Demofoonte è il padre;
 Nacque da me. Come cambiò fortuna
 Altro foglio dirà. Quello si cerchi
 Nel domestico tempio, a piè del nume,
 Là dove altri non osa
 Accostarsi che il re. Prova sicura
 Eccone intanto: una regina il giura.
 Argia.'
 MAT. Tu tremi, o prence!
 Questo è più che stupor. Perché ti copri

Di pallor sì funesto?

TIM. (Onnipotenti dèi, che colpo è questo!)

MAT. Narrami adesso almeno

Le tue felicità.

TIM. Matusio, ah! parti.

MAT. Ma che t'affligge! Una germana acquisti,

Ed è questa per te cagion di duolo?

TIM. Lasciami, per pietà! lasciami solo! (si getta a sedere)

MAT. Quanto le menti umane

Son mai varie fra lor! Lo stesso evento

A chi reca diletto, a chi tormento.

Ah ! che né mal verace,

Né vero ben si dà:

Prendono qualità

Da' nostri affetti.

Secondo in guerra o in pace

Trovano il nostro cor,

Cambiano di color

Tutti gli oggetti. (parte)

SCENA QUARTA

TIMANTE solo.

TIM. Misero me! Qual gelido torrente

Mi ruina sul cor! Qual nero aspetto

Prende la sorte mia! Tante sventure

Comprendo al fin. Perseguitava il Cielo

Un vietato imeneo. Le chiome in fronte

Mi sento sollevar. Suocero e padre

M'è dunque il re? figlio e nipote Olinto?

Dircea moglie e germana? Ah, qual funesta

Confusion d'opposti nomi è questa!

Fuggi, fuggi, Timante! agli occhi altrui

Non esporti mai più. Ciascuno a dito

Ti mostrerà. Del genitor cadente

Tu sarai la vergogna; e quanto, oh Dio,

Si parlerà di te! Tracia infelice,

Ecco l'Edipo tuo. D'Argo e di Tebe

Le Furie in me tu rinnovar vedrai.

Ah, non t'avessi mai

Conosciuta, Dircea! Moti del sangue

Eran quei ch'io credevo

Violenze d'amor. Che infausto giorno

Fu quel che pria ti vidi! I nostri affetti

Che orribili memorie

Saran per noi! Che mostruoso oggetto

A me stesso io divengo! Odio la luce;

Ogni aura mi spaventa; al piè tremante

Parmi che manchi il suol; strider mi sento

Cento folgori intorno; e leggo, oh Dio!

Scolpito in ogni sasso il fallo mio.

SCENA QUINTA

CREUSA, DEMOFONTE, ADRASTO con OLINTO per mano, e DIRCEA,
l'un dopo l'altro, da parti opposte, e detto.

CRE. Timante!

TIM. Ah! principessa; ah! perché mai

Morir non mi lasciasti?

DEM. Amato figlio!

TIM. Ah! no, con questo nome

Non chiamarmi mai più.

CRE. Forse non sai...

TIM. Troppo, troppo ho saputo!

DEM. Un caro amplesso,

Pegno del mio perdon... Come! t'involi

Dalle paterne braccia?

TIM. Ardir non ho di rimirarti in faccia.

CRE. Ma perché?

DEM. Ma che avvenne?

ADR. Ecco il tuo figlio:

Consolati, signor.

TIM. Dagli occhi, Adrasto,

Toglami quel bambin.

DIR. Sposo adorato!

TIM. Parti, parti, Dircea!

DIR. Da te mi scacci

In dì così giocondo?

TIM. Dove, misero me! dove m'ascondo?

DIR. Ferma!

DEM. Senti!

CRE. T'arresta!

TIM. Ah! voi credete

Consolarmi, crudeli, e m'uccidete.

DEM. Ma da chi fuggi?

TIM. Io fuggo

Dagli uomini, dai numi,

Da voi tutti e da me.

DIR. Ma dove andrai?

TIM. Ove non splenda il sole,

Ove non sian viventi, ove sepolta

La memoria di me sempre rimanga.

DEM. E il padre?

ADR. E il figlio?

DIR. E la tua sposa?

TIM. Oh Dio!

Non parlate così. Padre, consorte,

Figlio, german son dolci nomi agli altri;

Ma per me sono orrori.

CRE. E la cagione?

TIM. Non curate saperla:
 Scordatevi di me.
 DIR. Deh! per quei primi
 Fortunati momenti in cui ti piacqui...
 TIM. Taci, Dircea.
 DIR. Per que' soavi nodi...
 TIM. Ma taci, per pietà! Tu mi trafiggi
 L'anima, e non lo sai.
 DIR. Già che si poco
 Curi la sposa, almen ti muova il figlio.
 Guardalo: è quell'istesso
 Che altre volte ti mosse;
 Guardalo: è sangue tuo.
 TIM. Così nol fosse!
 DIR. Ma in che peccò? perché lo sdegni? a lui
 Perché nieghi uno sguardo? Osserva, osserva
 Le pargolette palme
 Come solleva a te: quanto vuol dirti
 Con quel riso innocente!
 TIM. Ah! se sapessi,
 Infelice bambin, quel che saprai
 Per tua vergogna un giorno,
 Lieto così non mi verresti intorno.
 Misero pargoletto,
 Il tuo destin non sai.
 Ah! non gli dite mai
 Qual era il genitor.
 Come in un punto, oh Dio,
 Tutto cambiò d'aspetto!
 Voi foste il mio diletto,
 Voi siete il mio terror. (parte)

SCENA SESTA

DEMOFOONTE, DIRCEA, CREUSA, ADRASTO, e OLINTO

DEM. Sieguilo, Adrasto.
 (Adrasto parte, dopo aver consegnato Olinto ad un servo, che lo conduce fuori di scena)
 Ah! chi di voi mi spiega
 Se il mio Timante è disperato o stolto?
 Ma voi smarrite in volto:
 Mi guardate e tacete! Almen sapessi
 Qual ruina sovrasta,
 Qual riparo apprestar. Numi del Cielo,
 Datemi voi consiglio;
 Fate almen ch'io conosca il mio periglio.
 Odo il suono de' queruli accenti,
 Veggo il fumo che intorbida il giorno,
 Strider sento le fiamme d'intorno,
 Né comprendo l'incendio dov'è.

La mia tema fa il dubbio maggiore,
 Nel mio dubbio s'accresce il timore,
 Tal ch'io perdo per troppo spavento
 Qualche scampo che v'era per me. (parte)

SCENA SETTIMA
 DIRCEA e CREUSA

CRE. E tu, Dircea, che fai? Di te si tratta;
 Si tratta del tuo sposo. Appresso a lui
 Corri, cerca saper... Ma tu non m'odi?
 Tu le attonite luci
 Non sollevi dal suol? Dal tuo letargo
 Svegliati al fin. Sempre il peggior consiglio
 È il non prenderne alcun. Se altro non sai
 Sfoga il duol che nascondi;
 Piangi, lagnati almen, parla, rispondi!
 DIR. Che mai risponderti,
 Che dir potrei?
 Vorrei difendermi,
 Fuggir vorrei;
 Né so qual fulmine
 Mi fa tremar.
 Divenni stupida
 Nel colpo atroce;
 Non ho più lagrime,
 Non ho più voce;
 Non posso piangere,
 Non so parlar. (parte)

SCENA OTTAVA
 CREUSA sola.

CRE. Qual terra è questa! Io perché venni a parte
 Delle miserie altrui? Quante in un giorno,
 Quante il caso ne aduna! Ire crudeli
 Tra figlio e genitor, vittime umane,
 Contaminati tempîi,
 Infelici imenei. Mancava solo
 Che tremar si dovesse
 Senza saper perché. Ma troppo, o sorte,
 È violento il tuo furor: conviene
 Che passi o scemi. In così rea fortuna
 Parte è di speme il non averne alcuna.
 Non dura una sventura
 Quando a tal segno avanza:
 Principio è di speranza
 L'eccesso del timor.
 Tutto si muta in breve;
 E il nostro stato è tale,

Che, se mutar si deve,
Sempre sarà miglior. (parte)

SCENA NONA

Luogo magnifico nella reggia, festivamente adornato per le nozze di Creusa.
TIMANTE e CHERINTO

TIM. Dove, crudel! dove mi guidi? Ah! queste
Liete pompe festive
Son pene a un disperato.

CHER. Io non conosco
Più il mio german. Che debolezza è questa
Tropo indegna di te? Senza saperlo,
Errasti al fin. Sei sventurato, è vero,
Ma non sei reo. Qualunque male è lieve,
Dove colpa non è.

TIM. Dall'opre il mondo
Regola i suoi giudizi; e la ragione,
Quando l'opra condanna, indarno assolve.
Son reo pur troppo; e se fin or nol fui,
Lo divengo vivendo. Io non mi posso
Dimenticar Dircea. Sento che l'amo;
So che non deggio. In così brevi istanti
Come franger quel nodo,
Che un vero amor, che un imeneo, che un figlio
Strinser così? che le sventure istesse
Resero più tenace? e tanta fede?
E sì dolci memorie?
E sì lungo costume? Oh Dio! Cherinto,
Lasciami per pietà! Lascia ch'io mora,
Finché sono innocente.

SCENA DECIMA

ADRASTO e poi MATUSIO, indi DIRCEA con OLINTO; e detti.

ADR. Il re per tutto
Ti ricerca, o Timante. Or con Matusio
Dal domestico tempio uscir lo vidi.
Ambo son lieti in volto,
Né chiedono che di te.

TIM. Fuggasi: io temo
Tropo l'incontro del paterno ciglio.

MAT. Figlio mio! caro figlio! (abbracciandolo)

TIM. A me tal nome!

Come? perché?

MAT. Perché mio figlio sei,
Perché son padre tuo.

TIM. Tu sogni... Oh stelle!

Torna Dircea!

DIR. No, non fuggirmi, o sposo;

Tua germana io non son.
 TIM. Voi m'ingannate
 Per rimettere in calma il mio pensiero.

SCENA UNDICESIMA

DEMOFOONTE con séguito, e detti.

DEM. Non t'ingannan, Timante: è vero, è vero.

TIM. Se mi tradiste adesso,

Sarebbe crudeltà.

DEM. Ti rassicura;

No, mio figlio non sei. Tu con Dircea
 Fosti cambiato in fasce. Ella è mia prole,
 Tu di Matusio. Alla di lui consorte
 La mia ti chiese in dono. Utile al regno
 Il cambio allor credé; ma, quando poi
 Nacque Cherinto, al proprio figlio il trono
 D'aver tolto s'avvide, e a me l'arcano
 Non ardì palesar, che troppo amante
 Già di te mi conobbe. All'ore estreme
 Ridotta al fin, tutto in due fogli il caso
 Scritto lasciò. L'un diè all'amica, e quello
 Matusio ti mostrò: l'altro nascose,
 Ed è questo che vedi.

TIM. E perché tutto
 Nel primo non spiegò?

DEM. Solo a Dircea
 Lasciò in quello una prova
 Del regio suo natal. Bastò per questo
 Giurar ch'era sua figlia. Il gran segreto
 Della vera tua sorte era un arcano
 Da non fidar che a me, perch'io potessi,
 A seconda de' casi,
 Palesarlo o tacerlo. A tale oggetto
 Celò quest'altro foglio in parte solo
 Accessibile a me.

TIM. Sì strani eventi
 Mi fanno dubitar.

DEM. Troppo son certe
 Le prove, i segni. Eccoti il foglio, in cui
 Di quanto ti narrai la serie è accolta.
 TIM. Non deludermi, o sorte, un'altra volta. (prende il foglio e legge fra sé)

SCENA ULTIMA

CREUSA e detti

CRE. Signor, veraci sono
 Le felici novelle, onde la reggia
 Tutta si riempì?

DEM. Sì, principessa,
 Ecco lo sposo tuo. L'erede, il figlio

Io ti promisi; ed in Cherinto io t'offro
 Ed il figlio e l'erede.
 CHER. Il cambio forse
 Spiace a Creusa.
 CRE. A quel che il Ciel destina
 In van farei riparo.
 CHER. Ancora non vuoi dir ch'io ti son caro?
 CRE. L'opra stessa il dirà.
 TIM. Dunque son io
 Quell'innocente usurpator di cui
 L'oracolo parlò?
 DEM. Sì. Vedi come
 Ogni nube sparì. Libero è il regno
 Dall'annuo sacrificio. Al vero erede
 La corona ritorna. Io le promesse
 Mantengo al re di Frigia,
 Senza usar crudeltà. Cherinto acquista
 La sua Creusa; ella uno scettro. Abbracci
 Sicuro tu la tua Dircea. Non resta
 Una cagion di duolo;
 E scioglie tanti nodi un foglio solo.
 TIM. Oh caro foglio! oh me felice! Oh numi!
 Da qual orrido peso
 Mi sento alleggerir! Figlio, consorte,
 Tornate a questo sen: posso abbracciarvi
 Senza tremar.
 DIR. Che fortunato istante!
 CRE. Che teneri trasporti!
 TIM. (s'inginocchia)
 A' piedi tuoi
 Eccomi un'altra volta,
 Mio giustissimo re. Scusa gli eccessi
 D'un disperato amor. Sarò, lo giuro,
 Sarò miglior vassallo
 Che figlio non ti fui.
 DEM. Sorgi. Tu sei
 Mio figlio ancor. Chiamami padre: io voglio
 Esserlo fin che vivo. Era fin ora
 Obbligo il nostro amor; ma quindi innanzi
 Elezion sarà: nodo più forte,
 Fabbricato da noi, non dalla sorte.

CORO

Par maggiore ogni diletto,
 Se in un'anima si spande
 Quand'oppressa è dal timor.
 Qual piacer sarà perfetto,
 Se convien, per esser grande,
 Che cominci dal dolor?

LICENZA

Che le sventure, i falli,
 Le crudeltà, le violenze altrui
 Servano in dì sì grande
 Di spettacol festivo agli occhi tui,
 Non è strano, o signor. Gli opposti oggetti
 Rende più chiari il paragon. Distingue
 Meglio ciascun di noi
 Nel mal, che gli altri oppresse, il ben ch'ei gode:
 E il ben, che noi godiam, tutto è tua lode.
 A morte una innocente
 Mandi il Trace inumano; ognun ripensa
 Alla giustizia tua. Frema e s'irriti
 De' miseri al pregar; rammenta ognuno
 La tua pietà. Barbaro sia col figlio;
 Ciascun qual sei conosce
 Tenero padre a noi. Qualunque eccesso
 Rappresentin le scene, in te ne scopre
 La contraria virtù. L'ombra in tal guisa
 Ingegnoso pennello al chiaro alterna:
 Così artefice industrie,
 Qualor lucida gemma in oro accoglie,
 Fosco color le sottopone; e quella,
 Presso al contrario suo, splende più bella.
 Aspira a facil vanto
 Chi l'ombre, onde maggior
 Si renda il tuo splendor,
 Trovar desia.
 Luce l'antica età
 Chiara così non ha,
 Che alla tua luce accanto,
 Ombra non sia.

C - Frontispício de *O Parnaso Obsequioso*, 1768.

Acervo do Museu da Inconfidência, Ouro Preto.

Foto: Eduardo Tropa.

D - Folha de rosto de *O Parnaso Obsequioso*, autógrafo de Cláudio Manuel da Costa.

O Parnaso obsequioso
 Drama
 Para se Decitar em Musica no dia 5 de
 Dezembro de 1768; Em que faz amor
 Ilmo Exmo. Snor D. João Luiz de
 Albuquerque Conde de Valladares, Gov. e Capp.
 Gen. da Capitania de Minas Geraes e do
 Gov.
 Claudio Manoel da Costa Bacharel Forma-
 do na Faculdade de Canones; Academico da
 Academia Lyurgica de Coimbra, e Creado pe-
 la Arcadia Romana Vice Currodo da Co-
 lonia Ultramarina com o nome de Glaucos
 Saturnio e c.

E - Folha de rosto de *Obras Poéticas*, manuscrito autógrafo de Cláudio Manuel da Costa.

Obras Poéticas
 Due
 Na Academia que se juntou na Sala do Ill.
 e Ex.^{mo} Sr.^o D. João Luiz de Moraes Conde
 de Villadary, por o Caxias de felicitas apofe
 que caua tomado do Governo da Capitania
 das Minas Gerais.
 Escreveo, e Recitou
 Claudio Manoel da Costa Bacharel
 formado pela Universidade de Coimbra
 no dia 4 de Setembro de 1768.

F - Folha de rosto do poema *Vila Rica*, manuscrito autógrafo de Cláudio Manuel da Costa. Acervo do Museu da Inconfidência. Ouro Preto, MG.

Foto: Carmem Silvia Lemos.

G - Reprodução do *Apontamento para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos da Academia Brasílica dos Renascidos*, da Bahia, enviado por Cláudio Manuel da Costa, em 1759.

Imagens reproduzidas da publicação:

LAMEGO, Alberto. **Autobiografia e inéditos de Cláudio Manuel da Costa**.
Bruxelles/Paris: L'Édition D'Art, s.d. 54 p.

Apontamentos para se usar a Ca-
talogos dos Academiços da Aca-
demia Brasileira de Linguas.

Paulo Manoel da Costa, f.º de
João Gêo da Costa, e de. Feresca
Fribeyra de Alvaranga.

Nasceu aos 6 de Junho de
1729 no Bispado de Marianna,
em um dos distritos da Cidade cha-
mada a Vargem; onde visava a estudar
seu pai em exercicio de minero, e planta-
segundo o uso do Pais.

Seus Pais, pela parte Paterna

Antonio Gêo. e Antonina Fôrma-
sateru, e Pais no lugar dos Chrey
Freys de S. Manoel dos Chrey Freys
pado de Coimbra.

Pela parte Materna

João Fran.º de Paulo Freyre
e de. Isabel Fôr de Alvaranga
morador quetira Pequeno de S. S.
de Guarapiranga Comarca de Ribe-
ra do Carmo hoje Cid.º de Maranhã
vindo de S. Paulo onde tem sido ex-
condemna de familia m.º de S. S.

Seus Irmãos

Seus irmãos Matrimonia são cinco
irmãos, dos quais foi elle o 3.º na
ordem de Successão: Quatro Cas-
ra a Vm.º e de as das hoje deo-

Conserva em Manuscrito =
 Rhythmy nas linguas Latina Italiana
 Portuguesa Castellana e Francesa
 em Poema Heroico e Heroico d'hy to-
 mo em 4.^o

Rhythmy Poetico com oit.^o de Au-
 tores Poeticos das partes em 4.^o

Cantoria Sacra Poema a agbrios
 Parte de M.^o Sma em 8.^o Rhythma

Atlantica. Poema Socratico com
 3^o Canto em 8.^o Rhythma

Varios diálogos em Prosa, em diversos
 Materys

Poema Drammatico que se tem
 muitos versos e prologos e epilogos
 de J. de V. e de M. e de J. e de J.
 geral e de J. de J.

Manifesta Triunfo 3.^o de mandado in-
 primis; e os seguintes sempre de J. de J.
 Rhythmo Heroico; e de J. de J.

Cyros, ou a libert. de Cambyse. Ciro
 de J. de J. e de J. de J. e de J. de J.
 e de J. de J. e de J. de J. e de J. de J.
 e de J. de J. e de J. de J. e de J. de J.

Varios Traducçoes de J. de J.
 de J. de J. e de J. de J. e de J. de J.

o *Estadouro*. a *Didad.* o *Demetris*
o *Ind Reconduido*: o *Sacrificio* de
Abelão o *Repto*: o *Parricida* acor
Lado: alguns *elyty* *Dramy* de *Rythma*
e *Stichos*, *subis* em *Prosa*, *prosa* em
do *Teatro* *Portuguez*.

Paper impure

Cerrado impregnação da Vn. de Coimbra
e Municipais Metrics = e Estudos
de Monte de Sr. Gaspar da Encarnação
Cura = e Culto Metrics a tua est.
Badeau do Rito de Biquinho = a
suas Condições em Comemoração
Das Festas da dedicação do templo
de Virgílio.

Jase Nest. a Sernente Ly
 Pythony, a obra, que se selo a Lima-
 da com di. De se darum ao prelo da
 Comiss. a seu est., donde m. a máj. o
 papay leg. na's fls mentas:

H - Fotografias

Casa da Ópera de Vila Rica (fachada principal).
Rua Brigadeiro Musqueira - Ouro Preto, MG.
Fotografia: Edson Fialho de Rezende.

Casa que pertenceu a Cláudio Manuel da Costa.
Rua Carlos Thomaz nº. 6, Ouro Preto, MG.
Foto: Edson Fialho de Rezende.